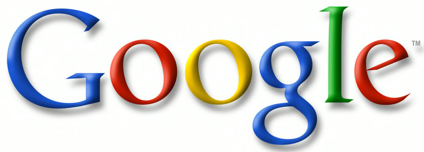
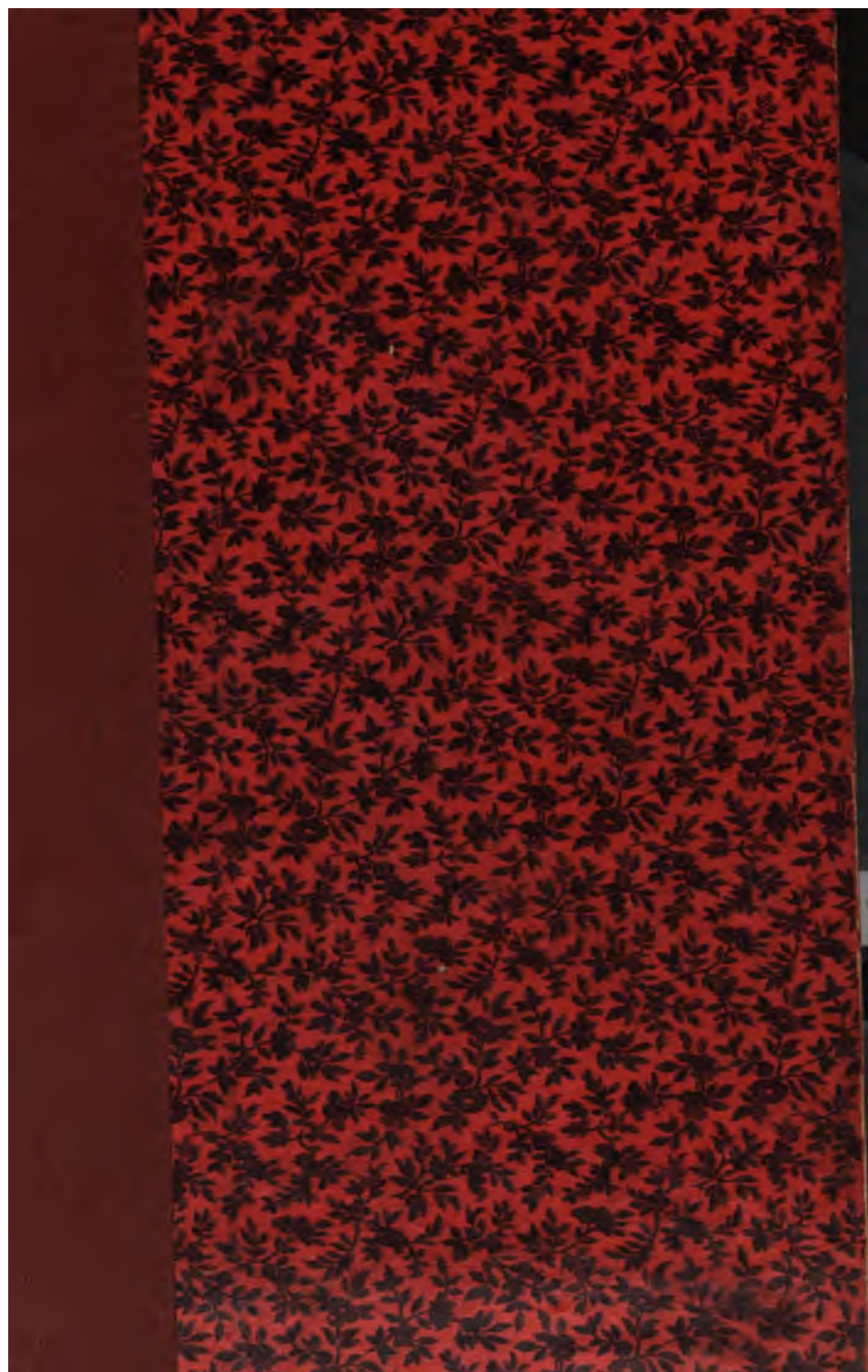





STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES





OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXII

AGULHA EM PALHEIRO

VOLUMES PUBLICADOS

I — **Coisas espantosas.**
II — **As tres irmans.**
III — **A engeitada.**
IV — **Doze casamentos felizes.**
V — **O esqueleto.**
VI — **O bem e o mal.**
VII — **O senhor do Paço de Ninães.**
VIII — **Anathema.**
IX — **A mulher fatal.**
X — **Cavar em ruinas.**
XI, XII — **Correspondencia epistolar.**
XIII — **Divindade de Jesus.**
XIV — **A doida do Candal.**
XV — **Duas horas de leitura**
XVI — **Fanny.**
XVII, XVIII, XIX — **Novellas do Minho.**
XX, XXI — **Horas de paz.**
XXII — **Agulha em palheiro.**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGULHA EM PALHEIRO

QUINTA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904

LISBOA
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

DEDICATORIA

Ao poeta das creanças, das flores, do Amor,
da Melancolia e dos desgraçados

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Honra da Patria, honra dos que o prezam,
e amam a Patria

OFFERECE

O AMIGO, O RESPEITADOR, O DISCIPULO MAIS DEVEDOR

Camillo Castello Branco.

DUAS PALAVRAS

A primeira edição d'este romance saiu de uma typographia do Rio de Janeiro. Parece que houve proposito em desdourar os prelos brasileiros! Poderá parecer tambem que se intentou desdourar o auctor; mas semelhante suspeita não vingaria, attendendo a que não é coisa verosimil alguem escrever assim. O que mais depressa poderia crer-se seria que o escriptor mais fleumatico morresse de fulminante desgosto, vendo a sua obra tão damnificada, e suja de todas as nodoas, para lavagem das quaes se crearam as quatro partes constitutivas da grammatica.

Imprime-se o livro, como o auctor escreveu o manuscripto, e chama-se *segunda edição*, porque o titulo e substancia da obra está no livro publicado no Brasil.

Porto, janeiro de 1865.

AGULHA EM PALHEIRO

I

Em 1803, o sapateiro de Manuel Maria Barbosa du Bocage era Francisco Lourenço Gomes, estabelecido na calçada do Sacramento, em Lisboa.

Francisco Lourenço era, n'aquelle tempo, rapaz de dezoito annos; mas, por sua muita esperteza e activiaade, merecera que o pae lhe confiasse a gerencia da loja, grandemente afreguezada.

Os poetas notaveis do tempo calçavam todos de casa de Francisco Lourenço; um só, porém, o maioral de todos, o repentista Bocage, calçava gratuitamente.

Os coevos do poeta recordam-se de o terem visto quasi sempre mal entrajado de casacas, pantalonas e chapéos: mas, no tocante a botas, dizem todos que o vate Elmano primava em aceio, e raro dia saía á rua com ellas sem muito lustro de fina graxa.

Este accidente da vida de Bocage, omittido nas biographias do immortal improvisador, escriptas por Castilho e Rebello da Silva, tive eu a fortuna de apanha-lo casualmente. Assim, pois, se explica a distincção das botas de Manuel Maria entre as dos seus collegas e rivaes do botequim Nicola: Francisco Lourenço, o sapateiro dos casquilhos d'aquelle tempo, era amante de versos. Principiára saboreando as trovas chôchas de José Daniel; e ditosa correra a vida pedestre ao infausto poetrasto, em quanto a admiração do sapateiro lhe foi prodiga de botas; quando, porém, o moço ouviu Bocage improvisar na festividade de Corpus-Christi, fatal hora badalou para o auctor do *Almocreve das Pêtas*, que nunca mais encontrou graça no seu Mecenas de bezerro e sola.

O enthusiasta de poesia presenteou Bocage com umas botas, e a quitação de dois remontes que lhe devia. O poeta, não vezado a taes galhardias do vulgo profano, posto que a pouco mais subisse a capacidade do *claro auditorio seu*, retribuiu a generosidade do moço com prosa chan, mas muito mais sincera e cordeal que os versos.

Francisco tomou a cuidado seu mandar todas as manhãs buscar o calçado do poeta predilecto, e devolver-lh'o brunido e lustroso como um espelho; e, apenas as solas se gretavam ou os saltos iam entortando, logo novas botas, em fazenda e feitios primorosas, iam saudar o vate acordado para um novo dia dos seus desvairados prazeres de praças e tavernas.

A repetição d'estes brindes abriu, no animo ge-

neroso e popular do poeta, as portas á confiança timida do artista. Francisco Lourcnço teve a honra de almoçar com Bocage no *botequim das Parras*, e d'aqui sairam juntos a jantar n'uma horta do Campo-Grande, onde Elmano, fiel aos seus usos e costumes, bebeu á tripa fôrra, e poetou, consoante o auditorio lhe beliscou a musa escandecida.

O sapateiro, instigado por sua doce embriaguez, que era suave e honrada embriaguez do amor casto a uma prima, revelou ao poeta a sua paixão, e pediu-lhe umas quadras natalicias para festejar os annos da sua amada. Esta confidencia rebentou do coração do moço alli pelas alturas de S. Sebastião da Pedreira. Bocage, sem mais averiguações, entrou n'uma tenda, pediu papel, disse a Francisco Lourenço que escrevesse, e improvisou torrentes de quadras que extravasaram da folha de papel almaço. O sapateiro amante chorava de alegria; e o especieiro ficou pasmado e maravilhado de ter tido em sua loja o famoso poeta, que era o esfarrapado idolo do povo, como todos os idolos do povo, que assim os quer esfarrapados, ou tarde ou cedo os esfarrapa, se elles lhe cáem nas mãos bem ageitados.

Francisco Lourenço, ao despedir-se do poeta, que ia passar a noite em casa do marquez de Anjeja, delicadamente lhe introduziu na algibeira do collete uma peça. Que bizarria de animo! Uma peça seria hoje o primeiro dinheiro que um editor portuguez offereceria a Bocage pela propriedade de um volume!

Bem empregados seis mil e quatrocentos réis! A

prima de Francisco, ao ver-se cantada assim, e, de Maria que era, transformada em *Marilia*, ganhou ao primo tamanho amor, que logo d'ali esqueceu sagradas promessas, que fizera a outro; e tanto foi, que, estando ella a bordar um coração varado por duas settas em cruz, com o intento de mandal-o ao rival de Francisco, o symbolico lencinho, dias depois, estava em poder do primo, que o beijava em transporte de jubilo.

Bocage via a seus pés o mais ditoso dos amantes confessando que aos seus versos devia a immensa felicidade, que lhe não cabia no peito. Esta situação, grata ao genio, reaccendeu-lhe o estro em novas flammas. Um soneto divino caiu no coração do reconhecido moço, que foi logo d'ahi leva-lo ao coração de Marilia.

Esta menina era filha de um colchoeiro da rua Augusta, filha unica, e esperançada em bom patrimonio — que seu pae, tio materno de Francisco Lourenço, passava por abastado. Além d'isso Maria Luciana era galantinha, arranjadeira de casa, prendada, e amiga de ler livros de devoção, e o *Almocreve das Pêtas*, e o *Anatomico jocoso*, obras do engenho humano, que o bom do colchoeiro pasmava de ouvir, e, com as mãos nas ilhargas, era todo elle então uma risada, que não ha conta-lo.

Depois, porém, que Maria Luciana lera os dois poemas de Bocage, que lhe diziam respeito, o seu poeta valido era o grande cantor, e os livros ao divino pareciam-lhe coisa de moer a paciencia. A reformada creatura, quando a mãe lhe tirava das mãos as rimas de Bocage, e a obrigava a lêr o *Retiro es-*

piritual e a *Novena de Santa Ursula*, zangava-se tanto lá no seu interior, que chegava a duvidar que Santa Ursula e sua mãe tivessem senso-commum!

Não desagradava ao colchoeiro o sobrinho. Seu cunhado, além da acreditada loja na calçada do Sacramento, possuia no Cartaxo uma quintinha de recreio e algumas terras lavradias, e vinhedos herdados e adquiridos pelo officio. O rapaz desempenhava, em annos verdes, o bom governo da loja, e mostrava tendencias a ganhar freguezia de gente limpa, com quem elle se relacionava. Porém, estas boas predisposições eram rijamente contrariadas pela funesta noticia, que lhe chegara aos ouvidos, e vinha a ser: o escandalo de ter ido o moço algumas vezes almoçar ao botequim das Parras, em companhia de poetas! Esta reluctancia durou dois annos, ou mais; mas, a final, como quer que Maria perdesse a saude e amarellasse, o colchoeiro, que não tinha outra filha, deixou-a casar, dotando-a com seis mil cruzados.

No fausto dia do casamanto, Francisco Lourenço foi convidar Bocage para jantor em sua casa. O poeta estava enfermo; prometteu ir n'outro dia, se não morresse d'aquella aneurisma que o tinha nos umbraes da eternidade. As portas da eternidade, porém, estavam a abrir-se, n'aquella hora, ao mais inspirado e desditoso genio que ainda viram portuguezes, sendo tantos os inspirados e desditosos á competencia de desgraça com elle!

Poucos dias depois, n'esse anno de 1806, morreu Bocage.

Francisco Lourenço chorou-o, como se ás lavare-

das d'aquelle incendio d'alma tambem elle tivesse aquecido os embriões do seu talento. O artista não era poeta, nem tinha o parvulez de crer-se tal porque adorava Bocage. O que elle tinha era a paixão do bello, com a entranhada magua de não ter sido educado e guiado por aquelle rumo de magestosa desgraça. Bem sabia elle que Luiz de Camões morrera sem lençol em que amortalhar-se, e Antonio José da Silva n'uma fogueira, e Maximiano Torres nos presidios da Trafaria, e Garção na cadeia, e Quita na indigencia, e Bocage no desamparo. Sabia-o, e invejava a brilhante desdita de taes destinos, ao passo que os grandes de entendimento rojavam aos pés dos grandes da fortuna seu ignobil servilismo para não emparelharem na invejavel miseria com os Camões e os Bocages.

Quando acontecia Francisco Lourenço dar largas a sua candida alma, lamentando o mau fim dos grandes espiritos em Portugal, os freguezes, que o ouviam, disfructavam-n'o, como hoje se diz, e iam chancear á custa do sincero artista. A voga, que lavrou da sua mania lamuriante, grangeou-lhe freguezia. Os peraltas e piza-verdes iam, acintemente, ás chusmas tomar medidas de botas, buscando azo de o moverem á costumada dissertação. Muitos o ouviam discorrer tão de sizo em tal materia, que saiam mais commovidos que dispostos a motejarem a louvavel sensibilidade do moço. Aos mais intimos ou mais velhacos recitava elle as quadras natalicias, que Barbosa du Bucage improvisara em S. Sebastião da Pedreira, e o soneto posterior, ao qual o coração de sua mulher de todo em todo se rendera.

Estes eram os que divulgavam, como ridicula, a confidencia do sapateiro; e nunca lhe perdoaram ter elle na sua sala, impressa em pergaminho, e encaixilhada em retabulo dourado, a estrophe do epicedio a Elmano, por Francisco Manuel do Nascimento, que dizia assim em linguagem de anjos:

«ELMANO! oh! VATE! A abelha em teu moimento,
«Sempre o seu mel componha!
«Manná dos céos, e balsamos da Arabia
«Alli distillem; louros enverdeçam,
«Heras, nevados lirios!
«Basto rosal, com mil botões o abrace!
«Mangerona, tomilho e a flôr vermelha
«Que annuncia em queixumes
«De Ajax a dôr, n'um ai tinto em seu seio!
«Do Sado as Nymphas, nymphas do aureo Tejo
«E as indicas Nereas
«Com lagrimas a campa lhe humedeçam!»
....

Francisco Lourenço recitava com lagrimoso enthusiasmo estes versos, e como thema os tomava para maldizer a nação e o governo que deixavam morrer de fome de pão e da patria o auctor de tão doridos queixumes, o exilado Filinto Elysio. E d'isso riam os casquilhos, os miseraveis cujo nome ninguem sabe, e cujos netos a gente não conhece, quando os topa ahi por esse Chiado e Rocio, cascalhando, com seus avós, umas risadas alvares, unico symptoma de vida intellectual que dispensam n'esta sua pasagem sobre o globo, que é d'elles e das moscas.

O pae de Francisco Lourenço afez-se a ouvir o

filho fallar de poetas, e achava-lhe razão. Ouvia-o queixar-se da nenhuma educação litteraria que tivera, e sentia sinceramente não ter aproveitado as tendencias de Francisco. Dizia elle:

— Olha, rapaz, eu tinha um parente, que ia muito bem com a sua vida, em quanto olhou pela loja de mercearia que seus paes lhe deixaram. Depois assentou o pobre Francisco Dias Gomes em se fazer poeta, e deixou ir o negocio pela agua abaixo, a ponto de deixar para ahi a familia pobre. As obras d'elle andam impressas por esse mundo á custa da academia; mas isso não remedeia, em quanto a mim, a pobreza da familia. Ora eu, como tinha este exemplo na familia, resisti á tua e á minha inclinação. Achei que o melhor era dar-te o officio que me deu a mim muito trabalho com bom estipendio, e vida socegada. Já agora, Francisco, o remedio é conformares-te com a tua sorte. Se gostas de ler, lê, que eu não te levo isso a mal; mas bom será que olhes sempre para o essencial, que é a loja. Deixa-te de acamaradar com gente de outra laia, que a final ha de dar-te mau pago. Trago cá as minhas desconfianças de que muitas pessoas veem aqui fallar comtigo em poesias, e vão lá para fóra zombar de ti. Eu, que t'o digo, é por que alguem m'o disse. Lê os teus livros no teu quarto; mas na loja, se alguem te fallar em versos, fala-lhe tu em botas. Cada qual no seu officio. Ora agora, como estás casado e pódes ter filhos, farás o que melhor entenderes: educa-os como quizeres, que eu, graças a Deus, hei de deixar-vos o necessario para fechardes a loja, e cuidar n'outro modo de vida.

Desde este dia Francisco Lourenço comediu-se nas palestras litterarias. Os disfructadores deram tento da reforma, e foram rareando a pouco e pouco. Se o provocavam a discorrer sobre Camões, Bocage ou Filinto, o ajuizado Francisco lançava mão da craveira, e dizia:

— Já não conheço de versos; agora o que sei é medir pontos de pés.

— Spondeus ou dactilos? atalhou um faceto de mais presumido chiste.

— Pés de toda a casta, replicou Francisco, pés mesmo dos que são a quatro em cada sujeito, como posso provar a vossa senhoria.

O farçola entendeu que o sapateiro lhe chamava quadrupede: suspeita bem cabida, mas não cabalmente averiguada.

O certo é que este freguez deixou de o ser de Francisco Lourenço; e outros de sua roda se afastaram tambem, visto que o mestre se esquivava a ser pasto de seus ocios.

Que selvagens tempos aquelles!

Francisco Lourenço, se vem cincoenta annos depois, sem embargo de ser um habil sapateiro, poderia entrar dignamente na republica das lettras: começaria versejando, em solteiro, estas faceis quadrinhas, cheias de fogo e alma, com que todos os marechaes das lettras velaram as armas, ao vestirem-se cavalleiros para a crusada da civilisação. Depois escreveria o seu folhetim, variado em côres, como um mosaico de differentes linguas, e com atrevimento de idéas, que forçariam a critica a qualifical-as de originalidades. Francisco Lourenço teria uma luneta,

um charuto, e um bigode encerado, e uma esquina alli no largo de Camões onde encostar os hombros, vergados sob o peso da cabeça prenhe de idéas. Depois, naufragado o coração, Francisco Lourenço iria salvar a humanidade, com o seu septicismo, nas regiões da politica. Faria, portanto, a um tempo botas para os pés, e sciencia para a cabeça da humanidade. Se absurdos fados o bafejassem, Francisco Lourenço subiria a ministro, e ninguem lhe perguntaria d'onde veio, nem a tripeça ainda quente lhe seria desdouro. Esta é a unica vantagem que a civilisação tem trazido para a fusão dos homens n'um só principio derivativo do pae commum. Cá, tanto faz vêr do acume das grandezas cair um homem no raso da lama, como erguer-se da lama um homem ao mais culminante da escala social. Ninguem se espanta, nem sequer pára a discutir estes vulgares accidentes da reformação social.

Isto assim é que é bom.

II

Posto que a leitura lhe deliciasse muitas horas do dia e noite, Francisco Lourenço cuidava attentivamente no bom regimen de sua casa. Era elle quem talhava a obra superior, e a distribuia aos officiaes, quem recebia as damas freguezas, e com muito bom modo satisfazia seus caprichos. Os dias sanctificados passava-os com sua mulher e pae no Cartaxo, onde ia formando deposito de livros, *amigos da velhice*, como elle dizia. Tencionava Francisco ir lá passar o ultimo quartel da vida, empregando-a, sem outras distracções, no enlevo dos bons auctores que ia conhecendo.

A carinhosa esposa ajustava perfeitamente com os prazeres intellectuaes de seu marido. Nunca elle descobriu pagina de livro encantador que a não lesse a sua mulher. Como não tinham filhos, sobejavam os ocios do arrumamento das coisas domesti-

cas. Maria sentava-se a costurar, nas noites de inverno ao lado da banca de seu marido. Elle recitava com emphase, e ella chorava ou admirava-se com delicado sentir do coração ou espirito. A *Cantata de Dido*, a pagina mais maviosa entre as mais inspiradas da poesia portugueza, já ella a sabia de cór, á custa de ouvi-la e honra-la com as suas lagrimas. Ouvira ella ler todos os poetas nacionaes antigos e do seu tempo, excepto José Agostinho de Macedo, que Francisco aborrecia por ter sido o detractor de Camões, e o émulo atrevido e torpe de Bocage. O artista, quando acertava de encontrar o frade graciano, sentia calafrios na espinha; e, segundo elle dizia, vontade de escorchar com um pontapé aquelle ôdre de vinho e peçonha.

Em 1816, dez annos depois de casado, Francisco Lourenço agradecia a Deus a felicidade do primeiro filho, quando o já não pedia nem esperava.

— Ainda estou em edade de poder educal-o, e vel-o homem — disse o festivo pae a sua mulher. — Tenho vinte e nove annos: quando meu filho tiver a minha edade, posso ainda viver, como vive meu pae, sadio e robusto. Já sei para quem estou enriquecendo esta livraria. A minha velhice ha de ser um descançar em leito de rosas. Irei d'este mundo, deixando na alma de meu filho uma boa porção da minha essencia.

Não deve o leitor duvidar d'esta linguagem levantada em bocca do artista. As mais vulgares e rasteiras coisas da vida, naturalmente, se haviam vestido, em seu espirito, com as galas da poesia, cujo perfume lhe rescendia em tudo. O seu perma-

nente privar com poetas, ou com a natureza, mãe de todos, e mais mãe dos que a amam sem lhe devassarem os segredos, necessariamente influenciariam a singela alma do homem, que para sentir vibrar as cordas todas da poesia, estava nos primeiros arrobamentos de pae.

Por esse tempo falleceu o velho Lourenço e o pae de Maria. A herança de ambos daria sobeja independencia a Francisco; porém, a existencia da creança, dilatando o alcance das ambições paternas, desviou-o do antigo proposito de passar a loja, e ir viver folgado em sua quinta. Um filho é realmente um aguilhão que aperta os temperamentos mais desleixados em grangeio de bens de fortuna. Já lhe queria parecer a Francisco Lourenço que quarenta mil cruzados em propriedades era pouco patrimonio para o seu Fernando; e quando bastasse a um filho, quem saberia os filhos porvindouros? Se fossem mais de quatro, reflectia o pae, pouco menos de pobres ficariam todos. Entendeu, pois, em proseguir no trabalho, afanar-se cada vez mais, encurtar as horas de leitura, e augmentar o numero de officiaes, a fim de exportar calçado para o Ultramar.

No anno seguinte nasceu uma menina, e outra no anno immediato. Sem querer desagradecer a Deus, Francisco desgostou-se da duplicada mercê das meninas. Andava elle scismatico e melancholico a escogitar no futuro que havia de preparar a suas filhas. O bom homem cuidava que sem educação scientifica ninguem podia ter futuro; e lamentava não poder crear suas filhas, pondo o fito nas Bernardas Ferreiras de Lacerdas e Violantes do

Céo, litteratas famosas que o leitor conhece. Acudia a senhora Maria Luciana ás tristezas de seu marido, dizendo-lhe que as meninas podiam ser freiras, e instruirem-se no seu convento. Isto consolava as tristes apprehensões do pae ; mas era ainda pouco para allivial-o do desgosto de não ter filhos, que podessem ser tres grandes poetas, ou, ao menos, tres sabios que é um grau de sciencia muito mais facil de attingir, no voto d'elle, e no meu tambem.

Fernando, aos quatro annos, frequentava as primeiras lettras; aos nove annos estudava latim com admiravel intelligencia; assim, até aos dezeseis, cursou humanidades, no intento de ir graduar-se a Coimbra.

N'esta edade Fernando conhecia os poetas latinos e portuguezes : lia uns com seu pae, e traduzia-lhe os outros, explicando os pontos obscuros de Horacio e Ovidio.

Grande era o dissabor do moço, quando vinha das aulas, e via, atravez da vidraça que abria para o pateo, seu pae talhando o bezerro de umas botas ou o duraque de uns sapatos. Ia elle ter com sua mãe, e pedia-lhe que aconselhasse o pae a passar a loja, e remediar-se com o bastante, que já tinham para viverem em decente mediania. A boa mãe não se esquivava de pedir tal coisa; mas admoestava Fernando a evitar quanto podesse mostrar-se envergonhado do officio de seu pae.

O imprudente moço não deu o devido peso ás reflexões da mãe, e insistiu no seu desgosto e rogos. Bem póde ser que os condiscipulos lhe atirassem á cara, como despique de inveja dos progres-

sos d'elle, o seu nascimento humilde. Aquelles tempos eram infamados com muitos exemplos d'este barbaro quilate. A' peonagem nem a muita riqueza a salvava dos remoques da fidalguia. Nos collegios, os mestres eram os primeiros a darem o exemplo das preferencias. A applicação no moço da baixa tracção era menos louvada que a preguiça no escolar de familia illustre. Este escarneo do Evangelho chegava até Coimbra, onde se degladiavam primazias de nobreza, e só com muita paciencia para ultrages e desprezos, conseguia formar-se o filho do artifice, que não se abalançava a entrar em communhão de sciencia com os privilegiados da boa fortuna.

É, pois, de crêr que Fernando Gomes, matraqueado pelos condiscipulos, desejasse que seu pae levantasse mão do officio de sapateiro, que mais que outro qualquer — sem podermos dar razão do porque—se presta á zombaria nas facecias dos chocarreiros.

Aventurou-se, um dia, Fernando a pedir ao pae que fechasse a loja.

— Porque?!—perguntou Francisco Lourenço.

— Porque...—tartamudeou o filho—se meu pae quer formar-me... não me parece...

— Diz, homem!—acudiu o pae á indecisão de Fernando, com semblante transtornado—não te parece o que?

— Que seja bom ter loja de...

— De sapateiro?... parece que te custa a dizer a palavra *sapateiro!* Sapateiro, sim!... Queres tu dizer que te envergonhas do officio de teu pae?

Fernando baixou os olhos e não respondeu; mas o silencio era, no caso, a mais eloquente das confirmações.

—Está bom—disse Francisco—descança que se ha de remediar tudo o melhor que puder ser. Hoje não vaes á aula. Amanhã falaremos.

Francisco Lourenço fechou-se no quarto com sua esposa, e, antes de referir o que passara com o filho, rompeu n'um choro soluçante, que a consternada mulher não sabia como explicar nem consolar.

Falaram largo tempo. O marido saíu de melhor sombra. Maria chamou Fernando e disse-lhe:

—Deus te perdôe o mal que fazes a teu pae! Eu não quiz dizer-lhe que fechasse a loja, e tu commetteste a imprudencia de lh'o dizer!... Fernando, d'esta vez vali-te; mas não caias n'outra. Olha que teu pae é tão bom como severo. Segue a carreira que elle te dá, e deixa-o lá com a sua vida. Cuidas que teu pae acha prazer em estar na loja a trabalhar? Enganas-te. Bem sabes quanto apaixonado elle é de livros. Se trabalha, para ti é, e para tuas irmãs. O que temos seria bastante para um, se tivesse juizo; mas seria quasi nada para tres filhos. Tu não has de querer ser doutor, e ver tuas irmãs sem nada. Vae á aula; e, se alguem te disser que és filho de sapateiro, responde-lhe tu que tens muita honra em ser filho de quem és... Póde ser que os fidalgos, que t'o disserem, te devam a ti o par de botas que trazem...

Estas judiciosas razões não consolaram a Fernando.

A resposta foi um calado despeito, e uma visa-

gem de desdem, que Maria viu com os olhos humidos.

Decorridos poucos dias, Fernando foi ter com sua mãe, e disse-lhe que não tornava á aula, porque os seus condiscipulos o vexavam. Descendo a explicar o vexame por miudos, disse que o filho do conde de tal, zangado com elle por ter-lhe corrigido um theorema de geometria, lhe replicara qual era a figura geometrica de uma tomba; e se as entrecospias em logica pertenciam ao dilemma. A mãe não conheceu o travôr do epigramma. Chamou o marido, e quiz que o filho repetisse o conflicto diante de seu pae. Francisco ouviu-o, doeu-se, dissimulou o pesar, e disse-lhe:

— Irás frequentar outra aula.

— Acontece-me o mesmo em toda a parte, contrariou Fernando com certo desabrimento deshumilde. — Emquanto o pae estiver n'este modo de vida, hei de ser enxovalhado por todos os condiscipulos, tanto monta em Lisboa, como em Coimbra.

— Está bom, disse serenamente o pae. Eu vou pensar e resolverei.

A resolução foi prompta. Francisco Lourenço entrou no quarto onde Fernando estudava, e disse-lhe:

— Arruma esses livros, que já te não servem de nada. E's sapateiro como teu pae e teu avô.

Fernando perdeu a côr, e quasi o sentimento. Francisco Lourenço saíu, e foi verter torrentes de lagrimas no seio da mulher, exclamando a intervallos:

— Lá vão todas as minhas esperanças!... Assim havia de ser, porque ouvi a voz da minha vaidade, e nunca me lembrei que um filho podia ter vergonha do officio do pae... Vê tu, mulher, que soberba maldita eu andei gerando e engrossando no animo d'aquelle rapaz! Se eu lhe désse largas, onde iria dar comsigo tamanho orgulho! Ahi tens tu a sciencia a desnaturar-me um filho!... Santo Deus! Bem m'o prégava meu bom pae!... Quantas vezes lhe ouvi dizer que eu, se fosse um sabio, me correria de o vêr a elle na baixa condição de sapateiro!... Não posso nem devo consentir que meu filho se deshonre por amor da sabedoria... Se a sociedade o vexa, paciencia; que fuja da sociedade. Eu antes o quero sapateiro honrado, que filho infamado pela ingratidão. Façamos um homem de bem, e os nobres que façam os sabios... Mas é dôr, é uma grande afflicção, ter de renunciar ao proposito de tantos annos! E' por isso que eu choro... e bem vejo que é fraqueza chorar! Tenho pena d'elle; tenho-a de véras... mas só assim é que eu posso resgata-lo das mãos do mundo, que m'o ha de perder!

Maria Luciana tentou demover a intenção do marido com razões, e mais que tudo com lagrimas. Lembrou ella que o mandassem logo para Coimbra, onde os condiscipulos o não conheciam. Este remedio azedou mais a ferida do artista.

— Pois eu, exclamou elle, hei de estar evitando que o meu nome seja conhecido?! Hei de esconder-me para que meu filho se não envergonhe? Hei de recommendar a Fernando que não diga em

Coimbra quem é seu pae, ou consentir que elle me negue para ser mais bem recebido? Que respondes, Maria?...

Não respondeu nada a pesarosa mulher. A dizer a verdade, com que argumentos responderia ella, sem molestar-lhe o espirito? O ponto mais sensivel da questão era a dignidade do homem mecanico, trabalhando para engrandecer o filho. Se este desejo e afan lhe era deslustrado por desprezo do seu mister, qual gloria lhe restava? Quem lhe asseverava a elle que o filho, mais tarde, fugiria d'elle como d'um estorvo ao seu maior engrandecimento?

Não obstante, Maria chamou o filho, e mandou-o pedir perdão a seu pae, se não queria ir para a loja trabalhar com os officiaes.

—E porque não hei de eu ir?!—respondeu placidamente Fernando, com grande assombro da mãe.—Eu não tenho vergonha de ser sapateiro. Quero sê-lo quando m'o chamarem.

—E não te importa o tempo que perdeste a estudar, Fernando?—tornou a mãe, commovida pela briosa resolução e desapego do filho.

—Não perdi de todo o tempo: serei um sapateiro illustrado como meu pae o é. Antes isso. Terei horas de estudo e horas de trabalho. Não receio que me humilhem na loja.

Fernando, obedecendo aos novos impulsos do momento, não sabia bem o que dizia, nem, a menos que a natureza se não houvesse singularisado n'elle, devia insistir muito rempo em pontos de tão isempta grandeza de animo.

N'aquelle mesmo dia desceu á officina, e disse

ao pae que lhe talhasse o seu serviço. O pae encarou n'elle com muita amargura e disse-lhe:

— Vá para cima!

Os officiaes olharam-se com espanto, como adivinhando a significação d'aquelle incidente. Fernando, desde a idade de nove annos, nunca descêra á casa de trabalho, nem trocára palavra com algum dos officiaes. Estes, por ironia, e lá muito em secreta maledicencia, denominavam-n'o o *fidalguinho*, e riam á sucapa, quando, atravez das portas envidraçadas, o viam passar no pateo sem lhes virar um canto de olho.

A situação de Francisco Lourenço era afflictiva. A corajosa apresentação do filho desarmara-lhe a tal qual ira, que elle muito precisava azedar com a rebeldia, para tirar a limpo o seu plano. Pensava elle que o estudante recebera aterrado a nova: não se enganou; mas longe estava de cuidar que a reacção do brio o determinasse a acceitar sem custo um tirocinio de sapateiro. A verdade é que ambos estavam enganados: o pae com a franqueza do filho, e o filho com a sua propria coragem.

Não sabia Francisco que dizer nem fazer. Evitava encontrar Fernando; mas forçoso era verem-se á mesa da ceia. O artista não poude engulir bocado. Maria ensopava o lenço em lagrimas. Fernando, grave, mas não triste, ia comendo, segundo o seu costume, e fazia o prato de suas irmãs, extranhas ás amarguras dos paes.

Quando as meninas, depois de darem graças a Deus, se retiraram ao seu quarto, Fernando disse com muita brandura:

— Porque hão de estar tristes?! Eu já disse á mãe que acceito qualquer posição que meu pae me der. Estou muito em tempo de aprender o officio: se meu pae não quer que seja o seu, indique-me outro. Vou sem saudades dos livros, nem pesar de esperanças perdidas em grandezas do mundo.

— Mas envergonhas-te de ser filho d'um homem do povo!—atalhou o pae.

— Não me envergonho: vocemecê não entendeu bem a minha magua. O que eu não posso supportar são as zombarias dos meus condiscipulos, que por força me hão de encher de fel o coração, e fazerem-me mau. Qualquer que seja o officio mechanico que me derem, viverei com os meus eguaes, e poderei distinguir-me d'elles com a minha instrucção, sem que ella me faça alvo dos seus motejos. Isto é o que eu desejo e penso.

— Tens dezesete annos, Fernando!—disse o pae
— E' tarde para recomeçares nova carreira.

— Eu me applicarei para ganhar tempo. Não lhe dê isso cuidado, meu pae.

— E queres ser sapateiro?

— Serei...

Como este SEREI foi dito! Que livro eu tenho debaixo d'aquella palavra! Que volume de psycologia, de physiologia de coração, de philosophia transcendental, de tudo quanto ha ahi attinente ao homem, eu era capaz de extrahir d'aquelle SEREI! Da accentuação que Francisco Lorenço deu á palavra *sapateiro*, tambem podia formar-se outro volume psycologico, physiologico, um tractado completo do espirito homem em todas as suas variantes desde a sinceri-

dade do santo, até á ironia do demonio de Goëthe, que era o mais argucioso e ironico argumentador, que o inferno cá mandou, depois dos enviados que prégaram a distincção entre homem e homem!

III

Aquelle dia e o seguinte passaram em indecisões do pae e do filho. Fernando esperava as ordens, sem ousar abrir um livro. A pobre mãe andava, de um para outro, a negociar a reconciliação: ao marido dizia que Fernando não podia nem devia retroceder: ao filho prégava-lhe sermões de paciencia para tolerar os ditos dos companheiros de aula, e ter bastante vaidade de ser filho de um operario honrado. O certo é que Maria com os seus sermões conseguiu revirar o animo do filho a tal ponto, que o moço, olhou em si, e viu-se ridiculo por dar tamanho pêso ás chufas dos condiscipulos.

O que a mulher quer, Deus quer : é o titulo de um livro francez, que póde ser um proverbio em todas as linguas. Francisco Lourenço, com os seus assomos de louvavel dignidade, ia transtornando a carreira do filho, tão de longe pensada e afagada; ora

Maria Luciana, em termos brandos, com o imperio de lagrimas, com aquelle feminil despotismo que tudo amolga e dobra, mais cedo do que devia esperar-se, reduziu o filho á rasão e consciencia de verdadeiros brios.

Não contente ainda, levou Fernando a pedir perdão ao pae de o ter magoado com as suas vaidosas queixas, promettendo honrar-se em confessar por si mesmo, e com orgulho, o officio de seu pae.

Francisco Lourenço resurgiu do seu quebranto, chorou mais doces lagrimas, e perguntou a Fernando se elle queria ir logo para Coimbra, e concluir lá os estudos preparatorios.

Fernando mostrou desejos de ir, e logo os satisfez.

Não comprehendia a mãe como pudesse ir sósinho, por esse mundo além, um menino de dezesete annos! Queria acompanhal-o, estar lá algum mez a ordenar-lhe a casa, ou esquadrinhar familia que lh'o recebesse e tratasse. Fernando, já sciente do que era vida de estudante, dissuadiu a mãe do seu proposito, e prometteu regular-se de modo que nem o desaconchego o molestasse, nem seus paes se arrependessem de o deixarem ir entregue a si mesmo.

Fernando tomou casa em Coimbra, e viveu sósinho, e arredado de todo o concurso de academicos. Esta soledade não era de genio nem gosto. Embora tivesse elle dito que se honraria de confessar cujo filho era, manda a minha fidelidade de historiador asseverar, que o moço se esquivava dos condiscipulos folgasãos para forrar-se á contrafeita honra de se apregoar filho d'um sapateiro.

Poucos dias depois de sua estada em Coimbra, or-

ganisou-se o batalhão academico para ter parte na guerra da restauração. Fernando Gomes alistou-se sem licença de seu pae. A bandeira hasteada era a da liberdade. As doutrinas proclamadas eram as da egualdade. O filho do artista sympathisava com a causa ventilada desde 1820. Ouvira desde creança citar os egregios nomes de Ferreira Borges e Fernandes Thomaz, arvores frondosas de civilisação, regadas com o sangue de Gomes Freire, e de outros martyres iniciados da revolução. Execrava as forcas hasteadas no Porto, tres annos antes, e em Lisboa, para o supplicio dos academicos. Além de tudo, acorçoava-se do intimo rancor que votava a fidalgos, por ter sido victima dos escarneos d'elles nas aulas de Lisboa. Sobejava-lhe causa a justificar o enthusiasmo com que pediu uma espingarda, e, primeiro que nenhum, se fardou, e impacientou com a demora da primeira batalha.

Maria Luciana, quando tal soube, quiz ir em cata do filho: o marido antecipou-a no intento, e foi a Coimbra. O batalhão academico ia já marchando caminho do Porto. Francisco Lourenço retrocedeu para Lisboa, cogitando em mandar soccorros a Fernando.

Devemos conjecturar, sem receio de erro, que o desembarque do libertador no Mindello fôra saudado de todo o coração do amigo de Bocage. Francisco Lourenço, com quanto arredado da phalange dos poetas mortos no começo d'este seculo, embriagou-se no ambiente d'elles, e bebeu a sorvos a liberdade nos hymnos propheticos dos timidos evangelisadores, que a não viram, senão ao longe na inundação sanguinea da França, e nas victorias de Bonaparte,

que abrazavam allumiando ao mesmo tempo. Bocage devia de muitas vezes romper em apostrophes contra os frades que o viam amansado nos carceres da inquisição, e nos cubiculos conventuaes. Póde ser que o humilde amigo do poeta, em expansivas horas, merecesse a confidencia das amarguras que ennoitaram o melhor da vida do alquebrado espirito de Elmano. Se isto não bastasse a acrisolar o coração do homem do povo, quer-me parecer que o velho odio a José Agostinho de Macedo — energumeno panegyrista das forcas — bastaria a fazer d'elle um acerrimo *malhado*.

Em quanto a mim, Francisco Lourenço abençoara secretamente a deliberação de Fernando; e, se foi a Coimbra, o intento de tal ida por certo não era estorvar-lhe o ir onde o melhor da mocidade academica levava suas forças de alma, e o prestigio da intelligencia, com que muito se move e reanima a força material das massas. Póde ser que o artista levasse recheadas as algibeiras de peças para fornecer o moço, e preparal-o para as contingencias de emigração. Esta hypothese dá em certeza, quando vemos Francisco Lourenço empenhado com uma casa mercantil ingleza para fazer chegar ás mãos do filho avultada quantia, que o moço recebeu com alegres hymnos á liberdade... e ao dinheiro tambem.

Fernando Gomes, em todos os recontros com o inimigo, deu provas de grande e imprudente coragem. Foi duas vezes ferido, e muitas vezes obrigado por disciplina a retirar do fogo. N'aquellas vertigens de bravura, que tanto pódem ser desprezo da vida, como culposa ambição de gloria, nenhuma conside-

ração de obediencia o retinha em seu posto. Lá, os camaradas, denominavam-n'o o *pequeno diabo*, termos que se conformavam com a pequenez e magreza do seu corpo. O imperador já o conhecia de vista e de nome: muito fôra preciso para realçar entre tantos bravos, saídos dos banços escolares, e quasi todos a competirem em intrepidez com José Estevão de Magalhães, aquella vivida lampada que ainda hontem se apagou no altar da patria, se é que das cinzas d'elle a arvore da liberdade não tem sempre de haurir seiva para reflorescimentos novos.

Terminada a guerra nas provincias do norte, Fernando Gomes, condecorado com o habito da Torre e Espada, foi a Lisboa abraçar sua familia, e seguir as manobras do exercito que rebatia o assedio de Lisboa.

Depois da convenção de Evora-Monte, e de todo apaziguada a guerra civil, Fernando tornou para Coimbra a começar sua formatura em direito.

Proclamada a egualdade, extinctos os privilegios, rotos os diques que estancavam as prerogativas das raças nobres, e derramado o thesouro das coisas boas á vida por todos os homens indiscriminadamente, era de esperar que Fernando Gomes se désse por contente de ter nascido filho de um sapateiro, visto que o sapateiro ficava social e legalmente egualado ao titular. Tambem assim o esperava o, ha pouco, valente soldado das linhas do Porto, e, agora, desvelado e distinctissimo soldado nas lides da intelligeneia!

Sublime engano!

Os seus mesmos camaradas, quer invejosos da

condecoração, quer da intelligencia, uns com outros celebravam sarcasticamente os triumphos do filho do mestre Francisco Lourenço. Os conterraneos diziam que as suas melhores botas as deviam ao engenho do sapateiro-poeta da calçada do Sacramento; os provincianos, pela maior parte oriundos de uns fidalgos de meia-tigela, como lá dizem uns dos outros, não apertavam, sem repugnancia, a mão de Fernando, nem se detinham a falar com elle, quando podiam ser vistos e censurados pelos academicos de Lisboa.

Isto acontecia um anno depois da restauração dos direitos do homem! Trinta annos já rodaram sobre esse facto de ridiculas convenções, e o filho do sapateiro é ainda hoje, e o mesmo será d'aqui a cem annos, um conviva chamado pela lei a sentar-se á mesa universal; mas a lei é uma tola: lá está o fiscal d'estas universaes communhões, que tranca os cancêllos do banquete, e diz ao filho do sapateiro o que já Horacio lhe dizia: *ne sutor ultra crepidam;* ou *tractent fabrilia fabri*, que tudo quer dizer: «não se admittem sapateiros cá.»

Fernando recalcava em flagellador silencio o seu pesar. Nem mesmo a sua mãe se abria. Quando esta lhe perguntava que tratamento recebia de seus condiscipulos, o academico respondia:

— Tratam-me bem.

— Os tempos mudaram — accrescentava o pae.

— Mudaram; os homens é que não — dizia Fernando; e de salto, aventava assumpto que désse córte na conversação penosa.

Proseguiu o moço em sua formatura, e concluiu-a

com ser premiado no ultimo anno, como em todos tinha sido.

Suppunha Francisco Lourenço que seu filho, notavel pelos serviços prestados á restauração, e por seus premios, fosse chamado ás funcções da republica, sem que as elle solicitasse. Decorreram mezes, sem que o correio de algum ministro batesse á porta de Françisco Lourenço a procurar da parte de seu amo o valente e intelligente bacharel.

O artista, de véras offendido de tamanha incuria, queixou-se d'isso ao filho. Fernando sorriu da boa fé e crença de seu pae, e disse-lhe que estava sinceramente arrependido de não ter renunciado ao estudo, quando chegou a descer á loja para sentar-se entre os officiaes.

Este arrependimento, sincero ou não, desgostou o pae, e toldou-lhe o rosto de tristeza inconsolavel.

Fernando foi ao Cartaxo, onde Francisco Lourenço tinha o melhor da sua livraria, comprada em nove annos com dispendiosa liberalidade de bibliómano. Como o local era triste, e a bibliotheca mui convidativa, o bacharel alli passou um anno, quasi só, raras vezes visitado por seus paes. Leu muito, leu tudo, e ardeu em desejos de ir vêr os locaes descriptos nos livros de viagens, e os monumentos perpetuados na historia. Virgilio e Dante deram-lhe o amor ás ruinas da Italia, Byron ás da Grecia, Lamartine, Chateaubriande e Volney ás do Oriente.

Pediu a seu pae moderados recursos para viajar dois ou tres annos. Francisco Lourenço, antes do filho lh'os pedir, quizera offerecer-lh'os, pesaroso de o ver assim solitario, e receioso d'algum funesto

resultado em tão contumaz estudo. Deixa-lo ir, porém, custava-lhe a vida; e a estremosa mãe, quando era consultada a tal respeito, dava o seu parecer com lagrimas.

Aos rogos de Fernando nenhumas razões empeceram: Maria Luciana transigiu com o assentimento do marido.

Os recursos pedidos eram muito inferiores á liberalidade com que o pae lhe estipulou o dispendio de dois annos, confiando-lhe, afóra isso, ordens de quantias indeterminadas. Tal confiança era bem cabida no moço, que durante a guerra e a formatura, cerceara, ainda de suas mesadas, economias com que comprava livros de recreio.

Sahiu Fernando por França em direitura á Italia. Deteve-se em Roma alguns mezes, que lhe pareceram rapidos e deleitosos. Ninguem o conhecia; a ninguem procurava, Sósinho, de ruina em ruina, vivia com o passado, e dava pouquissima de sua admiração ás grandezas do presente. Conversava com Ovidio em Sulmona, com Virgilio em Mantua, e com Horacio em Tibur. Deliciavam-no mais as ruinas do theatro de Marcellus, que as pompas do Vaticano. Qualquer estatua mutilada, extrahida das escavações dos esboroados templos dos idolos, lhe tomava mais espirito e contemplação que as obras primas de Miguel Angelo.

Encontrava portuguezes emigrados n'aquellas paragens, onde D. Miguel de Bragança procurava hospitalidade á sombra da theara pontifical. O principe de Portugal, com quanto convisinhasse do Vigario de Christo, que tem as chaves do céo, não sabemos

se tevc fome: as chronicas contemporaneas dizem que sim. O successor de S. Pedro de certo lhe emprestaria as chaves do céo, se sua alteza quizesse para lá ir, as chaves porém, dos reaes celleiros e cofres, essas é que decerto lhe não emprestou. Os papas dão muito mais facilmente as ambrosias celestiaes, que umas sopas diarias aos principes proscriptos.

Não sei se Fernando Gomes pensava n'isto quando via o senhor D. Miguel de Bragança, e um emigrado portuguez lhe dizia que o rei não tivera com que comprar leite para o almoço d'aquelle dia. O emigrado que estas miudezas referia era um major Pacheco, que seguira o seu soberano, espontamente, desde o embarque até Roma. Casualmente o encontrara Fernando por lá escondido nos pardieiros da Roma dos Cezares, ou meditando nas virtudes de Tito, ou nas cruezas de Nero. Qualquer das meditações frisariam como o infante desterrado, que uns chamavam-lhe Tito, e Nero outros, posto que elle não fosse uma nem outra cousa: era apenas uma creança, quando rei; e um um instrumento cego em mãos de togados infames, de prelados devassos, e de fidalgos estupidos. Desde que o raio, forjado ao fogo da civilisação e na bigorna mysteriosa do tempo, o fulminou a elle e aos seus, o filho de Bragança ficou sendo um desgraçado digno de respeito, de commiseração, e de real parentella mais compassiva e generosa.

Ora vejam em que ladeira eu ia escorregando agora: Ahi está o meu pobre romance guindado a umas alturas de transcendental politica, d'onde

se lhe não acudo, o coitado vinha abaixo estoirar n'alguma estrondosa parvoiçada! E tudo isto veio assim de seu natural. Por amor d'aquelle major Pacheco de Lobrigos que Fernando Gomes topou lá n'umas ruinas do Colyseu, ou cousa assim. E insisti n'este ponto, porque eu conheci em Villa Real, ahi por 1847, este major que voltara de Roma poucos mezes antes, e andava esmolando pelo Douro, com as suas barbas apostolicas, e grandes oculos de metal branco. Depois tornei a vel-o, estendido na estrada que conduz de Villa Real a Chaves, traspassado por duas espadas, e com a cabeça fendida até aos dentes. Fôra assim espedaçado pelas hostes do conde de Vinhaes, que mais acima mandou espingardear o general miguelista Mac-Donell, a cujas ordens andava o major Pacheco.

E como quer que este ancião assim espostejado, e sepultado no adro d'um presbyterio contiguo á estrada, deixasse uma filha linda e pura como um anjo, e esta filha enlouquecesse de dôr, escrevi eu n'estes tempos uma elegia em prosa muito dorida, a qual publiquei no *Nacional* do Porto. Em tão má hora dei a lume este testemunho de minha compaixão por os dois infelizes, que ambos jaziam mortos, e não sei qual d'elles mais cruelmente morto, em tão má hora digo, que se pude sair vivo das garras dos sicarios, mui pouco catholico sou em me não ter pesado a cera, e converter esta cera em cirios, e adornar com estes cirios o altar das liberdades patrias!

Agora é de mais!

IV

Transferiu-se Fernando Gomes á Grecia. Estanceou com o seu Homero e Byron de um a outro padrão das fabulosas façanhas, historiadas em Thucidides e Plutarcho. Viu Grecia degenerada escrava, e de todo perdida para a resurreição da sua dignidade. Não teve um suspiro que lhe désse em hemistichio de ode, ou decima de hymno, como toda a gente faz quando carpe um povo cancellado do mappa das nações livres. «Nações livres!—dizia entre si Fernando Gomes.—Eu sei cá o que são livres! nem homens livres! Liberdade de morrer de fome, em toda a parte a ha, graças a Deus e ao progresso! Poemas ao trabalho e ao artista, em toda a parte se escrevem, graças á metrificação e aos especuladores ociosos, que deificam o suor e os mãos calosas, sentando-se em espaldares flacidos, e vedando o accesso de seus gabinetes aos

operarios suados, calejados e sujos! Em toda a parte se mantem em nome da liberdade, e se chora em nome da servidão! Oh! meus pobres gregos, deixai-vos viver e morrer em vossa lethargia, que, se sacudires o torpôr de sobre o peito, virão depois uns próceres e éphoros, como os antigos, que vos hão de uns pôr o pé no peito desentorpecido, para subirem ao ponto donde vos atirem para baixo com muita injuria e muito desprezo da vossa ignobil raça de servos redimidos por elles!»

Assim devia falar comsigo e com os gregos o nosso viajante.

Mezes depois, temos Fernando em Paris, onde o senhorêa profundo fastio. Muito especial devia ser a compleição de moço de vinte e seis annos, que se anojava em Paris!

Passou á Allemanha, marinhou os pincaros da Suissa, e desceu outra vez á Italia, fatigado d'alma e corpo, triste como um desterrado, saudoso do seu Cartaxo, saudoso de paes e irmãs; porém sem forças com que aproar no rumo da patria.

Estava em Florença: restavam-lhe dois mezes dos dois annos concedidos. Releu Virgilio e Dante, Petrarcha e Tasso, os seus amigos de Italia, os seus guias e commensaes, as pallidas sombras que o seguiam até ás regiões convisinhas do sepulcro, ás tenebrosidades mysteriosas do sonho.

E hei de eu acreditar (diz a leitora que sabe o que vale) hei de eu acreditar que Fernando não encontrasse nos mais formosos pontos do globo as mais formosas creações do universo? Não viu elle uma ou cem mulheres... (cem *senhoras*, emendarei

eu, se vossa excellencia permitte) ou cem senhoras que o tirassem pelos cabellos d'essa escuridade de alma em que o exquisito moço se engolfava com as pataratas dos Virgilios e Dantes, e outros que taes pesadelos de um espirito que almeja diffundir-se e embeber-se nas delicias da poesia, tres vezes santa, do bello ideal!?

Respondo: tem vossa excellencia razão de estar assim pasmada do homem: eu tambem, com quanto já saiba a preceito o que é pão bolorento por dentro e cordas de viola por fóra, começava a espantar-me, justamente no ponto em que vossa excellencia fez favor de interromper-me.

Não ha duvida nenhuma: a cousa é muito para assombros. Bravia é a arvore que aos vinte e seis annos não floresce nem fructifica! Anasada alma deve ser essa que se dispende toda em extasis de livros velhos e paredes velhas, e historias revelhas, que nem recontadas por Michelet ou Castilho se podem aturar. Com um homem assim o romance era impossivel. Quem houvesse de descreve-lo, iria na piugada d'elle por esse mundo fóra, onde ha plinthos e peristylos derrocados, e confundi-lo-ia com algum troço de columna corynthia ou jonica. Fernando seria empolgado pela caterva empedernida dos antiquarios, que dariam com elle n'este museu de Lisboa, onde não ha nada que o valha, a não ser o titulo do edificio, que é museu de si mesmo.

Estava eu, pois, a despenhar-me com o meu estylo espalmado na voragem dos escrevedores malditos da paciencia humana, quando, n'estes aponta-

mentos que me dirigem, encontro o capitulo intitulado: PRIMEIRA E ULTIMA PAIXÃO DE FERNANDO GOMES.

Primeira e ultima! exclamei. Não gosto d'isto! Com uma só paixão hei de eu encher duzentas paginas! Uma só paixão, n'estes nossos dias, em que vinte e quatro horas bastam para o prologo e o epilogo da tragedia, se é tragica a paixão!

Comecei a lêr desanimado; cobrei esperanças no segundo capitulo; ao terceiro obrigar-me-ia, sendo preciso, por escriptura, a escrever dois volumes; ao quarto fechei o manuscripto, e coordenei os apontamentos pelo theor seguinte:

Demorava em Florença uma familia portugueza, expatriada por affecta á realeza absoluta. Compunha-se esta familia de pae e duas filhas. O emigrado era um ex-desembargador do paço, ministro da Alçada, que assignara o accordão de pena ultima comminada aos academicos de Coimbra que, em 18 de março de 1828, mataram, no Cartaxinho, os lentes Matheus de Sousa Coutinho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo, e feriram outros que, no dizer do accordão, *iam beijar a mão ao serenissimo senhor infante regente pela sua feliz chegada a estes reinos.*

Bartholo de Briteiros se chamava o realista. Uma das meninas era Eugenia, e a outra Paulina. Em quanto á linhagem, estude quem quizer a origem dos Briteiros, que ha de encontra-la desde logo que as aguas do diluvio universal se recolheram ao centro do globo, e consentiram que os casaes contidos na arca procreassem os Briteiros e outras familias do mesmo tamanho genealogico. No que toca a ri-

queza, dizia-se que Bartholo possuia, em cada provincia de Portugal, duas, e tres e mais quintas: o que eu não averiguei por me parecer desnecessario.

O emigrado vivia regaladamente na Praça do Dome, o mais vistoso local de Florença, servido de muitos creados, em palacio exornado de primosas alfaias e baixella. O *vassallo* de D. Miguel de Bragança pompeava faustos de rei, em quanto seu *senhor*, o tão chorado principe dos seus amigos, mendigava em Roma. Este contraste offerece um lado de muita philosophia, que eu me dispenso de explanar por ter muito amor a quem me lê, e me não lerá, se eu me entro a enredar em camisa de onze varas... (Cá em Portugal já se não diz varas: é *metros*: camisa de quinze metros e vinte e cinco centimetros, corresponde a isso; por causa da metromania não se ha de perder o anexim que é expressivo).

Escreve Méry a respeito de Florença: «Não me espanta que proscriptos e exilados, violentamente arrancados aos costumes de suas patrias, se lancem nos braços d'aquella Florença, que é mãe commum dos que padecem, e para todos se desentranha em palavras consoladoras...» E n'outro relanço das suas *Noites de Italia*: «Entende-se facilmente que homens e mulheres de alto porte, condemnados a exularem, pelo infortunio d'esta epocha tão atormentada, confluam a Florença de todos os pontos da Europa. O exilio aqui é menos penoso: não será paradoxo termos em conta de exilados todos os que vivem longe d'aquella cidade.»

Bartholo de Briteiros, guiado pelo instincto, e

não pelos viajantes—que o magistrado não lia viajantes—deu comsigo na formosa Toscana.

Estanceavam por lá, em 1834, polacos proscriptos e muitos refugiados nobres da França, cujos exforços se mallograram na Vendéa. O palacio Orlandini, onde residia o principe de Monfort, irmão mais novo do imperador Napoleão, era o receptaculo de todos os proscriptos illustres, em nascimentos, artes e sciencias.

Bartholo de Briteiros, tinha a illustração triplicada da fortuna. Era notorio que elle mobilára faustosamente um palacio campestre em *Poggi Bonzi*, e d'alli saía de passeio, em graciosa berlinda, com suas filhas, a *Val d'Arno*, á *Poggia Imperiale*, e a quantos pontos convergia a nobreza toscana.

Isto lhe dera renome e accesso aos palacios Orlandini, Ricchardi, Strozzino.

A formosura das filhas contribuia não pouco para a consideração que o pae gosava. Eram duas gemmas inestimaveis que sobredouravam a hypothetica riqueza do fidalgo portuguez. A mais nova era Paulina ; quem perguntava porém qual das duas fosse a mais velha? Cada uma estava n'aquelle desabotoar de florescencia, e irradiação de graças, que seriam delicias da vida humana, se cada mulher bella assim, ao tocar os dezesete annos, alli ficasse, inamovivel, indestructivel, perpetua imagem do anjo, dominadora do tempo, e assim de gala, para entrar com todo o viço de sua formosura, e esplendor de encantos, em corpo e alma, na gloria do seu Creador.

A mãe d'estas duas meninas morrera aos vinte an-

nos, quando, em Lisboa, reinava como primeira em belleza. Os dois seraphins, que deixara no berço, conforme iam crescendo, recebiam do céo os dons soberanos que sua mãe levara. Aos quatorze d'uma, e quinze annos d'outra, dizia-se que a mãe não fôra mais linda que ellas.

O desembargador desvelara-se medianamente na educação litteraria das filhas. Era elle homem de poucas lettras, e muito dado aos ocios de uma certa ignorancia, que é o supremo bem d'este mundo pelas muitas e boas horas de lerda pachorra em que a alma se embala no regaço d'ella. Briteiros sabia de jurisprudencia o necessario para convencer-se do pouquissimo que necessitava saber um magistrado palaciano, bemquisto para as alçadas, e braço inflexivel para hastear patibulos. Chamado sempre para mordomar n'estes festins de cannibaes, o amigo do throno e do altar via em si um homem dos antigos tempos, e gloriava-se. A juizo d'elle, os homens dos tempos antigos, eram os romanos, que condemnavam á morte os filhos, se o bom regimen da patria o requeria. Não cuidem, porém, que o austero Bartholo de Briteiros frouxamente acariciava as filhas, ou as affastava de si como cousas incompativeis da gravidade do seu funccionalismo e meditações. O contrario, de todo em todo. Brincava com ellas; com uma em cada braço, em quanto meninas até aos nove annos, andava de sala em sala, e assim recebia as mais circumspectas visitas. A orçarem por senhoras, nem assim as desquitava da obrigação de brincarem com elle: escondia-se nas dobras dos reposteiros, e queria que o andassem

procurando. Muitas vezes saía d'estes brinquedos para assignar ao lavrar o accordão de uma sentença de forca, muito firme de pulso, e convicto da sua fidelidade aos principios, á moralisação dos povos, á ordem publica, e á justiça, filha primogenita de Jesus Christo.

N'aquelle dia em que o exercito libertador assomou em Almada, e o Telles Jordão foi espingardeado, Bartholo de Briteiros, ainda duvidoso do desesperado desenlace da causa que elle julgava vencida por parte de seu rei, enfardelou á pressa o mais valioso de sua casa, ensacou muito cabedal em moeda que tinha herdado de avós, prescreveu ordens aos seus mordomos e caseiros das provincias, e embarcou em navio inglez, ancorado no Tejo, com as duas meninas palidas de susto.

Horas depois, saía barra fóra, quando já em Lisboa repicavam os sinos á fuga do duque do Cadaval, e ao approximar-se o duque da Terceira. A esse tempo estalavam apedrejadas todas as vidraças do palacio de Bartholo de Briteiros, ás Amoreiras, e a populaça, a brava e briosa gentalha, apossava-se, por direito de conquista, da mobilia do desembargador, e repartia, a soccos fraternaes, o espolio do miguelista.

V

Estava Fernando Gomes em Florença, conferme o seu costume em toda a parte, sequestrado de toda a convivencia, visitando antiguidades, lendo outras, e como que mumificando-se a si proprio entre tantas velharias.

Alguem disse a Fernando que o hospedeiro principe de Monfort mostrava aos seus visitadores a espada que Napoleão floreara na batalha de Marengo. Posto que o nosso portuguez presasse muito mais contemplar a lança de Leonidas ou o punhal de Bruto, não quiz perder o lanço de ver o sabre oriental do maior capitão do mundo, depois de Alexandre, e Cesar, dizia elle.

O princepe recebeu-o no gabinete, onde estava escrevendo as suas *Memorias:* mostrou-lhe a espada, facultou-lhe o exame dos tropheus d'armas, recolhidos n'um armario envidraçado; e bem assim

as chaves de ouro da cidade de Breslaw, quaes o imperador lh'as dera, congratulando-o pela conquista d'aquella cidade.

Fernando, incitado a fallar pelo tom familiar do erudito principe, deu de seu saber muito boa conta sobre pontos de historia antiga, romana e grega, monumentos, batalhas, sciencias, e tudo quanto mereceria ser archivado em volumes grossos de soporiferas academias. O ex-rei de Westphalia deleitou-se em ouvi-lo, não sabendo ainda se era expatriado da Vandêa o cavalheiro que tão correctamente fallava lingua franceza.

Fallou de si Fernando em breves termos, dizendo-se portuguez, soldado da liberdade, o infimo dos seus fautores em Portugal. Accrescentou logo que deixara a liberdade do seu paiz, e saíra a procura-la n'outros pontos do mundo, a fim de compara-la com a que deixara na sua terra, rachitica, derrengada e aleijadinha.

Gostou o principe da grave sombra com que o douto moço mofava da liberdade dos portuguezes, (gente malquista sempre dos Bonapartes) e prolongou a palestra até horas de jantar. Fernando despediu-se já fatigado da convivencia: o filho do artista dava pouco pela gloria de conversar fito a fito com um ex-monarcha, irmão do heroe de Austerlitz, das Pyramides e de Friedland.

Dias decorridos, Fernando foi convidado, em nome do principe de Monfort, a passar a noite no palacio Orlandini. Cogitou o moço no mais urbano modo de esquivar-se ás pesadas honras de tão luzida sociedade. A eduação acanhara-o; e os dissa-

bores, suggeridos por causa de seu nascimento, eram-lhe um constante espinho a impellirem-no para longe de ajuntamentos. Assustava-o de mais o receio de encontrar portuguezes nos salões do principe, e ter de responder-lhe ás naturaes perguntas entre conterraneos que se encontram em paiz estrangeiro. Precisamente quereriam saber o seu nome, o nome de seu pae, as suas relações na patria, as mil coisas que se presumem sabidas de homens que viajam e se relacionam com principes. Todos estes barrancos lhe empeciam o caminho do palacio Orlandinini, e nenhum expediente lhe suggeriram com que delicadamente recusassse o convite. Sacrificou-se ao dever de quem tinha sido tão affavelmente tratado por personagem assim venerada nos prestigios da magestade, a magestade dos heroismos, mais imponente que a do sceptro hereditario.

Antes da sua entrada no palacio, chegara Bartholo de Briteiros com as bellas meninas. Em quanto as duas portuguezas levadas pelas damas se gosavam da frescura da noite nos jardins, que muitas vezes serviam de salões, Jeronymo Bonaparte conversou com Briteiros largamente ácerca do moço portuguez que muito o encantara com a sua vasta erudição, e perguntou ao hospede se conhecia *Fernando Gomes*. O fidalgo franziu a testa, e disse:

— Não sei dizer a vossa alteza quem seja Fernando Gomes. Os *Gomes* em Portugal não sei quem sejam. Antigamente houveram-os de bom toque; mas de D. João I para cá não acho menção d'elles nas chronicas. E' appellido abscurecido, ou se perdeu.

—Póde ser que o seu patricio achasse o *Gomes* perdido!... — disse o principe com ar de riso. — O que eu sei é que o portuguez Fernando Gomes sabe muito, e entretem com assumptos, aborrecidos quando a gente os lê nos livros, ou nos monumentos. Gostei muito d'elle, e estimarei que a minha estima agrade ao seu patricio.

Pouco depois foi annunciado Fernando Gomes, e logo conduzido á sala em que já estavam as damas da primeira jerarchia toscana; e, entre tantas e tão perigrinas, as nossas angelicaes portuguezas, honrando mais a terra de Camões, que quantos diplomatas nos andam lá por fóra engrandecendo.

Bartholo de Briteiros fitou os olhos no portuguez, e lá entre si disse: «Não conheço: isto é homem ordinario.»

— Tem aqui um patricio — disse o principe a Fernando. — E' emigrado, e pae das duas meninas, que o senhor além vê, que parecem madonas. Ditosas revoluções as que obrigam a sair do seu ninho as formosuras que Deus faz para que todo o mundo as veja! O senhor de Briteiros é um pae ditoso, que se revê nos seus dois cherubins, dignos de Florença mais que de Lisboa. Os modelos que Raphael e Ticiano adivinharam, justo é que vivam em Italia, que é o céo das artes e das maravilhas. Não conhecia o senhor de Briteiros?

— Não, senhor — respondeu Fernando.

— De onde é o cavalheiro? — perguntou Bartholo.

— Sou de Lisboa.

— Talvez que, se me disser o nome de seu pae, eu possa conhecer a sua familia.

— Vossa excellencia não conhece de certo o nome de meu pae. Sou filho de um homem do povo.

— De onde saem os reis do genio—ajuntou Jeronymo Bonaparte.

Bartholo fez um gesto insignificativo com a cabeça, e disse, passados minutos:

— Veio de Portugal ha muito tempo?

— Ha vinte e tres mezes.

— Como estão as cousas por lá? Quem governa a canalha?

— Governa-se ella, presumo eu — disse Fernando.

O principe sorriu e murmurou:

— A resposta é um livro completo. A canalha governa-se a si em Portugal...

— Em Roma no reinado dos Cezares e no Baixo Imperio, e em toda a parte onde as nacionalidades se dissolvem — accrescentou Fernando.

— Diz muito bem! — acudiu Briteiros — Portugal está em dissolução. O senhor é necessariamente realista!

— Não, senhor. Fui soldado nas linhas do Porto. Pugnei a favor da liberdade, synonimo de humanidade. Servi-me a mim, servindo as classes abatidas pelo privilegio. Se me enganei, a culpa não foi minha.

— Mas enganou-se... — atalhou Bartholo com má cara — A canalha é que reina.

— Mas com gravata, luva branca, espada, chapeu de plumas, e arminhos — ajuntou Fernando Gomes.

— E isso é bom? — redarguiu o fidalgo.

— E' bom como lição, como experiencia...

— E [depois? quando se quizerem emendar, era uma vez Portugal...

— Seremos hespanhoes, inglezes, ou turcos, mas com juizo — disse Fernando.

— Ahi está o patriotismo dos *malhados* — exclamou Briteiros.

— Basta de politica—interveio o principe de Monfort, a quem destoara a violencia da ultima phrase do ex-ministro da Alçada.

Fernando ficou pensativo a um canto do salão, meditando no appellido *Briteiros*. Sabia de cór os nomes dos signatarios do accordão que enforcou os academicos. Não lhe era extranho o feio aspecto d'aquelle homem. Devia ser elle: ouvira em Lisboa dizer que o mais façanhudo dos algozes vivia em Florença, com grande luxo, e segura posse de seus bens na patria. Odiou-o; não poude mais fital-o em rosto. Pensava em sair da sala, quando Jeronymo Bonaparte lhe disse:

— Venha ver as suas lindas patricias, que desejam conhecer o portuguez... Mas tome tento em não argumentar com o pae. O senhor de Briteiros é contumaz inimigo do povo e da liberdade. Cá entre os meus hospedes francezes é conhecido por *Luiz XI*. O homem é um apologista das gaiolas de ferro para uso das avesinhas que cantam a liberdade. Detesta Lamartine, que escreveu contra a pena de morte, e defende que a arvore da liberdade deve ser cortada, torada, serrada e afeiçoada á maneira de forcas. Tem de bom que salga as suas theses com muita inepcia: gente emigrada não póde desprezar estes perrexis do riso, por isso o senhor de Briteiros é muito procurado. Agora vamos ver que duas flores saíram d'aquelle bravio matagal.

Approximou-se o principe de Eugenia e Paulina.

— Aqui está o seu patricio, minhas senhoras — disse elle, indicando a Fernando uma cadeira—conversem; espaireçam saudades da sua terra.

Retirou-se o apresentante, deixando o filho de Francisco Lourenço penosamente enleiado.

— Está ha muito em Florença? — perguntou Eugenia.

— Ha dois mezes, minha senhora.

— Lisboa é mais linda, não é?

— Lisboa é a patria; mas Florença é a perola do mundo — disse Fernando. — Não vi na Grecia vestigios de lá ter havido uma Florença; e, com tudo, a Grecia era a colmeia dos mais doces favos do mundo antigo. Aqui me parece que vejo resurgidas as delicias da Roma imperial, os jardins de Lucullo, os marmores jorrando espadanas de crystal, as thermas de Antonio, os...

Reteve-se Fernando. Reparou que o estavam escutando duas meninas, que, no ar do semblante, pareciam escutar idioma desconhecido. Que sabiam ellas de Lucullo e Antonio, as florinhas dos anjos, que da vida e mundo apenas conheciam o espaço perfumado de seus virginaes aromas? A ellas que se lhes dava de Florença, onde viviam tristes, com saudades do seu jardim de Lisboa, onde tinham cada uma seu canteiro, e em cada canteiro as plantas do seu amor? Seis annos havia que tinham deixado a patria, e ainda se diziam uma á outra: «Ainda veremos as nossas casinhas de murta? Já arrancariam as trepadeiras que se entrançavam em redor das janellas do

nosso quarto?» O que ellas queriam era ouvir falar de Portugal, de Lisboa, do seu palacio, e talvez das suas flôres. Conheceria Fernando as flôres que ellas tinham?

—Tem muitas saudades de Portugal?—disse Fernando.

—Sempre...—respondeu Paulina.

—E quem priva seu pae de voltar á patria?

—Elle não quer!—disse Eugenia—Tanto lhe temos pedido! Responde-nos sempre que só volta a Portugal com o sr. D. Miguel... Quando irá o sr. D. Miguel, sabe?

—Não sei, minhas senhoras... Parece-me que o sr. D. Miguel não pensa em lá voltar...

—Não?!—atalhou Paulina—E o papá a dizer que sim!... Então nunca lá tornaremos!

—Tornam, tornam. A final o pae de vossas excellencias vae sem a companhia do sr. D. Miguel, e supponho até que elle póde viver tranquillo sem a protecção do principe. As pessoas, que serviram o partido do sr. D. Miguel, teem toda a segurança em Portugal; d'isto deve estar sobejamente informado o pae de vossa excellencia.

—Diga-lh'o, sim?—tornou Eugenia.

—Não me atrevo a aconselhal-o; porém, se o sr. Bartholo de Briteiros quizesse ouvir o meu parecer, dir-lhe-ia que o partido liberal só persegue os seus proprios amigos.

As meninas não entenderam a doble intenção d'estas ultimas palavras. Fernando, em virtude do nenhum uso que tinha de trato com senhoras, compunha sempre as suas phrases em estylo senten-

cioso, como se as estivesse palestrando com philosophos ou politicos.

A mim, comtudo, o que mais me espanta é a facilidade com que Fernando Gomes dizia aquellas coisas, mais ou menos convinhaveis ás pessoas com quem falava! Não o insandeceram duas mulheres que eram lindas a capricho de Deus! Poder estar assim um mortal, razoando em termos communs, diante de espiritos para quem se fez a linguagem mellica do madrigal, a poesia, como ella é no Oriente, e como os hebreus a saberiam lêr no cantico dos canticos! Pois não tinha elle olhos, á mingua de coração! Acaso o temperamento lymphatico póde tanto que as imagens objectivas se não espelhem na retina, e o coração não tome conta dos filtros que os olhos lhe côam como arames abrazeados de electricidade?!

Eu sei cá!...

Fernando, passado um quarto de hora, saiu do lado das filhas de Bartholo de Briteiros, e desceu ao gabinete do principe, onde sua alteza estava fumando e tratando assumptos litterarios com artistas, poetas, e eruditos de differentes paizes.

O principe chamou-o á sua beira, e segredou-lhe:

—Pois fugiu-lhes?! Não o entretiveram as patricias? Já sei o que foi: as pequenas não sabiam nada de Roma e Grecia... Mas lindas de véras, não? Qual lhe parece mais moldada pelos velhos typos da sua predilecta Grecia?—disse Jeronymo Bonaparte com jovialissimo rosto.

—São formosas como portuguezas—respondeu Fernando Gomes—mas em Londres seriam me-

driocremente graciosas. Os typos gregos eram menos correctos; todavia a fórma antiga, como a estatuaria a perpetuou, exprime os estupendos lances das tragedias que não se adivinham nas physionomias aperfeiçoadas pela lima das gerações. As cabeças de marmore parece que ainda fremem cheias de vulcões. O busto das Aspazias, Corinnas, Faustinas e Cleopatras dardejam fogo d'aquelles pedaços de Carrara e Paros. A mulher viril da esplendida antiguidade, conforme a civilisação a veiu entronando atravez dos seculos, mais e mais se foi amollentando em feminilidades. Ganhava em prestigio o que perdia em realeza de forças. A mulher esculpturada em Roma e Grecia, ainda amante e amada, incutia pavor aos seus sacerdotes; a mulher dos nossos tempos é uma creança que se quer acariciada e bajulada como se as graças da infancia lhe aquilatasse o merecimento.

— Parece-me porém—interrompeu o principe de Monfort—que as vantagens são a favor da mulher comtemporanea, da mulher mulher. Que entende o cavalheiro?... As suas patricias, a meu vêr, são perfeitas mulheres para se amarem sem inveja de gregas e romanas...

— Certamente.

— E saiba que teem sido pretendidas de grandes senhores da França, da Polonia, e da Italia. E o avarento pae não as cede ás mais remontadas stirpes nem aos mais abastados concorrentes. Fidalgo diz elle que o é dos mais antigos das Hespanhas; e, como o senhor Fernando sabe, o Creador ordenou, quando fez ou refez o globo, que a Hespanha

ficasse sendo um estanque de fidalgos retemperados por sangue ostrogôdo, alano e suevo, sangue barbaro, que teve quatro mil annos a sua nobreza escondida nas florestas do norte... Advirto-o, meu amigo, d'esta avareza do senhor de Briteiros, que não vá succeder apaixonar-se o senhor por alguma das suas patricias!... Eu ficaria com eterno remorso de o ter apresentado, se o visse ámanhã a braços com um amor funesto!...

Fernando Gomes sorriu-se das graciosidades do principe, e saiu, pouco depois, do baile.

No restante d'aquella noite não viu Grecia nem Roma. Por sobre os vastos destroços, que compunham as necropolis da sua memoria, adejava um cherubim em nuvens de perfumes, era tudo primavera com seus devaneios; flôres e mocidade e verdura em tudo: de tudo tirava esperanças que lhe chamavam a alma ao futuro. O passado, então, pareceu-lhe melancholico: a poesia dos imperios pulverisados avultou-lhe como horrenda soledade; e o sol do dia seguinte encontrou-o ainda buscando no esplendor das suas visões o cherubim, que era, em todo o rigor da fidelidade, a imagem de Paulina Briteiros.

VI

Tinha expirado o prazo da viagem, estipulado por Fernando, e aceite por seu pae. No penultimo mez dos dois annos, recebeu o moço carta de Francisco Lourenço, instando por sua ida antes de concluido os dois annos, se possivel fosse. O artista dizia assim em sua carta:

«Está pactuado o casamento de tuas irmãs.

«Gracinda casa com um official de secretaria, ra-«paz de bom proceder, e familia honrada. Genoveva, «não menos feliz, vae unir-se a um capitão de mar e «guerra, homem já entrado na edade, mas muito es-«timavel, e muito do agrado d'ella. O prazer de nós «todos seria que assistisses a esta festa, e enxugas-«ses as lagrimas de teus velhos paes, quando as duas «meninas, na mesma hora, se apartarem de nós! A «estas dôres chama o mundo *festas*. O apartar-me

«de meus filhos quer o mundo que eu o festeje, «como se approximasse mais de minha alma! Que «tristeza será a d'esta casa se tu aqui não estiveres, «filho! Que direi eu ás lagrimas de tua mãe, e ella «ás minhas!... E' preciso que nos ampares a am«bos: aos teus braços é que ambos pediremos força «para acceitar com resignação esta dôr obrigatoria, «pela qual alguns paes recebem parabens! Não me «detenho a pedir-te que venhas. Surda estaria a tua «alma se não ouvisses os dois velhos que te estre«mecem...»

....

Eu podia escrever muitas paginas soberbas de hyperboles, umas minhas, e outras copiadas, para dizer quanto Fernando amava Paulina; porém, n'essas muitas paginas, seria tudo pouco para dizer tanto como n'esta linha: *Fernando leu a carta de seu pae, e não sahiu de Florença.* Isto vai sem ponto de admiração, porque eu, em materia d'amor, estou como Horacio a respeito de tudo mais: *nihil mirari.* Maiores desatinos que o de Fernando Gomes reclamam indulgencia das almas bem formadas, almas que não sejam raio de luz sem calor n'uma pouca de lama, ou humano barro, que dispara no mesmo.

Fernando mentiu a seu pae: disse que estava enfermo de febres, apanhadas em Roma nas lagôas pontinas. E mentiu sem vergonha de si mesmo! A celebrada honra de Epaminondas é a fabula mais paradoxal da antiguidade. Amasse elle uma Paulina, e estivesse em Florença, em Florença que, no dizer do author de *André Chénier*, «é como a Circe que maneata os forasteiros de invisiveis liames,

lhes dá continuada festa de musica, paisagens, perfumes, pompas e mulheres, a fim de incutir-lhes o esquecimento do seu paiz!...»

Fernando fugiu ás musicas e aos perfumes da magica cidade. O seu amor era taciturno e solitario, como um luto de saudade inconsolavel. Nascera em rebentações de fogo como as lavaredas da Sicilia. Estava debaixo do céo italiano; incubou-se d'aquelle fogo, bebeu a peçonha da immensa mansenilha, que braceja serpentes de mortal amor por todos aquelles remansos fataes de Genova, Piza, Veneza e Napoles. O céo esperara-o n'aquelle ponto para lhe emborcar d'um jorro todo o amor, que lá em cima é glorificação, e cá em baixo inferno. As flôres de sua alma desabrolharam das mil côres da esperança, e no viço de primeiras; mas logo amarelleceram. O formidavel «impossivel!» bateu-lhe na cabeça e peito, para que a razão e o coração morressem a um tempo. A razão morreu para não reagir. O coração vivia com centenares de cabeças como a hydra. O coração é a salamandra de seus proprios incendios; lacera-se, como o pelicano; de cada golpeada tira golfos de sangue, e n'este sangue medram esperanças, cada dia mais infernadas. Este é o amor maldito dos que amam, como amava Fernando a creatura divinisada por todos, isempta de todos, vigiada pelos olhos coruscantes do velho, que tinha coração de pae, com ferocidades de rei das selvas, velador dos seus leonculos.

Seria este maginar impossiveis uma hallucinação do nosso homem? A gente mais sisuda e mais desbaratada em lidar com o mundo não lhe acontece

tantas vezes fazer pé atraz, diante de travancos que uma borboleta transmonta a brincar por entre arbustos floridos? N'este artigo de mulheres, quantas vezes se nos figuram castellos roqueiros umas sobrancerias que lá ao pé se alhanam como relvados macios, planos, chãos, e todos desentranhados em boninas, que se estão como offerecendo ás solicitas abelhas, e até a zangãos damninhos!

Ora vamos ver se Fernando cae das alturas por onde se anda após do cherubim, e vem cá baixo á estrada coimbran, ao amor rameraneiro, de theor e modo que o estylo possa assingelar-se o necessario para ser bem entendido e estimado. Fuja todo o romancista de entender com personagens que trazem a cabeça de telhas acima: a nossa linguagem lusitana é pouco para exorbitancias taes. Os francezes dizem tudo o que querem, e até o que não ha, nem tem ideia correspondente. Os allemães tambem. Cá entre nós, boa gente do velho Portugal, gente que é toda vulgo nas paixões quotidianas, quem quizer remedar extrangeiros nublando os ares com fumaças de idealismo, despega em tolice tamanha, que não será assombroso fecharem-se-lhe as portas da academia real das sciencias, ou negar-se-lhe venera da ordem de S. Thiago da Espada! Não póde ir mais longe o menos preço dos parvos.

Paulina via todos os dias Fernando na *piazza di Dome*, sobre a qual se abriam as janellas dos seus aposentos. Chamava logo a irmã, clamando pressurosa:

—Vem vêr o nosso patricio, Eugenia!

Assentavam os cotovellos no peitoril do balcão

de marmore, e alli se quedavam como duas rolas, a contemplar o portuguez, que as cortejara, e parecia te-las logo esquecido. Não ousava elle fita-las segunda vez! Remirava-as por entre os grupos: e o espaço aereo d'entre quatro cabeças era a suprema ambição do moço, a entre-aberta do céo nas visões de um santo anachoreta.

Algumas noites as filhas de Bartholo de Briteiros viram Fernando no palacio Orlandini.

—Que terá elle que nos não procura?! —dizia Paulina a sua irmã—Mas repara que não dá preferencia a ninguem!

—E' tão triste aquelle homem! Serão assim todos em Portugal?—dizia Eugenia.

—Faz-me pena aquella tristeza! acudiu Paulina.

N'outra noite a compassiva filha do fidalgo disse á irmã:

—Chamemo-lo, sim? não parecerá mal?

—Não; pois que mal é chamarmos o nosso patricio?

Eugenia fez signal a um francez, que não era principe, nem duque, nem se quer especieiro rico: era um pintor, um amigo querido de Bonaparte.

—Senhor Leopoldo Roberto—disse ella—conhece aquelle portuguez que está falando com a princeza Carlota?

—Fernando?... Conheço-o desde que elle chegou a Florença—respondeu o palido mancebo.—Achei-o um desgraçado.

—Desgraçado?!—atalhou Paulina.—Que infortunios são os d'elle?

— Os extremos: os do amor sem esperança — respondeu o pintor.

Paulina encontrou os olhos de sua irmã, que pareciam dizer-lhe: «ouves?»

Leopoldo Roberto esperou novas perguntas das meninas. Passados minutos, aventurou-se o artista a perguntar:

— Pois não conheciam o seu patricio?

— Foi-nos apresentado pelo principe de Monfort —disse Eugenia—mas dos seus infortunios não sabiamos.

— E' de Florença a senhora que elle ama?—perguntou Paulina.

— E' de Portugal.

— E elle está em Italia?!—accrescentou Eugenia —porque não vae então para Portugal?

— Andará a viajar para conhecer se ella o ama, e sente a ausencia—disse Paulina.

— A dama está em Florença. A formosa Paulina conhece-a.

— Eu!...

— Sim, minha senhora. Digo-lhe o grande amor de Fernando, e peço-lhe que o salve.

O pintor ia retirar: Paulina exclamou:

— Venha cá... explique-me esse mysterio... Eu conheço a senhora portugueza que Fernando ama?!

— Os anjos de innocencia nem mesmo tem o coração que adivinha?—replicou Leopoldo—Hei de eu por força dizer-lhe que Fernando queria morrer sem que a imprevista Paulina soubesse que o matava?!

As meninas não proferiram um monosyllabo.

Leopoldo, o ascetico amante de Carlota Napoleão, approximou-se de Fernando, que falava com a princeza. Levava nos olhos uma alegria desusada. Carlota mudou de local, e o pintor disse a Fernando:

—Quebrei o encanto. Paulina sabe que a amas. E' bom que estas mulheres se glorifiquem com saberem os nomes das victimas. Morrer obscuramente!... morrer ignorado da mulher por quem diluimos a vida em lagrimas de sangue! Isso não! é preciso abrir larga fenda no peito, arrancar fóra o coração, e mostrar-lh'o. Então sim! ao menos servimos á gloria da mulher que se amou. Ella, se não póde dizer «amei-o,» diz «matei-o!» e póde ser que o diga com piedade; venha, pois, essa piedade posthuma, que deve ser regalo do cadaver! Que maior serviço posso eu fazer-te, amigo?

Fernando apertou convulsamente a mão de Leopoldo, saiu aos jardins a dilatar o peito, a desdobrar da alegria que vos commove como os assaltos do medo. O pintor não o seguiu, dizendo:

—Vae só, que eu não tenho alegria nem lagrimas que esconder. Recorda-te sempre de mim: propiciei-te o idolo em cujas aras era desconhecido holocausto. Agora pódes acabar, que cumpristes a tua missão. A minha ainda está imperfeita.

Para que o leitor me não tome como cousa de destemperada imaginativa este Leopoldo Roberto, pintor francez, amante de Carlota Napoleão, peço-lhe que abra um livro de Eugenio Pelletan, o qual livro se chama *Horas de Trabalho*. Ahi, por algures, achará em resumo, n'aquella linguagem diamantina do illustre professor de philosophia, a his-

toria dos amores; e, logo na pagina seguinte, a historia do suicidio do pintor.

Hão de ver como elle atirou com o peito ás puas do despedaçador IMPOSSIVEL, e arquejou voluptuariamente n'aquellas agonias, sem esperança de sentir a mão da princeza enxugar-lhe o suor glacial. Reparem no quadro que elle aperfeiçoou na vespera do seu dia final. São scenas campezinas: obreiros que vão ás eeifas e voltam dos campos coroados de espigas. Oh! que formosissimas visões atecedem os paroxismos do talento! Que lucido agonisar o dos genios? Quem ha de crêr na mortalidade da alma, quando ella assim se rejubila ao pé do golfão em que o corpo se despenha como pedáço de materia postulosa e tábida?

E não te salvou o anjo da arte, ó poeta das primaveras, dos arreboes, e dos crepusculos? Não tinhas uma Galathea em cada uma das tuas camponezas? Não te palpitavam aquelles corações debaixo da palheta? Já sabias que a tua immortalidade estava á porta do seu templo, para abrir-t'o logo que a lousa te batesse em cheio sobre o craneo estalado pela bala?

Que princeza te valia uma inspiração das tuas noites desveladas!

Quantas rainhas de virtudes deixaste lá em baixo escondidas nas florestas que perpetuaste em teus quadros!

E não as amaste, como prodigo, e as déstes ao mundo, que t'as ama e as adora nas galerias, nos museus, nos empórios das summas maravilhas do *bello*!

Olha ahi por esses palacios de principes, na Florença, em que premeditaste morrer, olha ahi como as turbas se enlevam no teu genero immorredoiro!

E vê tu quantas princezas, como a tua Carlota Napoleão, desceram do solio ao exilio, do exilio á tumba, da tumba ao esquecimento; e os teus poemas ficam; e o teu espirito revive em céo e terra, e o homem pára diante da tua sombra, e deplora que uma princeza não subisse a ti para tu não desceres a procura-la no bojo negro do teu inferno, ou nas explendorosas serpes da chamma em que te abrasaste, ó crysalida d'um anjo!

VII

Queremos agora vêr como procede o portuguez. A poesia do mysterio está aguada. Descerraram-se d'entre as nevoas as duas estrellas que devem approximar-se ou repellir-se. A constellação é mais de esperar, quando os prenuncios são d'esta ordem.

Tenha-se em seus brios, Fernando Gomes! Portuguezes são pouco dados a beberem trago a trago uma prosaica morte em ideaes mysterios! Costumâmos abrir o coração e despejar á flux quanto lá ha. Se nos desdenham, a dignidade propria nos rehabilita. Se nos acolhem, damos pelo commum excellentes maridos, carinhosos paes, e preciosos jarretas na velhice.

Romances d'amor, que desandam em morte de tuberculos moraes, não pegam cá. Isto é terra de Hespanha e o céo de Italia, como diz o mais poeta dos portuguezes, o dulcissimo Castilho. Ama-se como

na Italia, e entendia-se como em Hespanha. Quem quer saber o que é amar em Italia, leia Byron em Veneza, e Henry Beile em todos os seus romances, e peculiarmente na *Physiologia do amor*. Eu gosto de indicar as fontes limpas, para que me não attribuam aguas sujas, nem acoimem o romance de hoje em dia de pêco e ôco de conhecimentos uteis.

Ora vamos lá ao conto, que está a meada a desencadilhar-se.

Fernando Gomes venceu o seu pejo, e voltou dos jardins ao salão. Um francez, desconhecido d'elle, perguntou-lhe se era o portuguez Fernando.

— Sou o portuguez Fernando — disse o moço.

— As suas patricias encarregaram-me de perguntar a Leopoldo Roberto se o senhor sahira; Leopoldo Roberto não sei onde está: porém, como encontro o senhor, creio que lhe dou prazer communicando-lhe directamente os cuidados das senhoras de Briteiros.

Fernando agradeceu affectuosamente a urbanidade do francez, e convisinhou das meninas, a tempo que chegava Bartholo.

— Patricio e amigo — disse este a Fernando — não fuja da gente. Amigos, amigos, politica á parte.

— Eu não fujo de vossa excellencia — disse o moço côr de rosa, quanto rosas se alastram em rosto de homem trigueiro.

— Pois o senhor sabe — tornou Bartholo — que está um portuguez em Florença, portuguez dos bons tempos, e não o procura?!

— Vossa excellencia até hoje não me deu bastante afouteza para solicitar tamanha honra.

— Vá quando quizer. As minhas portas estão francas a quantos portuguezes, realistas ou não realistas, quizerem visitar um portuguez que honrou sua patria! — Ora o senhor, que saíu ha dois annos de Lisboa, ha de dizer-me se lá viu meninas mais galantes do que as minhas filhas!

Fernando córou outra vez, e tartamudeou; as meninas sorriram; e o pae insistiu na pergunta com certo desplante que não vae mal em velhos folgasãos, e até faz gosto ouvi-los n'estas liberdades, quando se fundam em muito amor ás filhas.

Fernando respondeu:

— Posto que eu conhecesse pouquissimo a sociedade de Lisboa, digo, sem receio de baixa lisonja, que as filhas de vossa excellencia seriam em Lisboa, como em toda a parte, bellezas distinctas.

— São a pintura da mãe — atalhou Bartholo. — Minha mulher foi a dama mais linda de Portugal. Deixou-me estes anjos para me ampararararem. Se não fossem ellas, eu tinha-me atirado á cova que m'a roubou!

Assomaram subitamente lagrimas aos olhos do quinquagenario. Fernando hauriu prazer d'aquellas lagrimas. Porque? O moço queria presuppôr coração, sensibilidade e affectos brandos n'aquelle homem que lhe avultava de bronze á phantasia.

Passou Bartholo o lenço pelos olhos, e continuou:

— E ha por ahi quem se tenha lembrado de me privar das filhas!... Veem com a palavra «casamento» propôr afoitamente a um pae que rompa os laços de dezoito annos, que lance de si as suas

joias, a luz dos seus olhos, o ar do seu peito, e as deixe ir nos braços de uns libertinos fatigados, que as viram hontem pela primeira vez, e ámanhã lhes voltarão a face com sobranceria de maridos! E' horrivel este systema de organisação social! A sociedade não se sustenta senão á custa d'estes roubos legaes feitos ao coração de um pae. E isto se chama manutenção da moral!... Deixa-la ser! As minhas filhas são a minha vida. Em quanto eu respirar, quero ve-las, quero te-las ao lado do meu leito de agonia. Custaram-me muito. Ficaram sem mãe muito tenrinhas. Criei-as eu nos meus braços: passava as noites com o ouvido collado á fechadura das alcovas onde dormiam as amas, para, assim que os anjinhos chorassem, acordar as mercenarias creadas. Isto fazia eu, senhor Fernando, quando negocios importantissimos de estado dependiam das minhas vigilias. Cresceram aquecidas pelo meu bafejo. Trouxe-as desde os seis annos na minha carruagem, quando ia aos tribunaes; não as confiava de ninguem. E queriam roubar-m'as agora que estão feitas, lindas, e ricas de felicidade e alegria para me retribuirem o muito que soffri por ellas!... Ainda bem que nenhuma me tem sido ingrata. Quando rejeito os pretendentes, adivinho-lhes a vontade d'ellas. O maximo prazer que me dão é serem dignas de illimitada confiança. Dizem que as vigio; tem-n'o dito o principe de Mònfort; é falso, é calumnia; ellas ahi estão que o digam. São senhoras das suas acções: vão onde querem: ordenam seus passeios e visitas; e eu sigo-as com a docilidade e contentamento de uma creança. Am-

bas ellas sabem que me matam no momento em que me deixarem; e por isso Florença, Londres, Paris tem sido para minhas filhas como desertos... Coitadinhas! querem ir para Portugal; teem saudades de não sei que ninharias pueris!... Deixae estar, filhas, lá iremos, lá iremos em dias mais ditosos. A justiça ha de vencer, porque sois dois anjos, e estaes da parte da justiça. Tendes muita vida para largas esperanças. Voltaremos a Portugal talvez mais cedo do que vós mesmas ambicionaes. O rei... Agora reparo que estou falando com um soldado *mindeleiro*...

— Não, senhor — atalhou Fernando — não posso gloriar-me da façanha do Mindello...

— Façanha!... Ora essa! que façanha?!

— Coragem, atrevimento, se vossa excellencia antes quer...

— Qual coragem!... O senhor então não sabe a historia contemporanea... Fale-me de traições, se quer que eu lhe explique a façanha do Mindello, que, espremida na mão imparcial d'um critico, dá de si um heroismo negativo, uma pagina de historia que, d'aqui a cincoenta annos, quando os taes sete mil e quinhentos tiverem morrido, será reduzida á data do desembarque d'um principe foragido do Brazil, e mais nada...

Fernando Gomes estava escarlate, e reteve-se a ponto de murmurar apenas:

— A historia não se faz assim. Vossa excellencia está brincando!...

— Brincando!... interrompeu o membro da Alçada. — Creia o que eu lhe digo, que tenho o se-

gredo da rebelião desde mil oitocentos e dez. O senhor nasceu hontem: não sabe nada. Pegou d'uma arma, quando naturalmente largou a espada de folha de flandres, e a pistola de matar moscas...

Paulina fitou os olhos em Fernando, e fez com elles e com os labios a mais ameigadora supplica de silencio e tolerancia. O condecorado das linhas do Porto sorriu-se, já perdida a côr, e fez um gesto mezureiro ás galhofas algum tanto colericas do fidalgo.

Bartholo cahiu de seus azedumes, quasi furioso, na razão e arrependimento do excesso. Com brandos termos e rosto prasenteiro se desculpou, promettendo nunca mais fallar em rei nem roque; e ajuntou:

— Sabe o que faz isto? E' eu não ter portuguez com quem fale nas desgraças de Portugal, que tanto o são para gregos como para troianos. Estes emigrados francezes e polacos todos me falam dos negocios da sua terra, e ninguem sabe nada dos negocios da minha. Chamam-me hespanhol, e não querem acreditar que Portugal é uma nação que faz reis e desordens por sua conta e risco. Um francez a quem eu descrevi os tumultos de Portugal, desde que Napoleão lhe quiz lançar as garras, teve a petulancia de me dizer que qualquer poça d'agua suja, examinada com um microscopio, offerecia um rebuliço de vermes admiravel! Confesso-lhe, que se não tivesse duas filhas, havia de pôr a cara ao francez em apuros de ser examinada com o microscopio!

Fernando Gomes soffreando a indignação, sorriu-se. O seu primeiro assomo fôra pedir o nome do francez; reflectindo, porém, um momento, desculpou o atrevido com as objurgatorias ridiculas e talvez sanguinarias de Bartholo de Briteiros contra Napoleão, na propria casa de Jeronymo Banaparte, o irmão predilecto do imperador.

O dialogo terminou assim, sem que as meninas proferissem palavra. Fernando afastou se com tristeza, recordando as vehementes expressões de Bartholo, com referencia ao casamento impossivel das filhas. Quem, d'animo frio, ouvisse o cioso pae de Paulina, daria pouco peso aos termos acres e despoticos do velho: o mais racional seria preparar a rebellião no espirito da filha, e vingar assim a sociedade ultrajada pelo egoismo d'um tyranno de dois corações, sedentos de mais amoraveis affectos, e mirando a elles por providencial influxo. Fernando, porém, com o seu verdadeiro, e, por isso mesmo, timorato amor, ponderou como invencivel a vontade do pae, e inconquistavel a vontade de Paulina.

Estava elle engolfado n'estes pensares, a distancia visivel das meninas. Eugenia chamou-o, e disse-lhe:

— O papá affligiu-o com as suas rabugices?

— Não, minha senhora: eu respeito a paixão do senhor Bartholo de Briteiros.

— Olhe que elle diz assim as coisas; mas não odeia ninguem — disse Paulina. — Quando vae a nossa casa? Estimavamos muito vel-o, para conversarmos muito da nossa terra... Vá ámanhã, sim?

— Com o maior prazer... — balbuciou Fernando.

— Demora-se em Florença? tornou Paulina.

— Não sei dizer a vossa excellencia...

— Depende o demorar-se da vontade de sua familia? — perguntou Eugenia.

— Já desobedeci á vontade de meus paes. Eu devia estar em Lisboa a esta hora... Estou em Florença, e Deus sabe onde o meu destino me chama...

Se Leopoldo Roberto houvesse sido menos explicito com a filha de Bartholo de Briteiros, o tom em que Fernando respondeu á pergunta de Eugenia bastaria a manifestal-o. O silencio de ambas, e a meiga expressão de Paulina foi tambem para elle sobeja prova de que o tinham comprehendido. Os dois corações, n'aquelle instante, esposaram-se em mysteriosas delicias. Tinham-se revelado tudo no magnetico relance d'olhos que se trocaram. Aquellas almas ou se haviam mentido, ou identificado para sempre. Nenhum d'elles assim o pensava. Nós, os que estamos de fóra, é que sabemos decidir d'estes vinculos eternos, e raro nos illudimos. Pena é que cada amante não traga á sua beira um observador, bastante martellado n'estas psycologias, para desde logo caminhar em terreno seguro, com a sibylla ao lado.

— Se elle te ama?

— Sim...

— Pois não vês?! Eu ia jurar que sim... E tu? tu é que devéras gostas d'elle...

— Penso que sim... E de que serve?!... Este amor que o pae nos tem, é uma prisão! Todas as meninas da nossa idade tão felizes!... e a gente n'esta melancholia, a dominar as inclinações... para o não desgostar! Os outros paes não se importam.

A gente vê tanta gente alegre com seus maridos! pois não vê?

—Pois sim; mas tu que queres, Paulina? O pae não nos deixa casar...

—E' porque a gente não se tem importado...

—Estás enganada.... O pae soube que eu gostava do conde de Rohan, e fingiu que não o sabia. Lembras-te? Uma vez disse-me que se eu amasse alguem em Florença, ia immediatamente comnosco para a Azia! Quando tu em Paris gostaste d'aquelle emigrado portuguez, não viste como elle sahiu logo para Londres?

—Depois, o Albuquerque foi ter a Londres—atalhou Paulina—e o pae foi logo para a Escossia.

—E' verdade; e depois, diz a toda a gente que as grandes cidades são desertos para nós! Tu verás, Paulina... Se elle desconfiar que amas Fernando, leva-nos para a Russia...

—Isso leva!

—Então, vê lá se te sabes esconder; e, se fallares com o Fernando, diz-lhe que seja acautelado, senão...

—Como hei de eu falar-lhe?! Não vês que o papá já hoje me perguntou o que hontem estivemos a falar com elle na *soirée* do principe?... Já me lembrou escrever-lhe duas palavras...

—Ai! escrever-lhe!—atalhou Eugenia assustada.

—Pois então? isso que tem? é crime?

—E se o papá vem a saber que lhe escreveste?

—Quem lh'o ha de dizer?...

—Agora é que eu vejo que o amas seriamente, Paulina.

— Amo: de ti não me escondo, Eugenia.

— Pois então, se queres, escreve-lhe.

— E que hei eu dizer-lhe? Eu nunca escrevi... Tu é que já sabes, minha Geni.

— Diz-lhe que não denuncie que te ama: senão que o papá nos tira logo de Florença.

— Só isso?!

— Pois que mais? Quando elle te escrever, então responderás...

....

Este dialogo, que parece estirado, correu em menos de quatro minutos. As meninas pediram ao pae licença para subirem do jardim a casa.

Ora aqui tem o leitor como conversam os anjos.

Quem, com ouvidos corporaes, ouvisse aquellas meninas, havia de suppor que estavam alli duas creaturas vulgares, como todas as que procedem de Eva, que dialogava com serpentes, e comia fructas da sciencia do mal! Cumpre saber que os anjos, em quanto perigrinam cá por estes pantanos do globo, fallam segundo ouvem fallar. Parece que ao descerem do céo, trazem, como regra, o anexim: *cada terra com seu uso*. A gente não acaba de capacitar-se d'isto!

VIII

Demoremos em Portugal algum espaço. A imaginação, que tem andado acorrentada aos apontamentos lá por essas terras lindas, mas alheias, já tem saudades das suas.

Cá estamos em Lisboa na calçada do Sacramento, em casa do artista Francisco Lourenço.

Estão os dois velhos á meza, onde o almoço lhes arrefece. Nenhum põe mão na comida. Encaram-se, e choram. Gracinda e Genoveva sahiram hontem para casa de seus maridos. Alli estão as cadeiras d'ellas, e sobre a meza as chavenas do almoço, e os guardanapos que lhes serviram dois dias antes.

— E sahiram sem lagrimas! — disse o artista, com a voz golpeada de soluços.

— Como eu saí de casa de meus paes para a tua... — respondeu a mulher.

— Mas que tristeza... que solidão esta, Ma-

ria!... Nem as filhas! Nem agora, Fernando... de mais a mais enfermo, tão longe de nós! Que fins de vida os nossos, mulher! Como eu de longe via isto tão differente! Falava-te no prazer de acabarmos entre filhos e netos! vê tu! ninguem, ninguem comnosco!

— Tem paciencia, homem, tem paciencia! Fernando ha de vir logo que esteja bom. As pequenas prometteram passar o domingo comnosco. Para a primavera, vamos todos para o Cartaxo. Não te afflijas, Francisco. Isto, assim triste e sósinho, é hoje. A gente afaz-se a tudo.

— Afaz-se á ingratidão dos filhos? interrompeu o artista.

— Ingratidão! Não é ingratidão! As meninas casaram com o teu consentimento: não foram ingratas.

— Sairam sem verter uma lagrima.

— Pois que queres tu? O Evangelho não diz: «deixarás pae e mãe»? Deixaram pae e mãe por seus maridos. E' lei da natureza. Que havemos nós fazer-lhe? Almoça, Francisquinho, almoça.

— E tu que fazes? porque não almoças?

— Que queres tu! Não posso. Tenho um nó na garganta... Tambem eu... E Fernando longe de nós, Maria!... Que te diz o coração?

— Que não tarda ahi. Talvez já venha a caminho. Se vier, não temos carta para a semana. Se estiver ainda doente, escreve-nos. Depois nos lastimaremos homem... Não tentemos a Deus.

A carta, não desejada, chegou. Fernando dizia *estar ainda* doente, e não poder assignalar o tem-

po da sua volta. A linguagem era triste: dir-se-ia que a mentira lhe custava lagrimas. Os paes inferiram da tristeza a gravidade da doença. Francisco pensou em ir á Italia; porém, doía-lhe deixar sua mulher sósinha, doente de saudades, e mais lastimosa que elle. Esperou nova carta, contando os minutos por ancias, que o avelhentavam rapidamente. Ia, com sua mulher, buscar allivios a casa das filhas: encontrava uma e outra contentes, cuidando das suas occupações domesticas, cariciosas para os maridos, e levemente commovidas com às afflicções dos paes. A linguagem d'uma era a da outra:

—Não se inquietem, que o Fernando ha de vir. Póde ser que nem esteja doente. Anda por lá a divertir-se, e vem quando estiver farto.

Os velhos sahiam mais acabrunhados das frivolas consolações das filhas e genros.

Passadas semanas, chegou nova carta. Fernando, aconselhado pelos medicos, ia convalescer para Napoles; e, logo que estivesse restaurado, voltava para Portugal, immediatamente. Era o resumo da carta; mas o dizer era mais escuro; a espaços lhe tinham fugido uns desmentidos á falsidade. Taes como: *Tenho desejado a morte: o futuro é negro, mais negro que a sepultura.* E n'outro relanço: *Eu nunca devia ter saido da nossa casa de campo. A má estrella não me acharia n'aquella obscuridade.* E, finalmente, rematando a carta, dizia: *Quem sabe se eu tornarei a ve-los, meu querido pae, e minha santa mãe?... Tenho presagios terriveis....*

Era para muita pena vêr os dois velhos, cada um a seu lado, com o rosto entre as mãos, arrancan-

do soluços e exclamações, que ninguem consolava!

— Que mal fizemos nós a Deus! — clamava Francisco. Não fui eu sempre bom filho, bom marido, e bom pae? A quem fiz eu mal voluntario d'este mundo? Quem se queixa de mim do céo para me ver assim, e te ver ahi, pobre mulher, sem consolação de tuas filhas? Que desgraças são estas de Fernando! — proseguia o artista, relendo a carta. — Na doença pouco falla: nunca me disse que doença tinha... *Tenho desejado a morte; o futuro é negro, mais negro que a sepultura!*... Vê tu estas palavras, Maria! Eu não lhe tenho faltado com as ordens do dinheiro muito a tempo. Já lhe escrevi, admirando e louvando que elle gastasse muito menos do que esperava. Tem tudo o que quer de mim, e ha de ter, se Deus me não transtornar a vida, meios abundantes para viver com decencia... Então por que se chora elle? que *má estrella o persegue?* porque *não ha de tornar a ver-nos?*

— A mim...—atalhou Maria—certo é que não... Pouco tenho de vida, Francisco...; mas olha, meu filho, sabes tu o que me lembrou agora de repente?...

— Dize, Maria...

— Estará Fernando por lá apaixonado? Queres tu vêr que elle olhou para alguma senhora, que o traz em torturas, e o pobre rapaz não tem coração que o tire de lá para fóra?

— A fallar a verdade — disse Francisco — a idade das paixões é a d'elle... Póde ser que adivinhasses mulher, e oxalá que sim... Se a paixão *fôr bôa,* o resultado bom ha de ser; se fôr má ou

impropria d'elle, o tempo ha de cura-la... Mas isto não allivia a nossa dôr, Maria! Eu preciso de vêr Fernando; quero com a minha presença reduzi-lo aos seus deveres; não tenho meio de saber o que isto é, se não fôr em pessoa procura-lo. Deixas-me tu ir, mulher?

Maria deteve a resposta alguns segundos, expediu um gemido do fundo da alma, e murmurou:

—Vae, Francisco, vae, eu irei para casa de uma das filhas, se tu quizeres. Não te peço que me leves comtigo para te não dar que soffrer na viagem. Sinto-me muito doente. Vieram as afflicções juntas, e acabaram-me... Pois vae, e não te demores. Dize a Fernando que venha dar-me um abraço, que eu quero despedir-me d'elle; e, depois, que torne para onde estiver melhor.

Francisco Lourenço, sem mais preparativos que um passaporte e dinheiro, sahiu de Lisboa no primeiro navio que lhe deu passagem para porto de Italia.

IX

A gente não acaba de capacitar-se d'isto, diz o final do capitulo VII, a proposito dos anjos, que em pousando pé no mundo, perdem memoria do céo, e aclimam-se logo n'estes pantanos, cujas axhalações pestilenciaes teimam poetas em dizer que sobem a glorificar o Creador!

Vamos ao essencial.

Paulina escreveu um bilhete assim:

«O papá é muito desconfiado. Tenha muita cau«tella, se a separação lhe é tão dolorosa como a «mim. Não passeie na praça do Dome áquellas ho«ras. O papá dorme sempre desde as quatro ás «sete. Eu tenho uma creada de confiança a quem «póde entregar as suas cartas. Adeus. Guarde com «amor estas fiorinhas».

Dobrou em tira estreita o bilhete, e cingiu-o em volta das astes do ramo.

Veja agora a leitora, mais superciliosa em pontos de dignidade e pudor senhoril, como os extremos se tocam! O que o despejo e desenvoltura teria feito, é a innocencia e candura que o faz n'este caso, n'estes amores começados com tal qual originalidade! Aposto que nenhuma dama, amestrada em galanterias, escriptora de resmas sobre resmas de cartas amorosas, se affoitaria a escrever aquellas linhas sem previamente ter recebido irrefragaveis provas escriptas e oraes de uma paixão homicida! Escrever a um homem sem ter sido a isso mil vezes solicitada! ennodoar assim o amiculo virginal! dar uma menina a saber que é capaz de compôr um periodo com sujeito, verbo e caso!

Eu não louvo meninas que escrevem bilhetes, e se sujeitam a uma analyse de regencia; porém, não sei sobre que argumentos hei de fundar a censura. Não censuro, nem louvo. A moral é uma questão de felicidade, segundo as regras do dever n'este mundo. Ora, a meu juizo, a moral tanto se lhe dá que Paulina escrevesse primeiro a Fernando, como Fernando a Paulina. Além de que, a desmoralisação é o escandalo. Escandalo n'este facto, se alguem o dá, sou eu, que conto a historia; todavia, provando eu a final que o acto em si era innocente e as consequencias não desfitaram do mais honesto scopo, é justo que me descoimem do escandalo, e agradeçam a historia.

Em quanto á felicidade, segundo as regras do dever, sou a dizer-lhes que não ha nada mais incerto que as regras do dever em materia de felicidade n'este mundo. Muita gente vae direito á rasão pel

estrada do paradoxo. Outra muita gente, a fugir da absurdidade, quebra as pernas no barranco da rasão. Uma menina escreve um bilhete a um homem: o mundo sabe o, e vitupera-a. Outra menina faz-se vermelha de lacre ao receber a primeira carta de um homem: o mundo tem noticia d'um pudor tamanho, e cita o exemplo d'esta santa a quantas meninas o demonio tentador negaceia. Vae, depois, á primeira abre-se o coração de anjo, uns braços de esposo, e um horisonte de summa felicidade; e á segunda, que em solteira não ousara escrever duas linhas a furto de olhos maternos, depara-se-lhe um marido, que só viu n'ella o merecimento boçal de não saber calligraphicamente dizer que o amava! O primeiro pergunta á sua «Porque me escreveste» e ella responde-lhe: — Amava-te. — O segundo faz a mesma pergunta á sua; e ella, a pudica, a santa do pejo, ha de, por mais que tergiverse, responder-lhe: «Não te escrevi, porque me não merecias confiança». Uma exalta; a outra rebaixa; uma faz-se amar pelo duplo prestigio de sua innocencia; a outra deve entediar mais cedo que o costume, porque embaiu a gente, encampando como innocencia uma boa dóse de velhacaria. Ha muito d'isto; mas não é assim tudo. Já disse que regras fixas nenhumas ha. As meninas n'este ponto, consultem as damas virtuosas e illustradas. A mim não me chamem para coisa de tamanha responsabilidade. N'estes combates das paixões, os romancistas são como os escrevedores que os antigos cabos de guerra levavam comsigo para historiarem as carnificinas: ficam-se cá de longe alapados a verem o fogo, e re-

latam ao universo os varios successos. Tornemos ao essencial.

Fernando Gomes viu entrar as meninas na sala em que Bartholo de Briteiros lhe andava mostrando alguns bustos de Bartholini, famigerado esculptor de Florença, que cinzelara tambem os bustos de Paulina e Eugenia. Estava o magistrado encarecendo com voluptuoso enthusiasmo a Bacchante de Bartholini, que elle vira na galeria do duque de Devonshire, e contava d'um francez que chegara a Florença, e pedira venia ao esculptor para dar um beijo na sua Bacchante, beijo ardente que parecera filtrar fogo nos beiços marmoreos da lasciva tentadora.

Bartholo mudou de tom, quando ouviu o ciciar de sedas. Entraram as meninas, e approximaram-se do piano. Eugenia tocou: Paulina cantou uma aria da *Norma;* e, durante o alegro, como o chapeu de Fernando estivesse sobre a cadeira contigua ao piano, e os olhos de Fernando n'ella, e os de Bartholo em uma estatua da Sabina de João de Bolonha, a menina lançou no chapeu o ramo.

Fernando viu, e sentou-se, sentou-se violentado por umas caimbras de pernas. Parece que devia ser unicamente abalado o coração; mas estou em crer que homem amante é todo e em tudo coração.

D'ahi a pouco, eram horas de jantar.

Fernando ouviu o chamamento d'um escudeiro agaloado. Tomou o chapeu: não lhe podiam as mãos convulsas com o thesouro. Aterrava-o a magnitude da sua felicidade. O quei que era de idiota lhe desmanchava as feições. Bartholo convidou-o a

jantar ceremoniosamente. Fernando balbuciou expressões confusas de reconhecimento, ajustando bem cerradas com o peito as abas do chapeu e saíu.

Não lhe cabia o coração no quarto da hospedaria. Queria o sol, o azul do céo, os pinhaes, os vinhedos, e as flôres das margens do Arno como testemunhas da sua alegria.

A'quella mesma hora é que os dois velhos, na calçada do Sacramento, se abraçavam, debulhados em lagrimas, e diziam:

—Que mal fizemos a Deus!

Que faces a vida tem!

Fernando leu um poema em cada lettra d'aquelle insignificante escripto. *Insignificante*, digo! Injustiça de critico litterario, que só vê a magestade do entendimento humano nas ramagens floridas do estylo! Como *insignificante!* Cada palavra d'aquelle singelo bilhete salvaria Leopoldo Roberto, Chatterton, e quantos por amor se tem lançado nos braços da morte! Dae a cada desventurado, em transes de suicidio, um bilhete assim, de mulher como aquella, e eu vos restituirei um homem com vida exhuberante, com alma recaldeada para todas as adversidades, com amor a Deus e aos homens, retemperado de juizo para se predispor aos gosos da velhice, e d'uma numerosa posteridade — destino humanal mais efficazmente averiguado e demonstrado.

Ao escurecer, Fernando voltou a Florença, e velou a noite inteira, escrevendo. Quando os primeiros raios do sol lhe douraram a ultima pagina da carta a Paulina, a cabeça do moço, calcinada pela

febre da felicidade, pendeu sobre a mesa, e immergiu em não melhores delicias de sonhos.

Despertaram-n'o para lhe entregarem uma das succesivas cartas que seu pae lhe estava sempre mandando, quer por navios que saíam de Lisboa para França, quer pelo correio de Hespanha.

Que melancholica transição a da leitura das suas paginas arrebatadas para este chão e monotono escrever do artista:

«Lemos a tua carta com muita magua. Bem me «dizia o coração que tu não vinhas! A tua carta «entristece mais esta separação de tuas irmãs. Se «ao menos tivesses saude, Fernando! Mas doente, «sem me dizeres que molestia soffres, isto augmenta «a afflicção de teus velhos paes. Muito enfermo de«ves estar para, ainda com sacrificio, não accudires «á nossa saudade! Deus te allivie, e encaminhe «para nós.

«Vejo que essa cidade te prende mais que as ou«tras; mas foi-te ingrata, filho. Tiveste saude em «toda a parte, e só ahi adoeceste, dizendo-me tu «que era um clima celestial o de Florença.

«Talvez te prendessem as memorias d'aquelle «poeta que tu me lias, ha annos. Era Dante, se «bem me lembro; mas eu queria que o teu coração «de filho vencesse os prazeres do espirito; queria «que os não esquecesses por amor da sciencia.

«Isto não são queixumes, Fernando, não são. E «rabugice estar eu a ralhar comtigo porque a doen«ça te impede de vir. O que eu te rogo, e mando «filho é que, assim que as forças t'o permittirem «venhas dar contentamento á tua boa mãe, que

«está muito acabadinha, e mais depressa irá ao seu «fim, se desconfiar que nos esqueceste...»

A carta continuava assim por longo espaço de papel, manchado de lagrimas.

Fernando não tinha a força de alma que caracterisa os homens grandes. Estamos vezados a dar carta de grandeza a uns vermes que não teem lagrimas, nem se deixam alquebrar de vulgares contingencias da vida. O filho do artista depôz a carta, e murmurou:

—Meus queridos paes! como eu vos sacrifico sem saber a que!... Pude enganar-vos para me gosar das primicias de alguma desgraça!

E, respondendo a esta carta, escreveu aquella em que transluzia a muita acerba previdencia do seu futuro, com phrases incongruentes, e por virtude da qual Francisco Lourenço se fizera no caminho de Napoles.

X

O marquez de Tavira...

— Temos gente nova na historia?

— E' verdade, leitor. Chegou agora mesmo de Roma e Florença o marquez de Tavira, aulico da côrte do proscripto, emigrado desde a convenção, do primeiro sangue de Portugal, sujeito de quarenta annos bem conservados, que parecem trinta, arruinado desde o seu setimo avô, mas ainda rico de umas riquezas inexauriveis de fidalgos portuguezes velhos — a gente de mais industria e artimanhas que eu conheço — não desfazendo nos fidalgos portuguezes novos, que estes, para se esquivarem á arguição de terem avós, avós arruinados, começam por não terem avós, e renegam os paes como logicos que são. Este periodo é de abafar!

O marquez de Tavira hospedou-se em casa de Bartholo de Briteiros. Não se viam desde 1832. Conheciam-se do paço, tratavam-se de *tu*, e tinham

rapaziadas communs, posto que Bartholo se lhe avantajasse em onze annos.

Mania fôra sempre de Briteiros aparentar-se com Cogominhos de Tavira. O marquez dizia que seu avô falava no parentesco dos Briteiros da casa de Robordochão; e, dito isto, regularmente pedia a Bartholo dinheiro, e Bartholo dava dinheiro ao primo marquez, que era expansivo, quando embriagado; e embriagado nas orgias de Queluz, Salvaterra e Alfeite, costumava rir de Bartholo de Robordochão, que dava metal amarello a troco de sangue azul.

O marquez, desde a convenção em que largara a espada de coronel de artilheria, vagueara por França e Belgica, destroçando o restante do patrimonio vendido pelo terço do valor. Depois fôra a Allemanha em cata do senhor D. Miguel de Bragança; e, como encontrasse pobre o real exilado, invocou o seu inquebrantavel espirito e aproou para Florença, onde o chamava a pascacice do primo Bartholo de Briteiros.

O acolhimento frizou com as melhores esperanças.

O marquez teve logo, e muito rogado a possui-los, bellos aposentos, dinheiro a granel, optima convivencia de duas meninas, que o festejavam com franqueza de primas, e as melhores relações de Florença.

Este incidente coincidiu com aquellas tristezas e alegrias de Fernando Gomes, na manhã em que fechava uma carta para Paulina, e abria outra de seu pae.

Bartholo, sedento de noticias, enguliu quantas mirificas pêtas o marquez inventou, concernentes a restaurar D. Miguel no throno. No dizer do industrioso hospede, a Russia estava a disciplinar-se para talar a Europa, e passar o rôdo sobre as corôas usurpadas. O ex-ministro da Alçada, como bebesse mais alguns calices de champagne, no auge de sua alegria gosou-se de visões deliciosas, entre as quaes, se a conjectura me é fiel, avultavam uns triangulos do caes do Sodré, e umas lavaredas do Campo de Sant'Anna. Bartholo quiz pôr luminarias; mas o marquez dissuadiu-o d'uma virtude, que pareceria ridicula a olhos extranhos: a virtude das luminarias!

Passeava, ás seis horas da tarde d'aquelle dia, Fernando na praça do Dome. Paulina estava na janella. Passados momentos recolheu-se, e reappareceu com uma creada. Fernando comprehendeu, e avisinhou-se. Paulina apontou pára o muro do jardim, e sahiu da janella.

Caminhou o moço, rente com a parede, e viu a creada debruçada no peitoril d'um caramanchão angular do jardim. Atirou-lhe a carta, e apanhou um bilhete que ella ao mesmo tempo deixara cahir, com uma *saudade*, flôr que, em parte alguma, tem o nome suave que portuguezes lhe dão.

Dizia o bilhete:

«A'manhã vamos para Piza, onde temos de passar alguns dias. Vae comnosco o primo marquez de «Tavira, que chegou hoje de Roma. Se não fosse «o medo e os conselhos da mana Eugenia, pedia«lhe que se fizesse encontrado comnosco. Seria te-

«meridade? Eu lerei muitas vezes a sua carta, sem«pre que puder fugir á vigilancia de meu pae. São «tres dias: paciencia! Mando-lhe uma flôr, que me «faz lembrar as da nossa patria... Ainda nos ve«remos lá, Fernando?...»

Seria temeridade? Este modo de perguntar, esta duvida em que Paulina ficava, teve Fernando na perplexidade de minutos em que o coração usa demorar as suas decisões. A ida do marquez com ella para Piza, o primo marquez, tres dias de ausencia com o primo marquez... Este primo marquez foi quem deu um empurrão em Fernando, pela porta fóra de Florença, caminho de Piza. *Seria temeridade?* seria; mas o contrario, o ficar, o estar tres dias sem ve-la ainda mesmo que o primo marquez não fosse, isso é que seria pusillanimidade, juizo de mais, excesso que mulheres amantes consideram coração de menos.

Fernando viu Bartholo e o marquez, com as duas meninas, entrarem no caleche. O de Tavira sentou-se em frente de Paulina. O filho do artista esperou que a locomotiva passasse rente por elle, e fitou o fidalgo, emquanto Paulina ia de rosto voltado para ve-lo. Seria já o ciume que lhe afuzilava nos olhos? O primo convencional dos Briteiros era, como já disse, um rapaz de quarenta annos, um gentil rapaz, quanto se póde se-lo, com um fardo de quasi meio seculo no espinhaço. As barbas intensas, nitidas, e negras, os longos cabellos á *Saint-Simon*, o porte soberbo, as fórmas fidalgas e significativas de destreza e força, as faces ainda rosadas, eram predicados de assustarem um amante de con-

pleição doentia, poucas carnes, estatura mediana, ar e olhar timorato, e outros attributos de que os authores de novellas nunca revestem os personagens fataes, ditos *leões*.

Assim que a serpe do ciume o mordeu, não havia já consideração que lhe estorvasse o passo. Fernando partiu para Piza, curta jornada de algumas horas. Passou na *piazza del Calvalieri*, para esperar, n'aquelle centro da celebrada cidade, a passagem da familia. Em que monumentos iria elle procurar Paulina? A'quella hora, a illustre familia de Portugal estava em casa da opulenta ingleza Smith, cujo palacio nas margens do Arno abria seus salões na noite d'aquelle dia. A que parte iria o triste moço, mais triste na soledade da terra estranha, onde elle, como de si dizia Méry, se julgava, ao meio dia, o locatario unico de uma grande cidade? Foi ao *Campo santo*, vasto jazigo dos que morreram lidando na conquista do sepulcro de Jesus Christo. Seria aquelle o local mais ajustado á sua dôr? Os tristes sem consolação, como que refugiados da vida, se travam em mysticas confidencias com as cinzas dos que passaram seu dia chorando e, alli enxugaram as ultimas lagrimas no lençol humido da leiva.

Ao entrar no cemiterio, Fernando recordou as palavras d'um illustre viajante, que tambem lá fôra a recobrar-se de alentos para arcar com a desventura do seu curto dia:

«O *Campo santo* exhala poesia de morte, a poesia do nada, a poesia da immortalidade. Este é o verdadeiro cemiterio do christão: não se sente aqui

a constricção d'alma que nos causa o tumulo do homem, suave e religiosa melancholia vae comvosco por entre as quatro galerias funebres, e vos inspira pensares de morte sem pavor. Este torrão não se desentranha em ossadas, nem o verme corroe as carnes: é terra milagrosa que preserva os corpos do insulto das herpes. Envolve-se em magnifico lençol de relvados floridos; inquadra-se em puras e graciosas ogivas do marmore alvissimo: é terra de Jerusalem sobre as galerias travadas; os cadaveres dos velhos christãos de Piza estão aqui santificados; é o leito de descanço dos homens fortes, que morreram em Deus, com a espada á ilharga e os rins ciliciados. Quão suave é este ciciar da relva que ressoa ao longo das galerias! Cuidaes ouvir psalmodia entoada por sombras, hymno de sepulcros escripto em linguagem, que, só depois da morte conheceremos.»

Mas não era cemiterio remanso ao soffrimento do moço. Ancias de coração não as suavisa a philosophia da morte. Aquillo serve para os que, n'outro ponto, deixaram fechada a sepultura de suas esperanças.

Passou arrastado o dia, sem que Fernando encontrasse vestigios de Paulina. Na manhã do seguinte dirigiu-se á praça onde se ergue a famosa *torre torta*, que o leitor tem visto pintada, e que o marquez de Tavira queria ver, mais que tudo. De feito, estavam o curioso emigrado e Bartholo e as meninas ao pé da maravilha, quando Fernando assombrou n'um angulo da praça.

Foi Paulina quem primeiro o viu, e trocou olhar

res de susto com Eugenia. Bartholo de Briteiros, que já muitas vezes admirara a inclinação mysteriosa da torre, estava mais attento nos palacios da praça, e, de relance, viu parado o portuguez.

—Aquelle não é o Fernando Gomes?!—disse elle ás filhas.

—Parece...—balbuciou Paulina.

—Quem?—disse o marquez.

—Aquelle patricio em que eu te falei, primo Tavira.

—Ah! o mindeleiro?—tornou o primo.

—Tal qual.

—Sempre lhe quero ver o bellicoso aspeito! Ainda não vi um dos sete mil e quinhentos roldões do Mindello—tornou o marquez, dando a saber que tinha sua tal qual instrucção do *Carlos Magno*.

Fernando, posto que tarde, simulou que não vira Bartholo, e foi indo lentamente seu caminho.

O fidalgo deixou as meninas com o marquez, e atravessou a praça, estugando o passo, para se avisinhar a distancia que elle o ouvisse chamar.

—Sr. Fernando! clamou Bartholo—patricio! Vae tão meditabundo! Parece que receia que a torre venha abaixo?!

Fernando olhou com bem fingida surpreza, e retrocedeu a comprimentar o fidalgo.

—Então por aqui!—disse o pae de Paulina.—Acolá estão as meninas, e meu primo o marquez de Tavira, chegado hontem de Roma. Venha cá, se quer conhecer um dos primeiros fidalgos de Portugal.

—Com muito prazer irei comprimentar um primo de vossa excellencia—disse Fernando.

— Aqui está o senhor Gomes — disse Bartholo ao fidalgo — filho de Lisboa, bacharel em direito, e bom rapaz, posto que mordeu muito cartucho nas linhas do Porto, na qualidade de soldado do batalhão academico, e é, aqui onde o vê, cavalleiro da torre e espada, valor, lealdade e merito!...

O sorriso, que envenenava estas palavras, queimou o sangue do filho do artista. Paulina tinha os olhos fitos n'elle, olhos de dôr e compuncção. Se Fernando os visse, daria graças a Deus pela angustia que lhe era premiada com a maviosa paixão d'elles.

O marquez gesticulou ligeiramente um cortejo de cabeça, e disse:

— Consta-me que em Portugal é toda a gente condecorada por façanhas das linhas do Porto!

— Toda a gente, não, senhor marquez — disse Fernando. — A's linhas do Porto não foi toda a gente, mas todos quantos lá estiveram mereciam bem a condecoração de valor, lealdade e merito.

O legitimista desfranziu um riso de compassivo escarneo, e disse:

— Em quanto a *valor*, o general Povoas que o diga, se os *valorosos* o não querem dizer. Em quanto a lealdade, bem se sabe qual foi a lealdade dos bravos que apedrejaram com patacos D. Pedro no theatro, e mataram Agostinho José Freire nas ruas de Lisboa. Em quanto a merito, isso agora é uma questão de barriga: a barriga de cada um é quem diz o merito de cada qual...

Fernando olhou de revez o marquez, e disse Bartholo:

—Vossa excellencia continúa a admirar a torre, e eu vou dar as voltas que preciso, antes de recolher-me a Florença.

O marquez ficou mais que muito corrido d'este ar de desprezo com que Fernando replicou aos seus dizeres, que elle imaginou não só irrespondiveis, mas capazes de atirar a terra com os creditos de uma politica. Bartholo tambem se desgostou do menos preço com que o *quidam* tratava seu primo, e não teve mão da sua zanga, exclamando:

—Então não tem resposta o que alli disse meu primo?!

—Não, senhor—disse Fernando Gomes.—Dá-me sua excellencia as suas ordens?

—Passe muito bem, senhor Gomes—disse Bartholo, chofrado.

Paulina e Eugenia corresponderam ao comprimento reverencioso de Fernando. Paulina sentia-se contente, soberba da dignidade d'aquelle moço; Eugenia, porém, doía-se da quebra de brios que soffrera o primo, temia que a ira do pae resultasse desgosto á irmã, e anteviu a impossibilidade de nunca mais os dois se approximarem, sem aberta declaração de guerra com o pae.

—Este sujeito—disse, azedado, o de Tavira—quem é lá na sua terra?

—Eu sei cá? E' o senhor Fernando Gomes; tal m'o apresentou Jeronymo Bonaparte! Estes Bonapartes, que se fizeram reis mais depressa que os reis do theatro do Salitre e da rua dos Condes, impingem á gente com titulo de *notabilidades* quantos patavinas os visitam no desterro! Qualquer pin-

tor, esculptor, ou poeta, em casa do principe de Monfort é egual aos duques, e tem uma cadeira ao lado dos principes. Quem lá vae tem de apertar a mão ao pianista Sampieri, ao cantor Tachinardi, á cantora Degli-Antoni, ao poeta Méry, ao pintor Vernet, ao esculptor Bartolini, e ao senhor Fernando Gomes, que, no dizer do ex-rei de Westphalia, é um enorme sabio. Aqui tens tu, primo marquez, como eu conheci o senhor Gomes. Dei-lhe uma vez entrada em minha casa, porque me pareceu humilde o sujeito: agora descobri que elle tem seus fumos de orgulho!...

— Não se me dava de lhe abater a prôa! — atalhou o marquez.—Queria ver se estes valentões do Mindello sustentam a fama cá fóra das linhas...

Bartholo riu-se, e Paulina olhou em rosto o primo com visivel gesto de despeito.

— Porque?!—disse ella, com mal represada ira.

— Paulina!—murmurou-lhe Eugenia ao ouvido.

Bartholo não dera conta d'este incidente, e o marquez, quando ia esclarecer a significação do gesto extranho de sua prima, viu que ella voltava o rosto, e se encobria com as franjas da *sombrinha*.

— Querem ver que ella ama o tal sujeito?! — disse o marquez entre si, e differiu para mais ao diante a elucidação d'esta importante suspeita.

No dia seguinte a familia voltou para Florença. Fernando já tinha ido.

A's affrontosas palavras do marquez de sobra respondera o silencioso desprezo do filho do artista: não obstante, o tom injurioso alanceara-lhe

muito dentro o coração, por ter sido Paulina testemunha da zombaria.

Pensava elle que a filha do nobre devia ama-lo menos por ve-lo assim desdourado, e sem vingança egual ao affrontamento. E' um inferno, na alma de quem ama, pensar assim!

XI

Ao cabo de tres semanas de hospedagem regalada, disse o marquez a Bartholo:

— Ora, primo e amigo, é tempo de continuar a minha missão, que interrompi por tres semanas. Bem sabes que a politica me não deixa ser das minhas vontades. Preciso de ir a Inglaterra em serviço do rei e da nossa causa. Tu, como rico em toda a parte do mundo, não queres participar dos trabalhos lentos da restauração: fazes bem, primo Briteiros: eu é que não posso libertar-me d'esta missão diplomatica. Espera me o Saraiva em Londres, e o rei em Berlim, no espaço de quarenta dias. Aqui tens a razão da minha saída

— Pois vae, primo — disse Bartholo — mas logo que te desempenhes d'essa missão, volta a viver comnosco em Florença.

— Não prometto.

— Não promettes, marquez? Pois assim nos pagas a boa vontade com que te convido e o muito affecto das meninas, que te desejam comnosco?!

— Se ellas me desejam — tornou o primo com intencional sorriso — isso é que resta demonstrar, primo Bartholo...

— Pois que! duvidas?

— D'uma, duvido; da outra tenho quasi a evidencia que me deseja vêr pelas costas.

— Ora essa! qual d'ellas?

— Permitte que não vamos adiante n'esta penosa conversação, primo... Evitemos desgostos communs. Tanto soffrerias tu, como eu tenho soffrido...

— Que tens soffrido, marquez? Pois ainda agora m'o dizes!... — tornou Briteiros sinceramente inquieto.

— Devêra ter-t'o dito ha muitos dias, desde o segundo em que vi tua filha Paulina... basta.

— Homem! explica-te, se não eu obrigo-te a fazel-o por tua honra!

— Pois que assim o queres, sabe a verdade inteira, e reprehende-me se eu tiver procedido mais segundo os dictames do coração, que os da honra e parentesco. Eu amei tua filha Paulina com paixão. Se não t'o disse logo, foi porque me julguei superior a mim mesmo, e aos despotismos do amor. Muitas vezes em Portugal, em Paris, em Roma, em todas as capitaes da Europa, me julguei vencido por diversas mulheres que encontrei; e, logo depois de chorar a derrota, de repente me rehabilitava pelo esquecimento instantaneo e quasi prodigioso

da mulher que horas antes me acorrentava aos seus mais levianos caprichos. Cuidei que o mesmo me aconteceria com tua filha Paulina: aqui é que o meu orgulho pagou amargamente as suas passadas sobrancerias. Verdadeira e insaciavel paixão me inspirou Paulina; e, para cumulo de desgraça e vingança d'outras, tua filha, bem longe de amar me, convencido me deixou de me aborrecer. Primeiro imaginei que Paulina não podia ou não queria amar alguem: isto podia ser; porque ha mulheres sem coração, e ha outras que parecem ter quatro: com os homens dá-se o mesmo caso. Porém, primo Briteiros, a razão do desamor de tua filha era a mais natural do mundo; é por que tua filha amava e ama outro homem.

— O que?! — interrompeu iracundo o fidalgo. — Minha filha ama outro homem! Calumnia! A minha Paulina não ama ninguem; e hade ser tua mulher, se eu quizer que ella seja tua mulher. Entendes tu, marquez?

— Perfeitamente entendi, primo; mas eu é que sou incapaz de permittir violencias, e acceitar esposa violentada. Outrem me julgue tal; mas tu não, Bartholo, que conheces a nossa familia, e sabes que meus avós deram para casa dos reis suas irmãs, e receberam como esposas as filhas dos reis.

— Bem sei, bem sei que foram esses os costumes da nossa familia; mas por isso mesmo é preciso que eu obrigue a minha filha a manter-se na dignidade de seus avós. Quem é o homem que ella ama?

— Pergunta-lh'o tu, primo. Se ella não t'o disser,

consente que eu, por honra mesmo de nosso sangue, o não pronuncie.

— Que? pois ella ama algum mechanico? Responde por quem és, marquez! Depressa, que me sobe o sangue ao cerebro!

— Já te disse que ha grande deshonra em tal inclinação, primo... Não forces a minha repugnancia a revelar-te o que de mim mesmo eu quizera poder esconder.

Bartholo de Briteiros andava na sala, aos empurrões das furias, sacudindo vertiginosamente os braços, emquanto o marquez com a face entre as mãos, e os cotevallos encostados ás almofadas de uma ottomana lhe relanceava os olhos de infame penetração. Quando viu que era tempo, ergueu-se, tomou nos braços o pae de Paulina, e disse-lhe:

— Estou vivamente arrependido. Não devia ter dito nada. Era mais nobre esmagar-me no coração, e poupar o teu de pae, e pae como tu és, meu caro primo. Perdoa-me, e perdoa as fragilidades de tua filha. E' um amor de creança que ella tem ao...

— Ao... quem? — exclamou Briteiros com uma grammatica desculpavel á sua angustia.

— Porque não hei de eu dizer-t'o, se o enlace mesmo de sangue me obriga a velar pela honra de tua familia, que tambem é minha! Tu nunca suspeitaste d'este Fernando Gomes?

— Fernando Gomes! pois tu crês que minha filha ama Fernandes Gomes?!

— Creio, sei-o, tenho a maxima certeza. Agora não ha que tergiversar. Cheguei ao ponto de me perder no teu conceito, se não adduzir provas. Paulina

vae ao caramanchão que está sobre o caminho, e d'alli fala a Fernando, ás horas em que tu dormes a sesta. Trocam-se cartas todos os dias. Estes factos são presenciados por quem os quer ver. Vi eu mesmo, depois que me avisaram. Reprehendi a prima Paulina, em termos de bom e zeloso parente e amigo. Tua filha respondeu-me com azedume, recommendando-me que me não intromettesse na vida alheia. Repliquei com as mais sagradas razões; dei-lhe como possivel, se não certo, ser Fernando algum miseravel dos que de repente se levantaram da lama de Portugal, e vieram no extrangeiro fazer luzir o ouro, que lhes seria vergonha na patria. Rebateu-me com o mais formal e mais descomposto desdem, que meus olhos nunca viram em menina com tal edade e educação, e de tal linhagem! N'esta altura da questão, entendi que o meu dever era deixal-a ao espirito tentador que a quer perder; todavia, mais sagrado dever me admoestou a que te avisasse, primo, para não tomar sobre mim a cumplicidade de alguma enorme desgraça, e mais enorme deshonra. Agora encarecidamente te rogo que te hajas com a cautela e prudencia que tão melindroso negocio requer.

—Que hei de eu fazer?!—bradou Bartholo.

—Sae com tuas filhas de Florença. Vamos para Londres. Eu irei adiante preparar-te aposentos. Lá, se o biltre a perseguir, eu lhe tornarei impossivel o accesso, e a possibilidade de a ver. Se outro passo deres, receio que seja o peor para te saíres dignamente da difficuldade. O ar com que tua filha me falou revela proposito de ferro, e resolução inaba-

lavel. Póde temer-te; mas obedecer-te não. Fia-te em mim, que eu sei o que são mulheres, primo. Finge que não sabes nada. Prepara com qualquer pretexto a tua viagem, e tu colherás depois os bons fructos da prudencia. Se, como creio, tua filha mudar de idéas em Londres, com o mais sincero coração te digo que serei ditoso fazendo-a marqueza de Tavira; mas, para que este enlace se possa fazer, é necessario que ella nunca desconfie que eu fui o denunciante d'este vergonhoso affecto. Convens n'isto, primo Bartholo?

— Convenho, marquez... Seja assim...

Acabava o pae de Paulina de proferir a ultima palavra, quando as duas meninas, pé ante pé, se afastavam ao longo do corredor que conduzia da sala, em que os dois dialogaram, para o interior da casa.

Paulina lançou-se no braços da irmã, e exclamou:

— Oh! que infame é aquelle homem! que infame!... Que hei de eu fazer, Eugenia? diz-m'o por compaixão da tua pobre Paulina!

— Que has de tu fazer, filha?... Eu sei!... Soffrer como eu soffri, quando o pae nos tirou de Paris...

— Isso é que não! — replicou Paulina — Não me deixo assim esmagar! Fernando ha de ir tambem para Londres. Vou escrever-lhe e contar-lhe tudo... se o não puder ver, terei a coragem de soffrer e esperar, com a certeza de que elle está tambem em Londres... Pois que pensas tu?... Eu não posso esquecel-o, assim como tu esqueceste o francez, Eugenia! E' porque tu o não amavas; se o amasses, a desesperação te daria forças! Tenho-as; sinto-me

capaz de tudo!... O malvado!... á custa de que infamia elle queria fazer-me marqueza!...

—Eu logo te disse — atalhou Eugenia — que não fazias bem em falar com tanta soberba, quando elle te reprehendeu...

—Fiz muito bem! desenganei o: está desenganado para sempre... Agora tudo que elle fizer são indignidades, e cada dia, e cada hora, hei de abominal-o mais.

Aqui tem a leitora bem significada Paulina n'este conhecido verso:

A's vezes branca nuvem cospe um raio!

Quem diria que tamanhos vulcões de colera se escondiam no sereno peito da gentil creatura, que parecia talhada de molde para soffrer docilmente o martyrio! Ahi está o que faz o sol de Florença! Devem-se á Italia aquellas conflagrações! Em Portugal me quer parecer que Paulina não fosse aquillo. A minha espionagem de romancista nunca me alviçarou casos identicos de barreiras de Portugal a dentro. Por isso mesmo é que eu tenho de ir em cata dos meus personagens lá fóra, para alternar, com lances de estremecer, as frias historias que tenho posto em livros de que ninguem se espanta, e que passam por as mais frias, insipidas, e inertes lucubrações do espirito humano. Esta agora, sim!

Paulina cortou o folego da imprecação para ir escrever a Fernando.

Poz em resumo o dialogo do pae com o marquez, e a resolução de ambos. Pedia-lhe que os seguisse

para Londres, e averiguasse onde se alojavam. severava-lhe que, á custa de tudo, se haviam de em Londres; e terminava, com a mais candida (envoltura que póde ter uma menina, dizendo c extremos de perseguição, ella fugiria para ell(seria sua esposa.

Na tarde d'este dia Bartholo de Briteiros dei se a dormir a sesta: assim lh'o impoz o cautel espião. Fernando já tinha em si a carta e a resp ta. Appareceu na praça do Dome, e Paulina no ramanchão. Poucas expressões se trocaram dej que Fernando atirou a carta.

A resposta era qual a delicada menina pc mais ambicionar. O amante sentia-se menos de: toso do que ella se imaginava. Para elle a afflic de Paulina era extrema prova de amor. Ante queria assim contrariada, e acrisolada ao fogo oppressão. Incutia-lhe animo e esperanças. F mettia, mediante o auxilio do ministro em Londı espiar os menores passos do marquez e de E tholo. Se a não acoroçoava a fugir de seu pae, tevia, como primeira hora de sua felicidade s nuvem, aquella em que Paulina se confiasse á honra. Do marquez dizia apenas que era infeı ao seu nojo, e lamentava que os grandes fidal andassem a competir em aviltamento com a n infima ralé.

O marquez, escondido n'uma loja da praça, p senciava os passos de Fernando. O homem, (tanto preleccionara ácerca da prudencia, não t(mão de si. O demonio da pobreza espicaçava Era o demonio da pobreza que prevalecia ás fur

do ciume. Saiu da loja, e veio ao meio da praça por onde Fernando caminhava com a altivez que dá a felicidade do coração.

Viu elle o marquez, e, a seu pesar, dardejou-lhe um olhar de desprezo, que parecia provocação. O neto de reis, se havia de ir ávante, e deixar o verme, parou, metteu as mãos nas algibeiras; e fez um tregeito de pernas, e assobiou umas toadas, que fariam as delicias de um faiante em pleno goso de seus tavernaes meneios.

Fernando sorriu-se, e caminhou.

—O senhor ri-se?—exclamou o marquez.

—Ri, sim, senhor—disse placidamente o filho de Francisco Lourenço.

—Que quer dizer o seu riso?!—replicou o fidalgo.

—Que vossa excellencia é uma pessoa irrisoria.

—Mas eu arranco-lhe os figados pela boca, bradou o marquez.

—Operação difficil!... tornou Fernando sorrindo.

—Julga-me da sua bitola, sô villão?

—Eu não sei como hei de julga-lo, senhor marquez, depois que o julguei tolo!

E approximou-se com magestosa serenidade. Fernando parecia crescer, nutrir, illuminar-se, e tornar-se mesmo grande aos olhos do convencionado de Evora-Monte.

—Tem de dar-me uma satisfação com armas! replicou o marquez. Joga alguma que não seja o arcabuz do cerco do Porto?

—Não senhor; não jogo armas.

— Quer dizer que não se bate?

— Bato com todas.

— Tem padrinhos?

— Os dois primeiros homens que se encontrarem. O primeiro já eu vi.

— Quem? diga-o, para lhe enviar os meus.

— E' um pintor: chama-se Leopoldo Roberto.

— Lá me quiz parecer! disse o marquez gargalhando uma risada secca.

— Que lhe quiz parecer a vossa excellencia?!

— Que os seus padrinhos haviam de ser pintores ou cousa que o valesse...

— A coarctada é miseravel, senhor marquez! vossa excellencia é um covarde, que não vale o desprezo do pintor.

O marquez de Tavira levou as mãos ás proprias respeitaveis barbas. Puchou as mechas a um lado e outro com tregeitos muito de incutir terror em almas fracas. Deteve-se um pouco n'esta operação minacissima, e tirou do peito alfim estas memoraveis das coisas:

— Villão seria eu se expozesse a minha vida revez de sujar-me com tal competidor! Preci mente o senhor é um aventureiro, que anda a rejar mulher dotada cá por paizes onde lhe conhecem a suja betesga d'onde saiu. Lá na p sabem-lhe o nome, ou ninguem lh'o sabe, é acertado dizer!... Convinha-lhe a filha de Bar de Briteiros? Que atrevimento de ambições o Afinal, que espera colher d'esta aventura?. correcção dada por um lacaio de meu primo

— Se o lacaio tiver mais coragem do que

excellencia, em cujos hombros assentaria cabalmente a farda.

— Miseravel!... — rugiu o marquez!

— Tolo! — replicou Fernando.

O primeiro voltou as costas; o filho do artista permaneceu no seu posto alguns minutos, encarando as duas meninas, que os viram approximar da praça, e esperavam, atribuladas, a infelicidade do encontro.

XII

Decorridos dez dias, chegou a Napoles Francisco Lourenço. Aqui o trouxera a certeza anciosa de encontrar seu filho em convalescença, se é que Fernando o não enganára com o louvavel intento de o poupar a maiores afflicções. Durante a viagem para França, o artista entendeu que saíra precipitadamente de Lisboa, sem agenciar relações que o dirigissem a Napoles. Quem o guiaria n'uma grande cidade como aquella? Estaria o filho n'um hotel ou nos arrebaldes?

Para remediar semelhante imprevidencia, dirigiu-se, torcendo o seu itenerario, a Paris, e apresentou-se ao ministro portuguez, expondo o seu destino. O ministro deu-lhe carta para Napoles.

Poucas horas depois da chegada, Francisco Lourenço tinha a certeza de que seu filho saira de Napoles dois annos antes, e nunca mais ahi voltára, e

a certeza tambem de que o moço estava em Florença, havia quinze dias.

Saiu Francisco para Florença, cuidando que seu filho peorára, ou melhorára a ponto de dispensar a convalescença n'outros ares. Com as recommendações que levára de Napoles, soube em pouco tempo que Fernando embarcára em Genova com destino a Londres.

— A Londres!... — exclamou o velho. — Então é certo que meu filho me vae fugindo.

— E' mais natural que o vá procurando — respondeu a pessoa a quem o artista ia de Florença recommendado. — Póde ser que seu filho fosse embarcar para Portugal em algum dos portos de Inglaterra. O certo é que, minutos depois da sua chegada a Londres, o senhor ha de saber onde seu filho está hospedado, se é que elle lá está. Entretanto as minhas informações dão que Fernando Gomes — continuou o chefe da policia de Florença — estava mais ou menos ligado com uma familia portugueza emigrada, cuja cabeça é Bartholo de Briteiros, residente n'esta cidade por espaço de doi annos e tantos mezes. Dizem mais que Fernand Gomes e um tal marquez de Tavira concorreram amar uma filha do senhor de Briteiros, e por cium se insultaram na praça do Dome.

— E meu filho — atalhou Francisco Louren com amargura — não esteve doente?!

— As minhas informações não me dizem que el estivesse doente, e penso poder asseverar-lhe q seu filho gosou em Florença a melhor saude. E contrei-o miudas vezes em casa de Jeronymo B

naparte, onde elle era muito estimado do principe. Comquanto não estivessemos relacionados, só de o ver devo crer que o senhor Fernando Gomes passasse bem, a julgar pelo seu aspecto não doentio, posto que pallido.

Munido de indicações e uma carta, Francisco foi esperar em Genova a sahida de um barco inglez para Falmouth.

Tão rapidamente quanto em Florenca lhe prometteram esclarecimentos, recebeu-os em Londres, na repartição da policia, onde lhe deram um *policeman* que o guiou á rua, hotel, e numero do quarto em que assistia Fernando. O velho fez mentalmente o elogio da policia britannica.

Bateu Francisco Lourenço na porta indicada. Abriu-lh'a o filho.

— Entro com os braços abertos! — disse o velho convulsivo de jubilo.—Não te venho ralhar, filho!...

Fernando abraçou-o com fervor, e limpou-lhe as lagrimas copiosas.

— Minha mãe como está? — disse Fernando...

— Doente a deixei... Deus sabe como ella está... Acho-te bom, meu Fernando... Ainda bem!... Não cuides que eu antes queria achar-te doente... Perdôo-te a mentira, porque... antes assim... E agora?... Agora vens ver tua mãe?...

— Descance, meu pae — atalhou o enleiado moço. — Descance, e depois...

— Não póde ser depois, Fernando... Que faço eu aqui?! Não vim vêr Londres; vim procurar-te, vim chamar-te. Se me não seguires, que faço eu longe de tua mãe, que a esta hora mal sabe que

voltas tenho dado... Era melhor que me não dissesses que ias para Napoles: poupavas-me tanto desgosto e fadiga!... Bem vês que estou muito velho... Não me deixaste assim... Em tres annos ninguem envelhece tanto...

— Perdão, meu pae!—exclamou Fernando, apertando contra o seio as cans do velho lagrimoso.

— Tanto chorar, na minha edade, é sorte de poucos... Vejo tantos paes, com os meus annos, em socego, á espera da morte, rodeados de seus filhos, fartos e ricos do fructo dos trabalhos d'elles...

— Tem razão... — atalhou Fernando — mas esses são os paes que teem filhos menos desgraçados que eu! Eu queria contar-lhe a minha vida... uma só palavra a explica... é uma paixão, meu pae, que me deshonrou aos seus olhos; por amor d'uma mulher lhe menti, e me envileci em minha propria consciencia...

— Não estás deshonrado aos meus olhos, Fernando... Desgraçado é que me pareces, filho... Não me contes a tua vida, que a sei. Lá deixaste em Florença as tuas memorias... Isso mesmo por que m'o não disseste? Antes isso que o engano. Eu não me espantaria que deixasses pae e mãe por uma mulher. Tuas irmãs tinham sido criadas no regaço de tua mãe, e fizerem o mesmo... Deixaram-nos sósinhos. Mas poderás tu dizer-me que futuro é o teu? que tencionas fazer? Bartholo de Briteiros, esse mau homem, que tem uma historia escripta com sangue, foge-te com a filha para Londres. Que vens tu aqui fazer? Queres tirar-lh'a?

— Não, meu pae; quero vel-a, unicamente vel-a

porque no dia em que perder a esperança de a tornar a vêr, hei de matar-me para esquecel-a...

Fernando escondeu o rosto no seio do pae, e exclamou:

— Deixe-me chorar, que são as primeiras lagrimas. Não houve coração algum que m'as recebesse...

E soluçava convulsivamente nos braços do velho, que o apertava ao peito com tremuras de compaixão e amor.

— Diz-me tu, filho... — tornou com muita brandura Francisco Lourenço — essa senhora despreza-te?

— Oh! não!... O desprezo seria a minha salvação — respondeu Fernando com vehemencia. — A desgraça é ella amar-me, e ser uma santa em dedicação e sacrificios. Por amor de mim foi tirada de Florença para Londres; e ha quinze dias que a cada instante a espero aqui... fugindo á crueza do pae, que quer casal-a...

— E tu has de acceitar uma filha fugida a seu pae?... — interrompeu o velho. — Vê se podes, á custa mesmo da vida, ser honrado, filho! Seja o pae um malvado, seja a filha uma santa, embora...; mas não te absolvas em tua consciencia, se consentires que essa menina fuja para ti.

— Mas o pae faz-me a injustiça de suppôr que eu não irei logo recebel-a como esposa? Não sabe que ella é...

— Sei que é rica... os Briteiros são muito ricos... Isso é que me queres dizer, Fernando?...

— Não, senhor; queria dizer-lhe que Paulina Bri-

teiros não é mulher que algum homem possa victimar, por mais infame que ser possa; ora eu, meu pae, amo-a com esta paixão que vê. O mundo não nos perdoaria a culpa de nos unirmos contra a vontade de seu pae?

— O mundo não vos deixaria unir sem grande perseguição, filho. Antes de alcançares o descanço de uma honrada lucta com a sociedade, serias muitas vezes infamado, esmagado e talvez vencido.

— Espere, meu pae!... cale-se! — exclamou de subito Fernando. — Estes passos são de mulher...

— Será ella, meu Deus! — disse Francisco Lourenço.

Fernando foi á porta, viu a criada confidente de Paulina. A moça assim que o viu debulhou-se em lagrimas, e balbuciou:

— A menina não pôde escrever-lhe... Está-se preparando para sair com o pae... Recebeu ordem de repente. Vai para um convento da Irlanda: foi o que elle lhe disse, a não querer ella casar com o maldito marquez. A senhora D. Paulina não verteu nem uma lagrima, e respondeu: «Irei para onde o pae quizer; não caso com o marquez, que é um villão». Que coragem a d'aquella menina! Depois fez-me um signal; e eu corri a participar-lhe isto. A senhora D. Eugenia manda-lhe pedir que, para salvar a irmã de morrer no convento, indo o senhor para fóra de Londres, talvez se conseguisse que o pae a deixasse ficar em casa, e manda-lhe dizer que o faça se tem amor á pobre menina.

— E porque não hade elle fazel-o? — atalhou Francisco Lourenço. — Diga vocemecê a sua ama que ao

lado de Fernando está seu pae, e que meu filho, por amor da senhora que soffre tanto, nos ha de obedecer a ambos.

— E' impossivel! — exclamou Fernando allucinado por sua enorme angustia. — E' impossivel desampara-l-a no maior aperto da perseguição! Para que me quer meu pae em Portugal, se eu vou lá morrer?!... Que vil eu seria no conceito de Paulina, affastando-me na occasião em que ella mais precisa do meu conforto?... Diga á sr.ª D. Eugenia — proseguiu elle voltando-se para a criada — que eu não posso obedecer lhe, salvo se ella entende que a minha morte remedeia os desgostos de sua irmã. E' de crer que sim; mas eu é que estou convencido que Paulina quer que eu viva.

Francisco Lourenço fitava o filho com os olhos embaciados de lagrimas, e não o contradisse.

A creada saíu com um bilhete d'oito linhas escriptas por Fernando.

Após breves instantes de silencio d'ambos, o filho disse serenamente:

— Meu bom pae, eu agradeço á Providencia poder n'esta hora falar com um homem a quem devo as primeiras luzes da minha intelligencia. Maior desgraça seria a minha, se meu pae não podesse comprender-me, indultar-me, e compadecer-se. Accuso-me de o ter enganado; era mais honroso dizer-lhe que tinha coração, mas eu cuidei que mentindo, sem medo de ser descoberto, salvava a irreverencia inseparavel de confidencias taes a um pae. O meu engano duplica o merecimento de ser perdoado. Conhece a minha situação, meu pae. Com

a alma despedaçada lhe digo que não sei como remedial-a. Quer que eu o siga? Seguirei: já vejo de todo e para sempre negra a minha vida... Seguirei; mas uma hora virá em que meu pae se lastime por ter imposto ao meu coração a sua respeitavel vontade. Se quer que eu viva e procure alguma saída d'este circulo de ferro, deixe-me seguir Paulina á Irlanda...

— Bem, filho — atalhou o velho contrafazendo placidez e seguridade de animo — Concedo o que desejas e precisas; mas escuta: os meus haveres são poucos; tuas irmãs casaram dotadas; tu pouco tens gastado comparativamente ao que eu antevia; mas assim mesmo excede o que devia ser teu dote. A officina dá pouco, porque a tenho desamparada. Desde que em Lisboa se estabeleceram sapateiros francezes, muita freguezia me deixou. Não me affligiu este desprezo do que é nosso, porque, bemdito seja Deus, contava com o pouco para muita felicidade. Eu estou reduzido a tres contos de réis, e os bens do Cartaxo, que outro tanto poderão valer. Acabado isto, irei pedir agasalho a uma tua irmã, e tua mãe a outra; e tu, que és formado, a todo o tempo conseguirás algum emprego que te alimente. O fim da nossa vida póde assim talhar-se, e Deus permittirá que não seja peor. Digo-te isto para que saibas com que pódes contar, Fernando. Lança as tuas contas; e, quando vires que tens consumido o que possuo, tem tu a generosa compaixão de não pedir mais. Eu comigo não posso contar para o trabalho. Estou com pouquissima vista; mais de *uma* vez n'estes ultimos annos me tem ameaçado

a cegueira. Corre tudo na loja por conta dos officiaes: uns roubam, outros desmazelam-se; ninguem tenho em que possa fiar-me. Aqui tens singelamente dito tudo. Agora sê o que poderes ser em favor d'essa senhora; mas não te deshonres por causa do amor. Eu creio que é falso o amor que leva o homem á indignidade.

Fernando, após breve pausa, respondeu:

—Eu sabia quaes eram os haveres de meu pae, quando saí de Lisboa. Viajei dois annos, gastando o menos que podia. Como o meu viver era só, e indifferente ás regalias das cidades em que passei, restringi as minhas despezas á sustentação parca, e ao vestido mais urgente. Assim mesmo gastei muito em proporção do que devia gastar. Pouco tem hoje meu pae para a sua subsistencia: não devo pedir-lhe um quinhão d'essas migalhas. Irei ensinar linguas na Irlanda: sei um pouco de todas as que se falam na Europa. Muitos emigrados portuguezes aqui viveram assim. A fome illude-se com pouco.

Francisco Lourenço abraçou o filho, e murmurou:

—Não quero, filho, não quero isso assim. Quando a necessidade te obrigar ao trabalho e á independencia dos impossiveis recursos de teu pae, eu t'o direi sem pejo, nem pesar de te ver humilhado. Então trabalharás para ti, e verás quão doce é o pão negro que se lavra com o proprio suor...

XIII

Paulina leu o bilhete de Fernando, que dizia assim:

«Ver-me-has em toda a parte; e, quando me não «vires, sabe que eu contemplo o céo que te cobre, «ou te espero em outro mundo para uma outra «vida. Vivo ou morto, a minha alma será sempre «comtigo, Paulina! A'manhã parto para Irlanda. «Não sei se é para Dublin que te levam. Eu te en«contrarei... Até lá.»

E estava alli, á beira d'elle, o choroso velho, aquelle pae amantissimo, quando Fernando escreveu: *Ámanhã parto!...* A crueldade dos filhos que amam! Que fragil é tudo isto que ahi chamam leis da natureza, quando o amor, aquella creança dos fabulistas, mesmo ás cegas, lhes atira um encontrão!

Em quanto Paulina relia o bilhete e o mostrava á irmã com a douda alegria de mulher amada, Bartholo de Briteiros, encerrado com o marquez de Tavira, dialogavam d'este theor:

— Mas não me saberás tu explicar o contentamento com que Paulina se está preparando?!—dizia Bartholo.

— Aquillo é febre que arrefece depressa, primo Briteiros. As mulheres são assim.

— E era capaz de entrar no convento, e esquecer-se de pae, irmã, e tudo!

— Nos primeiros dias, sim; depois, quando lhe faltasse o animo, e não visse o Fernando, nem tivesse noticias d'elle, modificava o seu parecer a respeito de conventos e de amor. As mulheres são assim, primo Briteiros. Umas ha que são capazes de morrer por orgulho, e outras por soberba são capazes de se envilecerem. Mas a nossa Paulina não ha de morrer nem aviltar-se, visto que o convento é uma fabula, e a fria Irlanda se não ha de gosar de a ter nos seus mosteiros. A creada desempenhou perfeitamente o papel, pelos modos. É o dinheiro mais bem empregado que tu tens consumido para salvar tuas filhas das unhas dos aventureiros...

Corte-se aqui o dialogo para dar um esboço muito pela rama d'esta ladina creada, que tambem tinha a honra de ser portugueza.

O marquez descobrira que ella era a intermediaria de Paulina e Fernando. Aconselhou, por isso Bartholo que a seduzisse com dinheiro a ir participar a Fernando que a menina se recolhia a um

mosteiro da Irlanda; e ao mesmo tempo, da parte de Eugenia, lhe pedisse que se retirasse de Londres, a ver se assim abrandavam os rigores do pae. A creada accedeu á proposta com o mais admiravel desapego de gratificação. Saiu logo a cumprir o mandado, e recebeu o bilhete de Fernando. Na fiel entrega do bilhete a Paulina é que assenta o elogio da creada. Bartholo ficou contente d'ella, e Paulina extremamente grata á expontanea resolução da creada. Mas é pena que tanto a ama, como a creada, como Fernando Gomes fossem enganados por cavillações suggeridas pelo marquez de Tavira, que era o mais refinado velhaco de que ainda tivemos noticia!

Agora ate-se o dialogo.

— Foi bem lembrada a tua ideia, primo! — tornou o ministro da Alçada, como que orgulhando-se de ter na sua parentella um sujeito com ideias. — O homem agora vae dar comsigo em Irlanda. Quem diabo lhe ha de lá dizer que nós vamos para Madrid?

— E' verdade! — exclamou o inventor da ideia com radiosa ufania.

— Quando elle o souber — tornou Bartholo — espero eu que tu sejas meu genro, e minha filha feliz... Palavra de cavalheiro! eu não tinha alma de a fechar n'um convento! Quero-lhe muito, e por isso t'a dou com a condição de que nunca sairá da minha companhia, primo.

— Já te disse que a minha maior dôr seria separar-me de ti, primo Briteiros! Se ha pessoa n'este mundo que eu preze tanto como a tua filha, és tu!

Ainda mesmo que Paulina me fique odiando para sempre, e não venha a ser minha mulher, crê tu que tamanho golpe não cortará os vinculos de amizade que nos prendem. Serei um teu dedicado irmão, um vigilante mordomo do teu bem estar, capaz de todo me sacrificar ao zêlo com que tu olhas pela ventura de tuas filhas.

— E's honrado, primo Tavira! — exclamou Bartholo — Conta com o amor da minha Paulina, quando esse maldito demonio a tiver deixado...

— D'elle estás tu livre, Briteiros! Se outro peor não vier depois... mas eu terei astucia para te salvar de todos.

A creada, que captivara a confiança do amo, como sentisse remorder-lhe o remorso de ter, apesar de tudo, atraiçoado a menina que a tratara sempre como amiga, desde a infancia de ambas, cogitou no modo como foi industriada, e de si para si decidiu que a ida de Paulina para um convento de Irlanda era um logro a Fernando Gomes. Levada d'esta apprehensão, e do desejo de remediar o mal, se era um mal ser ecco da mentira, foi manso e manso colar a orelha á fechadura da porta que separava Bartholo e o marquez das salas mais frequentadas da casa. A parte do dialogo que ella escutou era mais importante. O amo erguera a voz, quando perguntou ao marquez:

— *Quem diabo lhe ha de dizer que nós vamos para Madrid?*

— A criada respondeu entre si: «Hei de ser eu» e foi de corrida contar a Paulina o que ouvira; instantes depois, ia a caminho do hotel de Fern[illegible]

do com a nova, e já em toda a seguridade de sua consciencia. O filho do artista ouviu o contra annuncio com prazer. Estava a seu lado o velho, como a gosar-se em lagrimas das poucas horas de convivencia com seu filho. Esperava dar-lhe na manhã do dia seguinte o adeus de indeterminada, e talvez eterna separação. A nova foi de prazer para ambos. Francisco Lourenço iria com seu filho para Hespanha, e te-lo-hia menos longe de si. O prazer de Fernando, de natureza diversa, consistia em ser Paulina menos sacrificada por amor d'elle. O convento avultava-lhe com mil angustias, que lá não existem. O receio de a ver sossobrar entre ferros, em lucta com os apertos monasticos recommendados por Bartholo, era a mais pungente de suas dôres. Entreluziam-lhe esperanças em Madrid: mais facilidade na fuga, mais protecção nos costumes; amigos que lhe dessem auxilio; e a breve jornada a Portugal.

N'este enlevo de alegrias, forçoso era que viesse logo o desconto. Francisco Lourenço, quasi sem ponderar o valor da pergunta, disse a Fernando:

— Essa senhora sabe de quem és filho?

— Nunca m'o perguntou...

— Nem tu lh'o dirias... mas tens tu reflectido n'este ponto? A senhora D. Paulina de Briteiros amar-te-hia se lhe tu houvesses dito que teu pae é o sapateiro da calçada do Sacramento? E amar-te-ha, quando alguem, bastante curioso, ou encarregado de saber o teu nascimento, a informe de que o viajante portuguez, posto que viva de seus proprios recursos, é filho de um sapateiro?

Fernando odiou-se a si proprio n'este momento, e respondeu com um gesto desabrido.

O artista achegou-se do filho para lhe vêr o rosto, cujas alterações seus olhos não alcançavam. E disse:

— Fizeram-te mal estas reflexões, Fernando?

— Fizeram, meu pae—disse o moço agastado.— Por isso mesmo, para me forrar d'estas agonias horriveis, melhor fôra que me tivesse dado a felicidade do artista. Eu seria a esta hora um homem com a alegria pura de todo o homem que trabalha, e tem suas ambições e coração circumscriptos a muito pouco. Que fatal lembrança a de me arrancar da minha esphera, para que eu hoje não tenha nenhuma! Os pequenos regeitar-me-hão como os grandes me regeitam, quando souberem quem eu sou!...

— Deus se compadeça de ti! — murmurou o velho, limpando as lagrimas — e me perdôe a mim o mal que te fiz, pelo muito que tenho expiado a minha vaidade de te fazer maior do que teu pae. Valha-te o Senhor! Que direitos tens tu a uma felicidade que te custa humilhações? Para que a procuras afincadamente, se vaes de rastros após ella? Por que has de tu querer hombrear com os grandes, se eu apenas te fiz entrar n'uma carreira po[r] onde levarias teus filhos á grandeza! São as tua[s] cartas de bacharel formado que te arremessam ao[s] despropositos das ambições? Ou é a tua intelligen[n]cia que te diz que não nasceste para a mediania[.] Se é a tua habilitação, faz que ella te sirva, filho[.] Entra como quem és, e o pouco que és, na estra[da] da honra: faz realçar o teu merecimento com tu[...]

mesma humildade, e lá irás dar ao ponto onde chega o homem honrado, todo o homem, ainda que a muitos pareça que não. A tua intelligencia é impossivel que te aconselhe esse odio ao acaso que te fez nascer de paes mechanicos. Eu, filho, li quanto pude, estudei quanto os meus poucos principios me permittiram; e Deus sabe que nunca tive pejo de ser quem era. A razão esclarecida é o que falta aos homens que se envergonham de não terem nascido já nobres, já respeitados, e idolatrados do mundo. Pensava eu que, allumiando a tua razão, te dava armas para combateres os prejuizos e preconceitos miseraveis das raças. Fiz o contrario, filho; justamente o contrario...

— Não, meu pae... — interrompeu Fernando — perdoe-me, e não se afflija, por amor de minha mãe lh'o rogo! Eu tenho o presentimento de que ainda hei de provar-lhe que me não vexo da baixeza do meu nascimento... esta dôr foi uma irreflexão, meu pae. Tem o coração estes desgraçados caprichos... Caprichos, e mais nada... Se Paulina me perguntar quem sou, dir-lhe-hei quem sou; se quizer saber quem é meu pae, dir-lhe-hei ufanamente quem é meu pae. Por que não?... Aquella candida alma deslustrar-se-hia em me ter pertencido? Então que torpe deve ser o coração humano! Com que prazer e ardor eu iria buscar á derradeira ordem social a mulher pobre, a filha do varredor das ruas, a filha do carrasco, que me desse o seu amor, sem perguntar-me a minha origem?...

Alongou-se o dialogo entre os dois, que terminaram abraçando-se, e chorando.

Era tempo de se aprestarem para a viagem. Fernando, sabendo que a familia Briteiros havia de atravessar o Canal no dia seguinte, de passagem para França, tomou nota da saida de um navio de Plymouth para portos de Hespanha. Resolveram seguir o caminho mais perto, consultando a vontade de seu pae.

Pessoa extranha, que observasse o aspecto de Fernando, veria as nuvens que lhe assombreavam a alma. Embaciára-se-lhe, não sabemos por que maravilhoso influxo, a limpidez da esperança, com a qual até áquella hora conseguira affrontar a adversidade. Era o desalento, um não sei que de contricção intima, que paralysa as faculdades robustas da vontade n'um quasi morrer de toda ella.

As terriveis hypotheses do pae, concernentes ao sapateiro em amores com a illustrissima pretendida do marquez de Tavira, poderiam tanto!

O orgulho do coração do homem do povo será capaz de aniquilar tamanha paixão?

Ha exemplos; mas tão obscuros que nenhum romancista quer fazer obra por elles.

Em novella, criada para as folgas de grandes damas, e galans mancebos, enfastiados d'outros gosos, qual romancista baixa das alturas da sua imaginação a historiar quadros sociaes de sapateiros?

Se em Portugal os sapateiros lessem, tal livro seria comprado por uma classe e pagaria as fadigas do popular escriptor.

E' precisa muita abnegação para isto, n'esta terra e com esta gente, que acha mesmo illiteraria a palavra «sapateiro».

Artista, recommendam-me que diga *artista*, para não offender o apparelho articular das pessoas afidalgadas de nervos!

Já é! ha poucos mezes contei, romanceei, panegyriquei a vida de um gallego n'um volume de duzentas e tantas paginas! E' rastear muito esta arte! Ha tanto principe na historia portugueza a pedir romance! e tanta princeza tambem!

Por que não hei de eu escrever historias de principes e de princezas, e deixar os sapateiros subir algum tanto na escala d'umas qualificações modernas que elles se vão inventando para seu uso, que a isso os obriga o menos-preço d'esta luminosissima e fraternal civilisação?

O nome de sapateiro está a sumir-se. Já muitos do menoscabado officio se denominam *artistas d'artes correlativas*... dos pés. Dos individuos cultos, que os mettem n'estas andanças e chibanças, deviam elles chamar-se não *sapateiros*, mas *ferradores*.

XV

O secretario da embaixada portugueza em Madrid havia sido camarada de Fernando Gomes no cerco do Porto; e seu contemporaneo na universidade. Approximara-os mais em Coimbra o paralelo dos nascimentos: eram ambos filhos de artistas. Separados depois da formatura, um para os cargos publicos, outro para as viagens, continuaram sempre correspondencia de bons amigos. O secretario da legação recebeu a nova da chegada de Fernando a Madrid, e maravilhou-se de encontral-o sumido n'um quarto de obscura estalagem.

Contou o bacharel diffusamente a historia dos seus vagabundos amores, e explicou a obscuridade e recato em que tencionava viver para não causar desgostos á filha de Bartholo de Briteiros. Queria elle existir secretamente em Madrid, de modo que o pae de Paulina o imaginasse na Irlanda, procurando a

reclusa nos conventos; entretanto, era seu intento diligenciar casarem-se judicialmente, ou, no extremo d'algum imprevisto accidente, fugir com ella para Portugal. O amigo escusava prometter-lhe todo o auxilio. Era este um dos academicos que frequentavam a universidade em 1828, quando os dois lentes foram assassinados. Fôra elle um dos sorteados para a impolitica vingança; como quer, porém, que estivesse enfermo n'essa occasião, forrou-se assim ao incommodo de ser estrangulado. Ora Bartholo de Briteiros, como sabem, tinha sido o mais impassivel signatario do accordão: o amigo de Fernando vira caminharem á forca os seus condiscipulos; e tal rancor ganhou aos juizes, que só o nome de Briteiros lhe trouxe aos olhos faulas de raiva mal abafada pelo correr de dez annos. Para elle era não só prova de amigo, mas desforra de inimigo coadjuvar o camarada das linhas do Porto a zombar das astucias do ministro da Alçada.

Com tal protecção, Fernando soube a hora em que chegou Bartholo, a rua e hotel onde se aposentou; e Paulina, pouco depois da sua chegada, recebia d'uma creada do seu quarto, na hospedaria, uma carta de Fernando.

Francisco Lourenço, cuidando que assim ficavam bem encaminhados os honestos intentos de seu filho, seguiu para Lisboa. A mãe, anciada de saudades de ambos, quando viu o marido sem o filho, arrancou um ai, e perdeu o sentimento. Volvendo a si, ouviu com pasmo a miuda narrativa dos casos acontecidos ao esposo, e deu graças a Deus sem arguir a dura alma do filho. A' santa mulher, para

sua consolação, bastou lhe saber que Fernando vivia. O procurar elle sua felicidade, na idade propria do amor, com tantas adversidades, foi á boa mãe maior motivo de compadecimento que de censura. Como, por momentos, o considerou morto, era natural que tudo lhe perdoasse, estando elle vivo. Assim ficaram os dois velhos, esperando que inesperadamente lhes apparecessem casados o filho e a gentil fidalga. Francisco Lourenço foi ao Cartaxo dar ordens a confortos da casa, mobilação, e mais aprestos, sendo que Fernando mostrara desejos d'ir alli descançar annos, ou talvez a vida toda, qualquer que fosse o incerto desenlace de suas canceiras.

Bartholo e o marquez de Tavira davam-se os embora do feliz exito da sua falcatrua. Viam Paulina alegre, dada a bailes e a theatros, com bom rosto para o proprio marquez, e nem por sombras magoada d'alguma fugitiva saudade! O fidalgo continuava sempre a dizer «que as mulheres eram assim». E o pae de Paulina admirava a esperteza e acume seu futuro genro.

Raro dia faltava á menina carta de Fernando, por intervenção do secretario da legação, que acintemente acceitara o conhecimento do marquez de Tavira, para mais de perto callaborar na derrota do Bartholo.

Paulina entretinha horas de conversação com o amigo de Fernando, intervaladas por troca rapida de palavras concernentes ao intento que os approximava. No animo do fidalgo já a suspeita se ia ingerindo: a assiduidade das visitas do secretario in-

commodava-o, e tinha-o de atalaia. O marquez inquietava-se não menos que o primo. Acordaram os dois em dar de mão ao visitante diario d'algumas horas. Mas, nos bailes ou nos theatros, o secretario era o flagello dos dois olheiros, que se viam baldeados, como lá dizem, entre Scylla e Charybdes.

Assentou Bartholo em ser pae severo. Apresentou-se á filha. Ia de catadura horrida. Dir-se-ia que empunhava a penna para assignar um accordão de pena ultima.

— Paulina! — disse.

— Meu papá.

— Vamos a contas.

— A contas?!

— Que quer dizer a pertinacia d'este homem, que te não deixa?

— Qual homem, meu papá? — disse ella, pensando que Fernando fôra descoberto no seu esconderijo.

— O homem da embaixada... este mal trapilho que tem o pae em Lisboa a fazer candieiros na rua Augusta.

— Eu sei cá o que elle quer?... O primo marquez foi quem o apresentou, e não me disse se o pae d'elle fazia candieiros.

— Fale-me com mais humildade! — bradou Bartholo.

— Pois eu que disse menos humilde?

— Não quero ironias.

— Ironias!... O papá é injusto comigo!... Eu posso lá saber a razão porque o homem nos procura? Pensei que o faria por delicadeza, por sermo-

patricios, e conhecermos pouco a sociedade de Madrid.

— Então... — tornou o pae — asseveras-me que elle não tem intenção nenhuma menos respeitosa?

— Pois elle ha de faltar-me ao respeito?... Jesus!

O' céos! o rosto de innocencia estupida com que Paulina fez aquella pergunta! O' amor, o que tu pódes e fazes! Que uma dama de bons annos, quarenta pelo menos, puxados á fieira do amor, consiga lograr uma criança incauta, isto está de seu na natureza das cousas; mas que uma menina de dezesete annos, ainda agora a florescer a sua primeira primavera de coração, zombe da vigilancia e perspicacia d'um pae quinquagenario, e o esteja assim logrando com uns dizeres de parvoinha candura!... Uma hora de amor é um curso de theatro completo. Quantas ficções lá se aprendem, com grandes estafas, nas aulas do conservatorio dramatico, vae ahi qualquer menina espigadinha exercita-las todas ante o auditorio da sua familia, se me concedeis que ella tenha uma faisca de lume no olho, e um Etna dentro do peito!

E diz o apophtegma antigo: *Amor logra muitas cousas, e o dinheiro tudo!* Não é assim: as luzes desmentiram tambem os Senecas e Theophrastos. O dinheiro não consegue desbestialisar o alarve que o tem a rôdos; e o amor vae dentro do espirito mais rombo e bôto, e eil-o que o desentranha em prodigios de subtilezas, argucias, e sublimes velhacarias! E até talento! Ha ahi sujeito que vingou um nome esperançoso n'uma época de sua vida:

chegou mesmo a escrever locaes com certo orientalismo; e de repente tapam-se-lhe as valvulas, e o talento suppura por tolice. Que foi? Averigua-se e sabe-se que o homem deixou de escrever as locaes aziaticas assim que a mulher amada casou com outro.

Bartholo não teve que recalcitrar a esta pergunta:

— Pois ha de elle faltar-me ao respeito!? — E depois a exclamação «Jesus!» desarmou-lhe de todo as suspeitas. E, como se tanto fosse pouco, Paulina continuou:

— Não quer o papá que eu fale mais com o Almeida? Não falarei. Verá como lhe volto as costas assim que o vir.

— Não é preciso tanto, nem nada, filha — redarguiu de muito bom rosto o pae — se me tu dizes que o Almeida nada te diz que te preoccupe o coração...

— O coração! — interrompeu a menina com o mais pasmado e lindo semblante. — Ora essa!... O papá está a rir-se de mim, não está?

— Falo-te serio, Paulina... Tenho muito medo da inexperiencia dos teus annos. Tu tens-me feito o sangue de fel e vinagre por causa d'aquelle homem, que me ia roubando a tua estima, e a ti mesma te ia fazendo esquecer de quem és... Ora agora, filhinha, que essa tempestade passou, tu não me dirás que foi o que te moveu a gostar do tal Gomes?... Não te envergonhes, menina, que ninguem nos ouve... Elle não se inculcava sequer pessoa de bem; era um bacharelzito, um inimigo das nossas crenças politicas e religiosas; em quanto

á figura, tudo n'elle é plebeu, trivial; mesmo em talento e instrucção, que o principe gabava muito, eu nunca lhe ouvi dizer cousa que admirasse a gente; emfim, queria eu que me tu dissesses por que amaste tal homem...

—Era um passa-tempo, papá!

—Não duvido, Paulina; mas as meninas da tua qualidade, quando galanteiam para se divertirem, escolhem outra casta de homens, para que se lhes não atire á cara com precedentes desairosos, quando ellas amam seriamente, e com proposito de se casarem. Ora diz-me tu cá: se teu primo marquez se lembra de casar comtigo, cuidas que elle ha de gostar que tu hajas acceitado a côrte d'um sarrafaçal sem nome, que andava por esse mundo a gastar uns safados cobres lá do pae, que ninguem conhece?

—Pois sim...—disse Paulina com mal refreada vehemencia – mas como o primo marquez se não lembra de ser meu marido, nem eu o queria, ainda mesmo que elle penssasse em tal...

—Não o querias? então que mais querias tu, filha.

—Eu não queria mais, nem tanto... Quero estar assim solteira, que estou bem... O papá não me dizia, ha poucos mezes ainda, que eu e a mana o matavamos se casassemos!...

—Disse isso, na supposição de que saíeis da minha companhia; mas o marquez, se casar comtigo, não sae da minha casa. E' já um contracto estipulado, filha... A minha palavra está dada; contei com o teu são juizo, quando a dei... Que respondes tu, Paulinasinha?

— Deixe-me pensar, meu pae. O primo marquez não tem pressa da resposta, e o papá tambem não. Deixe-me gosar mais algum tempo a minha liberdade, e depois eu direi o que tiver pensado.

— Pois sim, filha: dou-te quinze dias. Sou um bom pae, não sou? Outro qualquer diria: isto ha de fazer-se, porque quero que se faça. Eu, não. Transijo com a minha criança, na certeza de que ella ha de saber-me agradecer a brandura e os carinhos. Não has de querer que eu morra sem te ver *marqueza de Tavira!* O primo tem os vinculos desfalcados; mas a fidalguia d'aquelle sangue vale milhões para quem se preza de ser maior pelo nascimento que pelos bens da fortuna. Morro consolado se encontrar para tua irmã um marido egual... Em quanto ao secretario da legação, não deixes de lhe falar: trata-o bem, porque, a falar a verdade, lhe devemos a elle a alguma consideração que temos em Madrid. Não me parece mau rapaz; mas zangava-me ve lo sempre que podia em segredos comtigo!... Que te dizia elle?

— Nada que se não podesse ouvir... Só alguma vez, nos bailes ou no theatro, me fez rir com as suas satyras ás fidalgas hespanholas... é o que elle me diz baixinho, para os outros não ouvirem.

— Ah! é isso? — atalhou com boçal confiança o jubiloso Bartholo. — Então, filha, continúa a rir-te com elle; mas tem compaixão do primo marquez, que arde em zêlos quando falas com alguem.

— Pois que não arda, que eu tanto se me dá como *não* que elle fale com quem quizer. O pae cuida

que posso amar o primo marquez, com vinte e tres annos mais do que eu?...

— Mas parece um rapaz, e ha de ser um excellente esposo, Paulina. Os maridos querem-se d'aquella edade.

— Não sei para que!... — acudiu com perdoavel desenvoltura a menina.

Bartholo ia explicar a vantagem que sobrelevam os maridos de quarenta aos de vinte annos, quando algum incidente privou a minha joven leitora de ver aqui tratada a preceito uma materia, que poderia cooperar grandemente para a sua futura felicidade. Decorreram os quinze dias aprazados para a decisão de Paulina.

N'este espaço estreitou-se mais a correspondencia d'ella e Fernando, já inclinado á suspirada catastrophe do casamento judicial. A actividade do secretario, como agente d'este inesperado desfecho, foi inexcedivel. Opinara elle pela fuga, e depois casarem-se em Portugal. O filho do artista, com o animo abalado pelas honradas admoestações de seu pae, optou pelo casamento judicial, sem prescripção da menor formalidade honesta. Paulina pendia mais ao parecer do secretario, e achava escusadas as demasias de probidade com que o noivo queria tratado o seu casamento. Assim mesmo Fernando reagia á vontade de Paulina, e dizia acceitar o plano da fuga em ultimo recurso. A recusa estribava n'estas razões, dadas por elle ao seu amigo:

— Se eu fujo com Paulina, porei um cunho infamante no meu procedimento. Se eu fosse um grande de Portugal, por brazões ou riquezas, a sociedade

diria que eu tomára o violento alvitre da fuga para remover d'um lanço todas as difficuldades antepostas pelo capricho do pae. Assim plebeu, e quasi pobre, se fujo com ella, dir-se-ha que desprezei os meios judiciarios por medo de não achar justiça que ousasse contrariar a vontade do fidalgo poderoso.

—Mas—atalhou o sincero amigo, que sabia muito do coração das damas, estudado em Hespanha —quem te diz a ti que, durante o processo necessario ao supprimento do consentimento paterno, a senhora D. Paulina varia de ideias, e requer a remoção do deposito para casa de seu pae? Quem te diz que...

—Se o fizer—atalhou Fernando—mais tenho de me louvar pelo meu procedimento; claro é que Paulina devia arrepender-se, e dar-me o inferno, as mais tormentuosas agonias que tu podes imaginar. Antes isso, meu amigo: antes essa prova! Poderás tu fazer-me a justiça de suppôr que eu sigo os caprichos d'uma mulher rica?

— Não.

—Pois bem: venha depressa o momento em que eu possa conhecer-lhe a alma, cuja nobreza tu me deixas entrever a luz duvidosa.

—Não é assim: eu previno, e mais nada.

—Prevines a possibilidade do arrependimento, emquanto dura o processo.

—E' bem de ver.

—E d'esperar?

—Isso não sei; mas deves temer muito da força do adversario. Os juizes em Madrid são corruptissimos, e pesam na balança o oiro do fidalgo realis

ta, e se o oiro do fidalgo realista pesar o quilate legal, acceitam esta legalidade, em vez d'outra que as leis estatuiram. Esta é uma das faces: a outra é a dos meios empregados no convento onde vae ser depositada Paulina, para a demoverem. Raro acontece que elles não vinguem, ao cabo de seis mezes d'espera. Insisto. Eu, em teu logar, fugia. A meia legua de Madrid estás em segurança. Na semana que vem, entras em Portugal. Chegas a Lisboa, e encontras na primeira egreja um prior que vos absolve. Uma batalha assim vencida é plena e gloriosa: a outra, que vaes dar, costuma ser tão golpeada de contrariedades, que, afinal, o triumpho é semsabor. Mas faz o que quizeres. Decide-te por um dos conselhos, que nunca poderás identificar os dois. Honra e coração costumam andar bem-avindos, mas é só nos romances.

—E fóra dos romances, amigo Almeida — disse Fernando. — Agora mesmo te estou dando a prova. Diante das razoaveis difficuldades que me levantas, ouso ainda insistir pelo deposito, e envergonho-me de ter vacillado entre o processo judicial e a fuga.

XV

Paulina convidara Fernando a um colloquio nocturno, na vespera do dia em que havia de ser requerido o deposito. Este convite fôra-lhe suggerido pelo secretario da legação, que antevia mau desfecho do negocio tratado com pannos quentes. Induzira elle a menina a propôr de viva voz e com instancia ao noivo a fuga immediata: esperava Almeida que a presença, a resolução e intimativa de Paulina quebrantassem a firmeza do seu amigo.

Era aquella a primeira vez que Fernando Gomes ouviu a voz de Paulina, depois da saída de Florença. Foi com alegria de coração; todavia algum vago presagio lhe ennublava o espirito.

A familia Briteiros occupava o primeiro andar do melhor hotel de Madrid. Fernando devia entrar ás nove horas da noite e pedir um quarto no *entre-sol* do edificio. O corredor commum d'estes quartos

baixos tinha escada que subia ao primeiro andar. A's onze horas Fernando subiria esta escada, e encontraria Paulina no tôpo. A excellencia do plano correspondeu á execução. Ninguem occupava os quartos inferiores, excepto um francez chegado á mesma hora. O hospede entrara, e fechara-se em sua camara. A's onze horas era completo o silencio no andar superior. Bartholo dormia o pacifico somno de quem tomou o chá com algumas inoffensivas gottas de extracto de morfina, ministrado á filha pelo previdente secretario da legação, que assim pensava ir lentamente vingando os condiscipulos enforcados. O marquez recolhia da tertulia ás tres horas da manhã. Eugenia velava com sua irmã, como quem velava em cousa muito de seu interesse, e vae já dizer-se para que não esqueça.

Fernando subiu as escadinhas em espiral.

Quiz-lhe parecer que via um vulto á porta, aberta no cimo da escada, e parou no intento de retroceder. Fez-se um pallido clarão no interior da sala. Assomou á entrada Paulina, e murmurou:

— Sóbe sem receio, Fernando.

— Parece-me que estava aqui gente, quando eu subia...—disse o moço.

— Não te enganaste.

— Quem era?

— Depois saberás tudo: escuso dizer-te que não tem nada comtigo o vulto. E' um homem que ama minha irmã: é o conde de Rohan. Não podemos perder tempo — continua Paulina com adoravel alvoroço.—Preferes os mil estorvos com que vamos luctar, á certeza da ventura sem o menor desgosto

—E o que é a ventura sem o menor desgosto, minha querida Paulina?—perguntou Fernando, já meio aturdido pelo magnetismo d'aquella voz, d'aquelles olhos, d'aquellas roupas brancas, d'aquella luz, d'aquelles braços, que, a tremerem, se lhe ousavam enlaçar no pescoço com o mais pudico despejo das almas puras, que tudo fazem com a mais santa das intenções.

—Pois não achas mil vezes melhor que fujamos para Portugal?—tornou Paulina—Tu não me amas, não!... Vê tu que differença do teu coração para o meu!

—Por Deus!—atalhou Fernando.—Eu não te amo, Paulina!?...

—Que quer dizer a tua repugnancia em acabar com isto d'uma vez!?... Ha tanto tempo a soffrer a perseguição de meu pae!... Desde que acabaram os quinze dias, estou n'um martyrio incessante com perguntas, maus modos, e desprezos! E a padecer tanto por amor de ti! Sei que, se fôr depositada, meu pae ha de dar-me dias horriveis de amargura; e, por fim, tu verás que a justiça me entrega a elle para nunca mais saberes de mim, nem eu de ti, meu Fernando! Olha, querido amigo, tira-me d'aqui; fujamos para a tua familia; vamos ser felizes; lembra-te que eu deixo o amor de meu pae, e tudo, para seguir a tua sorte! Leva-me, Fernando, leva-me, porque depois de ámanhã n'esta casa nem tenho mesmo minha irmã que me console as tristezas e saudades. Minha irmã foge ámanhã por noite com o conde. Vão casar-se a Paris. Assim que ella lhe escreveu a chama-lo, veiu logo, e preparou tudo

para a fuga. E eu pensava que o teu amor era mais forte que o d'elle!... Porque me não levas, Fernando? Falas-me tanto em honra, meu amado! Eu não entendo os pontos de honra em que me estás sempre falando! O nosso amigo Almeida tambem os não entende. Quando se ama verdadeiramente, as considerações, que tu me fazes, parece-me que ninguem as faz... Que prazer tens tu em que eu vá estar seis mezes ou mais n'um convento á espera que a demanda se decida, sem mesmo antevermos a certeza da decisão favoravel!? Isso é crueldade! Olha que me não vês, Fernando, nem talvez possas escrever-me! Se eu morrer de magua, de quem é a culpa? Quantas vezes te arrependerás de me não ter ouvido n'esta hora?

Não era necessario tanto. Fernando Gomes estava vencido e convencido. As ultimas palavras de Paulina tinham sido cortadas de soluços. Nunca homem algum resistiu a isto! Scipião, o respeitador historico das mulheres, se visse este lance viria outra vez ao mundo dar testemunho de uma virtude, que a sua celebrada continencia usurpava.

Fernando tomou nos braços a soluçante menina, e disse-lhe:

—Fugiremos, Paulina. Fugiremos, quando quizeres. A'manhã, se te apraz. Deus vê as minhas e tuas intenções. Espero que nunca te arrependas do passo, que o mundo, a seu pezar, não poderá infamar-te.

Paulina expandiu-se em requebros de ternura e raptos de alegria. A combinação de horas, signaes, e menores accidentes da fuga ficou pactuado. Disse

a menina que se conservasse elle á escuta algum tempo, emquanto ella ia preparar o pacotinho da mais necessaria bagagem; e, depois, a recadasse no seu quarto, e de madrugada a levasse comsigo, sendo este o melhor modo de não inspirar desconfianças. Como embriagado de alegria, Fernando accedeu a tudo sem contestar; esperou, e recebeu o pacote, que era uma mala ingleza quadrada, cujo peso elle notou com admiração.

Ao romper da manhã, o passageiro, com ar de quem vae entrar nos vehiculos da madrugada, saíu do hotel; sobraçando a mala com grande espanto do creado, que o vira entrar sem ella, e recolheu-se á sua pousada, d'onde logo escreveu ao secretario da legação.

Almeida acudiu logo a felicitar o reconsiderado amigo, congratulando-se de ter elle sido o indirecto motor da saudavel reforma nos estoicos principios do seu camarada. Traçaram o plano facilimo da fuga. Fóra de portas estariam cavalgaduras. O funccionario diplomatico iria com os fugitivos para remover obstaculos imprevistos da policia. Fernando era já o homem avesso do dia anterior. Falava o coração, alliviado do pesadello da impertinente honra.

Sentia-se enlouquecer de esperanças alegres, anciosas, insoffridas da morosidade do tempo.

—Aqui tens a riqueza da minha Paulina!—disse elle sorrindo e mostrando a mala.—Ninguem dirá que eu a raptei por causa d'essa malinha, que deve encerrar algum vestido, e as minhas cartas...

Almeida tomou ao alto a mala, e disse:

— Não: aqui ha alguma cousa mais que sedas e papeis! Isto pesa como ouro.

— Ouro?! estás brincando!—disse Fernando.

— Está aberta a mala. Se não temes a profanação, vejamos o que vae aqui.

— Sim, vejamos— condescendeu Fernando, desfivellando as correias.

Ao de cima iam as cartas em massos, cintadas com fitas de diversas côres. Seguia-se alguma, pouca e finissima roupa branca, cuja hollandilha, e cambraia tomava pouco espaço. Depois, um vestido de seda azul, o que ella vestia no baile de Jeronymo Bonaparte, onde viu Fernando Gomes pela primeira vez. Depois, sobre o fundo da mala, descobriram uma caixa de tartaruga, pouco mais larga e comprida que um palmo. Esta caixa é que realmente pesava como ouro, e estava fechada.

Fernando esteve algum tempo tomando o peso da caixa, em meditativo silencio, e disse:

— Não levo isto: é preciso que faças chegar, antes de á noite, este objecto a Paulina. Aqui vão grandes valores... não levarei comigo, aqui fechada, a minha condemnação. O mundo chama ladrões aos homens que praticam assim. Depressa, Almeida. Inventa o milagre de fazer entregar isto a Paulina, quando não, está tudo transtornado.

— És um homem impossivel!—replicou o secretario da legação, menos escrupuloso que philosopho, se é que se chama acertadamente philosophos, uns sujeitos que sabem receber, em pleno espirito, a luz toda do seculo. — Pois tu recusas acceitar *Paulina* com as joias do seu uso?

—Recuso. Paulina não tem nada.

—Nem a legitima de sua mãe?

—Paulina é menor: seu pae é que lh'a administra.

—Eu não discuto direito comtigo; limito-me a descobrir que és um asno exemplar, e dá-me vontade de te mandar cavar pés de... Com effeito! Venham aqui aprender moralisação os futuros amadores de meninas que levam caixõesinhos pesados, quando fogem com os amantes!...

—Tens graça; mas eu tenho razão, que é melhor—retorquiu Fernando Gomes.

Emquanto elles altercam já em phrases desabridas, saibamos que rumor é este que vae em casa de Bartholo de Briteiros.

O creado do hotel, como visse saír o hospede de algumas horas com a mala que não trouxera, obedeceu ao instincto da curiosidade, e seguiu-o com todas as precauções. Viu a pousada em que entrárá, tomou o numero da porta, e voltou a casa a dar conta ao patrão.

O dono do hotel, timbroso em manter a fama honrada do seu estabelecimento, consultou o alcaide sem aventar suspeitas além das que realmente davam em resultado a verdade inteira do facto.

Sabia elle que o locatario do primeiro andar era um portuguez riquissimo, e que mais de uma vez pernoitara, nos baixos da casa, um francez mysterioso, que tinha intelligencias com uma das filhas do portuguez, segundo elle deprehendera d'uma troca de escriptos, por alta noite, entre as janellas do primeiro andar e sobre-lojas. Estes esclareci-

mentos deram rastros ao alcaide para suas averiguações.

Com quanto o sujeito da mala não fosse o francez alludido, observou mais o austero hospedeiro que, no mesmo dia, entre as oito e nove horas da manhã, o francez rebuçado cautelosamente sahira com um volume debaixo do braço. Estas coincidencias de dois homens na mesma pousada, na mesma noite, e com volumes iguaes, ou cousa assim, feriram faiscas de penetração na cabeça, aliás cerrada, do hespanhol, que, de collaboração com o alcaide, deu como effeito um consideravel roubo ao portuguez Bartholo de Briteiros.

Esclarecido assim o facto, o alcaide apresentou-se ao fidalgo ás dez horas da manhã, e perguntou-lhe se suspeitava que em sua casa faltassem objectos de valor.

— Não!—disse Briteiros—Quem ha de subtrahir objectos de valor de minha casa?!

— Examine, senhor—disse o subalterno da policia—que a minha obrigação é averiguar, e sem detença.

Bartholo entrou nos quartos de suas filhas improvisamente, e encontrou-as empacotando e dobrando roupa de seu uso.

— Que fazem as meninas?!—perguntou o pae com assombro.

Paulina e Eugenia ficaram tolhidas, interdictas, e incapazes de responder um monossyllabo.

— Que estão a fazer, não ouvem?!—replicou Bartholo examinando a roupa dobrada.

Acudiu-lhe uma atroz suspeita. Fez-se côr de

terra. Dilataram-se-lhe em arqueijos as azas do nariz. Raiaram-se-lhe os olhos de linhas sanguineas. Correu ás gavetas dos toucadores e das commodas; remexeu tudo, revistou tudo impetuosamente, e exclamou:

—As caixas das joias!? As tuas joias, Paulina, e as tuas, Eugenia? Onde estão cem mil cruzados de brilhantes de vossa mãe?

Paulina cravou os olhos no chão, perdida a côr, e quasi os sentidos. Eugenia, mais fraca de compleição, e muito timorata, cahiu em joelhos, e exclamou:

— Perdão, meu pae!...

—Roubado! roubado!—bradou o velho—roubado por minhas filhas!

E saiu em vertiginosa corrida e a brados por a casa fóra, até entrar na sala onde estava o alcaide.

Paulina, logo que o pae sahiu, disse á irmã:

—Tu és uma miseravel se descobrires alguma cousa. Não pronuncies o nome dos desgraçados, Eugenia! Ainda que nos matem, salvemo-los a elles!

D'ahi a instantes, foram as meninas chamadas á sala, e interrogadas. Nenhuma resposta deram ás perguntas do alcaide. A's do pae respondiam, principalmente Paulina:

—Os brilhantes e as joias não estão em poder de ladrões.

Mas, no tocante a nomes, nenhuma proferiu palavra.

N'este momento angustioso, entrou o secretario da legação. N'um relance comprehendeu tudo. Briteiros abraçara-se n'elle, exclamando:

—Roubado em muitos contos de réis por consentimento de minhas filhas... E ellas, estas infames, estavam-se preparando para seguir os ladrões! Não haverá justiça em Hespanha, senhor alcaide?

—Ha—respondeu Almeida—e o ministro portuguez, em Madrid, é o funccionario a quem primariamente compete solicitar a justiça em favor do senhor Bartholo de Briteiros. Os passos do senhor alcaide hão de ser dados de accordo comigo. Queiram esperar-me, que eu volto.

Sahiu Almeida, e entrou em sua sege, que o transportou á pousada de Fernando Gomes.

Sem lhe dar completa explicação das causas, obrigou-o a saír, e transportou-o a sua casa. Ahi, simplesmente lhe disse:

—Se o meu plano vingar, d'aqui a pouco ha de estar Paulina comtigo.

E saíu, a desapoderado galope dos cavallos, para o hotel de Briteiros.

Ao apear, disse ao boleeiro:

—Se uma senhora saltar na sege, vai n'um raio apea-la em casa, mas torce o caminho.

Subiu. As meninas tinham saído da sala.

Bartholo e o alcaide estavam ouvindo o depoimento do dono e creado do hotel, que denominavam francezes os conductores dos volumes.

Almeida pediu licença para ter particular conferencia com as meninas. Bartholo cedeu de prompto, entregou-se cegamente ás deliberações do funcionario, que se dava o ar mysterioso de quem tem o fio da meada.

A conferencia foi sem testemunhas.

— Fernando está em minha casa — disse Almeida. — Aqui ha um desesperado recurso, um unico. A senhora D. Paulina entra na minha sege, e é conduzida a Fernando.

— Oh! meu Deus! já! — exclamou ella, erguendo-se para saír.

— E eu fico, Paulina? — bradou Eugenia.

— Pois vossa excellencia tambem quer fugir com Fernando? — disse Almeida.

— Eu havia de fugir esta noite com o conde de Rohan — respondeu Eugenia.

— Fujam ambas! — tornou o secretario, mas onde está esse conde?

— Era hospede cá no hotel... Amo-o ha cinco annos... Vamos, vamos, Paulina...

— Eu indagarei onde está o conde — disse Almeida — Não se demorem.

Alguns segundos depois, o estrepito da carruagem fazia tremer as vidraças do hotel. A visinhança viu o rapido saltar de duas meninas, veleiras como anjos alados, cobertas e encapuzadas de capas de merino branco com bordados e borlas verdes nos capuzes. Ninguem soube dizer mais nada.

O secretario saíu com o alcaide, e Bartholo de Briteiros tornou aos aposentos das filhas, no intento de as mandar vestir para entrarem n'um convento.

Quando assomou á porta do quarto, viu duas creadas debulhadas em lagrimas.

XVI

Paulina e Eugenia, menos apavoradas do que suppõe o leitor, apearam no pateo do secretario da legação, e foram guiadas a uma sala, em que Fernando Gomes, prostrado mais que o commum em lances taes, parecia meditar no suicidio. Paulina galvanisou-o moderadamente, apertando-lhe as mãos com mais tremor de ternura que d'afflicção.

— Que abatimento, Fernando! — disse ella, em quanto Eugenia, desalentada pelo quebrantamento do moço, soluçava a chorar, na incerteza do seu destino.

— Isto não é abatimento, Paulina...—disse elle —é porque em verdade eu recebo com dôr a alcunha de ladrão!... Falei-te eu em joias? Que infernal lembrança a de me dares os brilhantes de teu pae!... Quando te disse eu que precisava de ser infame para ser feliz?

— Foi uma indiscrição, meu amigo; mas perdoa-m'a...—disse Paulina—Como os brilhantes tinham sido da mamã, e o papá muitas vezes nos disse que eram nossos, cuidámos que podiamos reparti-los entre ambas, sem medo de que chamassem roubo a isto. Agora não tem remedio a nossa loucura... Não te estejas tu assim a matar, meu Fernando. O crime é meu e não teu...

— Cala-te, pobre criança! — redarguiu Fernando —tu não sabes que mal me fizeste...

Algumas phrases mais, talvez inopportunas, do filho do artista, obrigaram Paulina a chorar e arrepender-se.

Chegou, n'este escuro trance, o secretario, e todos o viram como prenuncio de bonança. Eugenia saíu logo a perguntar-lhe se sabia onde estava o conde.

— Ainda não, minha senhora. Será talvez, difficil encontra-lo, se elle já souber que o perseguem.

— Sou tambem perseguido?—atalhou Fernando.

— Ninguem sabe o teu nome, mas precisamente te procuram na estalagem onde estavas. Porém, como falaste sempre francez, e, por bom alvitre meu, te despediste como quem vae para França muito diabolica será a alcaidaria madrilense se te farejar aqui. Observo que os meus amigos estão todos tres sem juizo para decidirem o que lhes convém.

— Eu decidi—disse Fernando.

— O teu plano deve ser o unico racional na tua situação: é a fuga. A sr.ª D. Eugenia dir-me-ha o que tenciona fazer se o seu conde não apparece.

—Não apparece!—exclamou ella atribulada.

—Póde não apparecer, minha senhora, e não ha motivo para que vossa excellencia o considere descuidado, covarde, ou traidor.

—Então que eu hei de fazer?!—tornou Eugenia, pondo as mãos com dilacerante angustia.

—Quer vossa excellencia seguir sua irmã, e esperar em Portugal que eu a avise do destino do conde?

—Não lembres á sr.ª D. Eugenia um destino impossivel— disse Fernando Gomes.—Eu não vou para Portugal.

—Como?! não vaes para Portugal?

—Não fujo—replicou Fernando—e, quando fugisse, não iria levar a meu pae a noticia do nome que deixo em Madrid.

—Pois se ninguem te sabe aqui o nome?

—Sabe-o a minha consciencia.

—Pois foge para França—recalcitrou Almeida —ou para a Italia, ou para onde quizeres.

—Não fujo; e perdoa-me, Paulina... Nós não podemos fugir. Teu pae vae receber de minha mão os brilhantes de sua mulher e de sua filha; tu entras espontoneamente n'um convento; de lá requeres dispensa do consentimento de teu pae: sairás de Madrid com honestidade, e eu com honra. E' impossivel ser feliz, e dar-te felicidade, se faltarem estas condições á nossa união. Isto é irrevogavel, meu amigo. Por delicadeza e compaixão não discutas comigo. Temo que este anjo suspeite da minha dedicação, se tu me condemnares pela fraqueza das minhas apprehensões.

Paulina teve momentos de suspeita, e outros peores de arrependimento. Quizera ella esconder-se com a vergonha de seu acto a um coração bastante forte, ou bastante desempoeirado, que lhe fizesse sentir com vaidade a grandeza do seu heroismo. Nem elle mesmo a absolvia! elle, por quem a imprudente se perdera no conceito do mundo, e na estima do pae! São pungentissimos os espinhos das corôas que santificam os martyres da honra! Este é um dos casos em que a mulher amada, amigo, sociedade tudo conjura a azedar com mais fel o calix do homem probo! Acontece que o leitor de um romance, que taes casos narra, sympathisa com semelhantes excepções d'este mundo sublunar, mas assim mesmo, o panegyrico do romance é galardão tardio, que não vale a menor das dôres que excruciavam a alma do pobre filho de Francisco Lourenço.

Estavam como atrophiadas as duas meninas. Almeida, sem dizer o seu destino, tinha saído. Fernando encarou na lagrimosa Paulina, correu a ella, e ajoelhou-se-lhe aos pés, murmurando:

—Duvidarás tu que te adoro, ó anjo da minha alma!... Poderás crer que o receio de ser apregoado ladrão me faz baixar ao egoismo de maldizer a hora em que te vi!... Não, não, minha querida filha; não me julgues capaz de afastar uma infamia com outra...

—Degradei-me por amor de ti—soluçou ella—e agora hei de ir morrer n'um convento, sem a amizade de ninguem, perdida no conceito de toda gente, e tratada com vilipendio por todos... C[illegible]

dei que não me tornava indigna aos teus olhos...

—Indigna aos meus olhos!—exclamou Fernando coberto de lagrimas—quando te disse eu palavra que te dê razão de tamanha calumnia! O' Paulina, eu quero-te pobre, quero fugir comtigo já, mas salva tu da deshonra o meu nome, que ha de ser tambem o teu. Não leves o valor de um ceitil da casa de teu pae. Espera que o boato do grande roubo de cem mil cruzados, de que teu pae te argue, se desvaneça, para que a tua dignidade não fique tão feiamente manchada. Não vês tu que se trata de salvar o teu nome?

—Salva-lo, como?...—redarguiu Paulina.

—Restituindo os brilhantes—disse Fernando.

—De que serve restitui-los? Crês tu que o pae me dará licença de ser tua esposa por isso? Meu pae tem cem vezes o valor dos brilhantes... Ha de perseguir-me atrozmente para eu não casar comtigo, Fernando...

....

....

....

No entanto, o secretario da legação entrou no hotel de Bartholo de Briteiros.

Encontrou o velho prostrado no leito, espertando d'uma demorada syncope. Ninguem ao lado do pobre pae! N'aquelle instante solemne calou-se o velho rancor de Almeida, e falou a compaixão.

—Mataram-me, as ingratas!—exclamou Bartholo—fugiram, fugiram as perdidas! deixaram-me assim, sósinho, a amaldiçoa-las, agora, e sempre, e na hora da morte...

Almeída deixou-se abraçar pelo anciado velho, e disse-lhe:

— Cobre a possivel serenidade para me ouvir, senhor Bartholo.

— Diga o que quizer, meu amigo. Pouca vida terei para ouvi-lo.

— Suas filhas deviam fugir ao vexame dos interrogatorios judiciaes, e fugiram. Conduziu-as a minha carruagem; estão em minha casa.

— Estão?!... — exclamou Bartholo.

— Estão, como se estivessem na austeridade d'um mosteiro. Vossa excellencia deu-lhes o impulso desgraçado que dão os paes que o não sabem ser. Quiz vossa excellencia pautar o coração de suas filhas: tentou um absurdo, que deu origem á culpa. A natureza reage contra as violencias; e a reacção é quasi sempre indiscreta ou criminosa. Sua filha Eugenia amava o conde de Rohan, sua filha Paulina amava Fernando Gomes. O francez sei quem é de tradição; Fernando, que eu conheço desde as escolas, é um homem de tantas e tão insolitas virtudes, que o mundo actual ha de vêr-lh'as com extranheza. Vossa excellencia impugnou o enlace de suas filhas com estes dois mancebos escolhidos por ellas. Uma, ia ser immolada ao marquez de Tavira, que sae embriagado dos alcouces ás tres horas da manhã; a outra estava esperando a sua hora de sacrificio. O funesto resultado d'estas coacções foi uma e outra conspirarem surdamente contra a insensata tyrannia de vossa excellencia. Fernando Gomes chegava a Madrid um dia antes de vossa excellencia, em vez de estar na Irlanda procurando

a senhora D. Paulina nos mosteiros; o conde de Rohan, chamado de França por a senhora D. Eugenia, veiu hospedar-se n'este mesmo hotel.

—E eu sempre vendido e enganado por ellas!... — exclamou Bartholo.

—Era a justa paga do despotismo com que vossa excellencia dispunha de suas filhas, que tinham em si o despotismo mais imperioso do coração! Pergunto eu ao sr. Bartholo de Briteiros: se suas filhas, para se libertarem d'um jugo violento, deram o extranho passo de prepararem a fuga, que crimes e vergonhas as reterão no mau caminho que tomaram, se vossa excellencia não tiver a prudencia de as chamar a si, e rehabilita-las no conceito do mundo?!... Por em quanto não ha nada que as avilte. O levarem ellas suas joias e as de sua mãe, isso, a meu vêr e de toda a gente, é cousa de si tão desculpavel, que não tem mesmo penas na lei que a puna. O valor moral do acto tambem nada significa. Imagine vossa excellencia que as suas filhas gostavam dos seus enfeites, e, quando fugiam, levaram comsigo esses adornos da vaidade, aos quaes ellas não ligaram valor algum real. Já disse a vossa excellencia que não conheço pessoalmente o conde, amado pela senhora D. Eugenia. Informei-me agora mesmo na embaixada franceza, e soube que o conde era um dos mais nobres legitimistas da França, e tem castellos, senão reconstruidos á moderna, cravejados de muitos brazões, que, se me não engano, podem competir antiguidade com os de vossa excellencia. Este cavalheiro era incapaz de ser o receptador de um furto. Em quanto a Fernando, o

portuguez, posto que não tenha castellos nem mais appellido que o *Gomes*, que vossa excellencia provavelmente não encontra nos seus nobiliarios, os brilhantes que se presumem ter ido n'uma caixa, em tão pouco os reputa elle, que me encarrega a mim de os depositar nas mãos de vossa excellencia. Queira o senhor Bartholo estalar a fechadura da caixa para verificar a identidade dos objectos. Fernando Gomes não sabe o que está ahi.

Almeida entregou a caixa a Bartholo, que apenas o interrompia com variados gestos de raiva, surpreza e condescendencia.

Depois proseguiu:

— Fernando Gomes está fazendo companhia ás filhas de vossa excellencia em minha casa. O conde de Rohan está hospedado na embaixada franceza. O que o conde quer não sei; o que Fernando deseja é que a senhora D. Paulina entre pacificamente n'um convento, e de lá instaure um processo para vossa excellencia ser ouvido na questão de consentimento para matrimonio. Resolvi eu, sem permissão d'uns e d'outros, vir propôr a vossa excellencia o seguinte: suas filhas voltarão para casa, e vossa excellencia consentirá que ellas se desposem com homens de sua escolha, recahindo ella em sujeitos tão benemeritos como o conde e Fernando Gomes. Ouvirei a sua resposta.

Bartholo desceu do leito, amparando-se ao hombro de Almeida. Passou á ante-camara, sentou-se chorar e enxugar lagrimas, reflectiu alguns segundos, e disse:

— Pois que venham as minhas filhas para casa

e eu cederei o que fôr de razão ceder. Mas, senhor Almeida!... Esta ignominia já deve ser notoria em todo o Madrid!

— Apenas a justiça, auctorisada por vossa excellencia, anda em averiguações inuteis. Mande o senhor Bartholo suspender a vulgarisação que os esbirros estão dando aos desgostos particularissimos de sua vida.

— Vou mandar... — disse Bartholo.

— Veem, por tanto, suas filhas. Eu não levo a certeza dos bons intentos de vossa excellencia. Por isso mesmo ouso lembrar-lhe que, se forem o inverso dos meus bons desejos, as consequencias redundarão todas em desgostos maiores para vossa excellencia, e póde ser que mui grande vilipendio para suas filhas. O senhor Briteiros, se as chama para as castigar com violencias, abre n'esta casa trinta portas por onde ellas podem fugir. Ha uma hora em que um pae reconhece que toda a sua força se quebra diante do aceno d'uma debil criança. A lucta é desigual com o coração, senhor Bartholo...

— Diz bem... — atalhou o velho. — Fui eu que as perdi com a educação, com o mundo, com a vida de Paris e Florença...

— Assim seria; mas o mal é insanavel com cauterios: requer muita prudencia o corrigi-lo. Vossa excellencia póde faltar a suas filhas ámanhã; e o mundo ha de chama-las a si com a educação que lhes deu, e engolfa-las no seu abysmo. Salve-as com tempo, senhor Briteiros. A sociedade dá ás mulheres este nefasto prestigio, que as enthrona, com

a condição de se despenharem depois na voragem onde foram buscar a realeza.

— Diz bem... — repetiu Bartholo de Briteiros, que, segundo minha opinião, percebeu levemente o interlocutor.

XVII

Almeida foi apresentado ao conde de Rohan, que se envolvera na bandeira franceza, logo que houve noticia do descobrimento da projectada fuga.

Para honra da França, diremos que o descendente do famoso cardeal, quando recebeu o pacote de Eugenia, se bem que o achou pesado, não cuidou que levava metade das joias e brilhantes. A mim, porém, me quer parecer que o illustre conde não faria caramunhas de mau gosto, quando a menina lhe mostrasse os aderesses de ricas pedras. A França, n'isto e em tudo, vae na dianteira dos espiritos. A virtude, lá, é cousa tão contingente, que chega a não ser regra. Menina que foge, não perde aos olhos do seu raptor, nem o tribunal do mundo se entoga com gravidade de juiz para cousa tão futil. O conde de Rohan pensava muito em descobrir Eugenia, e pouquissimo nos brilhantes, quando o cavalheiro

d'Almeida lhe foi apresentado pelo benevolo embaixador francez, amigo de ambos.

Contou o secretario os successos decorridos, e a convenção, pouco segura, mas preparatoria para bom resultado, que fizera com Bartholo de Briteiros. O francez, approvando tudo com palavras de muito reconhecimento, pediu a Almeida a grande mercê de ser o apresentante dos brilhantes e dos seus respeitos ao fidalgo de Portugal. Estes *respeitos*, associados aos brilhantes, fizeram que o secretario notasse a superioridade do espirito da França sobre o de Portugal. Em quanto Fernando se estava n'aquellas lamurias e quebrantos, o conde de Rohan, fumando um perfumado charuto de Havana, com a chavena de chocolate ao lado, sorria mui placidamente, ao passo que o informador contava os acontecimentos occorridos; e, com quanta graça mesureira tinha de seus placidos modos, enviou ao *fidalgo portuguez* (hidalgo, disse elle) os seus brilhantes e os respeitos d'elle.

— Em quanto á minha boa Eugenia — accrescentou o conde — terá o cavalheiro a benevolencia de lhe asseverar que eu sou sempre o mesmo homem submisso escravo das suas vontades.

Com tão boas novas, correu Almeida a sua casa.

As noticias foram gratas a todos, posto que Paulina por palavras não denotasse a satisfação intima que sentira. Póde deduzir-se, sem desairar a menina, que as amarguras de Fernando, aquellas exuberancias de dignidade, o muito falar na honra de seu nome, agradaram mediocremente á filha de Bartholo. Perguntei a differentes senhoras, differentes e

temperamento, se o despeito de Paulina seria justo. Com muita magua de meu coração ouvi resposta, unanime de todas — que Paulina tinha razão; que Fernando encerrava nas arterias agua chilra; que um homem, assim apontado em subtilezas de honra, poderá ser um bom guarda-livros, um bom mordomo d'uma casa, mas que ha de sempre ser um amante glacial.

Fiquei suspenso, e prometti refutar semelhantes despropositos, quando escrevesse este romance. Desisto da tenção formada.

Antes quero que o leitor discuta e abysme as senhoras que injuriaram o pobre moço, e acharam extrema graça e galhardia de animo no conde de Rohan.

Entretanto, Paulina, ao despedir-se de Fernando, abraçou-o com exterioridades de muito affecto, e pediu-lhe que não chorasse, accrescentando:

— Tu podes contar sempre comigo, Fernando, Esperanças de que meu pae consinta no casamento, não levo nenhuma; mas se tu entenderes que, por meios da justiça, podemos conseguir os nossos desejos, tão desgraçadamente contrariados quando eu me julgava e te julgava feliz, estou prompta a requerer.

Notem a frialdade d'esta linguagem! Fernando, Eugenia e Almeida todos a notaram. Elle, porém, beijou-lhe a mão, e disse:

— Vae, minha amiga, e esquece-me, se quizeres e poderes. O que nunca poderás esquecer é que o homem, que te não servia para o coração, tinha alguma boa qualidade que ha de eternamente viver

em tua memoria. Antes esquecido por ti, que deshonrado por amor de ti, Paulina.

Sobreveiu o secretario com reflexões tendentes a conciliar os animos despeitados dos dois tão amantes, tão doidos de alegria, algumas horas antes; e agora, a separarem-se, com a desconfiança n'alma, a desconfiança que é quasi sempre a doença morta do coração!

Paulina desceu, chorando, encostada ao braço de Almeida.

O filho do artista lembrou-se, n'este acerbo momento, de sua mãe, porque teve precisão de orar, e quem lhe ensinara a oração fôra sua mãe.

Deixemo-lo orar e chorar. Preces e lagrimas assim, os anjos as levam ao Senhor. A'quellas almas disse Jesus: «pedi, e sereis attendidas.»

Os que dão cegamente sua alma a quem a não merece, e rogam a Deus o resgate d'ella, sentem-se livres.

Os que vão de rastros e quasi moribundos sob o pé da injustiça humana, oram, e recobram uma força, que é insulto á covardia dos fortes. Deixa-lo chorar e orar.

Deus lhes mostrará os balsamos das urnas qu ahi estão a desbordar desde que o Homem-divin perdoou aos que o matavam por ignorancia. Po que não hão de perdoar estes homens de barro cafila de farizeus que os não entendem?

Da cafila de farizeus exceptuo Paulina de Brit-ros. Se eu não podesse estrema-la, rasgava aqui estas paginas, e queimava os apontamentos, para que nenhum collega meu d'este maldito officio

saísse alguma vez a lume com a historia d'uma linda mulher com alma tão feia!

Paulina e Eugenia entraram nos seus aposentos, sem verem o pae.

O secretario foi ao quarto de Bartholo entregar a outra porção de brilhantes, e continuar sua missão de conciliador e conselheiro.

O fidalgo denotava boas intenções, em quanto ao conde de Rohan. De Fernando Gomes disse, á terceira pergunta, que havia de pensar no melhor modo de se realisarem os desejos de sua filha.

As meninas passaram aquelle dia sem leve incommodo de sua saude, nem accessos de lagrimas que mereçam chronica. Doe-me ter de dizer que, ahi por fins da tarde, riram com as creadas da figura que ellas deviam fazer, quando saltaram á carroagem, desgrenhadas, com os capuzes das capas encarapuçados á laia de feiticeiras. Esta frivolidade de espirito feminil é cousa tão vulgar, que eu peço á leitora que não levante a pedra, e deixe ir as cousas em paz, como Christo mandou ir uma peccadora.

No dia seguinte Fernando Gomes, instado por seu amigo, saíu com elle em carroagem. Passearam até á ponte de Segovia, e apearam na praça do Sol, onde o secretario havia de cumprir ordens do ministro.

O acaso encaminhara para alli o marquez de Tavira, que trazia o espirito encavalgado por um dragão.

Viram-se e reconheceram-se.

O marquez, cego de sua raiva, parou em frente

de Fernando, e disse a brados que muita gente ouviu:

— Ainda tem a pouca vergonha de se mostrar nas praças um biltre que seduz filhas-familias a roubarem seus paes!

Se o periodo fosse mais comprido, morria incompleto na garganta do marquez. O filho de Francisco Lourenço engriphou os dedos com sanha felina. O rancor, brutalisando o homem, parece que lhe dá parecenças com a fera, cuja sanha imita! As dez unhas de Fernando faziam espirrar o sangue gothico do marquez, que escabujava como o Lacoonte de Virgilio nas roscas das serpentes. Cairam ambos de modo que o de Tavira foi fender o occipital no eixo d'uma carroagem, cujo dono fizera alto para disfructar a lucta.

Almeida estava, poucos passos distante, observando o desenlace, que o enchia de jubilo. O marquez, ensanguentado, coberto de lama, e quasi desaccordado, nem de leve se boliu, quando Fernando desencravou as unhas. Approximou-se Almeida, e offereceu ao fidalgo a sua carroagem para conduzi-lo onde quizesse. O soberbo de sua miseria respondeu com uma insolencia, e retirou-se com respeitosa, mas curiosa cauda de gaiatos, testemunhas pertinazes e minudenciosas de todos os conflictos magnificos.

Constou ao secretario que o marquez saíra, no seguinte dia, de Madrid, com direcção a Portugal, onde a presença do convencionado não incommodava ninguem. Parece que Bartholo de Briteiros lhe emprestara dinheiro com que elle podesse

patria sustentar a antiga ociosidade e dissipação de seus avós. E, como não sei se virá de molde lembrar o nome d'este sujeito no decurso da novella, fique o leitor sabendo que o marquez de Tavira, depois de residir em Lisboa alguns mezes, fez-se um liberal rasgado, ou roto, como quizerem, e conseguiu ser nomeado ministro n'uma das côrtes da Europa, e mais tarde governador dos estados da India, d'onde veiu, já muito na flôr dos sessenta annos, casar em Portugal, onde está rico e honrado.

Paulina, sabedora da derrota que soffrera o primo marquez, sentiu uma satisfação que eu sinceramente lhe não louvo, e ao mesmo tempo um accrescimo de estima por Fernando, estima que eu não posso attribuir ao coração. Estas anomalias que a moral reprova e a animalogia desentende, são uns geitos de mulher que avisadamente não discuto. São assim. Deus as faça melhores ou peores, de modo, porém, que fiquem mais decifraveis e intelligiveis.

Bartholo, como é bem de ver, ficou raivoso contra Fernando Gomes, e esteve uma noite toda a scismar no modo menos estrondoso de se desfazer d'aquelle inimigo. Ponderou o malvado intento de lhe comprar a vida; mas occoria-lhe que em Madrid era difficil e arriscado andar em cata de um sicario destro e fiel. Desanimou: mas jurou que sua filha Paulina havia de morrer n'um convento, se teimasse em querer casar com o facinoroso.

Este successo apressou o casamento de Eugenia

com o conde de Rohan. O fidalgo colheu informações, que condisseram exactamente com as do secretario, mas muito por miudo. O conde era oriundo dos primeiros soberanos da Bretanha, condes de Porrhoit, viscondes de Rennes, por Alain I, quarto filho de Eudon, que vivia no seculo X. D'esta nobilissima stirpe procediam os duques de Rohan, com esta legenda no escudo: ROI NE PUIS, PRINCE NE DAIGNE, ROHAN JE SUIS.

A' vista d'isto, e do mais que deixo á averiguação dos genealogicos, Bartholo de Briteiros deu Eugenia ao conde, liberalmente dotada, e resolveu ir viver em Paris no inverno, e n'um dos castellos da Bretanha, no verão, em companhia de seu genro.

O velho principiava assim a vingar-se de Fernando Gomes.

No jantar nupcial, ao qual assistiram titulares hespanhoes, e a diplomacia dos differentes estados, Bartholo de Briteiros, n'um brinde que propôz a seu genro, disse em remate do discurso:

— Eu morrerei feliz, se vir minha filha Paulina casada com um parente dos Rohan; e, se não puder ser tanto, que seja, e muito ainda será, um nobre da França ou das Hespanhas, a quem meu genro aperte a mão, sem receio de a retirar suja.

— De sangue... — disse Almeida com um sorriso que tinha fogo do inferno.

Esta palavra «sangue» turvou um pouco o vinho que Bartholo bebia. Ao ex-ministro da Alçada quiz parecer que havia n'aquelle dizer succinto uma allusão. Nem que o secretario da legação fallasse em *corda*!

XVIII

Fernando Gomes, informado, não por Paulina, mas por Almeida, dos successos que se iam encaminhando a um natural e triste desfecho de tantos trabalhos, póde dizer-se que morreu antes que o matassem. Senhoreou-o amargura serena, sem contorsões; mas profunda, luctuosa, e inalteravel por nenhuma diversão.

Alguma carta que escrevia a Paulina ia breve, desalentada, sem a palavra esperança, sem a palavra saudade, sem a palavra amor.

Divagava por uns nevoentos dizeres, como devem ser os do enfermo de mortal doença, que anteve o fim, e se está, meio vida, meio eternidade, conversando com amigos, que deixa sem saudade e sem esperança de tornar a ve-los n'outro mundo.

Paulina entendia mal esta nova phase do espirito de Fernando, e respondia-lhe queixando-se da sec-

cura de suas cartas; porém, a tibieza dos queixumes podia apostar lethargia d'alma com o apparente regelo das cartas de Fernando.

— Como cahiste n'esse estado? perguntava Al meida ao seu amigo.

— Era o meu estado natural. Assim me conheceste no cerco e na universidade. Paulina emprestou-me uma segunda natureza que eu lhe devolvi em lagrimas, e fiquei como era, peor do que era, porque havia uma virtude em que eu tinha fé — o coração da mulher — e esta crença tambem se foi diluida em lagrimas.

— Injustiça! — interrompeu Almeida. — Não te diz ella que está prompta a requerer o seu deposito?

— Disse, não diz.

— Propõe-lh'o.

— Não. Quero forrrar o meu pundonor ao ultraje da negativa.

— Farei eu a proposta, mediante o conde de Rohan.

— Recuso o favor. Quem te diz a ti que o conde de Rohan deseja o casamento de sua cunhada comigo?

— Elle.

— Não creias. O conde de Rohan tem irmãos. Paulina é rica e formosa como Eugenia.

— Imponho-me o dever de não julgar ninguem pelos teus olhos. Tu és uma raridade, um excentrico, uma cousa com geitos de pessoa. Erras quantos juizos fazes. Eu hei de sondar o conde. Póde ser que tudo se consiga sem processo judicial.

O secretario procurou o conde. Fallou amplamente de Fernando Gomes, e das suas injustiças ao caracter de Paulina. O conde mostrou sympathisar com o caracter do portuguez, e disse:

— Eu fallarei a meu sogro.

E falou de modo que as suas ultimas palavras summariam o elogio que se lhe deve:

— O homem, cuja mão eu aperto com sincera satisfação de quem sabe prezar a virtude, é Fernando Gomes. Peço encarecidamente a mão de minha cunhada para este tão modesto como honrado mancebo. Condescenda, meu sogro, para eu poder darlhe o nome de provado amigo.

Bartholo de Briteiros respondeu umas palavras oscillantes, que nenhuma resolução significavam. O conde saiu maguado d'esta conferencia, e disse á cunhada:

— Se Paulina quizer casar com Fernando, tem de adoptar meios extraordinarios. Requeira o deposito, que a familia do ministro francez presta-lhe sua casa.

Paulina respondeu:

— Era preciso que Fernando ao menos me enganasse, para eu acceitar o seu conselho. Fernando, quando me escreve, nem ao menos diz que me ama.

— Ama com a mais segura das paixões: a paixão que mata com infernal lentidão.

— Se elle m'o fizesse assim acreditar!... — replicou ella.

O conde inferiu que Paulina estava cançada das virtuosas, incomprehensiveis e fastidiosas singula-

ridades de Fernando. E assim, muito á puridade, o communicou ao secretario.

Bartholo chamou Paulina, e mostrou-lhe cartas de Lisboa. A importancia d'estas cartas ha de ressumbrar na seguinte, que ella escreveu a Fernando:

«Meu querido amigo.

«Nem a cegueira do amor me engana. As tuas «cartas dizem-me tudo que está em tua alma. Eu «não sei por que desmereci aos teus olhos. Não sei, «Fernando! Aquella impensada fuga que eu havia «de fazer, com teu consentimento, creio que me ti«rou todo o prestigio. Esta pobre formosura, que «tanto encarecias, já te não inspira mesmo as pala«vras animadoras que releio nas antigas cartas, com «o coração traspassado de dôr! O ser rica sabia eu «que era cousa nenhuma em teu conceito; mas o «ser-te leal ha dois annos, á custa de tormentos ta«manhos, cuidava eu que seria um titulo á tua eter«na dedicação. Louca mulher, que tão vaidosa jul«guei merecer o que o mundo não póde dar! Com que me recompensas tu o fel que eu tenho tragado «desde que voltei dos teus frios braços para debai«xo dos olhos severos e queixosos de meu pae? O «teu esfriamento é incrivel! Se me dissessem que «amas outra mulher, comprehenderia o homem e a «ingratidão. Mas sei que vives só, que vives triste, «que tudo te é indifferente, e eu mesma quasi es«quecida! Cada carta que me envias é como obri«gada pela delicadeza. Palavras inintelligiveis, appre«hensões vagas, e nenhuma em que me digas posi«tivamente o que pensas, e esperas de mim! E eu

«amante como sempre! Capaz de tudo, mas incapaz «de me abalançar a novos sacrificios, sem que me «tu digas corajosamente: «Luctemos de novo!» «Porque m'o não dizes, ó Fernando!?

«Ainda agora saí do quarto de meu pae, onde «fui chamada, e entrei a tremer. Mostrou-me cartas «de Portugal, cartas forjadas talvez aqui, e man«dadas lançar lá no correio. Todas falam de ti mi«serias que eu me pejo de dizer. Mas adivinho que de«sejas ouvi-las. Creio que, em dizer-t'as, te allivio «de conjunturas dolorosas. Noticiam que teu pae é «um sapateiro de Lisboa, que tua mãe era col«choeira, e que andas por aqui a estragar as eco«nomias de teu pae, em quanto elle lá está que«brado de trabalho, cerceando ao pão de cada dia «para te sustentar uma vida aventureira. São assim «miserias d'este jaez. Irritou-me a alegria de meu «pae, quando elle com ar de victoria me estava «lendo estas calumnias. Não tive mão em mim, e «disse-lhe: «Isso é tudo falso. Se o pae de Fer«nando fosse um sapateiro, não iria visita-lo a Lon«dres, nem lhe daria a decencia com que tem vivido «ha dois annos em Florença, aqui, e em toda a par«te. Meu pae encontrou-o em casa d'um principe, «e o principe de Monfort não aperta a mão a filhos «de sapateiros, nem ministros de Portugal em Hes«panha o tratariam com tanta consideração, se elle «fosse o que essas cartas dizem. Meu pae enfure«ceu-se dizendo que o Almeida era filho d'um la«toeiro, e por isso occultava o teu nascimento...»

Fernando, n'este ponto, machucou a carta na mão direita, e atirou-a aos pés.

RESPOSTA

«Minha senhora.

«Não mentiram ao pae de vossa excellencia. Sou «filho d'um sapateiro, e d'uma colchoeira. Meu pae «está ganhando o pão que me sustenta, e vendendo as suas economias para suprir ás despezas que «o seu trabalho não alcança. O sapateiro foi a Londres, é certo; mas não foi visitar-me, como vossa «excellencia presume: foi pedir-me que voltasse á «pobre casa, onde minha boa mãe me chamava para «me abraçar antes de morrer. Ensurdeci ao chamamento de minha mãe, e não vi as lagrimas de «meu pae. Vossa excellencia tinha-me levado ouvidos e olhos, deixando-me no coração apenas a fibra do remorso de ser mau filho.

«Humilho-me diante de vossa excellencia, não «como filho do sapateiro, mas avergado pelo arrependimento de lhe ter occultado a minha humilde «origem. Foi o coração que me trahiu, dizendo-me «que para vossa excellencia era cousa de nenhuma «significação o meu nascimento. Penso que devo «ser desculpado d'esta falta: seria grande extranheza andar eu divulgando o meu nascimento. Eu «tinha estado em França, e vira ministros sahirem das «officinas: e o mundo respeitava-os pela honra dos «paes, e por sua elevação com esforços proprios. «Tudo me induziu, não a esquecer-me de que meu «pae era sapateiro, mas a presumir que me era licito com minhas acções continuar a ser honrado «como meu pae, sendo certo, minha senhora, que «eu nunca ousei suppôr que meu pae carecia de «minhas virtudes para se dar nobreza de si.

«Faz-me pena o desgosto de vossa excellencia «quando esta carta estiver lendo!

«O que a senhora D. Paulina de Briteiros tem «soffrido por minha causa! Que mal empregados «sacrificios!

«Não foi a mão de Deus que a susteve á borda «do abysmo, minha senhora? Que immensa vergo«nha e agonia devia ser a sua, se vossa excellencia «a esta hora fosse minha mulher?! Que torturas ir«remediaveis! Como havia dizer-lhe eu em Portu«gal o nome de meu pae?

«Nunca pensára n'isto!... Agora me parece in«crivel que não pensasse!

«Escrevo-lhe com quanta quietação de espirito se «póde, minha senhora. O coração está esmagado. «Matou-o a vergonha de ter pulsado em tão baixo «peito, vergonha que eu confesso sentir diante da «sombra de vossa excellencia, agora, e sempre.

«Veja que horrivel organisação social esta, se«nhora D. Paulina! Diga vossa excellencia em sua «intima e clara razão, se eu merecia ser vilipendia«do por meu nascimento, emquanto não praticasse «alguma acção infamante! que mal fiz eu á socie«dade em ter nascido de operarios?... Desculpe«me vossa excellencia estas perguntas vans, desor«denadas e indignas da sua attenção.

«N'este momento vou queimar as cartas de vossa «excellencia, menos d'esta ultima a pagina em que, «por suas mãos, a Providencia me ministra uma li«ção, que me póde ainda levantar diante de mim «mesmo.

«De novo lhe rogo me perdôe, no silencio de sua

«consciencia, porque as suas palavras já não pode-
«rei vê-las escriptas. Subscrevo-me, com quanto
«respeito me inspiram suas virtudes, creado de
«vossa excellencia

«*Fernando Gomes.*»

Almeida tinha saído com o ministro para o Aranjuez, para voltar quatro dias depois. Fernando queimou as cartas de Paulina, lendo as primeiras de Florença, quanto as lagrimas lh'o consentiam. Enfardou o seu fato. Comprou passagem na primeira diligencia em direcção á fronteira de Portugal, e mandou entregar a sua ultima carta a Paulina, ao embarcar-se na locomotiva.

Almeida, recolhendo do Aranjuez, encontrou este conciso escripto:

«Vou vêr o pobre artista, e a pobre companheira «do artista, que não tem culpa dos meus infortu«nios.

«Com as mãos erguidas te rogo que não digas a «alguem o meu destino.

«Terás as minhas cartas regularmente, em quanto «viver.

«Graças, meu amigo, pelo coração de irmão que «me déste. A recompensa é este chorar que me «tolhe poder escrever-te mais. São as ultimas la«grimas do teu Fernando.»

XIX

DE FERNANDO GOMES A HYPOLITO DE ALMEIDA

Lisboa, 4 de agosto de 1842.

«Meu presado amigo.

«Aqui estou na casa onde nasci, no pequeno quarto em que os livros me iniciaram para tormentos superiores aos que conheceste em minha vida.

«Entrei em casa inesperadamente, e encontrei minha mãe chorando, e nos braços d'ella, uma de minhas irmãs viuva, e alli, ao lado, deitada n'um berço, uma criancinha de dois mezes.

«Minha irmã casára com um capitão de mar e guerra, que morreu em viagem para Moçambique. Fôra ella dotada com dez mil cruzados, cuja maior parte o marido empregou em mercadorias, que levava comsigo, na esperança de grandes lucros.

«O navio deu á costa, e presume-se que meu cunhado se suicidou. A minha pobre irmã ainda ignora que está em pobreza extrema.

«Sabe-o meu pae, que é um santo, e acceita das mãos da Providencia tudo que vier.

«Outra minha irmã, casada com um official de secretaria, vive muito infeliz, e tem querido refugiar-se no abrigo dos paes; o marido, em poucos mezes, leva quasi dissipado o dote, sem mesmo assim poder resgatar-se de descreditos que mais tarde ou mais cedo o reduzirão a vir pedir esmola á porta do seu sogro. Acaba meu pae de me contar estas alegrias, que eu te refiro para que vejas os ditosos auspicios com que entrei nos lares domesticos.

«Meu pae está quasi cego, e minha mãe n'um estado de decrepidez extraordinaria. As minhas despezas dos ultimos oito mezes custaram ao santo velho o sacrificio da venda dos bens do Cartaxo. O que elle não vendeu foi a livraria, nem os manuscriptos de Bocage, seu amigo da mocidade. Disse-me que me salvara os livros para me legar amigos. Perdôa ao bom velho o seu descrer em amigos: elle não sabia que tu eras mais verdadeiro e vale-dor que os livros.

«O meu futuro é facil de conjecturar. Tenho uma numerosa familia dependente de mim. A outra minha irmã, e uma filha, não tardarão aqui. Meu pae ainda vae á loja examinar, ou finge que examina, o trabalho dos officiaes. Estes são já pouquissimos em relação com o diminuto consumo que tem a obra.

«Penso em arranjar emprego; mas sinceramente

te digo que não sei o para que sirvo, nem como estas cousas se alcançam. Lembra-me abrir loja de conselhos e requerimentos; estou esquecido do pouco que aprendi; careço de muita pratica, e de muita paciencia. Falta-me gosto, alma e vontade. Nenhuns estimulos d'actividade me impellem. Este espectaculo inesperado escureceu-me o espirito de modo que nenhum raio d'esperança já póde reanimar-me. Espero em Deus que esta crise não se demore; e, depois, veremos.

«N'outra carta me abrirei mais comtigo. A oppressão produz no animo dolorosa preguiça. Em contentamento sereno ou nas afflicções agitadas, n'estes dois extremos, é que o espirito se compraz ou desafoga em diffusas cartas. Esta minha dôr é termo medio que prostra e embrutece. Adeus. Teu amigo muito grato

Fernando.

DE HYPOLITO DE ALMEIDA A FERNANDO GOMES

Madrid, 14 de agosto de 1842.

«Meu Fernando. Quando recebi no Aranjuez, onde tive de demorar-me, a tua carta de despedida, corri logo a Madrid, não esperançado em encontrar-te, mas em ancias de saber o que se havia passado em minha ausencia. Esporeava-me o odio que recresceu n'estes ultimos mezes contra o algoz togado, o villão que me enganou quando eu tinha na mão o fio com que esperava cortar-lhe a vida na garganta.

«Deram-me a tua carta, e contou-me o creado que te vira queimar as de Paulina. Percebi logo que um completo rompimento vos separara para sempre. Odiei-a! Dei-te logo razão, porque eu sabia que tu eras um anjo merecedor de melhor alma.

«Na incerteza de me estarem trancadas as portas de Bartholo, procurei na rua o conde de Rohan, e soube que Paulina estava doente. Perguntei, sem rebuço, que razões se haviam dado para a tua saida repentina de Madrid, e elle sem me dar explicações, instou por saber o teu destino. Não lh'o podia dizer, não lh'o diria, ainda mesmo que antevisse n'esta infracção a tua felicidade. *A tua felicidade*, digo eu!

«Ha homens que ninguem deve conduzir a uma supposta felicidade: a má sina póde tudo com elles, e reverte-lhes em mal os mais logicos planos do bem. Os proprios amigos se tornam fautores da sua desgraça.

«N'este mesmo dia recebi um bilhete de Paulina, a perguntar-me onde estarias. Respondi que o não podia declarar. Redobraram instancias: permaneci inabalavel. O ultimo bilhete d'ella é este que te envio [1]. Não calculo o que succedeu para resolução tão improvisa! Dar-se-ha caso, Fernando, que a tua doentia imaginação te enganasse? Poderias tu ser injusto, sem consciencia de o ser? Irias arrebata-

[1] Dizia assim: — «Guarde o seu segredo; mas diga ao seu amigo que ainda o amo, e cada vez mais o admiro. Peça-lhe que me accuse, para eu poder defender-me. Pergunte-lhe se eu mereço tal desprezo!»

damente, onde com alguma hora de reflexão, deixarias de ir?

«Não ouso decidir por mim a hypothese: tamanha confiança me merece o teu bom juizo e reflexiva dignidade. Antes me quiz persuadir que procedeste como devias. Esperei.

«Agora, porém, recebo a tua carta de 4 de agosto. Nem uma palavra a tal respeito! Dir-se-hia que eu sonhei que tinhas amado Paulina, ou tu d'uma para outra semana perdeste a memoria do teu coração! Isto mais me capacita de que a razão do teu proceder foi tão grande que presumes deva eu já sabe-la, e por amor de ti proprio a omittes. Juro-te que apenas sei o que devo inferir dos bilhetes d'ella.

«O conde ignora tudo. Bartholo está com ares de satisfação; nada, porém, diz ao genro nem a Eugenia. Este mysterio mortifica-me. Esclarece-m'o, que o deves ao teu Almeida.

«Falemos agora da tua situação. Compunge-me a sorte de tuas irmãs, e de teus bons paes. Triste espectaculo, na verdade; mas providencial e necessario para a glorificação da tua honra. Precisas de força, e de paciencia para poder emprega-la.

«Queres um cargo publico? Os teus estudos, talento e serviços hão-de obte-lo; mas não cuides que será já, meu amigo. Tu perdeste a occasião de entrar nas secretarias com o arcabuz do cêrco do Porto debaixo do braço. As gravatas dos heroes de gabinete na emigração já se não temem das dragonas. Estamos em tempos pacificos. O que ha seis annos se conseguia e 'recebia com a mão a chei-

rar a polvora, é preciso have-lo agora das mãos enluvadas das mulheres, que fazem os despachos nas othomanas, com os ministros reclinados sobre o seio. Advirto-te, para que a decepção te não surprehenda.

«Entretanto, meu caro Fernando, o que tu precisas é de encaminhar desde já a tua pretenção, dando ares de que não pretendes. Resgata os teus bens do Cartaxo, se o comprador t'os ceder: ostenta uma independencia que fira o orgulho villão dos grandes que não supportam animos generosos e isemptos; entra na politica, e escreve, que necessariamente has de escrever coisas excellentes, visto que é esse o ramo de conhecimentos humanos que dá fructo a quem lh'o pede, e para o qual todo o homem está habilitado. A honra ha de ser-te um empeço á boa saída; mas póde ser que a mesma excepção te aproveite. Ora como para estas coisas, e principalmente para a independencia, é necessario o dinheiro, vae ter á rua Augusta, procura meu velho pae, que has de encontrar a bater alguma caldeira, e diz-lhe quem és. Deves saber que eu sou já senhor da legitima materna, e este capital, que excede a vinte contos de réis, lá o tem meu pae á espera que eu lhe dê destino. A tal qual decencia, com que vivo aqui, é meu pae que m'a dá, prohibindo-me que eu gaste da herança de minha mãe. Vê tu que animo este de artista, que ainda não despegou uma semana de trabalhar! Vae lá, meu amigo; elle está prevenido, e sabe que és meu irmão. Pede o que quizeres, para m'o pagares quando puderes.

«Fecho, que está a partir o correio. Escreve muito ao teu

Almeida.

DE FERNANDO GOMES A HYPOLITO DE ALMEIDA

Lisboa, 31 de agosto de 1842.

«Meu irmão.

«Guardo em minha alma a tua carta.

«Falarei primeiro dos teus fraternaes offerecimentos.

«Fui vêr teu pae, porque desejava conhece-lo e abraça-lo. Que cabellos brancos, e que mãos calejadas aquellas! Que bem e orgulhoso me senti nos braços d'elle! Falla de ti com lagrimas; mas todo aquelle rosto se abre em contentamentos d'um justo!

«Quiz que lhe contasse pormenores da tua vida em Madrid.

«Satisfiz aquella ancia do teu velho. Foi dia de férias na officina a minha visita. Mandou os operarios passear, recommendando-lhes qne não fossem á taverna. Depois jantei com elle, e lá fiquei até á noite. Teu pae deita se ao escurecer e ergue-se com a aurora. Disse-me elle quando eu estava para sahir: «Veja lá o dinheiro que quer, doutor.» Respondi-lhe que não queria nenhum. Montou os seus grandes oculos de cobre, arregaçou os punhos da camisa, releu a tua carta, e exclamou: «Então como se entende o que reza esta carta do meu Hypolito?!» Satisfiz ás suas duvidas, dizendo-lhe que o teu offerecimento não fôra solicitado, nem por em quanto me era preciso aceita-lo.

«Assim passaram quatro bo'as horas da minha vida. Face a face com o principe de Monfort não me senti tão feliz e entranhado de respeito como ao lado do artista, da teu digno pae, meu querido Almeida.

«Beijo-te as mãos pelo amigo que me déste. Em quanto ao dinheiro, deixemo-lo estar, *como nosso*, na mão do honrado depositario. Quando precisarmos, lá iremos.

«Agora direi pouco de Paulina para te satisfazer, e menos terei que dizer-te, enviando-te uma copia da pagina da sua ultima carta. Ahi tens decifrado o enygma. O filho do sapateiro teve pejo e arrependimento de se haver abalançado ao coração da filha de um Briteiros: pejo de se haver abatido, e arrependido de a ter humilhado. Cahi em mim. Podia ser mais tarde, e mais funestamente para ambos. Deus poupou-me ao aperto de entrar em Portugal, e por esta porta dentro, onde todos choram, com a faustuosa e brilhante Paulina, que está fadada para alegrias e esplendores. Que sentiria aquella alma vendo-se aqui n'este ambiente de pobreza, pobreza que se adivinha em tudo! Alli dois velhos; além duas irmãs uma viuva, outra divorciada; acolá duas criancinhas, cada uma em seu berço, vagindo; lá em baixo o martellar do trabalho; em tudo o cunho de uma maneira de ser incompativel com a indole e educação de Paulina!...

«Que queres tu, á vista d'isto, que eu faça ao coração?

«Suffoco-o; obrigo-o a repartir-se por estas quatro creaturas, que não teem mais ninguem.

«O bilhete de Paulina como não me auctorisas a queima-lo, devolvo-t'o; póde ser que ella venha a envergonhar-se de te-lo escripto, e t'o reclame.

«Persiste em não dizer nada de mim; e, se tenho algum outro favor a pedir-te, é que me não fales d'ella; antes me ajuda a esquece-la.

«Meu generoso pae ainda a tal respeito me não disse palavra. Adivinhou tudo. Tudo me tinha prophetisado em Londres, com estas palavras: *Que direitos tens tu a uma felicidade que te custa humilhações? Para que a procuras afincadamente, se vaes de rastros apoz ella? Porque has de tu querer hombrear com os grandes, se eu apenas te fiz entrar n'uma carreira por onde levarias teus filhos á grandeza?*

«Na ultima pergunta é que o propheta ouviu demasiadamente os seus arremessados desejos. Esta minha carreira é a da inhabilidade e da pobreza; mas cá estou a refazer-me de alentos para a trilhar. Adeus, meu extremoso amigo. Não acceito o teu alvitre de me fazer politico. Já vi o que isto é. Não estou ainda bastante pôdre para adubar o torrão em que braceja a arvore da immoralidade. Estou envergonhado de ter dado o meu sangue para isto! A's vezes chego a scismar se Bartholo de Briteiros teria razão!

«Perdôa esta impia ironia. Antes isto que os patibulos. Cada qual enforca a sua honra á sua vontade, e não causa lastima nem espanto. Não ha tempo para mais. Adeus. Teu

Fernando.

XX

DE HYPOLITO DE ALMEIDA A FERNANDO GOMES

Madrid, 3 de setembro de 1842.

«Meu Fernando, não espero a tua resposta para te escrever. Tenho só tempo de participar-te que Paulina entrou hoje n'um convento, contra a vontado do pae. O conde de Rohan suppõe que és tu a causa d'este successo. Bartholo suppõe que a filha se enclausurou para de lá requerer casamento comtigo. Elles e eu andamos litteralmente ás aranhas. Ella e tu sois os ferrolhos do mysterio. Sae a mala. Adeus.

Almeida.

DO MESMO AO MESMO

Madrid, 12 de setembro de 1842.

«Viva Deus! que quebraste os sete cadeados do

cofre! Vi o altissimo quilate do oiro da tua honra. Já o conhecia.

«Estas linhas deviam magoar-te; mas não justificam a fuga, e menos ainda o desprezo. Não é desprezo o que sentes por ella; mas, seja o que fôr os effeitos são analogos.

«Paulina, como já deves saber, vive no convento das Therezinhas. Consta-me, de informações exactas, que Paulina está n'um consternador abatimento de espirito. Raro se deixa vêr e apenas sáe da cella para receber, na grade, a visita do conde ou do pae. Eugenia entra no convento, e passa muitas horas com ella; mas nem assim lhe arranca o essencial motivo do rompimento e reclusão.

«Bartholo tem providenciado para o caso de haver deposito judicial. Realisa-se o que eu te havia dito. Sei que de antemão, e por hypothese, já estão alugados os juizes.

«Eugenia pediu-me hontem um encontro no Prado. Insistiu comigo para eu lhe descobrir a tua residencia. Inutil. Jura que Paulina te ama até se deixar morrer, para assim pelo remorso se vingar da tua ingratidão. Estive, sem receio de quebrantar minha palavra, quasi a mostrar-lhe a copia da pagina da ultima carta da irmã. Desisti, por me não parecer, ainda assim, justificavel o teu procedimento, e tambem para respeitar o sigillio de Paulina. Ella, que o reserva, lá tem suas razões, e nós as nossas.

«Aconselhar-te eu? não me atrevo a tanto. Já disse: contra certos destinos é impotente esta logica vulgar, *vade-mecum* de todos os homens vul-

gares. Escuta o teu coração, sem menos-preço da consciencia. Obriga a razão a obtemperar a certas e importantissimas pequenezas, que são o essencial da vida. Isto não é conselho: é supplica.

«Bartholo vive muito ha dias com um marquez gallego, que veio ao senado; riquissimo gallego, e descendente dos monarchas de Aragão. Presume o conde de Rohan, com o muito sal do seu espirito, que Paulina corre risco de ser encabeçada na côrte descabeçada de Aragão. Eugenia accrescenta a estas observações que Paulina só sairá do mosteiro, se a não deixarem lá sepultar na clausura. Isto parece-me extremamente grave, Fernando.

«Queres tu que eu ultrapasse as tuas ordens, ou prescrever-m'as novas? Custa-me a ser-te fiel entre as reiteradas insistencias do conde, de Eugenia, e da piedade a que indirectamente me compunge Paulina.

«Anceio a tua resposta.

«Dá outro abraço ao meu bom pae. Diz-lhe que eu vou muito cedo aperta-lo ao coração, e que, se o aborrecimento d'esta vida diplomatica fôr assim augmentando, de certo lá ficarei a ouvir o estrondear das caldeiras. Adeus. Muito do coração.

Almeida.

DE FERNANDO GOMES A HYPOLITO DE ALMEIDA

«Lisboa, 12 de setembro de 1842.

«Respondo, meu amigo, á tua cartinha. A esta ho-

ra já recebeste a carta explicativa do meu procedimento. Julga-me, e absolve-me, se fui injusto. O meu destino é vêr que as minhas acções, aconselhadas pelo dever, redundam sempre em gravame alheio e desconceito meu. Estou enganado com o mundo. Devo restringir-me, cada vez mais, n'um curto espaço em que todas as operações de minha intelligencia, se reduzam ao trabalho necessario á vida. Só assim poderei achar um cantinho da sociedade, onde caiba com a minha insignificancia.

«Cuidei que, saindo de Madrid, deixava essa senhora em paz comsigo e com o mundo. Puz o coração debaixo dos pés, e nem a assim consigo a liberdade do espirito!

«A entrada de Paulina no convento, a meu parecer, significa uma fadiga de alma, que faz as mulheres eguaes aos homens. Paulina soffreu; creio que sim. Está repousando para reassumir as poderosas faculdades de sua juventude, formosura e aspirações. Póde ser que, ao receberes esta carta, ella tenha já deixado o mosteiro pelas salas; e ámanhã deixará as salas pelo mosteiro. Paulina lê romances. Os personagens femininos, da novella moderna, são quasi todos a copia fiel da brilhante extravagancia do espirito. Leem-se, e a sympathia, em vez do riso, nos impressiona. Imitam-se, onde ha espaço, e é preciso te-lo, ainda assim, para as scenas grandiosas, que, a final, desfecham em tragedias que o mundo, futil e chocarreiro, denomina «comedias».

«Na proxima carta me dirás o proseguimento d'esse estranho passo. Authoriso-te a dizer-lhe, tão directamente quanto puderes, que respeito em si-

lencio todos os seus designios, e peço a Deus, que ao encontro d'elles, lhe saia o anjo da felicidade. Em quanto a ama-la, faz-lhe sentir que eu sou bastante desgraçado para não poder esquece-la.

«Vou ámanhã ao Porto a fim de solicitar o embolso de algumas dividas de calçado que lá devem a meu pae as lojas que se forneciam de nossa casa. Tudo é necessario para ir custeando estas grandes despezas. Já vês que estou feito caixeiro de cobrança de uma loja de sapatos. Para bem desempenhar estas funcções, levo comigo as minhas cartas de bacharel formado em leis!

«Vou ver as paragens onde vimos juntos a morte tantas vezes! Procurarei o rochedo das Antas, onde me encostei ferido no dia em que fui condecorado. Ama o teu camarada d'aquelles bons dias de sangue, de esperanças, de alegrias.

Fernando.

DE HYPOLITO DE ALMEIDA A FERNANDO GOMES

Madrid, 25 de setembro de 1842.[1]

«Meu amigo.

«Bartholo de Briteiros está na eternidade. O marquez gallego foi o indirecto homicida do lambaz Briteiros! Houve jantar opiparo no hotel. O amphitrião recolheu-se pesado á cama, e, se adormeceu, acordou na eternidade.

[1] Fernando recebeu, voltando do Porto, em começo de outubro, esta carta, com atrazo de oito dias.

«Não fez testamento. Achou o conde umas declarações, ou norma de testamento, que dão noticia da grande fortuna de Bartholo. Orçam-n'a em seiscentos contos, em differentes especies.

«Paulina saiu do mosteiro para a companhia de Eugenia. Fiz a minha visita de pezames ao conde, que me disse ir brevemente a Portugal liquidar a herança do sogro, e vae depois para França. E' de suppôr que Paulina acompanhe a irmã.

«Em vista do que, já não receio que a joven menina pereça no mosteiro.

«Ninguem me tem fallado de ti. A tristeza de Paulina sei eu que é inalteravel.

«Diz-me o que fazes: fala-me da tua familia. Teu sempre extremoso

H. de Almeida.»

Nenhuma outra carta nos veiu á mão.

Fernando Gomes, voltando do Porto com os creditos de seu pae liquidados, melhorou o pessoal dos operarios, e alargou o seu commercio, creando freguezias de lojas nas terras que percorreu. Em toda a parte encontrou condiscipulos, que se maravilharam de o verem agenciando os interesses d'uma loja de sapateiro. Deu isto em resultado que ninguem o visitou nas estalagens onde se aposentava.

Francisco Lourenço mostrava-se penalisado de vêr seu filho occupar-se em tal mister, tão incongruente com sua educação. Reconhecia a iniciativa melhoradora do estabelecimento; mas, ainda assim,

pedia-lhe incessantemente que requeresse um emprego, allegando sua instrucção e serviços.

Fernando, submisso a seu pae, aos prantos da mãe, e meiguices das pobres irmãs, requereu, apresentou ao ministro seus papeis, foi tres vezes á audiencia geral do secretario de Estado, e esperou.

De vez em quando ia examinar o seu nome no livro da secretaria, e lia sempre: ESPERADO.

Este *esperado* é regularmente o prologo do *indeferido*. Indeferiram-lhe o requerimento. O logar pedido na thesouraria fôra dado a um filho de regedor, que puzera ás ordens da situação oito votos e quatro cacetes, que valiam vinte e quatro votos.

Fernando leu o despacho no *Diario do Governo*, leu os commentarios n'um jornal da opposição, e riu-se.

Pegou na medalha de Torre e Espada, embrulhou-a n'um papel de mata-borrão, e enviou-a ao ministro, com esta carta:

«Excellentissimo. As *honras* a quem competem. «Faça vossa excellencia presente d'isso ao meu feliz competidor. Ganhei essa coisa por ter suado «sangue a favor d'esta causa em que o merito do «cacete devia ser instaurado. O cacete venceu. «Agora competem aos sacerdotes do pagode, que «eu ajudei a erguer, as condecorações que nada «prestam aos operarios inactivos. Eu, e o meu competidor, que ceifou o carvalho civico com o cacete «paterno, o que fizemos foi derramar sangue de irmãos. Devemos hombrear nas honras. Ora, os ar«rependidos devem rejeita-las em favor dos contu-

«mazes. Deus guarde a vossa excellencia, como to«dos havemos mister, e de veras lh'o deseja o «criado inutil de vossa excellencia, *Fernando Go«mes*, com loja de sapateiro na calçada do Sacra«mento, n.º 11 — Lisboa.»

O ministro recebeu a carta e o embrulho. Pensou em autoar o signatario; mas o official maior pediu licença para observar a sua excellencia que a carta não encerrava injuria pessoal nem collectiva, salvo aos caceteiros, por cuja honra não ficava airoso ao ministro saír. Assim acabou o episodio.

Fernando Gomes passou de agente exterior a fiscal da officina. Descia á loja, e examinava de perto a labutação; ajudava a encaixotar o calçado, e assignava, em nome de seu pae, a correspondencia com os freguezes. Os officiaes antigos respeitavam-n'o, dando-lhe sempre o epitheto de doutor. Ora o doutor um dia, alto e bom som, disse a todos os seus officiaes que se chamava Fernando.

Esta metamorphose divulgou-se, contada pelos operarios. E' admiravel que ninguem lhe désse grande peso! Muitos doutores disseram: «se elle viu que não tinha geito para mais nada, fez bem em se fazer sapateiro, assim como dizem que o pae se queria transformar de sapateiro em poeta.»

O mundo tem d'estes escarneos, que fazem vontade de perguntar ao Creador se está contente com a obra que fez.

A' força de muito observar, Fernando já sabia talhar umas botas como se fosse creado no officio. Diante, porém, do pae não ousava fazel-o, nem os

officiaes ousavam dizel-o ao velho. Parecia a Francisco Lourenço que o trabalho de talha andava muito supprido, e elogiava a actividade do contra-mestre encarregado d'aquelle serviço. Elle, por si, o pobre cego, nada fazia já.

Fernando passava todas as noites em casa, ora contando á mãe e irmãs o que vira em suas viagens; ora lendo a seu pae os poetas relidos na infancia, e os livros de historia e viagens, que elle trouxera do estrangeiro. Estas leituras coavam calor de contentamento, a través dos setenta invernos de Francisco Lourenço, e embalavam o rebelde somno da mãe, que acabava por adormecer entre o seu rozario e uma descripção dos gelos polares por Cook.

Esta vida durou assim seis mezes. E' de crer que n'este espaço se trocassem interessantes cartas entre Fernando e o secretario da legação. Como as não alcançámos, o que podemos conjecturar é que Paulina se conservou em Madrid esperando que o seu saudoso amigo, alguma hora, alli voltasse, conduzido pelo amor, ou pelo pezar de tão dura ingratidão. Não sabemos se o conde veiu a Portugal liquidar o patrimonio de sua mulher, como Almeida annunciára. Se veiu, é muito de suppôr que ninguem em Lisboa lhe désse noticias do *chevalier Ferdinand Gomes*, como elle euphonicamente o conhecia.

XXI

Estava um dia, 5 de janeiro de 1843, Fernando Gomes na loja da calçada do Sacramento, aviando uma carregação de fazenda para o Porto.

Antes de descer á loja, sua mãe, quando ia para a mesa do almoço, abraçou-se n'elle, e disse-lhe:

— Olha Fernando, tu não crês em sonhos, e eu creio!... Tive um sonho alegre!...

— Então sonhou que vendiamos algumas grozas de botas, minha mãe? Os nossos sonhos alegres não pódem ir mais além d'esta ambição de vender muito sapato.

— Bemdito seja o Senhor, que nos ajuda, filho! — disse a velhinha. — Desde que tu diriges a casa, parece que tudo levou volta! Olha que teu pae já disse que, se assim continuarmos um anno mais, havemos de resgatar os nossos bemzinhos do Cartaxo.

— Então sonhou, minha mãe, que estavamos outra vez proprietarios no Cartaxo?

— Não foi isso, Fernando... Sonhei mais alguma coisa... Sonhei que te via vestido de principe.

— De principe?! O'lé! de principe! Sabe o que deu causa a esse sonho?

— Que foi, meu filho?

— E' porque hontem á noite estivemos a conversar a respeito do entrudo, que está á porta. A mãe adormeceu com a ideia do entrudo, e por isso sonhou que me via vestido de principe. Não foi outra coisa, minha querida mãesinha... Venha almoçar, que eu levo-a pelo braço, como em casa de Jeronymo Bonaparte levei uma vez a princeza Carolina.

— Valha-te nosso Senhor! não me deixas dizer o meu sonho até ao fim! — tornou ella, dando-lhe uma fagueira palmada na face esquerda.

— Pois o sonho estava no principio, minha mãe?

— Estava... Credo!

— Cuidei que o principe acabava principe. Querem ver que elle se fez sapateiro?

As irmãs riram; e o velho, abrindo os seus grandes olhos cataratosos, largou tambem uma casquinada de alegre riso.

Fernando temperou o chá de sua mãe, serviu o pae, e proseguiu:

— Ora agora, ninguem a interrompe, mãesinha, Exponha lá as suas alegres visões.

— Tu eras principe; ou estavas vestido de principe; mas, através do peitilho da farda, batido a ouro, via-se-te o coração. Quando tu assim estavas, começaste a chorar, porque descera do céo um anjo, e te levara o coração para Deus. N'isto appareces vestido de negro, muito pallido, menos no logar do

rosto onde corriam as lagrimas, que brilhavam como diamantes. Quando assim estavas muito triste, e nós todos a chorar comtigo, torna a descer o anjo, e dá-te o coração, que te havia levado, dizendo-te umas palavras, que se me varreram da memoria. Eis se não quando, appareces vestido todo de resplendores de luz, com um semblante muito luminoso, e uma alegria, como a pintam no rosto dos bemaventurados que adoram o Altissimo. Teu pae estava como absorto a olhar para ti, eu tambem, todos riamos e choravamos de felicidade, ao mesmo tempo, e n'este momento é que eu acordei.

— Alegre sonho, minha mãe! disse Fernando. O que eu agora queria era que vocemecê me explicasse o como se ha de converter em realidade esse bonito vestido de resplendores.

— Pergunta-o ao Senhor que me deu o sonho, filho, disse a mãe.

— O seu chá arrefece, tornou Fernando, eu faço-lhe outra chavena.

— Pois sim, meu querido filho; tem paciencia, que eu estou a tremer o queixo. A velhice parece que traz comsigo uma constante Siberia!

— Vejo que ainda se lembra das suas lições de geographia, que o pae lhe dava ha vinte annos, minha mãe. Ainda sabe que a Siberia é fria!

— Não, que tu cuidas que a velha ha de ser estupida por que é velha!... — disse ella risonha. — Olha que ainda ás vezes recordo os versos do nosso Bocage, e do nosso Francisco Dias Gomes. Este era do nosso sangue; o outro era do nosso coração, não era Francisco?

— Oh! se era! estou-o vendo, como se fosse hontem, quando elle, na mercearia, a S. Sebastião da Pedreira, me improvisou os versos com que eu te vencí, minha ingrata! Amaste-me por não poderes amar o Bocage, não foi? Ora confessa a verdade, que eu agora já não tenho ciumes...

— Olha o tolo!—disse a senhora Maria Luciana, com a bocca cheia pelo bocado de pão, rebelde aos seus raros dentes. — Lá que os versinhos me encantaram, isso te juro eu que sim, Francisco... Não sei o que seria se me dissesses em prosa aquellas coisas... Tu eras tão acanhado quando ias lá a casa! Olha se te lembras que para me dares um raminho de violetas em dia de meus annos, andaste a pedir ao aprendiz, quinze dias antes, que m'o entregasse...

Fernando e as irmãs sorriam, sem quebra de respeito, d'estas amorosas reminiscencias dos dois velhos, que trocavam gracejos, que era um como prazer de lagrimas ouvi-los, de lagrimas, digo, para ouvintes que tivessem coração muito sensivel ás poucas coisas commoventes que tem a vida humana.

Findo o almoço desceu Fernando á loja, como já se disse começando este capitulo.

Acabára elle de dar saída aos caixões de embarque, e outras ordens, quando Hypolito de Almeida apeou d'uma carruagem, com as cortinas corridas por dentro das vidraças.

Fernando viu-o no limiar da loja, e correu a abraça-lo, exclamando:

— Que surpreza! Eu não te esperava, meu que-

rido amigo! Subamos á saleta. Deixa-me ao menos tirar esta jaleca!

Almeida fitou os olhos no amigo do cêrco, de Coimbra, de Paris, de Madrid, e as lagrimas rebentaram-lhe a quatro.

— Isso que é?— disse Fernando. —Que tens tu, Almeida?

— Tenho a alegria, que precisa chorar como a dôr. A tua virtude causa-me uma vehemencia de respeito, de piedade, sensações tão estranhas e fortes, que me fazem isto que vês, estas não sei se primeiras lagrimas de minha vida. O que tu pudeste sobre ti, ó Fernando!

Os officiaes pararam de trabalhar, enleados n'este lance, e chorando sem comprehender o alcance do que viam.

— Subamos — repetiu Fernando commovido. — Vem dar um abraço em meu pae, em paga dos muitos abraços que tenho dado no teu.

— Pois sim, vamos—tartamudeou Almeida, n'uma irresolução. — Vamos... tambem quero vêr tua mãe...

Subiram, e os dois velhos vieram logo espontaneamente á saleta por ouvirem pronunciar o appellido *Almeida*.

— E' o amigo do nosso Fernando — disse Francisco—vem d'ahi, Maria! vem abraça-lo.

Oh meu Deus! que magnificos lances preparam as vossas divinas leis! Quantas vezes, e quantos lances assim passam despercebidos na obscuridade onde vivem os vossos eleitos!

Os dois velhinhos acharam-se nos braços de Hy-

polito de Almeida, que sentiu em suas faces as lagrimas de ambos. Fernando, electrisado por aquelle instante da vida do céo, beijou a mão do amigo, por que elle assim respeitava e amava seus paes humildes.

Almeida parecia querer dizer alguma coisa que se lhe não moldava á expressão. Aquelle vacillar, e olhar d'um para outro rosto, o começar e recomeçar da phrase, terminou por esta abrupta pergunta á mãe de Fernando:

—Minha senhora, quer ter a delicadeza de offerecer a sua casa a uma dama, que veio em minha companhia, e me está lá fóra esperando na carruagem?

—E' sua irmã, senhor Almeida?—perguntou a velha.

—Não tem irmã—disse Fernando.—Será sua esposa. Queres surprehender-me com a tua noiva? é hespanhola?

—Não é noiva—tornou o secretario—é irmã.

—Irmã!—redarguiu Fernando com espanto.

—Sim, irmã, porque tu és meu irmão.

—Como?!—exclamou impetuosamente Fernando.

—Vá, vá!—volveu Almeida—vá, minha senhora, offerecer a sua casa á sua filha Paulina, que vem aqui pedir-lhe a mão de seu filho!

—Fernando já tinha corrido a escada abaixo—mas, a meia descida, parou, olhou para si, e viu-se n'aquelle traje. Hesitou instantes, e disse:

—Porque não?! Ainda me torturas, miseravel vaidade!

A mãe seguia-o de perto, ajudada por Almeida

Em seguida iam as duas irmãs de Fernando, cada uma com seu filhinho nos braços.

Francisco Lourenço, que mal descortinava as escaleiras, ia mui de manso, tacteando o mainel da escada.

Fernando abriu a portinhola da carroagem.

Paulina saltou-lhe aos braços; e, antes de proferir palavra, rompeu n'um chorar e soluçar tão suffocante, que, nos braços dos dois e da velhinha, foi transportada para o pateo.

Fernando ajoelhou á beira de Paulina, que recostava a face desmaiada ao seio de Maria Luciana. Uma das creancinhas, do colo de sua mãe, estendeu-lhe a mão a um dos anneis dos cabellos negros.

Paulina abriu os olhos, e sorriu á creança, e apertou a mão de Fernando.

Maria, com as mãos erguidas, murmurou:

— E' o anjo do Senhor que volta com o coração de meu filho. Vejo-te agora vestido de resplendores, Fernando!

O moço lembrou-se do sonho de sua mãe, e respondeu beijando-lhe a mão.

Ainda agora chegava Francisco Lourenço. Pediu que o deixassem approximar de Paulina, e disse com a voz convulsa de lagrimas:

— Eu lhe agradeço, minha senhora! Eu lhe agradeço o bem que faz ao meu virtuoso filho. Deus a abençôe, santa, que soube avaliar os merecimentos d'este anjo. Deixe-me rojar as cans aos seus pés, que não ha desaire n'esta humildade do pobre velho, ainda que elle fosse um rei!

Paulina abraçou-se expansivamente ao artista, e chamou-lhe pae.

— Pae! meu Deus! — exclamou elle — Com que liberalidade me pagaes os padecimentos de alguns annos! Minha filha, que immensa alegria vem trazer a tantos que a pediam ao Senhor! Eu quero que meu filho sinta mais intensa felicidade que eu!...

Paulina sahiu amparada ao braço de Fernando, e no pescoço de Maria Luciana. Entraram na saleta da livraria. Era a riqueza d'aquella casa. Sentou-se a ditosa na cadeira de Fernando, junto á meza onde elle fazia às suas leituras. Relanceou os olhos sobre a mesa, e viu na capa d'um grosso volume de papel almasso esta palavra — *Paulina.* —

Lançou rapida mão ao livro. Leu das ultimas paginas escriptas as linhas finaes, que diziam assim:

«*Porque te vejo ainda, ó abençoado anjo do meu*
«*infortunio! Que luz é que tu me mandas em sonhos,*
«*se o meu despertar é sempre no meu abysmo de sau-*
«*dade?... Ainda te verei, ó Paulina?...*»

Ergueu-se, escarlare d'alegria, o anjo abençoado d'aquelle augusto infortunio, abraçou Fernando com fremente ardor, e disse:

— Pois não vim eu trazer-te a luz dos teus sonhos, meu querido Fernando?

CONCLUSÃO

Fernando Gomes não pedia explicações de sua felicidade a Hypolito de Almeida, nem a Paulina de Briteiros.

Aquellas alegrias tinham ainda a vaga desconnexão d'um sonho.

Os enlevos do presente não pedia ao passado a sua razão de existencia.

Os paes, e as irmãs de Fernando, pallidas e melancholicas meninas, tão na madrugada da vida desgraçadas, pareciam estar agradecendo a Paulina o bem que fazia a seu irmão , unico amparo d'ellas.

Almeida, quando pôde falar, sem desdizer da eloquencia das lagrimas da bem-aventurada famiiia, disse gravemente o seguinte :

— Fernando, eu já te vi de joelhos aos pés d'esta senhora ; mas não te ouvi pedir perdão...

— Ah! exclamou Paulina, apertando ao seio Fernando para que has de tu ajoelhar-te? Não quero, meu querido amigo. A mais desgraçada não era eu!... Eu sabia que havia de encontrar-te, Fernando; tu é que não esperavas mais ver-me. Eras incomparavelmente mais atormentado que eu...

— Mas, atalhou Almeida, vossa excellencia dá-me licença de expôr o relatorio conciso... (o *sizo*, n'estes relatorios d'amores, é extraordinaria coisa...)

Fernando e Paulina sorriram com o secretario, que proseguiu:

— Expôr o relatorio, dizia eu, dos imperiosos acontecimentos que me constituiram na gloriosa obrigação de ser o mais ditoso dos casamenteiros. Permitte vossa excellencia?

— Se fôr sempre engraçado como começa, consinto, disse Paulina.

— Como hei de eu ser engraçado contando uma historia de lagrimas, minha senhora?

— Então não diga, não diga; eu contarei tudo ao meu Fernando. São poucas palavras, meu amigo; é uma só palavra... *amava-te;* mas o teu Almeida foi um barbaro! Sabia as minhas angustias, e deixava-me morrer. Mandei-lhe pedir do convento, tantas vezes, que me dissesse em que ponto da terra eu poderia encontrar-te!... Por fim calei-me, e esperei acabar alli, e deixar-te uma lembrança que havia de vingar-me... Não recordemos... não queiras que eu recorde o que soffri, até á hora em que me vi livre para te procurar... Aqui estou, Fernando... E' a segunda vez que te procuro... D'esta

vez não me deixes mais sair do abrigo da tua grande alma...

Não sei se o prolongar o colloquio d'estas felizes creaturas seria dar ao leitor um quinhão do contentamento d'aquella familia; o que certamente me dispensam, é preambular para chegarmos ao ponto do casamento.

Almeida, n'este mesmo dia, voltou com a licença do patriarcha para os esposorios se celebrarem logo, onde aprouvesse aos contrahentes, dentro do patriarchado.

Paulina quiz ser recebida na egaeja onde fôra baptisada, e onde estava a sepultura de sua mãe. Do templo de Santa Izabel passaram a visitar, nas Amoreiras, o palacio onde Paulina tinha nascido.

— Pedia-te — disse ella a Fernando — que ficasses aquí, e a nossa familia toda. Vê tu como em vinte e quatro horas o nosso bom Almeida fez mobilar esta casa, ha nove annos deshabitada! Meu pae não consentiu nunca que vivesse alguem na casa onde minha mãe tinha morrido... Olha, Fernando, n'este quarto morreu ella e nasci eu!...

Desceram ao jardim. Lá estavam os canteiros, mas nenhuma flôr das que ella memorava com infantil saudade em Florença.

— Ellas renascerão! — disse Paulina. — Nós teremos as minhas flôres, Fernando! Serão os meus enfeites nos dias memoraveis de nossos prazeres e amarguras! Na felicidade deve ser tão doce recordar os gosos como as lagrimas...

A familia de Fernando aposentou-se no palacio das Amoreiras. A loja da calçada do Sacramento

fechou-se, depois que Francisco Lourenço andou repartindo por asylos, e cadeias, e familias pobres, a fazenda com que ia recomeçar a prosperidade do estabelecimento.

O primeiro e unico desgosto que assaltou, de surpreza, Fernaddo Gomes, foi quererem os governos faze-lo por força visconde. O ministro que, á conta da remessa da medalha e da carta memoranda, o quizera metter nas garras da justiça, era o mais pertinaz thuribulario do homem que, um anno antes, fôra vencido em concorrencia com o filho do regedor. O ministerio estava entalado entre o Banco de Portugal e a divida activa, e a divida passiva, e a divida fluctuante. Fernando Gomes era convidado a salvar a ordem e as liberdades patrias, mediante cincoenta contos, garantidos pelas contribuições directas, indirectas, quinto para amortisação, real de agua... garantiam-lhe os cincoenta contos até com os brilhantes da corôa, se elle pagasse á guarnição do Porto, que ameaçava sublevar-se. Fernando Gomes teve pejo de ser portuguez, e respondeu que pagaria os direitos do viscondado se o dessem ao sobrinho do regedor, o qual sobrinho do regedor — diga-se aqui de passagem — chegou a ser visconde, sem que ninguem lhe pagasse os direitos.

Francisco Lourenço morreu em 1848, e a senhora Maria Luciana dois annos depois.

Tão ditosos lhes correram estes ultimos annos da existencia, que mais parece que os anjos vieram a traslada-los de um céo para outro.

Gracinda e Genoveva educaram seus filhos na

abundancia e melindre com que foram educados os de Paulina. Entre a filha do nobilissimo Briteiros e as empobrecidas filhas do artista, nenhuma estrema observavam os servos e a sociedade. As pompas no trajar eram eguaes, e raro se encontrava uma sem as outras nos bailes, onde Fernando ia por comprazer com sua mulher, e ella por comprazer com as invenciveis prescripções do mundo.

Eugenia passava em Paris os invernos, e alguns passou em Lisboa. Todas as damas bem sorteadas em felicidade conjugal, poderiam inveja-la, menos Paulina. A condessa de Rohan dizia que, a não o ter, teria pedido a Deus um marido como o de sua irmã.

São volvidos vinte annos. Paulina deve ter quarente. E' ainda uma d'aquellas privilegiadas formosuras, que Deus faz e conserva para que a adoração dos esposos não afrouxe nunca. Fernando Gomes, a orçar por cincoenta e dois annos, promette prolongada vida: a alegria do coração, e da consciencia é muito na pureza do sangue, no equilibrio nervoso, e n'esta suprema felicidade humana chamada saude, isto havemos de inferil-o da nenhuma concorrencia de medicos e padres ao palacio das Amoreiras.

Quem alli é certo, todas as noites, é Hypolito de Almeida, conde de S. Salvador, par do reino, ministro de estado honorario, e padrinho dos dois filhos de Fernando. Como é riquissimo e solteiro, espera-se que os afilhados lhe succedam na herança.

A um seu amigo contou o conde de S. Salvador que, um d'estes ultimos dias, Fernando Gomes des-

cia a calçada do Sacramento com sua mulher e filhos. Em frente da loja onde morou Francisco Lourenço, parou Fernando, chamou os filhos, e disse-lhes:

— Vosso avô foi cincoenta annos sapateiro n'esta casa. Se alguma vez o orgulho vos quizer perder, vinde aqui, e lembrae-vos que vosso honrado e santo avô foi cincoenta annos sapateiro n'esta casa.

E voltando-se a Paulina, disse-lhe:

— Lembras-te, filha?... Ha vinte e dois annos, feitos em cinco de janeiro, que tu apeaste n'este mesmo sitio... Foi aqui... Minha mãe e eu levámos-te em braços para aquella pobre salinha dos meus livros. Recordas-te, Paulina?

A senhora, com os olhos turvos de lagrimas, apertou a mão do marido, que lh'a beijou sem pejo de seus filhos.

Ha um annexim, que diz:

PROCURAR AGULHA EM PALHEIRO.

E' baldado empenho?

Pois eu assevero que, uma vez, procurei uma, e achei-a!

E, desde então, com a minha infinita paciencia, acho tudo que quero, n'este palheiro da humanidade, mórmente quando os individuos, que procuro, teem devorado a palha, e se me apresentam a nu, — coisa que me tem acontecido mais vezes do que mereço a Deus.

Agora não espero achar tão cedo sujeito como Fernando Gomes.

Paulinas de certo ha muitas. As senhoras, em ge-

ral, são, como ella, todas, todas, quando encontram homens como aquelle.

Nós, miseraveis despotas e miseraveis escravos, é que as fazemos más ao parecer do mundo; mas na pureza de sua essencia, na angelica porção que trazem do céo, não podemos nós corrompel-as.

Se não, corrompiamos.

O' santas do infortunio, vós sois, no juizo de Deus, como as santas da virtude!

FIM

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXIII

O OLHO DE VIDRO

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
— RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48 —
LISBOA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

ROMANCE HISTORICO



4.ª edição, conforme a 1.ª, unica revista pelo auctor



1918

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

O OLHO DE VIDRO

Nota das edições que tem tido este romance até á presente

1.ª edição — Lisboa — 1866 — Livraria de Campos Junior — 1 vol. in-8.º de 199 pags.

2.ª edição — Lisboa — (Sem data) — (E' a 1.ª edição com a reimpressão da 1.ª folha.)

3.ª edição — Lisboa — 1904 — Vol. 23.º da nossa Collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional para bibliophilos.

4.ª edição — Lisboa — 1917 — que é a presente.

PROLOGO

(DA 1.ª EDIÇÃO)

O eminente bibliographo e meu prezado amigo Innocencio Francisco da Silva, historiando em breves linhas a vida quasi obscura de Braz Luiz d'Abreu, conclue com estas palavras: *Se algum dos nossos romancistas actuaes se resolvesse a tratar o assumpto, affigura-se-me que a vida d'este nosso medico, com os curiosissimos incidentes que ficam apontados, lhe dariam sobeja materia para a fabrica de uma composição, onde mediante a lição dos escriptos, que nos restam de Braz Luiz, poderiam fundir-se habilmente especies mui interessantes para d'ahi resultar obra de cunho verdadeiramente nacional.*

Os termos em que o convite é feito animam e ao mesmo tempo assustam. Comecei temerariamente a composição d'este romance: máo foi principial-o, que eu sou tão pouco cioso de aprimorar escriptos d'esta or-

dem, que não me fórro ao perigo de concluil-os e imprimil-os, ainda quando me desagradam.

Não direi o que penso d'este: assevero, porém, que não está de certo realisada a esperança do meu amigo Innocencio Francisco da Silva. Se a biographia do author do *Portugal-medico* é mina para locupletar romancistas, vão lá todos, que eu não toquei nos veios mais ricos.

Porto, 3 de março de 1866.

Camillo Castello Branco.

INTRODUCÇÃO

Francisco Luiz d'Abreu, estudante do segundo anno medico na universidade de Coimbra, estava, por volta das onze horas da noite de 28 de janeiro de 1692, estudando, no seu *Vila Corta*, as theorias de Galeno ácerca das purgas—*de purgatione.*—Embebecido e pasmado nas virtudes drasticas dos olhos de caranguejo, apenas tinha um todo-nada de espanto para celebrar os não menos miraculosos effeitos da pelle de cobra, quando, tão a deshoras, duas aldrabadas na porta o roubaram ao seu enlevo. Francisco encapuzou-se no gabão, e abriu as portadas da janella que dava sobre o *Becco das Flores*, becco assim denominado por antiphrase, figura de rethorica tolerantissima que permitte denominar-se flores o adubo de que ellas tiram a seiva putrida, mais tarde evaporada em aromas.

— Quem é — perguntou o estudante, apertando as azas nasaes, com ingrato despreso das boninas da sua rua.—Quem é o vadio?

— Sou eu!—respondeu quem quer que era, abrindo pequeno respiraculo por sobre o ferragoulo, que lhe envolvia todo rosto.

— Tu!... — exclamou Abreu com alvoroço. — Vou abrir! Pois és tu?!

Algum motivo mysterioso tinha o academico para descer ás escuras a precipitosa escada, contando as escaleiras e raspando com o pé cauteloso sobre cada degrau. Aberta a porta, recebeu nos braços com ardente vehemencia o interruptor de seus estudos, e tão alheado ficou das suas considerações therapeuticas sobre a pelle de cobra, que nem já os olhos de caranguejo lhe lembravam.

— Tu aqui, Antonio de Sá!—tornou Francisco.—Eu fazia-te na India!... Sobe, meu desventurado rapaz, que não ha ainda duas horas que os teus condiscipulos te lamentaram, especialmente José de Barredo se arrepellava por ter sido teu confidente n'esses funestissimos amores que te perderam...

— Com razão!...— murmurou o outro — com razão me lamentaste, que eu sou desgraçado, quanto póde sel-o n'este mundo um rapaz de vinte annos.

— E que magro estás!... atalhou Francisco Luiz achegando-lhe do rosto a candeia de lata, que despregou do velador.—Como estás acabado!...

— Se te parece!... um anno quasi sem ar, nem sol, passado de terrores... Como não queres que eu esteja pallido e descarnado?! São assim todos os rostos que se lavam com lagrimas...

— Pobre Antonio!... — atalhou o outro muito consternado — Se, ao menos, tivesses fugido de Portugal, como nós suppunhamos, terias céo e ar... Senta-te, homem!... Queres tu comer?

— Quero.

— Ainda bem! A desgraça não te quebrantou o antigo estomago... Aqui tens queijos, figos e bolos de Santa Clara... Olha que ainda duram os amores da freira... Aqui tens o coração da freira n'estas trouxas d'ovos. Carne não na ha, e não sei onde vá procural-a a esta hora... Queres tu uma sôrda? Essa faço-t'a eu: estão alli os alhos; e, á mingoa de azeite, cosinha-se com o da candeia, e depois conversaremos ás escuras.

— Isto basta para quem anda faminto de bons bocados — disse Antonio, com desusado atticismo, devorando o queijo e os figos, e as trouxas allegoricas do coração da franciscana, não já como desgraçadissimo entre os homens, mas certamente como de entre os estudantes o mais faminto.

O hospedeiro academico enfreou sua curiosidade emquanto o amigo não pôde dispor da lingua, empenhada na soffrega lida da deglutição. No entretanto, andava elle rebuscando na gaveta alguma vitualha, como se em gaveta de estudante alguma vez se operasse o milagre de que alguns raros anachoretas se gosaram na Palestina, quando os anjos do céo lhes cosinhavam os fricassés.

— Que andas tu procurando? — perguntou Antonio de Sá Mourão.

— Um boi que te mate essa fome! Hei medo que me devores, rapaz.

— Nem manjar branco me dês que já me cá não

cabe. Estou alimentado para tres dias, se fôr necessario. Queres agora a minha historia de treze mezes? Deita-te ahi na tua cama; escuta e adormece quando quizeres. Que sabes tu da minha vida?

— Sei o que todos sabem: que fugiste de Bragança com uma moça, filha unica de pae rico e feroz, que te fez procurar aqui em Coimbra, e me quiz metter no aljube para lhe dar conta de ti, allegando que eu devia forçosamente ser teu confidente, por que sou christão novo como tu.

— Não sabia — interrompeu Antonio — que os meus infortunios implicaram comtigo...

— Mais do que eu te sei dizer... Os trabalhos, que me ameaçavam, affligiam-me muitissimo menos que a idéa da inexoravel perseguição que te fariam por toda a parte. Esperava eu, a cada hora, a noticia da tua prisão, com todas as probabilidades de que morrerias na forca, se não morresses na fogueira. Ninguem dava novas tuas, que não fossem horrorosas. Uns diziam que tinhas sido morto a tiro; diziam outros que te havias suicidado. Ao cabo de seis mezes, espalhou-se a boa nova de que tinhas embarcado para a India, favorecido por teus parentes ricos de Lisboa, e tambem corria que a moça te acompanhára vestida de rapaz. Ora, como nunca mais se fallou de ti, acreditámos que estavas salvo... Como te vejo aqui, Antonio?! Que é isto?! Onde tens estado? Como pudeste fugir á justiça, se não foi n'algum subterraneo?

— Eu te conto, respondeu Antonio. Aquella temporada de ferias que fui passar com meus tios em Bragança foi a morte da mocidade, das esperanças, e de tudo em que eu fundamentára a felicidade das minhas

modestas ambições. O prazer exclusivo da minha vida tinha sido o estudo, a gloria da sciencia, desvanecimento louco de poder ainda, mediante a sciencia, avisinhar-me do throno, como os antigos da nação (1) e desopprimir nossos irmãos, quanto coubesse na alçada do juizo, e no prestigio que a posição de medico do rei me désse. Era um sonho talvez desatinado; mas o despertar-me d'elle foi atroz!... Amei aquella mulher; referi-te o nascer d'aquelle funesto amor. Sabes que os teus conselhos e vaticinios, ainda mal que realisados, não poderam reduzir-me ao dever, á honra, e propriamente ao discreto egoismo, que tantas vezes nos arreda de abysmos cavados pela excessiva sensibilidade. O peior, meu amigo, já não era vencer-me eu; era vencer a compaixão que me fazia a pobre menina, cujas alegrias dos dezoito annos eu fôra converter em amargura de toda a vida.

— Combati essa opinião — interrompeu Francisco Luiz — por cuidar que era grande parte n'ella a tua vaidade, a vaidade do homem que se julga necessario á vida da mulher....

— E' verdade; combateste a insensata opinião; mas... não sei se cedo se tarde o fizeste; o certo é que as tuas razões me pareceram sophisticas e glaciaes. Vi em ti o philosopho que sempre foste; e em mim vi o homem duplicado em sua existencia pelo amor, os dois homens

---

(1) *Nação* era o termo denominativo e collectivo do povo judaico, dispersado entre as nações. Nação, por excellencia, era a d'elle. Vej. *passim*, João Baptista d'Este, *Dialogo entre discipulo e mestre cathechisante*, e todas as sentenças do santo officio, e escriptos concernentes á raça hebraica.

que se combatem e forcejam por despedaçar-se, até que um triumpha, e... fica senhor das ruinas do coração... Já agora não discutamos como medicos em volta de um cadaver. Saibamos que está morto o homem, e ouve tu singelamente a historia das delirantes febres que o acabaram.

De antemão sabia eu já que a filha de Fernão Cabral me seria negada, e que os lacaios do christianissimo fidalgo, por ordem de seu senhor, me ameaçariam com os seus tagantes.

Isto não embargou que eu timidamente me fosse apresentar ao nobre morgado de Carrazedo, e lhe pedisse a filha. Fernão ouviu-me em pé, e respondeu-me n'estes termos: «Olhe para estes retratos» — e apontou para uma duzia de figuras pendentes das paredes — «olhe para estes retratos, e veja se ahi está algum com a estrella vermelha das seis pontas cosida sobre a garnacha ou sobre o arnez (1)» dito isto apontou-me a porta da escada.

Não sei se odio, se lagrimas, se tudo a um tempo, me enchia o coração! Já então não tive animo para te escrever!

Ha desgraças tamanhas que um homem parece envergonhar-se de contal-as aos seus amigos mais do intimo d'alma. Fechei-me com o segredo da minha ignominia. Deixei Bragança e fui para a Guarda, resolvido a entregar-me inertemente ao devorar silencioso da minha saudade.

---

(1) *Caracteristico legal da raça judaica.* Vej. Ord. do Reino — as Philip.

Fugi dos carinhos da familia, e ferrolhei-me n'uma casa agreste e erma na quebrada da Serra da Estrella. A desesperação alli foi-me consoladora, por que a morte era inevitavel n'aquelle desamparo.

Nem ainda então pude escrever-te, meu amigo! Assim que tentava fazel-o, não sei exprimir que desalento me esvaía a cabeça. «Que vale queixar-me?! dizia eu entre mim — O que Deus não dá não m'o podem dar amigos. Deixal-os gosar, deixal-os ignorar estas obscuras angustias.»

Uma noite, faz agora onze mezes, estava eu passeiando nos quasi pardieiros da minha vivenda, quando ouvi tropel de cavalgaduras no barrocal que descia da serra ao alpestre casalejo de meus avós, os quaes alli se tinham homisiado no tempo das grandes perseguições do rei D. Manuel. Accudi á janella e ouvi uma voz de homem dizer: «E' aqui.» Não sei que outras palavras se disseram: eram a voz d'ella: era Maria.

Quando dei tento de mim, e cobrei conhecimento da minha situação, tinha nos braços a filha de Fernão Cabral, e á beira d'ella vi uma criada sua, que nos fôra medianeira, e um criado da casa de meu pae.

Contou Maria, a intercadencias anciadas, que fugira de Bragança, logo que o pae se ausentou por alguns dias, no proposito de negociar o casamento d'ella com um fidalgo de Vizeu. Como não tinha mãe, e costumava passar muitas horas reclusa no seu quarto, os domesticos não deram logo conta da fuga, nem a suspeitariam tão cedo, se a sua aia não faltasse tambem. Fugiu caminho da Guarda, e procurou-me alta noite, em casa de meus paes, que tentaram restituil-a á casa paterna, temerosos dos resultados. Como ella, porém, os assus-

tasse ainda mais com o proposito de se matar, encaminharam-na ao meu deserto, com todo o segredo.

Imagina tu que hospedagem daria eu á filha do gentil-homem, alli, n'aquellas ruinas, onde todas as alfaias eram um catre de bancos, uma arca, dois tamboretes de páo, e alguma loiça vermelha do uso dos caseiros, pobre gente de nossa raça, que para alli ficára grangeando e usofruindo as pouquinhas e inferteis terras!... A Maria e á sua criada grave dei o meu leito; e com o meu criado me fui ao palheiro, e me agazalhei nas mantas que os caseiros nos emprestaram.

De madrugada, chegou meu pae a indagar do meu destino, e a dar-me alguns recursos para fugirmos até onde passassemos insuspeitos. O velho chorava, e eu, digo-t'o com pejo, queria que elle se alegrasse de me ver feliz!

Deferi a minha saida para o dia seguinte, sem saber que rumo tomasse. Meu pae mandava-me fugir por Hespanha e embarcar para Hollanda. Maria, esperançada na commiseração do pae e na protecção dos seus santos advogados, queria que eu e ella fossemos ajoelhar aos pés d'elle. Por mais que m'o dissesse em tom de anjo quando revela os decretos do céo, não pude sequer imaginar possivel o perdão do soberbo fidalgo.

Saimos para Celorico, a quatro leguas de distancia. N'uma aldeia dos arrabaldes, moravam irmãos do meu caseiro, grangeando um casal. Alli deliberei repousar alguns dias, porque Maria já tão sem forças ia da jornada por serras n'um dia de rigoroso inverno, que mal podia ter-se nas andilhas. Desde aqui avisei meu pae, pedindo-lhe novas do que soubesse. Respondeu-me que, horas antes, tinha sido cercada nossa casa, e que elle,

com todos os nossos, estavam arriscados a ser presos.

E foram, no dia seguinte, presos e fechados em masmorras.

As immediatas noticias que tive foram cruelissimas. Todos os nossos bens tinham sido inventariados como para entrarem no sequestro feito a bens de judeus. Eu não devia já esperar recursos alguns de minha casa, e o dinheiro que eu possuia pouquissimo era para me transportar para fóra do reino. Sobrepõe tu, Francisco, a estes lances, o medo da prisão, e escutar a cada instante nos menores rumores o estrepito dos quadrilheiros! E, se estes são poucos supplicios para conceberes muito em sombra a minha vida, ajunta a isto uma cama de enxerga n'um quarto de vigamento por onde a ventania esfuziava, e sobre essa enxerga a pobre menina a tremer os frios das sesões, e eu de mãos postas a contemplal-a assim!

Para que ninguem da aldeia nos visse, os dias para nós eram a continuação das noites. Aquelles pobrinhos fazendeiros, de portas a dentro, melhoraram quanto poderam a nossa situação. Eu, por minhas mãos, carpintijei o tabique para aconchegar o nosso quarto; e, com todas as cautellas, consegui que viessem de longe bragaes e roupas com que tirei á alcova de Maria as tristezas da indigencia. Melhorou a minha pobre amiga e desenvolveu espantosa energia na lucta. O sorriso d'ella dava-me alentos; mas não podia espancar da minha alma a imagem de meu pae, mãe e irmãos encarcerados, perseguidos pelo rancor vingativo de Fernão Cabral, e mais que muito sujeitos á extremidade de pagarem com a vida o meu delicto.

Com que traças e trabalhos eu conseguia incertas noticias d'elles! Para mim era já consolativa a nova de que os não tinham mandado para os carceres da inquisição de Coimbra. Logo que elles aqui entrassem, perdidos os considerava eu.

E assim vão decorridos treze mezes, Francisco Luiz! Comprehendes tu que infernos eu tenho apagado com as minhas lagrimas para poder viver ainda!... Lagrimas escondidas d'aquella martyr, para que ella, conhecedora do meu desalento, não desanime!...

— E choras assim, Antonio! Coragem! — exclamou Abreu, tomando contra o seio o anciadissimo moço.

— Ai! deixa-me chorar, que não o pude ainda fazer tanto ás largas. Deixa-me chorar, que isto é veneno mortal que me sáe aos olhos! E' preciso que vejamos alma compadecida para sabermos a doçura d'este desafogo das lagrimas!

Passados momentos, Antonio apertou, de golpe e convulsamente, as mãos do condiscipulo, levou-as aos labios, e exclamou soluçante:

— Sabes ao que vim?

— Diz, meu querido amigo.

— Venho pedir-te dinheiro para fugir de Portugal.

— Tel-o-has. Minha mãe já não vive, e eu tenho uma legitima. Conta com ella.

— Bem hajas! bem hajas, meu Francisco! Mas venho pedir-te mais alguma coisa.

— Diz.

— Eu tenho um filho de quinze dias. Não posso fugir com a creancinha. Aceitas-m'a no regaço da tua caridade? Ficas com o meu filhinho, para m'o restituir, quando a felicidade me bafejar?

— Ficarei com o teu filhinho, Antonio. Dar-lhe-hei o coração que te dou a ti. Se Deus o não tiver levado, quando voltares, achal-o-has. Não lhe direi o teu nome de pae, sem que tu lh'o possas dar. Ninguem saberá que é teu filho, sem que tu possas dizel-o ao mundo.

— E' assim que t'o roga a minha alma attribulada... a ti e a Deus, que me está fallando no teu coração. Porque não hei de eu ajoelhar a teus pés, se creio que em ti está o Senhor da compaixão e da misericordia?!

Francisco Luiz de Abreu levantou nos braços o arquejante moço; e, não menos commovido, ratificou as promessas feitas. . . . .

A's dez horas da noite seguinte, Francisco Luiz e o seu amigo sairam de Coimbra, cada qual por diversa porta. O bemfeitor foi para Ourem, sua terra; o judeu á Guarda, por desvios escusos, entrou, decorridas duas noites de jornada, na abegoaria onde o esperava a mãe da creancinha, que bebia um leite aguado de lagrimas.

Dez dias volvidos, por noite alta, entrava no mesmo casalejo Francisco Luiz de Abreu, com uma ama de leite, e com a sua legitima materna n'um saco de moedas de ouro.

Contemplou a formosura da peccadora, e a formosura do innocente nos braços d'ella. Saudou-os, chorando, e tomou a creancinha muito aconchegada do seio.

— Como se chama o anjinho?—perguntou o academico.

— Tu o dirás—respondeu Antonio.—E' teu afilhado.

— Seja Francisco—disse a mãe.

— Muito desejaria eu baptisal-o, e dar-lhe o meu nome—observou o academico;—mas tu sabes, Antonio, o resguardo que convém ter comvosco, com este menino e comigo. O meu parecer é que se esconda quanto ser possa a influencia que eu hei-de ter na creação de teu filho. Melhor é que as suspeitas do mundo, se ellas vingarem descobrir ligações d'esta creança comigo, me julguem a mim, que não a ti, pae d'ella. O meu intento é alugar uma casinha em Coimbra onde a ama viva com elle. Não irei ser padrinho, para não dar corte á desconfiança de que elle seja meu filho. Assim se irá creando, até que eu conclua a formatura. N'este meio tempo, quererá Deus que tu voltes a Portugal.

— Voltarei eu?! — exclamou Antonio, apertando no mesmo braço o amigo, o filho, e a mãe, que estava lavando com lagrimas o rosto da creancinha, deitada nos braços do estudante.—Ver-vos-hei eu mais?—balbuciou, intallado de gemidos. Que futuros melhores posso esperar eu!? Como crês tu possivel o termo da perseguição?...

— Não sei — disse Abreu, fingindo esperanças. — Não sei... mas as voltas do mundo são tão espantosas... Todavia...—continuou elle com o alvoroço de uma já sincera esperança—não te lembraste ainda d'uma felicidade muitissimo possivel?

— Qual?—conclamaram os dois, para quem um raio de esperança era já cousa de estontear como a luz do sol aos exhumados das trevas de longo encarceramento. — Qual? que felicidade nos promettes, meu amigo?

— A mais obvia e facil. O que me espanta é que ella vos não haja sorrido primeiro do que a mim. Ides para Hespanha, não é assim?

— Vamos.

— De lá passaes a Hollanda, onde achareis o abrigo que os nossos irmãos deparam a quantos infelizes vão de cá acossados pelas tochas do auto da fé. Tu, Antonio, és novo e robusto. Se não quizeres continuar os teus estudos medicos lá fora, voltas a tua actividade para outra ordem de trabalhos: fazes-te mercador, ganhas dinheiro, esqueces a patria, como se nunca a tivesses, como em verdade não temos; depois, mandas ir o teu filhinho, como complemento da fua felicidade na vida tranquilla.

— Que sonho!—clamou alegremente a filha de Fernão Cabral.—E eu nunca pensára n'isso...

— Nem eu... — ajuntou Antonio. — Ha umas desgraças que esterilisam a mais pensadora e expeditiva alma! Eu não via senão escuridade... Agora, bem hajas tu, meu irmão, que me restitues á serenidade de homem inquebrantavel por affrontas da sorte... E a ti, a ti, meu amigo? Não hei de eu mais vêr-te?

— Porque não, se eu hei de ser propriamente quem te vá levar o filho?

— Oh! então já sei que ha o antever da perfeita felicidade, cá mesmo d'este grande abysmo em que me lancei com esta inféliz menina...

E, abraçando-se n'ella, choravam ambos lagrimas já de jubilo, como as de quantos naufragos que apegam sobre ponta de rocha, ainda quando ao despegarem-se, para ganhar terra, voragens novas se lhes anteponham.

N'este dia, como se a adversidade cançasse de cruciar os dois fugitivos, boa nova lhes chegou a sobredoirar os prazeres da esperança.

Sem embargo da raivosa perseguição do fidalgo de

Bragança á inculpada familla do hebreu, as leis não se dobraram a sentenciar a perdição dos innocentes. Apoz dez mezes de masmorra na cidade da Guarda, os dois velhos e seus filhos sairam livres, sob a bandeira misericordiosa dos dignitarios da Sé, conjurados todos em deporem sobre a pura christandade dos presos, e sua irresponsabilidade nas desordens do máo membro de sua familia.

Redobrada a exultação de Antonio com esta nova, queria já elle dispensar-se de receber o emprestimo de Francisco de Abreu, como quem contava com sobejo dinheiro de sua casa resgatada do sequestro. O amigo, porém, não condescendeu nem o desquitou da obrigação de devedor, instando na immediata saida de Portugal, porque a raiva do fidalgo redobraria de vigilancia, depois da soltura dos presos em quem não podéra assentar em cheio a mão rancorosa.

Prevaleceram as judiciosas previsões de Francisco Luiz. A'quella hora, de feito, já Fernão Cabral, esporeado pelo odio, apertava novas diligencias para descobrir o rasto dos fugitivos, e, mediante disfarçados espias que na Guarda lh'os andavam furoando, não estava já longe de lhes descobrir o rasto.

Ao outro dia, depois de muito chorar da mãe, a cujo seio arrancaram a creancinha, Francisco Luiz, sem saber cómo se estancavam lagrimas de tão puro sangue de alma, fugiu para assim dizer com o menino, sem esperar ás ultimas despedidas.

Ao anoitecer d'este dia, os consternados paes, por serranias não trilhadas endireitaram ás fronteiras e vingaram entrar em Hespanha. Contemplavam-se a espaços e viam nos olhos um do outro o desconforto, a dese

perança, o convencimento de que sua desgraça ia crescendo.

— E o nosso filhinho?... — dizia ella em gemidos, que pareciam um arrancar da vida.

E elle cobria o rosto com as mãos, arquejava, engulia as lagrimas e não respondia.

— Que mal fizemos em deixar a creancinha! — voltava ella, cruzando os braços sobre os seios, que lhe doiam entumecidos do leite. — Que ruim mãe eu fui!... Meu Deus, perdoae-me que eu sómente agora considero a grandeza do meu crime!

— Não chores assim! — atalhava o attribulado moço. Pois como andarias tu fugitiva com um filhinho de tres semanas! O' Maria, por Deus te peço que nos não atormentemos! Ajuda-me a ser homem! Ampara-me, pela boa sorte do nosso filho te rogo que me ampares! Volta ao futuro os olhos de tua alma! Esperemos... luctemos, sejamos fortes, não nos deixemos acabar aos golpes d'esta saudade.

I

Informações

Corria o anno de 1697.

Francisco Luiz d'Abreu, doutor em medicina, mudára sua residencia para Coimbra, esperançado em entrar no magisterio, conforme lh'o promettiam sua capacidade, vasto saber e creditos. Tinha casado, quatro annos antes, com Francisca Rodrigues de Oliveira, filha de abastados judeus de Ourem. Não tinham filhos; mas dos braços de um ao outro saltava um menino de cinco annos, chamado Braz, acariciado com blandicias de filho. A creança tratava de padrinho o doutor, e á senhora chamava mãe. A esposa do medico, privada do goso de se ver assim amimada nos labios de anjo desentranhado de seu seio, jubilava de lhe ouvir aquelle doce nome de mãe, e toda se estremecia de maternal ternura chamando-lhe seu filho.

Grande numero de pessoas relacionadas com Francisco Luiz, presumia que o pequenino Braz era filho

natural d'elle, e que Francisca de Oliveira, bem que israelita e perfida ao sacramento do baptismo, alojava no peito entranhas tão christãs que levara para sua companhia o menino, e lhe queria até á extremidade de lhe chamar filho, e consentir que elle lhe chamasse mãe.

Exceptuada a amoravel esposa do doutor, ninguem sabia em Portugal quem fossem os paes d'aquella creança. A ama, que a tinha amamentado, morrêra; e a pobre gente, que lhe assistira ao nascimento, ignorava o destino d'elle.

Um dia, como a creança, antes de ir-se á cama, entrasse a beijar a mão do padrinho, Francisca beijou-a nas faces, e disse-lhe:

— Não tornes a chamar padrinho ao teu amigo; chama-lhe pae, sim, Braz?

— Pois sim, mãesinha — disse a creança, e saiu pela mão da creada.

Francisca proseguiu:

— Pois não é assim melhor?! Acabamos de nos convencer que elle é nosso filho.

— O' menina, respondeu o marido — esse convencimento parece-me difficil...

— Nosso filho gerado no coração... — tornou ella.

— Isso lá, sim; d'esse modo já eu o perfilhei; mas o peior é que ámanhã podem apparecer ahi umas entranhas menos phantasticas do que a tua maternidade de coração a reclamarem o que é seu legitimamente.

— Pois tu cuidas que elles voltam cá?! Podes ainda imaginar que elles vivem? Ha tres annos que não temos uma carta d'elles!

— Mas tambem não recebemos a certidão de obito.

— Pois sim, — redarguiu Francisca — mas, se elles vi-

vessem, as pessoas de Hollanda, a quem tu tens pedido tantas vezes novas d'elles, não t'as dariam, ainda mesmo que lhe não soubessem os verdadeiros nomes?!

— Acho-te razão; porém, custa-me a crer que elles tenham morrido ambos. O mais certo é o que eu tantas vezes te tenho dito...

— Que Fernão Cabral tem recebido as cartas que elles te escrevem?

— Sim.

— Não creio. Tu recebes cartas de Amsterdam, de Londres e de toda a parte. Se te subtrahissem umas, iam todas, homem. Cá, ninguem me tira a mim da cabeça, que elles morreram em naufragio, ou os sicarios do fidalgo os mataram lá por fóra, ou... quem sabe?... a tamanho apuro de desgraça chegariam, que se dessem a si a morte, como no seculo passado succedeu com tantos irmãos nossos.

— Póde ser — obtemperou Francisco Luiz; — mas teriam coragem de matar-se uns paes que deixavam esta creança?!... Não é possivel! A ultima carta, que recebi de Antonio, aqui está — disse elle, tirando-a do segredo de uma gaveta — é de 4 de outubro de 1694. Escreve-me de Marselha. Não se queixa de mingua de recursos. Revela uma certa seguridade de espirito, que é signal de boas avenças com as miserias da vida. Diz que está em arranjos com alguns hebreus, filhos e netos de portuguezes, para se trasladarem com suas familias para uma colonia franceza, que, diz elle, talvez seja a de S. Domingos. Promette ercrever-me quando se houver definitivamente resolvido, e depois...

— Mais nada — atalhou Francisca — Ora, no Canadá, já sabemos que elles não estão. N'outras colonias,

tambem tu já sabes que ninguem os viu. Que havemos de pensar d'isto? Que se ha de suppor depois do silencio de tres annos?

— Que as cartas me são roubadas — insistiu o doutor.

— E tu a teimar, homem!... Oxalá que eu me engane; mas, se adivinho, Deus sabe que o menino está amparado, e que ha de ser sempre meu filho, ainda que o senhor me dê muitos filhos.

— Suicidarem-se! — proseguiu Francisco de Abreu, que parecia, de absorvido em suas cogitações, não ouvir a esposa — Suicidarem-se não póde ser... Antonio Mourão graduou-se em medicina em Paris ha quatro annos, e de lá passou para Hollanda. Um medico não chega a encarar com tão feia miseria que lhe quebre o animo, ao extremo de o anniquilar. Antonio em qualquer parte acharia pão, ainda que fosse máo physico; porém, com os talentos d'elle, não posso conceber máo medico. Seja o que fôr, Francisca. Eu espero ainda haver novas por alguns hebreus de Marselha. Hei de perguntar em que época e em que navios sairam colonos, e para onde sairam. Não o fiz até agora por medo que as minhas cartas andem espiadas, e vão dar ás mãos de Fernão Cabral. Mas vou escrever ao nosso amigo Francisco de Moraes Taveira, que está em Lisboa de viagem para França, e pedir-lhe que indague quanto poder dos nossos irmãos de Marselha o destino dos colonos, com os quaes saiu Antonio de Sá Mourão.

Francisca entrou á alcova do menino, e sentou-se-lhe á beira do catre a contemplal-o adormecido em sonhos, que lhe sorriam, a espaços, na rosa entre-aberta dos labios.

Francisco Luiz de Abreu ficou escrevendo largas paginas ao seu amigo Francisco de Moraes, hebreu abastadissimo de Villa Flor, commerciante de pedras preciosas, que traficava nas principaes cidades de Europa e Asia.

Na volta do correio, Francisco de Moraes asseverou ao doutor que chegado a França, iria indagar pessoalmente a Marselha, e não pouparia despezas com os informadores que o satisfizessem. E, por esta occasião, lhe noticiava que fazia conta de trazer de Hollanda seu filhor Heitor, que lá se estava educando em humanidades com seus tios, para estudar medicina em Coimbra; e, a tal respeito, accrescentava: «Não sei se érro em trazer o rapaz para Portugal; mas a mãe insta, chora, e definha-se a termos que receio que me ella morra. Seja o que Deus quizer. Aconselhar-lhe-hei o que lhe cumpre fazer, e espero que elle, por obediencia e desejo da vida, me attenda.»

Francisco Luiz deu-se logo pressa em pedir ao hebreu que não trouxesse para Portugal, como victima amarrada para o açougue, o pobre rapaz que lá fóra vivia sem receio da polé e da fogueira. Pintava-lhe, sem encarecimento, os perigos que ameaçavam em Portugal um rapaz creado e educado entre israelitas doutos, e com elles affeito a dizer alto e destemidamente o seu pensar em coisas de religião. Recordava-lhe as numerosas victimas da inquisição, que preferiram morrer a desconfessar sua fé, antepondo a gloria do martyrio da idéa herdada de avós á hypocrisia de aceitarem apparentemente a religião dos carniceiros filhos de Domingos de Gusmão. Lembrava-lhe a sublime coragem de Manuel Fernandes Villa Real, consul portuguez em Paris, e, não

obstante, garrotado e queimado na praça da Ribeira em Lisboa no anno de 1652. Lembrava-lhe o lente de Coimbra Antonio Homem, queimado em 1624, e o advogado Miguel Henriques da Fonseca, Pedro Serrão (1) e outros, cuja inflexibilidade de caracter, comquanto perpetuasse honrada memoria, lhes custou affrontosissima morte, e deixou aberta por muito tempo amarga torrente de lagrimas.

As reflexões do medico abalaram o judeu; mas não lhe demudaram a tenção. Era Heitor, filho unico, herdeiro de grandes haveres; queria voltar á patria, onde o chamavam saudades de menino; tinha por si as lagrimas e instancias da mãe; promettia ser discreto e hypocrita; queixava-se do clima de Hollanda e de febres quartans. O pae era sósinho a querel-o afastado de Portugal, e assim mesmo andava em lucta comsigo mesmo, até que deliberou trazel-o de volta da sua excursão mercantil a França e outras nações.

De Marselha escreveu Francisco de Moraes informando o seu amigo Abreu. Dizia que Antonio de Sá Mourão, convidado com grandes lucros a ir estabelecer-se como medico no Canadá, ou Nova França, aceitára a proposta, e embarcara com sua mulher, resolvido a enriquecer-se no prosperado trafico dos pellames. Ajuntava que um dos tres navios, carregados de colonos, batido pela tormenta, se esgarrara do rumo, e fôra a pique na costa de S. Domingos, a tempo que duas galeotas de flibusteiros, conhecidos como *demonios do mar,* na linguagem da peninsula britannica, faziam

---

(1) Veja a nota final.

aguada n'uma bahia d'aquella infamada costa, onde poucos annos antes haviam naufragado tres naus francezas, capitaneadas pelo audacissimo colonisador Robert Cavalier de la Salle. Ajuntava o informador que n'aquelle navio perdido iam fatalmente o medico e sua mulher, com muitas pessoas das mais graudas da colonia, algumas das quaes se presumia que tinham caido nas mãos dos flibusteiros segundo informações de um galeão hespanhol, que das pessoas embarcadas no navio perdido, até áquella hora, não viera noticia a França.

Francisco d'Abreu, lendo a carta, disse á esposa.

— Tinhas adivinhado desgraçadamente! O nosso Braz já não tem pae nem mãe. Agora podemos dispor do futuro d'esta creança. Vê tu que funesto remate houveram aquelles amores do meu pobre Antonio! Já não ha duvidar... Estão mortos! Batam as mãos os gallileos, e folguem de ver que vingaram as ondas o que as lavaredas não poderam! Oh!... que vontade eu tenho de banhar o rosto d'este menino com as minhas lagrimas, e contar-lhe as desgraças de seus paes.

— Não — atalhou Francisca — não lhe digas nada; não digas! Que lucra elle em saber isso?... Vaes semear-lhe no coração odios e paixões que, no futuro, lhe podem ser a sua perdição. Nem se quer lhe digas em tempo algum que seu pae era judeu. Quebremos-lhe, se podermos, este condão funesto!

II

Não era mãe!...

No seguinte anno de 1698, o doutor Abreu, que nunca se descuidava de ter o ouvido fito aos rumores surdos da inquisição, recebeu mui secreto aviso de algum condiscipulo, que devia ser familiar do santo officio, qualidade com que o maior numero de medicos d'aquelle tempo se nobilitava; e tanto assim era, que algum medico, privado d'ella, dava a entender que pertencia mais ou menos á seita maldita; ou, como diziam, tinha uma, duas ou tres partes de judeu. O aviso mandava-o aperceber-se para trabalhos grandes.

Alvoroçado com a pavorosa nova, o doutor quiz logo sair da patria, e refugiar-se em Damasco, onde tinha um tio que exercitara em Portugal a profissão de boticario, no Fundão, até ao anno de 1652, em que fôra queimado o capitão Manuel Fernandes Villa-Real. Chamava-se o fugitivo Pedro Lopes.

Impediram-lhe ao doutor a precipitada fuga alguns

parentes e amigos, que podiam bastante com os promotores do santo officio; recommendando-lhe, porém, que visitasse as egrejas com frequencia, e désse bem publicas demonstrações de sua piedade.

Assim o cumpriu o doutor Francisco Luiz, bem que sua mulher mui violentada se prestasse a uma ostentação hypocrita, da qual a credula israelita se penitenciava com muitos jejuns e orações.

Decorridos mezes, fez-se auto da fé, e n'elle saiu condemnado a prisão illimitada um Fernão Vaz Lucena, parente do doutor. A maxima culpa d'este christão novo era o ter-se descaminhado e caido nas mãos dos inquisidores uma carta em verso, que Pedro Lopes, tio de Francisco Luiz d'Abreu, lhe escrevêra de Damasco. Esta carta indirectamente ameaçava a tranquillidade do lente de Coimbra; e, por amor d'ella, se formara a tempestade em que os amigos do lente viam ao longe o raio, o qual urgia conjurar com visitas aos templos e tregeitos bem publicos de piedade.

Que perversa e impia carta seria aquella, em que os inquisidores acharam motivo para condemnarem Fernão Vaz Lucena a carcere perpetuo? N'um velho manuscripto que possuimos, chamado *Memorias de Francisco Soares Nogueira*, encontramos trasladada a carta, cuja copia não vem descabida ao ponto; e, se mais não vale, tem por si o merito de nos dizer como os boticarios hebreus conciliavam as letras amenas com a manipulação dos ingentes xaropes d'aquelle tempo, posto que nem sempre conciliassem a inspiração com a contagem das syllabas, segundo a arte poetica.

Dizia assim a carta:

Oh Fernando, oh Fernando,
até quando
ha de durar teu descudo,
entre o povo torpe e rudo?
Que serve estar aguardando?
Sabes a banda d'além...
e o que convem.
Quem se agarra, quem se afferra,
deixa o monte, deixa a serra,
e ao valle seguro vem.

Não vês como arde esse matto,
mentecato,
que pouco a industria val?
Antes que chegue ao casal,
levanta cabana e fato!
Não sejas aventureiro,
que o toureiro
sim (?), morre em seu officio.
Mais val ter outro exercicio,
que fundar em ser ligeiro.
Por que não queres ser forro?
Eu morro,
por não haver quem te arranque!
Se pódes vêr de palanque
por que queres andar no corro?

Tambem eu estive lá,
e sei o que ha;
tudo passei, tudo vi.
Não se incerra o mundo ahi;
melhor mundo vae por cá;
o pão é cá mais ensôsso,
e a carne sem chambão;
tambem cá se ganha pão,
e não com tanto sobr'ôsso.

A gente é cá sem reima,
de menos teima;
a terra fructos produz,
e o sol dá cá mais luz,
posto que tanto não queima.

Digo-te verdade mera:
considera;
e, se queres ter descanço,
vem buscar o rio manso,
foge do mar que se altera;
foge do lago e da cova,
cousa nova,
e só n'isto me obedece.
Mova-te o proprio interesse,
quando o grão Deus te não mova;
que os lobos como rodeiam
sempre pream.

Divulgou-se a carta, depois do auto da fé. O doutor Abreu, assim que a viu, afervorou-se na frequencia de egrejas, batia nos peitos estrondosas punhadas, e ingranzava as contas das camaldulas, de modo que os ouvidos dos devotos podessem contar-lhe os quinze mysterios do rozario. Porém, como se a hypocrisia lhe não désse caução bastante segura, o lente de medicina, emquanto escoava os sonoros bogalhos, scismava no modo de fugir, sem dar ansa aos espias.

Apezar das camaldulas e dos protectores, a inquisição cada vez mais desconfiava da sinceridade do doutor; e o doutor, não menos vigilante que ella, cada hora, habilmente negociava a transferencia dos seus haveres ao estrangeiro.

O pequeno Braz era-lhe empêço. Não sabia elle se devia levar comsigo a creança. O perigo e o medo, concentrando-o no cogitar em salvar-se, tornava-o mais egoista em cuidados de si, e menos pensativo do futuro do pequeno. Francisca de Oliveira, por sua parte, queria muito á creança; mas não era bem o querer e amar maternal: faltava-lhe aquelle sentir-se viver, estremecer e morrer nas arterias do filho. Então lhe seria a ella bom de comprehender que sómente é mãe aquella que sentiu as dôres da maternidade.

— Que ha de fazer-se ao pequeno? onde o deixaremos? — perguntava Francisco Luiz á mulher.

— Se o podessemos levar sem difficuldade...

— Não podemos, por que eu já desconfio qne nos será negado o passaporte. Temos de fugir; e escapar com uma creança desembaraçadamente ninguem o faz. Bem sabes que nossos avós matavam os filhos que lhes retardavam e denunciavam a fuga.

— Deixa-se em casa dos nossos parentes—tornava ella.

— Isso é sacrificar os nossos parentes; porque o rapaz é considerado meu filho — observou o doutor.

— Tenho uma boa idéa — ajuntou elle — entreguemol-o a Francisco de Moraes, de Villa Flor, que sabe a historia d'esta creança, e lhe ha de servir de pae com os sobejos da sua riqueza. Não ha tempo a perder. Vou escrever-lhe para Lisboa, e pedir-lhe que me espere por estes quinze dias.

Francisco de Moraes Taveira aceitou gratamente o encargo, tanto por lhe ser offerecido pelo doutor Abreu, como por ser o orphãosinho filho do desventurado israelita, que perdêra provavelmente a vida, quando cuidava ganhal-a com honra.

Desde que a resposta chegou, Francisca, olhando a face carinhosa da creança, chorava sempre. Quantò mais o estreitava ao peito, mais o menino lhe sorria, como se com afagos quizesse mitigar as angustias desconhecidas, que via no rosto lagrimoso de sua mãe. Já ella pedia ao marido que não deixasse o menino; vacillava já tambem o doutor; e, muito instado da esposa e do coração, que a si mesmo se reprehendia, deliberou resolver-se em Lisboa, segundo se lhe figurasse facil ou difficil a passagem para outro reino.

Nas ferias d'aquelle anno, o lente simulou uma jornada a Ourem, sua patria, e foi em direitura a Lisboa. O santo officio de Coimbra reparou na saida, e lançou pesquizas. Informaram-no de alguns processos de liquidação de patrimonios e venda de bens, que o doutor Abreu rapidamente negociára na terra de sua mulher. D'isto foi avisado o inquisidor geral, de modo que já em Lisboa o promotor instaurava processo, quando o lente alli chegou.

Avisado pelo medico mais convisinho dos segredos da inquisição, Francisco Luiz deu-se pressa em sair de Lisboa com destino a Inglaterra. Negaram-lhe passaporte. Aterrado d'esta contrariedade, significativa de maiores violencias, mudou de residencia para casa segura, que lhe dispoz o hebreu de Villa Flor.

A vigilancia dos esbirros estava attenta sobre os navios hollandezes principalmente, e pouco menos sobre quaesquer outros de commercio com portos estrangeiros. Francisco de Moraes, avassalando com ouro a piedade do piloto de uma nau portugueza destinada á India, introduziu no navio o doutor e sua mulher, considerados mercadores e proximos parentes do piloto. As

arcas de suas preciosidades entraram com os passageiros; tudo que mais e menos caro lhes era foi com elles, exceptuado o pequenino Braz, que dormia á hora em que elles partiram, e nem acordou ao cair-lhe nas faces as lagrimas dos seus bemfeitores.

Ao amanhecer-lhe o dia seguinte, Braz perguntou pela mãe. Ai! se ella o fosse, não perguntaria o desamparadinho por sua mãe.

Respondeu-lhe um moço de vinte annos, que os seus amigos tinham ido fóra de Lisboa, e voltariam passados alguns dias. A creança chorou em silencio, como quem conhecia que o prantear-se seria desagradecer as caricias que lhe fazia o filho de Francisco de Moraes.

Era elle o mancebo que o hebreu de Villa Flor fôra buscar a Amsterdam.

Heitor Dias da Paz distrahia a creança de seis annos com brinquedos proprios da meninice. Parecia que um ao outro se estavam divertindo. Heitor quiz instituir-se mestre do *a b c* do pequeno; mas as graças infantis do discipulo encantavam-no por maneira, que era coisa de muito rir vêl-os ambos despegarem do alphabeto para se andarem correndo pela casa no jogo dos esconderêlos.

Dentro em pouco, as lembranças dos fugitivos hebreus eram apenas brevissima tristeza de saudade na memoria de Braz.

Heitor, desejoso de ver a terra do seu nascimento, foi para Villa Flor, e levou comsigo o menino. Francisco de Moraes, por mêdo de que, n'alguma hora, a inquisição lhe quizesse galardoar a astucia no escape do sobrinho de Pedro Lopes, accendendo em honra d'elle as

santas rezinas da fé, tratou de sumir-se na sua provincia, dando-se por cançado de amontoar riquezas.

Assim se reuniram em felicidade ainda não experimentada, os paes de Heitor, contando como elemento de sua boa sorte a posse do orphão, que, de muito amado que era, não sentia falta dos seus primeiros amparadores.

III

O faro das bestas-feras

Por espaço de quatro annos se gosou Heitor Dias das doces reminiscencias de infancia, sem querer saber de estudos nem do destino. Os paes não o incitavam a empregar seu tempo em letras que lhe abrissem carreira de gloria. Fechada sabiam elles que ella estava aos hebreus, salvo a das sciencias; folgariam de o ver luzir entre os famigerados Zacutos; mas muito mais se compraziam de o ter entre si a recado de toda a suspeita de inimigos e do perigo de se relacionar com imprudentes amigos.

Decorridos, porém, quatro annos, em 1703, Heitor Dias da Paz pediu ao pae que o deixasse ir estudar medicina a Coimbra, porque lhe era já pesada a ociosidade e desvalia de sua vida. Francisco de Moraes, confiado na discrição do moço, concedeu-lhe licença. Heitor pediu que o deixasse levar com elle o seu irmãosinho Braz Luiz, para, desde os dez annos, o ir encaminhando nos estudos conducentes á carreira da medicina. A ge-

nerosa lembrança foi applaudida pelos velhos, e o pequeno agradeceu-a com lagrimas de alegria.

Do pupilo ou, segundo as presumpções do vulgo de Coimbra, filho do doutor Abreu, já ninguem se lembrava quando, corridos cinco annos, lá voltou. Heitor a ninguem disse de quem fosse aquelle menino. Apresentava-o como orphão pobrinho, cuja educação elle tomára a seu cargo. O pequeno já tambem mal se recordava dos seus bemfeitores, e quando fallava de algum d'elles, chamando-lhes pae ou mãe, o filho de Francisco de Moraes recommendava-lhe que a pessoas estranhas não dissesse nada do pouco de que ainda se lembrava.

Heitor entrou no primeiro anno da faculdade em artes, depois de ter sido examinado em humanidades. N'este exame, em coisas de grammatica, sciencia que então reunia muitas especies hoje distinctas, o hebreu de Villa Flôr, mais descuidada que intencionalmente, defendeu proposições que destoaram asperrimamente nas orelhas orthodoxas dos examinadores. Sem embargo, deram-n'o como apto, reservando mentalmente o espiarem-lhe os actos com a vigilancia propria de quem quer salvar uma alma em risco de perder-se.

Braz Luiz entrou no collegio de S. Paulo a estudar latinidade com precoce e admiravel entendimento. Causou certo assombro nos frades que liam no collegio a ignorancia do moço em doutrina christã, interrogaram-n'o minudenciosamente sobre o viver da familia que o educara. Braz respondia que os seus bemfeitores resavam, e elle tambem resava por um livrinho de orações. Apresentaram-lhe diversos livros de piedade para que d'entre elles escolhesse o da sua resa. O pequeno sentiu um bate no coração, comprehendeu instantaneamente o

perigoso d'aquelle interrogatorio, e saíu-se bem do aperto, indicando o cathecismo de fr. Bartholomeu dos Martyres. Poucos dias volvidos, Braz Luiz papagueava toda a doutrina, dando a entender que apenas lhe fôra necessario recordar o que sabia desde a primeira infancia. Esta esperteza não enganou os mestres. Os primeiros fios da teia entraram logo em urdidura; e já as inquietas consciencias dos frades não levavam as noites d'um somno.

No entanto, Heitor levou a cabo, com muita applicação e extremado engenho o seu primeiro anno. Foi a ferias, levou comsigo Braz Luiz, e contou ao pae a inquirição porque passára o menino sobre o cathecismo christão. Francisco de Moraes agourou mal d'este exame, e pediu ao filho que, em vez de voltar a Coimbra, se passasse a Hollanda. Heitor Dias engenhou razões para combater os sustos do pae, e voltou ao segundo anno de medicina, levando Braz ao segundo anno de latim.

Os de S. Paulo repetiram o inquerito com ardilosos rodeios. Braz, já cabalmente instruido, cortava-lhes as voltas com respostas por demasia atiladas; de modo que deu força ás suspeitas, mostrando estar apercebido para destruil-as.

A este tempo sobejamente sabia o conselho da inquisição que os christãos novos de Villa Flôr, se não eram sinceros judeus, tambem não eram sinceros catholicos. Qualquer das coisas, no entender dos theologos, era egual á outra como affrontamento á verdadeira religião.

Heitor Dias da Paz andava espreitado. Seus condiscipulos propriamente o provocavam a questões theologicas, das quaes elle se desembaraçava, dando-se como

ignorante de subtilezas e aceitando os dogmas sem discussão. O conceito dos espiões de sua consciencia não melhorava por isso; quando muito, concediam-lhe a boa qualidade de judeu discreto.

Assim correu o segundo anno da sua formatura, sem acontecimento que o precatasse contra alguma violencia.

Voltou Heitor ao terceiro anno, com o coração retalhado de saudades de sua mãe que ficava morta. Levou comsigo para Coimbra o pae que se queria deixar morrer na alcova d'onde lhe levaram o cadaver da esposa. A convivencia do filho deu-lhe alma, e esperança de peito onde inclinar a cabeça na velhice. Não obstante, a saudade levou-o ás portas da morte.

Aquella ida do velho a Coimbra foi desgraça para Heitor. Francisco de Moraes, em risco de vida resistira a receber os sacramentos, porque o seu morrer, sem ritual de religião alguma, queria elle que fosse um como adormecer inclinado ao respaldo da cadeira. Estrondeou o escandalo nas abobadas dos conventos. Heitor, com o rosto coberto de lagrimas, quando sua alma estava a mendigar palavras de consolação, porque via alli o pae moribundo, tinha de explicar ás cataduras severas dos frades e visinhos a turvação de seu pae, e a, por isso, involuntaria privação de sacramentos. Redarguido nas satisfações que dava, replicou talvez com descomedimento, quando já seu pae se tinha passado a Villa Flôr. Da replica, provavelmente, foi lavrada acta no gabinete do procurador fiscal do santo officio. O certo foi que, vinte dias depois, Heitor Duarte da Paz, ao entrar nos geraes da universidade, foi acercado de tres familiares, que o conduziram ao carcere da inquisição.

Bemdita a mão da Providencia, que já tinha fechadas as palpebras da mãe d'aquelle moço!

Braz Luiz, comquanto desde o momento em que o seu protector foi preso ficasse privado de recursos para continuar como pensionario em S. Paulo, não foi despedido. Os frades paulistanos consideravam-no optimo estudante, e alma nova para se deixar fecundar em proveito da santa religião. Além de que o orphão, esquecido do nome de seus paes, senão engeitado d'elles, não tinha culpa minima do hebraismo de quem o protegia. N'este mesmo parecer assentaram os frades dominicanos: honra lhes seja. E, portanto, Braz Luiz conservou-se no collegio a expensas da casa, sem licença do reitor (1), e por largo tempo ignorante do destino de seu bemfeitor, até que, no fim d'aquelle anno de 1704, os mestres lhe disseram que Heitor Dias da Paz se estava purificando de peccados gravissimos, para remedio dos quaes lhe acudira a vigilancia misericordiosa do santo tribunal da inquisição.

Braz chorou muito, e caíu febril na cama. O chorar e o adoecer do moço mereceu compaixão dos mestres, que o consolaram com esperanças seguras de que o seu protector havia de sair limpo e absolto d'entre as mãos dos filhos de S. Domingos.

Recobrou o estudante saude, a tempo que Heitor Dias da Paz era transferido á inquisição de Lisboa, por motivos mais ou menos extraordinarios, que não vingámos averiguar. O que a toda luz evidenciámos é que o hebreu esteve preso desde 10 de janeiro de 1704 até 12 de setembro de 1706.

---

(1) Veja a nota final.

E como saiu elle do carcere? Absolto? Penitenciado? As feras das cavernas da santa casa esphacellaram-lhe as carnes? Deixaram-lhe ao menos o coração com algum sangue, aquelle coração de vinte e oito annos, para ainda se restaurar de encontro ao seio reparador d'uma esposa, que o anjo dos desamparados lhe houvesse entreluzido nas trevas da sua masmorra de seiscentos dias e seiscentas noites?

IV

Resposta

Abrira-se em ondas de luz o céo da manhã d'aquelle dia 12 de setembro de 1706.

Dobraram os sinos de S. Domingos. Apuzeram-se os folheiros cavallos das reaes cavallariças ás berlindas cosidas em oiro. As variegadas librés dos aulicos e ministros enfileiravam-se processionalmente depóz os coches do filho de D. João IV. Ia grande movimento e alvoroço nos mosteiros. Serpejavam innoveladas as multidões que desciam da cidade alta para o escampado do Rocio. O tanger dos sinos era de morte; mas o dia era de festa, festa da egreja triumphante, festa d'um auto da fé.

D. Pedro II e seus filhos apearam no alpendre do templo de S. Domingos; e em meio de filas de fidalgos, de frades, de desembargadores, caminharam mesuradamente por entre as naves, até se assentarem na sua alterosa tribuna, a tudo sobranceira, salvo á tribuna dos inquisidores, que era a primaz n'aquelle espectaculo satanico da piedade.

Para que tudo fosse egregio, até o prégador no auto da fé de 1706 era um dos mais doutos e famigerados interpretes dos evangelhos, sobre ser um dos mais abalisados escriptores de seu tempo. Nem mais nem menos que o reverendissimo padre mestre, geral da congregação de S. João Evangelista, chronista-mór de sua ordem, qualificador da inquisição, examinador das ordens militares, e, para em breve o dizer, sacerdote de tantas partes que, nem solicitado por D. Pedro II, aceitára o bispado de Macau. Já sabe o leitor curioso que se trata do padre Francisco de Santa Maria, author do *Ceu aberto na terra*, da *Aguia do Empireo*, da *Saphyra veneziana e Jacintho portuguez*, do *Anno historico*, de muitos volumes de sermões, todos esplendidos, todos laureados, todos christianissimos; mas nenhum tão esplendido, tão laureado, tão christão, como este que sua reverendissima vae hoje prégar no auto da fé, em presença de Suas Magestades e Altezas. Este episodio da festa explica as tumultuosas enchurradas do povo, que confluem da cidade alta á praça do Rocio: aquillo é gente que, a um tempo, fareja com delicias o fartum dos corpos que vão ser queimados, e aponta as orelhas pias para não deixar perder minima palavra da ungida oração de padre Francisco.

A procissão dos condemnados é longa. São mais de cincoenta, homens e mulheres, os que vão padecer ou galés, ou desterro, ou prisão perpetua, ou garrote e fogueira, ou a fogueira em vida. D'estes ultimos ha cinco, tres homens e duas mulheres, *relaxados em carne*, como rezam as sentenças.

Dois homens e as duas mulheres dão visos de já levarem obliterada a memoria da vida que deixam. Vão

amparados nos braços dos officiaes do santo officio agonisando a espaços ancias soluçantes que lhes ressumbram á fronte um suor glacial. Entre elles, porém, caminha firme, direito, altivo, com a sua tocha de cêra verde na mão, e a samarra e a carocha pintalgadas de demonios e fogueiras, um moço de vinte e oito annos, gentil de sua pessoa, sem embargo da lividez cadaverosa de dois annos de carcere. E' Heitor Dias da Paz.

O promotor da inquisição subiu á sua tribuna. Ao fim de quatro horas de leitura de cincoenta e tantas sentenças, indigitou o hebreu de Villa-Flôr. Dois esbirros com o alcaide do santo officio ladearam o moço, e conduziram-n'o a ajoelhar-se em frente da mesa sobposta á tribuna.

E o promotor leu o seguinte:

«Accordam os inquisidores, ordinario e deputados da santa inquisição (1) que, vistos estes autos, culpas, confissões e declarações de Heitor dias da Paz, christão novo, estudante de medicina, filho de Francisco Moraes Taveira, mercador, natural de Villa-Flôr, reu preso que presente está, porque se mostra que sendo christão baptisado, e como tal obrigado a ter e crer tudo o que tem, crê, e ensina a santa madre egreja de Roma, elle o fez pelo contrario vivendo apartado da nossa fé catholica, tendo crença na lei de Moisés, e fazendo em observancia da dita lei jejuns judaicos, estando nos dias d'elles sem comer nem beber, senão á noite depois de sair a estrella, ceando então coisas que não eram de

---

(1) O leitor dispensa que se lhe dê fielmente traslado das maiusculas e da orthographia.

carne, e deixando de comer a de porco, lebre, coelho, gordura e peixe sem escama, e guardando os sabbados de trabalho, vestindo n'elles camizas lavadas, e os melhores vestidos, começando a guarda d'elles da sexta feira á tarde.

«Pelas quaes culpas, sendo o reu preso nos carceres do santo officio, e com caridade admoestado as quizesse confessar para descargo de sua consciencia e bom despacho da sua causa, disse que o que tinha que dizer e declarar (sem o ter por culpa, antes por bom e necessario á sua salvação) era crêr firmemente em Adonai, Deus de Abraham, Isac e Jacob, assim e da maneira que o manda a lei de Moisés.

«E vendo-se na mesa do santo officio a cega e obstinada determinação do reu, lhe foi dito que considerasse bem a resolução que tomava em se não querer apartar da crença da lei que seguia, e como ia mal encaminhado em querer persistir na lei de Moisés, por que já n'ella não havia nem podia haver salvação, por ser acabada pela vinda de Christo, Jesus, senhor nosso e verdadeiro. E foi de novo admoestado tornasse sobre si; e, conhecendo seus erros, se apartasse d'elles, e se convertesse á fé catholica que tem, crê e ensina a santa madre egreja de Roma, cujo filho elle era e professára no baptismo, e confessasse inteiramente suas culpas, pois isso era o que lhe convinha para salvação de sua alma, e para se poder usar com elle da misericordia que a santa egreja costuma conceder aos bons e verdadeiros confitentes.

«E por tornar a dizer e affirmar com animo endurecido e obstinado, não só n'aquella sessão, mas em outras muitas que com elle se tiveram, afim de sua redu-

cção, que não se queria apartar da crença da lei de Moisés, que seguia, antes estava prompto para dar a vida por ella:

«Veiu o promotor fiscal do santo officio com libello criminal e accusatorio contra elle, que lhe foi recebido; e se lhe disse que pois perseverava ainda na crençà de seus erros com obstinação e contumacia, estivesse com seu procurador e lhe désse conta do estado de sua causa, e lhe pedisse o aconselhasse no que mais lhe convinha, e por elle respondesse ao libello da justiça, para que, guardados os termos de direito, se podesse continuar sua causa.

«Estando com o dito procurador, contestou o libello pela materia de suas declarações, e não quiz usar de defesa, pelo que foi lançado da com que podia vir, e ratificadas as testemunhas da justiça, se lhe fez publicação de seus depoimentos, conforme ao estylo do santo officio, a que não veiu com contraditas, pelo que foi lançado d'ellas. E estando outra vez com seu procurador para lhe formar os interrogatorios que quizesse, para serem reperguntadas as testemunhas que tinha contra si não veiu com ellas, dizendo que era desnecessaria diligencia, pois elle estava declarado e affirmativo profitente da lei de Moisés; e, como a não negava, não havia para que impugnar os depoimentos das testemunhas. E n'este acto escreveu um papel que declarou ser o assento que tomava em sua causa, e começava pelas palavras seguintes: — *Perditio tua, Israel, tantu modo in me auxilium tuum, inquit Dominus.*

«E logo continuava dizendo que elle reu não só não deixava a crença da lei de Moisés; mas se declarava crente e professor d'ella pelo theor dos termos dos au-

tos, e queria ficar em juizo com a crença da lei de Moisés, na fórma seguinte, declarando: Que cria em um só Deus verdadeiro, e que este era o de Israel, o Deus dos patriarchas e prophetas, que fez o céo e a terra, e fez pacto com Abrahão, e deu lei a Moisés, e poz por primeiro preceito d'ella: *Non habebis alios Deos preter me.* E, como tal, tinha por damnada crença o christianismo, e por tal a excluia, abjurava e renunciava, e ainda qualquer signal e caracter d'ella. E assim elle reu, sem mais processo, queria ser julgado por apartado da fé e por passado á crença da lei de Moisés, mostrando que a differença que havia entre uma e outra coisa era adorarem os judeus sómente a Deus verdadeiro, e adorarem os catholicos o demonio; dizendo tambem e accrescentando ás ditas declarações algumas subtilezas e subterfugios cavilosos, com os quaes se colhia ser o reu verdadeiro judeu e professor da lei de Moisés.

«E sendo o reu chamado á mesa do santo officio, e n'ella perguntado se o dito papel em que se continham as ditas declarações era por elle escripto e assignado, e, se o que n'elle se continha era o que elle reu entendia e cria, e por elle queria se estivesse em juizo: respondeu que sim, e por aquellas declarações queria ser julgado; e sendo, advertido que fizesse genuflexão, e reverencia á imagem de Jesus Christo crucificado, que se lhe mostrou, e o inquisidor que o processava repetidas vezes lhe apontou, nunca o reu quiz ajoelhar nem olhar para a sagrada imagem, mostrando grande rebeldia e dureza de animo; e sendo de outras vezes mandado jurar pelos Santos Evangelhos nunca o quiz fazer, nem assignou mais papel algum onde visse escriptas as palavras *santa inquisição*.

«E pelo reu foi dito que não queria mais procurador nem mais interrogatorios; por serem desnecessarias mais diligencias, visto que elle já de si dissera ainda mais do que as testemunhas contra si tinham deposto.

«E continuando-se o processo da sua causa, se procurou em todo o discurso d'ella mostrar ao reu o caminho da sua salvação e engano dos seus erros, persuadindo-o á obrigação que tinha pelo baptismo a ter e crer na fé catholica, captivando o entendimento em obsequio da mesma fé, e dar credito nas materias de consciencia e religião ás pessoas que lhe foram dadas para o encaminharem; porque ainda que elle reu tinha algumas letras, não havia professado as divinas, e como tal não podia explicar as escripturas sagradas, nem entendel-as como entendiam os religiosos letrados com quem havia estado, fiando elle mais do seu proprio entendimento que dos outros, sendo elle n'esta materia ignorante e os ditos religiosos letrados, de quem se havia de haver por convencido, pois não tinha fundamento algum para permanecer na crença da lei de Moisés, que seguia, e por tornar a dizer que se reportava ás protestações de sua crença contheudas nos papeis que havia escripto.» (1)

«E lhe foi dito que ainda estava em tempo de melhorar sua causa, se sem embargo da obstinação de que até alli tinha usado, desistisse d'ella, e, arrependido de seus erros, os confessasse com taes mostras e signaes de arrependimento que se podesse entender que elle reu,

---

(1) N'este periodo asfixiante é menos admiravel a profundeza da doutrina que o folego pulmonar do leitor da sentença;

de puro e verdadeiro coração, se reduzia á nossa santa fé catholica, de que tão cega e obstinadamente vivia apartado, para se poder usar com elle da misericordia que a santa madre egreja costuma conceder aos bons e verdadeiros confitentes; que de contrario se seguia infallivelmente o risco de ver sua pessoa no mais perigoso e miseravel estado que se podia imaginar, e o que mais era para sentir, a certeza de condemnar sua alma ás irremissiveis e eternas penas do inferno.

«E pelo reu foi dito que das sessões, que lhe foram feitas na inquisição e dos conselhos que lhe deram as pessoas que por ordem da mesma inquisição haviam estado com elle reu, afim de o reduzirem á crença dos christãos, tinha entendido o perigoso estado de sua causa, e o risco a que estava exposta sua vida; porém que, sem embargo da perda d'esta, não podia largar a crença que seguia, emquanto lhe não propunham razões mais concludentes para se persuadir e apartar-se da lei de Moisés.

«E visto como o reu se não quiz haver por convencido de seus erros, havendo-se dado solução verdadeira ás duvidas que propunha, sendo por tão repetidas vezes admoestado na mesa do santo officio com summa caridade, paciencia e brandura; e, sendo visto seu processo na mesa do santo officio, se assentou que o reu pela prova da justiça e sua mesma confissão e declaração estava convencido no crime de heresia e apostasia, e como herege apostata de nossa santa fé catholica convicto, confesso affirmativo e profitente da lei de Moisés, pertinaz e impenitente foi julgado e pronunciado, e finalmente citado para ouvir sua sentença, pela qual

estava relaxado á justiça secular. O que tudo visto e bem examinado:

«*Christi Jesu nomine invocato*. Julgam, pronunciam e declaram o reu Heitor Dias da Paz por convicto, confesso variante, e affirmativo profitente da lei de Moisés, pertinaz e impenitente, e que incorreu em sentença de excommunhão maior, em confiscação dos seus bens para o fisco e camara real, e nas mais penas em direito contra similhantes estabelecidas, e como herege apostata de nossa santa fé catholica, convieto, confesso affirmativo, publico profitente da lei de Moisés, pertinaz e impenitente o condemnam e relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte e effusão de sangue.»

Heitor Dias da Paz, lida aquella ultima clausula da sentença, fitou penetrantemente o semblante do promotor e riu-se. Os esbirros mandaram-no levantar-se, e beijar um dos doze missaes que decoravam a ampla mesa sotoposta ao estandarte de S. Domingos. O hebreu levantou a fronte com arrogante desprezo, e disse em voz que se fez ouvir na tribuna real:

— Não quero!

Fez-se um borborinho de piedosa ira na egreja. Esta agitação foi de subito applacada pelo apparecimento de fr. Francisco de Santa Maria no pulpito.

Reinava já sagrado silencio, quando o geral dos loyos, e venerado author do *Anno historico*, trovejou estas palavras do texto: *De malo ad malum eggressi sunt, et me non cognoverunt, dicit Dominus* (1).

(1) Sairam de um mal para outro mal, e não me conheceram, diz o Senhor. *Jerem.*, *cap. 9.*

V

A piedosa eloquencia do frade

O leitor, que veio tarde a este mundo para poder gosar o espectaculo de um auto da fé, póde ser que não faça cabal juizo da peça chamada o discurso da festa, e entenda que vem aqui opportuno o ensejo de se lhe dar alguma noticia do sermão de 1706, por ser elle do ascetico e sapientissimo auctor da *Aguia do Empyreo*. Póde ser que ainda a muitos curiosos d'estas christãs leituras o sermão de fr. Francisco de Santa Maria seja desconhecido, por que é já rarissimo. A meu vêr, a maior parte da edição arrebataram-n'a da terra os anjos, como coisa do céo! Dos exemplares que escaparam tenho eu um, que é a minha vaidade de bibliomano e a minha edificação de devoto.

O prégador, no exordio, propõe-se demonstrar tres pontos: primeiro, que o Messias veio; segundo, que o Messias é homem e juntamente Deus; terceiro, que o Messias, homem e Deus, é Jesus de Nazareth, crucifi-

cado por aquelles, ou pelos antepassados dos judeus que estão presentes. Depois do que, implora a intercessão da sacratissima Virgem, e começa.

Eis-aqui um lanço que nos move a favor do geral da congregação dos Evangelistas:

«Comvosco fallo, ó infelizes filhos de Israel, e tomo «para testemunha a Deus todo poderoso, que não é o «meu intento insultar-vos, ou affrontar-vos em coisa al«guma, nem tenho ou levo outro fim n'esta acção, «mais que a maior gloria de Deus, a defensa da verda«de, o triumpho da fé, o remedio da vossa cegueira, a «salvação da vossa alma; e, se acaso com a força do «dizer, proferir alguma palavra que vos offenda, desde «aqui vos peço perdão d'ella pelas entranhas da mise«ricordia do verdadeiro e altissimo Deus.»

Heitor Dias da Paz levantou de sobre as pinturas diabolicas do san-benito os olhos serenos ao rosto do padre Francisco de Santa Maria. Esteve-se quêdo alguns segundos n'aquella contemplação, e sorriu-se, a tempo que o orador, compungido em fervores de caridade, balbuciava aquellas expressões, que o leitor pio leu commovido.

Varias pessoas honestas, que viram o sorriso do hebreu, disseram umas ás outras:

— Veremos á tardinha se o marrano se ri na fogueira...

O orador, no emtanto, ia proseguindo na demonstração dos seus tres pontos, que foi completissima, sem deixar brecha á mais especiosa contestação.

Heitor, a cada conclusão triumphante do padre, sorria; e, por pouco não desfechava uma casquinada provavelmente sandia, quando o orador, repulsando a pecha

de idolatras com que os hebreus malsinam os catholicos, argumentou d'esta sorte: «E como é possivel que, sendo nós idolatras ha tantos seculos, e sendo vós ha tantos seculos cultores do verdadeiro Deus; sobre vós ha tantos seculos que chovam os castigos, e sobre nós os favores? Sobre vós os castigos! Bem o vêdes, pois vos vêdes ha tantos seculos sem patria, sem honra, sem rei, sem patriarchas, sem prophetas, sem capitães, sem juizes, sem sacerdotes, sem templo, sem altar, sem sacrificio, sem liberdade. Nós os christãos tudo isto temos. Pois que? favorece Deus tanto aos idolatras, e castiga tão rigorosamente aos fieis?»

O impulso de riso do judeu, a meu vêr, procedeu da respeitavel ignorancia do padre quanto ás regalias de que os sectarios de Mafoma se estavam saboreando em porção do mundo sublunar muito mais larga e comprida que a porção alumiada pelo christianismo. Quereria, talvez, o israelita, sem embargo de se lhe estarem alcatroando as achas da fogueira, perguntar ao loyo se os mahometanos, apezar da bruteza e crassa estupidez de sua fé, eram menos felizes terrealmente fallando que os nazarenos. Ora, como o goso de questionar lhe seria amordaçado, se elle abrisse a bocca indignada, o judeu desafogou-se n'aquelle rir parvamente heretico. O caso, porém, não fez levemente titubar o impassivel prégador.

Ia discorrendo o padre Francisco pelas provas dos milagres; e veio ao ponto de asseverar que Deus não obrara milagre algum em confirmação da lei de Moysés. D'isto a prova mais insinuante que o douto prégador desfechou dos labios inspirados está no seguinte argumento:

«Todos, ou quasi todos os annos vão muitos de vós

«ao patibulo, e sendo diante dos nossos olhos pasto á «voracidade do fogo, nunca se viu em algum de vós al«gum prodigio. Que é isto? Assim deixa Deus a ver«dade escurecida e humilhada?... Agora já o fogo vos «não tem respeito? Já a chamma lavra em vós como em «madeira secca?»

Heitor Dias não sorriu então: caiu-lhe mortalmente angustiado o rosto para sobre o peito. As palavras do sacerdote de Christo levaram-lhe ás carnes o calefrio horrendo das dôres que o aguardavam para o fim d'aquelle dia: como que sentiu as linguas de fogo a tocarem-lhe o peito, e a suffocação da fumarada da fogueira.

Demonstrados os tres pontos da oração com quanta lucidez se esperava de tão conspicuo sujeito, o author do *Céo aberto na terra* apostrophou primeiro os confessos, depois os relapsos, e por derradeiro o unico profiente que era Heitor.

Aos confessos dava os emboras, e pedia-lhes pelas entranhas de Nósso Senhor que perseverassem.

Aos relapsos disse: «E' verdade que já não podeis livrar «a vida temporal; mas é certo que podeis assegurar a «eterna... Morrer é natural: morrer affrontosa e vio«lentamente é desgraça; mas sobre tudo isto, salvar a «alma, é a maior ventura. Oh, que felizes sois, digo ou«tra vez, se sabeis emendar com os acertos da morte os «desconcertos da vida, e se vos dispondes com verda«deira fé e verdadeira contrição para a ultima hora!»

Que bom homem aquelle! O garrote e a fogueira eram indispensaveis á caridade e misericordia do Senhor; mas que montava isso? *Morrer é natureza;* morrer em colchão flacido ou em cama de brazas vivas é

uma e a mesma coisa: é natureza; mas o importante alli para o caso já não era o ir-se um homem de este mundo ao outro por effeito d'um feroz homicidio: a questão era segurar a vida eternal, e essa estava arranjada, logo que os relapsos, á ultima hora, se entendessem com Deus uno e trino.

Em seguida, padre Francisco de Santa Maria poz os olhos sobre o confitente Heitor Dias da Paz, e exclamou, tanto ou quanto commovido:

«E vós, que n'este tremendo cadafalso sois o réo do maior delicto, olhae que em vós n'esse infeliz estado se verifica com propriedade lastimosa o que dizem as palavras do meu thema: *De malo ad malum egressi sunt.* Saireis de seres condemnado no juizo dos homens, e entrareis a ser condemnado no juizo de Deus. Saireis da morte temporal e entrareis na eterna. Saireis de um fogo que brevemente acaba, e entrareis em outro fogo, que para sempre dura. Oh filho da minha alma, é possivel que assim vos deixeis guiar só da vossa imaginação, e vos ateis tão fortemente á vossa teima em um negocio da tanta importancia? Tão pouco vae em salvar ou condemnar para sempre? Quero crer de vós que em qualquer negocio d'esta vida não havieis de obrar sem conselho, sem reflexão, sem madureza; e em um negocio, em que vae a vida eterna, assim vos resolveis, assim vos precipitaes? Nos pontos da medicina (que estudaveis) é sem duvida que havieis de estar pelo que vos diziam vossos mestres. Pois, se nos pontos de medicina, vos guiaveis pelo que vos diziam os doutores medicos, nos pontos da fé porque vos não guiaes pelos doutores theologos, que tantas vezes e com tanto zelo e espirito se empenharam em vos reduzir ao caminho da verdade?

«Dizei-me de que mestres aprendestes essa lei que seguis já tão antiquada e esquecida no mundo? Sem duvida de dois homens ignorantes, que talvez nunca abriram a escriptura, e talvez não saibam a lingua latina, e muito menos a hebrea. Não o tomeis por injuria—ajuntou o orador, certamente improvisando, como visse um gesto de repugnancia desdenhosa e despeitosa no aspecto do confitente—não o tomeis por injuria....; porque, fundado nas vossas mesmas escripturas, affirmo que na vossa nação falta ha muitos seculos, por justo castigo de Deus, o dom da sabedoria, e dominam as trevas da ignorancia.» (1)

Estende-se diffusamente o padre, cathequisando o judeu, com a mira postá em resgatar-lhe a alma, que o corpo esse já não ha eloquencia nem perdão divino ou humano que possa salval-o do fogo. Finalmente, remata a apostrophe n'estas branduras:

«Ora filho do meu coração, *convertere, convertere ad Dominum Deum tuum.*

«Convertei-vos para o vosso Deus, convertei-vos para o vosso Senhor, que, abertos os braços, e com o coração aberto, vos espera para vos metter n'elle como amigo, se do coração vos converteis a elle. Dae este gosto ao céo, dae este gosto á terra, dae este gosto aos coros angelicos e dae este gosto aos espiritos bem aventurados, dae este gosto a todo este numerosissimo e luzidissimo auditorio, que todo deseja com muitas veras a vos-

---

(1) Desculpe-se á obcecação piedosa do author do *Anno historico* uma bestidade de tanto porte. Foi a maior que se atirou do pulpito abaixo n'aquelle seculo!

sa vida e a vossa salvação. Na vossa mão tendes a vida e a morte, a salvação e a condemnação: vêde o que escolheis. E, se todavia persistis na vossa teima, e na vossa contumacia, da parte de Deus vos digo, que dentro em breve tempo apparecereis diante do mesmo Deus em juizo, do qual, sem desculpa do vosso erro, saireis condemnado para o fogo eterno.»

E com pouco mais terminou o monumental discurso, de que ficou muitissimo agradado o senhor rei D. Pedro II, e seus filhos; e bem assim o eminentissimo senhor cardeal D. Miguel Angelo Conti, arcebispo de Garzo, e nuncio apostolico n'estes reinos, ao qual o padre Francisco dedicou o seu sermão impresso.

D. Pedro II não mais saboreou outro sermão identico; porque, tres mezes e sete dias depois d'aquella explendida ovação da santa egreja, morreu.

O padre Francisco de Santa Maria, comquanto só passados sete annos fosse coroar-se ao capitolio dos anjos, como piamente crêmos que foi, tambem não voltou a regalar o publico nos autos da fé.

Cheguemo-nos ao assumpto. Os relaxados á justiça secular foram conduzidos a uma das salas da santa casa, em que estava junta a relação para os sentenciar.

A sentença de Heitor Dias da Paz, e dos outros já estava lavrada, embora fingissem lavral-a depois de um banal interrogatorio. Com ella na mão, perguntou o presidente ao judeu, ajoelhado: (1)

---

(1) Estes pormenores, corridos na relação com os condemnados, vejam-se em João Martins da Costa. «Estylos mais praticados na casa da supplicação» pag. 239 e seg.

— Sois o relaxado Heitor Dias da Paz?

— Sou.

— D'onde sois?

— De Villa Flor.

— Credes — tornou o presidente — na Santissima Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, tres pessoas e um só Deus verdadeiro?

— Não creio.

E levantou-se sem que o presidente lh'o ordenasse.

O escrivão, que estivera autoando a sentença, ergueu-se e disse ao condemnado:

— Ajoelhe para ouvir ler a sentença.

— Ouvil-a-hei em pé — respondeu Heitor.

— Leia — disse o presidente ao escrivão.

O escrivão leu o seguinte:

«Acordam em relação, etc. Vista a sentença junta dos inquisidores, ordinario, e deputados da inquisição, e como por ella se mostra o réo preso, Heitor Dias da Paz ser hereje apostata da nossa santa fé catholica convencido no crime de judaismo, e por tal relaxado á justiça secular, e sendo perguntado n'este senado persistir no seu erro, e declarar que não cria em nossa santa fé catholica, senão na lei de Moisés; o que assim visto, e disposição de direito em tal caso, condemnam ao reu que com baraço e pregão pelas ruas publicas e costumadas seja levado á ribeira d'esta cidade, e ahi seja levantado em um poste alto, e queimado vivo, e feito por fogo em pó, de maneira que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memoria; e o condemnam outrosim em perdimento dos seus bons para o fisco e camara real, posto que ascendentes ou descendentes tenha, os quaes declaram por incapazes, inha-

beis, e infames na fórma de direito e ordenação. E pague as custas d'estes autos. Lisboa, 12 de setembro de 1706.»

A procissão dos condemnados saiu do pateo da santa casa, caminho da Ribeira. As duas judias relaxadas em carne, dizia-se que já iam mortas. Os dois hebreus, que tinham assistido ás leituras de suas sentenças em anciados gritos, iam desacordados nos braços dos quadrilheiros do santo officio. Heitor caminhava sem amparo, placidamente, olhando a um lado e ao outro as damas que exornavam as janellas do transito.

Ao embocar o prestito á rua da Padaria, um ancião mal coberto de andrajos, com tregeitos de louco enfurecido, rompeu a mó compacta do povo, e os soldados que ladeavam os condemnados.

Heitor Dias reparou n'aquelle velho que os arcabuzeiros afastavam a repellões. Fitou-o com horrivel estremecimento; ia a proferir uma palavra, e suffocou-a. Debalde. O grito do coração já tinha ecoado no seio do ancião, que exclamou:

— Adeus, meu filho! Adeus, meu filho, eu vou antes de ti avisar tua mãe que por instantes estarás comnosco no seio de Abrahão!

E, ao proferir a ultima palavra, sorveu de um vidro um trago de peçonha, ao qual se seguiram medonhas convulsões.

— Abençoada seja a sua coragem, meu pae! — exclamou Heitor — Até logo, até á eternidade!

As agonias do velho terminaram dentro em quinze minutos. As do filho principiavam pouco depois, e não foram mais longas. Antes de sentir o queimar das lavaredas nas entranhas, expirára afogado no fumo.

E o sol d'aquelle dia era ainda formoso ao intardecer. As auras do mar bafejavam tepidas. El-rei passeava nas barandas do paço da Ribeira, aspirando o aroma dos laranjaes; e os frades de S. Domingos resavam vesperas.

VI

Braz Luiz

N'este tempo, Braz Luiz, o collegial de S. Paulo, ia nos quatorze annos.

A noticia da desastrosa morte dos seus bemfeitores, revelada pelos condiscipulos, pungiu-o, tirou-lhe d'alma sinceras lagrimas; porém, n'aquellas edades a sensibilidade é para pouco; as saudades das pessoas queridas que morreram não se prendem á previsão angustiosa das desgraças porvindouras. O filho de Antonio de Sá Mourão estava de todo esquecido do doutor Abreu, e não longe de esquecer-se de Heitor Dias da Paz.

Os mestres do collegio, cuja dilecção pelo engenho do moço se manifestava no affago com que o divertiam de pensar no hebreu queimado e no outro que se dera a si desesperada morte, receosos de que o santo officio fosse ainda contender com o estudante por suppor que elle fosse irmão de Heitor, zelosamente informaram os

inquisidores dos piedosos sentimentos de Braz Luiz, e da docilidade e devoção com que elle se entregava aos exercicios espirituaes. O santo officio, inteirado d'isto, deixou em paz e por conta da religiosidade dos paulistas o menino.

Como elle se alimentava e educava a expensas do collegio, o parecer dos mestres era encaminhal-o para frade paulistano. Este intento, quando o moço tinha quinze annos, foi contraditado pela companhia de Jesus, que enviára delegados a recensear nas universidades e collegios de Evora e Coimbra estudantes esperançosos, garfos de boa seiva, que se fossem enxertando nos troncos envelhecidos, para que alguma hora não soffresse quebra o predominio intellectual dos filhos de Santo Ignacio.

Os paulistanos offenderam-se do sequestro que os jesuitas arbitrariamente fizeram nos seus mais grados alumnos; e, por vindicta, entraram a despersuadir o moço de aceitar a roupeta. Facilmente o moveram á repugnancia da vida sacerdotal, e assim se privaram tambem de o conquistarem para si. A companhia de Jesus cathequisava, mas não violentava. Tamsómente as vocações liberrimas e muito espontaneas lhe serviam. Logo pois que Braz Luiz manifestou indisposição para a vida sacerdotal, abriram mão d'elle os jesuitas, offerecendo-lhe, se necessarios fossem, recursos com que podesse seguir a carreira para onde pendessem os seus talentos. Quer generosidade, quer astucia com que os padres ardilosamente grangeavam a estima quasi universal, o certo é que Braz Luiz teria a protecção d'elles, se não tivesse a dos paulistas.

Deram-lhe a opção de modo de vida. Braz escolheu a medicina.

Aos quinze annos matriculou-se no primeiro do curso depois de ter estudado artes, e logo deu de si tão lisongeira conta, que se estremou entre os condiscipulos, ganhando as distincções das escolas, a estima dos mestres, e especialmente de D. Manuel dos Reis e Sousa, a quem o discipulo dos seus futuros escriptos se mostrará agradecido.

Ao correr do terceiro anno, a indole do academico passou por inesperada revolução. Sem faltar ás obrigações escolares, deu-se á tunantaria dos estudantes mal-comportados. Fez-se arruador nocturno, bulhento, femieiro e pimpão. Os paulistas ameaçaram-no de o deixarem entregue aos seus desatinos. Braz Luiz respondia ás ameaças dando optimas lições nas aulas, e ganhando os louvores dos lentes, sem desistir de tomar o primeiro posto nas algazarras e assuadas nocturnas.

Em uma d'essas escaramuças á cidade baixa, travou-se uma refesta ensanguentada entre a gente miuda de Coimbra e os estudantes. Braz, depois de muitas proezas, caíu ferido de uma choupada, que lhe vasou o olho direito. Alguns condiscipulos levaram-no em braços para sua casa, e lhe assistiram affectuosamente á cura. Salvaram-no da morte: mas não poderam salvar-lhe o olho.

Depois de dois mezes de cama, o estudante recebeu a má nova de ter perdido o amparo dos frades. Accudiram logo os condiscipulos fintando-se para supprirem a esmola do collegio. Braz proseguiu na formatura, e não mais foi visto nas sortidas bellicosas, como quem já não tinha mais que um olho para sacrificar. Os paulistanos,

contentes da reforma do seu protegido, voltaram a soccorrel-o; porém, o pundonoroso academico, reunindo os seus condiscipulos favorecedores, expoz a reluctancia com que aceitaria a esmola dos frades, e a satisfação com que continuaria a recebel-a de estudantes. Applaudiram-lhe o brio, e animaram-no a regeitar o pão vilipendioso dos paulistas.

Em 1714, tomou Braz Luiz d'Abreu gráo de licenciado em medicina. A razão que elle teve para assignar-se *Abreu* funda n'uma casualidade de que resultou enganar-se Barbosa na sua *Bibliotheca Lusitana*, dando Braz Luiz como filho de Francisco Luiz d'Abreu e Francisca Rodrigues d'Oliveira. Foi o caso, que folheando elle o abcedario por onde começára a soletrar, muito na primeira puericia, em companhia do seu primeiro protector, encontrou o seu nome assim posto no alto da primeira pagina do alphabeto: *Braz Luiz de Abreu*. Assim o escrevêra a esposa do doutor, n'uma d'aquellas horas de ternura, em que ella encarava no menino como em filho propriamente seu.

Ahi está onde ao medico se deparou um apellido, que elle não sabia d'onde lhe havia de vir, por mais que discorresse sobre o modo de rastrear seu nascimento. N'este investigavel mysterio o que a si mais provavel se figurava era que seu pae devia de ser um homem apellidado *Abreu*; mas como esquadrinhar-lhe a naturalidade, as aventuras da vida ou da morte? Em Coimbra não havia para que indagal-o; porque elle não tinha sequer vaga lembrança de ter estado em Coimbra nos primeiros annos. Todas as suas lembranças esboçavam-se dos sete annos para áquem. Terra que não fosse Coimbra só escassamente se recordava de Villa Flor; e

imagens de pessoas, duas sómente lhe viviam meio delidas na lembrança : eram Francisco de Moraes e Heitor Dias da Paz.

Um condiscipulo de Mirandella encarregou-se de averiguar-lhe algumas noticias de seu nascimento em Villa Flor. As tradições encontradas alli eram que uma creança apparecêra em casa do hebreu Moraes, ao tempo que seu filho voltou da Hollanda. Parentes ainda vivos d'aquelles israelitas não sabiam dizer nada a tal respeito. O que o condiscipulo informador accrescentou foi que dos muitos haveres do hebreu suicidado não havia palmo de terra que a inquisição não confiscasse.

Habilitado para exercitar a medicina, comquanto lhe sobrassem creditos de grande estudante, faltavam-lhe doentes. A' mingua de recursos, pensou em estabelecer-se n'alguma terra desprovida de medicos. Um seu contemporaneo da faculdade juridica convidou-o para Vizeu, onde o encontrámos curando com muita voga e felicidade em 1715 até 1718 (1).

No fim d'este anno, como a sua fama o atraia e a cobiça o impulsava para terras de mais gloria e lucros, passou a residir em Lisboa. Aqui e n'este mesmo anno começou elle a olhar tristemente para a deformidade que lhe deixára no rosto a choupada, e achou-se não só feio, se não repugnante a olhos de damas, que se engulhavam de lhe verem a orbita direita vasia e coberta pela palpebra amortecida.

Cogitou o medico em arranjar um olho artificial, com

---

(1) Isto consta do livro que Braz Luiz d'Abreu publicou, oito annos depois, intitulado *Portugal medico*.

que encher a orbita nauseenta e dar contractibilidade apparente á palpebra. Investigou a sciencia e encontrou que os gregos e egypcios fabricavam olhos artificiaes, formando-os de uma casquinha metalica, pintada ou esmaltada, similhante a uma metade de ovo pequeno, dividido longitudinalmente. Este primitivo e pouco engenhoso olho não agradava ao nosso joven medico. Indagou no estrangeiro, e de Hollanda o informaram que estava em Amsterdam um hebreu inventor d'olhos artificiaes de esmalte, com a qual materia substituira vantajosamente os metalicos. Entendeu-se Braz Luiz de Abreu com o inventor hollandez, e ajustou na orbita um olho, menos mal imitado, mediante o qual a palpebra voltou á sua elasticidade.

Este olho de esmalte era immovel: bastava encarar na cara do medico para logo se conhecer que a orbita direita estava envidraçada. D'ahi seguiu-se chamarem-lhe o *doutor Olho de Vidro*, alcunha que lhe ficou até á morte, e longos annos depois serviu de celebrar-lhe a memoria, a magnitude dos talentos medicos e os seus não menores infortunios.

Como quer que fosse, a physionomia do doutor Braz Luiz, não obstante a pouca illusão que embahia o falso olho, melhorou bastantemente.

O restante do carão, como diziam os coevos d'elle, era senão gentil, mui symetricamente ageitado. Vestia com apontado primor, e cuidava com esmero das melenas negras e lustrosas, que não polvilhava. A razão d'este proceder, tão inverso dos costumes do seu tempo, é elle quem propriamente a escreve d'este modo: «... Emquanto aos polvilhos, tão longe estão de parecerem ornato na cabeça do medico, que antes são pre-

sagios lethaes da vida do doente. Porque se a egreja com pós na cabeça nos adverte da morte que vem, como o medico com pós no cabello nos ha de recuperar a vida que se vae? Eu, quanto a mim, antes creio que os pós são significativos da morte, emquanto a egreja nol-o diz, do que hierogliphicos de saude respeitando ao medico que os traz. Os verdadeiros ministros d'Apollo só usam de polvilhos cephalicos na região animal; de polvilhos cordeaes na região vital; e de polvilhos estomachicos na região natural. Isto é uso modesto; o mais, estava para dizer que era abuso ridiculo.» (1)

Não curemos de ponderar a justiça das razões que o doutor allega contra os polvilhos. Imaginando que os collegas de Braz Luiz se riram muito d'ellas, faço justiça aos contemporaneos do auctor do *Portugal medico*.

Tambem desadorava os perfumes o nosso doutor, n'aquelle tempo em que o paralta de bom cunho recendia como caçoula de camarim de odalisca. Outra razão efficientissima do seu enojo de perfumes: «Sou de parecer que (o medico) evite os cheiros, e que se negue a todo genero de perfumes, porque ainda que Hyppocrates no seu tempo permittia os que não eram suspeitos aos achaques, comtudo n'este seculo mais escrupuloso por mais prevertido, nenhum genero de perfumes cheira bem... Deixemos esses esmeros para os que vivem á moda, e não excedamos a moda, que nem porque um medico cheira bem, cura melhor.» (2)

Em adornos capillares aceitava o doutor meramente os naturaes: usava simplesmente a sua opulenta gre-

(1) *Portugal Medico*, pag, 730 n.º 63.
(2) Idem, pag. 728, n.º 56.

nha, nua de artificios e emprestimos; porque dizia elle: «Seja tambem modesto o medico nos adornos da cabeça, tão introduzidos n'este miseravel seculo, que não ha já encontrar solicitador sem cabelleira nem belleguim sem perruca.» E acrescentava: «Quantos desprezam e cortam hoje o honesto cabello de christãos e collocam sobre a cabeça as melenas de um herege!» (1)

O vivo desejo que Braz Luiz de Abreu alimentava de reformar as demasias luxuosas e derisorias dos medicos, tornou-se em justa indignação, e a indignação porventura fel-o poeta como ao satyrico latino. Um dos mais intelligiveis sonetos que elle escreveu em tom apostolico salvou-se do olvidio, graças ao acertado cabimento que lhe elle deu n'um seu livro de medicina. Resa d'esta sorte:

Oh medico! se és medico com effeito
Procura mundo (2) ser, mas não mundano;
Que de Apollo o caracter soberano
Não anima nos vicios o respeito.

Bebe o cão, bebe tu; mas com tal geito
Que o crocodilo do rumor profano
Quando vás a beber do Nilo humano
Não possa devorar teu bom conceito.

Em teu ornato a modestia nunca falte,
Um pouco mais ao grave do que ao lindo;
Que assim obra quem douto assim discorre.

---

(1), Idem, mesma pag. n.º 57.
(2) Limpo.

E porque a tua fama mais se exalte,
Visita a modo de quem vae fugindo,
Como do Nilo o cão, que bebe e corre. (1)

O desgracioso da musa do Olho de Vidro está delatando que o poeta, se não era menos de pedestre, poetava violentando sua indole. O natural d'elle era outro. A meu juizo, tanta prudencia e bom conselho no mais verde da mocidade, argue um aliás louvavel cuidado de se fazer bemquisto aos homens graves do seu tempo. E', de mais d'isso, muito provavel que o medico se temesse de que os rafeiros do santo officio lhe andassem farejando o sangue; e elle, a contas com a consciencia propria, duvidava da pureza de seus incognitos paes, ao lembrar-se do ritho hebraico dos bemfeitores de Villa Flor. Se os elle não conhecia, quem lhe asseverava que a inquisição os não conhecesse? Se lhe pedissem a certidão do baptismo, onde iria elle esquadrinhal-a?

---

(1) *Portugal Medico*, pag. 724.

VII

Exemplo de honestidade aos medicos

Quer fosse sisudeza, quer hypocrisia, Braz Luiz de Abreu, que então contava vinte e cinco annos, assim que o amor lhe abriu o peito com seus magicos dedos, sacudiu a canga do artificio e mostrou-se homem genuino. Deu elle tento de que os seus collegas todos eram familiares do santo officio, e todavia amavam a rosto descoberto; e, nas casas onde entravam, contra a prescripção do soneto, não procediam exactamente

Como do Nilo o cão, que bebe e corre.

Ora, como elle, de espaço, fosse vendo que a inquisição vivia despreoccupada d'aquelles cães do Tejo que bebiam muito devagar, bandeou-se com elles, e atirou o coração ás tempestades dos vinte e cinco annos, resalvadas as apparencias.

A primeira dama que se quiz senhorear da alma do

seu medico, era uma fidalga quarentona, ainda vistosa, affeita a ser beijada na face por bons galans que se ajoelharam diante d'ella até aos trinta annos, e se purificaram da idolatria, desde que as flores do rosto, desbotadas pelo caio, e os cabellos ressequidos pelo ferro se foram despegando d'aquella cabeça rica de formosas tradições. Estava literalmente calva.

D. Claudia da Silveira, logo que se julgou encarada voluptuariamente pelo olho unico do seu medico, levou a mão ao peito e sentiu-se arder. Desde essa hora os achaques eram tantos e tamanhos que Braz Luiz escassamente se podia desobrigar de acudir-lhe tres vezes por dia com agua de Inglaterra, com pedra cordeal de Gaspar Antonio, ou com agua de lingua de vacca, antidotos de sua predilecção contra os estherismos e enchaquecas da senhora D. Claudia da Silveira.

A dama, cada vez mais enfermissa, tornára-se a desesperação da medicina gallenica. Dos linimentos á chaga interna que lhe canceráva as entranhas, um sómente dera satisfatorio resultado: era a presença do medico, o tatear d'elle no pulso arreado de manilhas, o apalpal-a nas costellas sobre e sub-jacentes ao coração. No coração nomeadamente é que ella dizia ter a morte, o morder e repuchar de dentes e garras do que quer que fosse. Resolveu o doutor que lhe dessem uma untura anodyna sobre a parte magoada. Resistiu a dama, quando viu a aia arremangar-se para o acto, e exclamou, repellindo a criada:

— Não consinto mãos estranhas no meu corpo! Antes a morte!

Braz Luiz de Abreu empenhou calorosas razões a persuadil-a, cuidando sinceramente que a dama soffria

dolorosissimas palpitações. Da austeridade de medico passou ás branduras de amigo que muito lhe devia, porque a paga era mais que prodiga, e chegou a pedir-lhe consentimento para ser elle quem lhe friccionasse o seio.

Muito rogada e como incendida em pudor virginal, consentiu D. Claudia, referindo a sua condescendencia não tanto ao amor da vida, como ao horror de morte assim atribulada.

O leitor conhece decerto aquella passagem de um livro do padre Manuel Bernardes, em que se conta o caso de S. Effrem estar com uma das mãos untando o peito de uma formosissima mulher, que tinha parte de demonio tentador do santo, emquanto assentava a outra mão sobre um brazeiro para ir assim com as dores quebrantando os impetos da materia bruta, as *fervenças da carne*, como n'outro caso diz o mesmo padre oratoriano.

D. Claudia da Silveira verdadeiramente não tinha parte de demonio; porque o medico lhe deu a untura anodyna com tanta serenidade e quietação de corpo e alma, que só isso lhe bastaria a ganhar o céo, se a mulher fosse documento para merecel-o e argumento para pedil-o.

Operou o linimento muito devagar, segundo o medico ia entendendo da brandura dos ais e alquebramento da enferma. Afinal, cessaram de todo os gemidos por um suspirar descançado que parecia descair em dormir restaurador das forças extenuadas,

Braz Luiz de Abreu ficou vaidoso do seu triumpho, e despediu-se da dama, que lhe acenou de mão e cabeça tão levemente como quem a custo o fazia, vencida do turpor do somno.

Assim que elle voltou costas, D. Claudia sentou-se na cama, bracejou enraivecida, e despregou a murros phreneticos uma cortina adamascada que lhe ondeava por sobre o espaldar do leito.

Accudiu a aia a querer continuar a untura. A fidalga quiz atirar-lhe á cara com a taça do anodyno, e sentiu-se sinceramente febril.

A aia avisou o fidalgo, cunhado de sua ama, d'aquellas furias em que estava a senhora. O fidalgo, avesado a taes manhas, respondeu com magnanimidade indicativa da probidade austera d'aquella familia:

— Manda-lhe chamar o Olho de Vidro.

— Mas elle ainda agora saiu, senhor!

— Não importa: que torne a entrar, que torne a sair, que entre de novo, que faça o que ella quizer, comtanto que eu não ature minha cunhada Claudia.

Assim se fez.

Braz Luiz acabava de entrar no seu gabinete, para escrever no caderno de observações a rapida cura das convulsões de coração de D. Claudia com unturás de enxundia de pato e oleo de assucenas, quando um lacaio dos Silveiras o chamou a toda a pressa para a fidalga.

O medico praguejou mentalmente contra a sua dadivosa doente; mas foi.

Encontrou-a convulsiva e escarlate, debatendo-se n'uma poltrona. Era ainda a dôr do coração que lhe estava destroçando o peito. Fallou o doutor em ventosas sarjadas. A dama expediu in continente (sem calemburgo) tres gritos estridulos contra as ventosas.

— Pois não, minha senhora! — accudiu o medico — não faremos uso das ventosas, até mesmo porque a con-

vulsão se vae distendendo aos membros, e receio que se torne geral. Eu vou receitar; mas requer tempo o preparado do remedio. Senhora Anacleta — continuou o doutor voltando-se para a criada grave — mande procurar um pato gordo; ordene que o matem, depennem, e limpem das entranhas; e depois remetta-se o pato ao boticario com a receita que vou escrever (1).

> RECIPE. Recheie o pato com salva, mangerona an. Manip. j. gomma amoniaco e Bedelio an unc. j. Calamo aromatico, noz moscada, flôr da mesma, e cravinhos da India an. unc. semiss. o que tudo primeiro se pize em almofariz, e se amasse com oleo de minhocas, e assim se introduza no ventre do pato, que se coserá com linha, se ponha a assar, e o que destilar se receba em um vaso meio de vinagre, com cujo pingo e gordura se unte o coração.
>
> ABREU.

Depois, sentando-se ao pé da doente algum tanto melhorada das convulsões, ajuntou:

— Se este admiravel remedio não produzir o almejado effeito, asseguro a vossa senhoria que em casos analogos me tenho dado excellentemente com os banhos de azeite puro, e melhor será se antes se tiver cozido n'elle uma raposa (2).

---

(1) A receita é trasladada de pag. 752 do *Portugal Medico*.

(2) É textual da pag. 751. «A sciencia da medicina está de todo perdida em Portugal...» escrevia o doutor Francisco Thomaz, medico do hospital de Lisboa, ao bispo D. Jorge de Athaide em 1592 Vej *Comp. hist. do estado da Univ. de Coimbra*, 1772.

— Uma raposa, doutor! — exclamou a dama engulhosa — uma raposa! Que immunda coisa!... Onde hei de eu ir buscar a raposa?

— Que desejará vossa senhoria que não appareça, minha senhora! Qualquer caseiro das suas terras do Alemtejo ou Beira, com ordem de vossa senhoria, caçará raposas, que são mirificamente medicinaes.

— Anjo bento! raposas medicinaes!... — volveu D. Claudia, e abriu um sorriso jovial, á volta com um gemido, como se o picar subito da dôr a não deixasse rir francamente.

— Parece-me que está mais alliviada... — disse o medico.

— Um poucachinho...

— Pois as virtudes da raposa são miraculosas, minha senhora — proseguiu elle, confiado na efficacia da distracção. — A lingua da raposa trazida ao pescoço reforça a vista. As mãos d'ella trazidas ao pescoço preservam do quebranto. (1)

— Do quebranto!...—murmurou D. Claudia da Silveira—Ai! doutor, ha quebrantos sem cura! Ha arêjos que em pegando da gente o remedio é morrer.

— Feitiçarias, quer dizer vossa senhoria? Não é tanto assim. Contra esses temos os prodigiosos alexipharmacos da santa egreja catholica.

— Bem sei, bem sei — balbuciou a dama, com piedoso gesto.—Não é d'esses que eu tenho medo. O meu santo Antonio me defenderá... Ha coisas peiores do que

---

(1) São as menores virtudes da raposa, segundo vemos no tratado, d'este escriptor, medico, o mais famigerado dos seus collegas. Vej. a pag. 722.

isso n'este mundo... coisas que fazem perder a cabeça á creatura mais ajuizada. Tenções e protestos não montam nada. Que me faz a mim dizer: não hei de pensar mais n'isto ou n'aquillo? Apega-se a gente com todos os santos. Fazem-se rezas e promessas. Lembra-se tudo quanto ha de máo... E, chegada a occasião, tanto faz como nada! Ai!—suspirou ella, pondo as mãos ambas sobre o coração.—Ai!... pobres mulheres!... Só vós sois as fracas... as peccadoras... não é assim doutor?

Braz Luiz de Abreu, que n'este lanço estava espreitando de soslaio uns olhos que o espreitavam por entre o reposteiro — os olhos da engraçada e trigueira aia de D. Claudia — por pouco não é surprehendido pelo relance da fidalga, que o fitou muito no rosto, com ar interrogador.

— E' assim, minha senhora, é assim — balbuciou elle.

— E' assim, é — tornou ella — E que remedio sabe vossemecê para estes quebrantos, doutor?

— E' conforme... — tornou Braz Luiz, sem atinar com a resposta conveniente, porque só n'aquelle instante percebera, com despeito de sua vaidade de medico, a enfermidade da fidalga.

— E' conforme, disse vossemecê doutor... — volveu ella, anciosa de entender as reticencias.

— Sim, minha senhora... Ha varios modos de possessão, além dos conhecidos nas demoographias...

— Não entendo isso—atalhou a fidalga—Pois a paixão d'alma tambem é feitiço?

— Se não é... — balbuciou o doutor.

— Leva as mesmas voltas—accudiu prestes D. Claudia, e proseguiu expondo com pouquissimo resguardo

de sua honestidade as diabruras que o amor tinha feito em senhoras de sua amizade, não poupando na relação das taes diabruras secretas as suas mais proximas consanguinaes, e algumas impudicicias muito reconditas da côrte da primeira mulher de D. Pedro II, com a qual vivera nos primeiros annos de sua mocidade.

Ao correr d'esta narrativa, D. Claudia reparou no abstrahimento do medico, cujo olho, de instante a instante, punha fito ao reposteiro, e como que procurava pascer-se deleitosamente em qualquer cousa de fóra.

Assim prevenida e desconfiada, esperou azo, voltou a cabeça ao lado opposto da porta, retorceu-a rapidamente de novo olhando ao local suspeito, e entreviu a cabeça da sua criada grave Anacleta, por quem doidejavam quantos fidalgos novos e encanecidos a visitavam.

— Olé! — exclamou ella, erguendo-se de salto—Agora entendo!—E, correndo ao reposteiro, afastou-o de repellão, e disse iracunda:

— Anacleta! já hoje não dormes n'esta casa. Rua! Não quero testemunhas nem espiões do que se diz no meu quarto. Rua!

E, tornando com solemne passo para junto de Braz Luiz de Abreu, que assistia corrido áquelle conflicto, disse-lhe:

— E a hypocrisia de vossemecê, senhor doutor!.... A feitiçaria da minha criada tambem se cura com os prodigiosos *não sei que* (o doutor tinha dito «alexipharmacos») da santa egreja catholica? Que hypocritas são estes medicos!...

E cacarejou uma risada secca.

— Pois que?! — tartamudeou o doutor, enleado até á irrisão.

— Eu logo vi!... — disse a fidalga, como em praticas de soliloquio comsigo mesma. — A promptidão das visitas... está explicada... Assim devia ser. Lé com lé, não falha o dictado. Cuidei que as minhas criadas serviam sómente aos meus criados. Bons tempos, em que os medicos se não sujavam com amores de servilhetas...

— Oh! senhora D. Claudia!—atalhou o pundonoroso doutor — vossa senhoria está-me insultando... perdoe-me dizer-lh'o, porque nunca cuidei de dizer isto a pessoa de sangue tão illustre... E, de mais, cavalheiro que tal diz a uma dama, não deve mais voltar á presença d'ella.

E, tomando o chapéo e bengala, fez uma arqueada cortezia.

— Faça o que quizer, doutor!—disse ella abespinhada, com o nó esterico nos gorgomilos — Faça o que quizer que vossemecê se arrependerá...

Braz Luiz de Abreu saiu offegante de despeito e tedio de D. Claudia da Silveira.

— Que tal está a pellada! — dizia elle de si para comsigo—A impudica!... E eu dar-lhe as unturas com a boa fé do mais soez enfermeiro! Chibata é que ella precisava nos lombos ociosos!...

VIII

Má sina de poetas

Passados alguns dias, differentes pessoas da intimidade do doutor lhe segredavam que D. Claudia fazia correr que elle fôra expulso da casa dos Silveiras, porque andava cortejando a aia grave da fidalga, sem respeito ao que devia á illustre enferma, e ao que devia á sua dignidade de medico. Os amigos aconselhavam-n'o, se queria ser recebido em casas de primeira plana, abster-se de galantear criadas, principalmente se as amas, como D. Claudia, queriam ser antepostas ás suas servas.

A calumnia era toleravel, porque em verdade, a frescalhona Anacleta era uma das sete criadas graves, para as quaes o doutor olhava com a fixidez de quem só tem um olho. Assanhou-o, porém, o susto de ver-se banido das casas, onde tinha os seus prezadissimos, bem que faceis amores, afóra as doentes mais rendosas.

O ciume de Claudia mais o exasperou ainda; porque a historia, em que elle figurava ridiculo, era contada entre as familias ás gargalhadas. Enraivecido, cogitou na imprudencia de fazer rir os amigos á custa da fidalga. Figurou-se-lhe que o mais contundente látego era a satyra em verso. Não teve amigo que lhe aconselhasse juizo e discrição, como convinha á gravidade do seu officio, e ao melindre da poderosa parentela de D. Claudia. Escreveu, e deu copias a diversos amigos das seguintes quadras:

A UMA PELLADA

Mulher, n'esse teu desgarro...

Convem saber, antes de ir ávante, que D. Claudia, como se quizesse attrahir aos pés a attenção das pessoas, que lhe reparavam na cabeça, costumava estar sempre calçada de sapatos bordados a fio de ouro. As mais fidalgas chanceavam-n'a, na ausencia, por causa dos sapatos, e propalavam que o Olho de Vidro se deixára algum tempo fascinar dos aureos chapins da escalvada dama. Sabido isto, não ha já commentarios que aditar á poesia.

Mulher, n'esse teu desgarro,
Um Nabuco ás vessas és;
Porque, tendo d'ouro os pés,
Tens a cabeça de barro.

Se alguma pedra traveça
Te quizesse derrubar
Era preciso acertar
Mais que nos pés na cabeça

Por que, se pelo mais fraco
Estalla a corda mais grossa,
Quem quizer que estalles, *moça*,
Ha de cascar-te no caco.

Mais flammantes do que um ouro,
Mais liza do que uma ostra,
A cabeça a coura mostra,
Os pés vão mostrando o couro.

Dize-me com que destino,
Mesclas n'essa estatua van
Entre affectos de christan
Heresias de *Calvino?*

Sem monho, e com cara alva
Sahes a toda a occasião;
E vejo que tens rasão,
Porque a occasião é calva.

Sendo mal encabellada,
Para que andas, dize, á pella,
Se ninguem por ti se pella
Por mais que venhas pellada?

Vae-te, e pede a Deus, ó louca,
Que te dê com toda a pressa,
Cabellos para a cabeça
Em vez de pão para a bocca.

Ao padre nosso á porfia
Pede que te encabellise;
E em vez de *pão nosso*, dize:
Cabellos de cada dia (1).

---

(1) Veja *Portugal Medico*, pag. 690-691.

Multiplicaram-se as copias e as gargalhadas; não tardou, porém, que sobreviessem os despeitos, por que muitas familias, que tinham rido, estavam aparentadas com D. Claudia. Chegou á noticia da dama a zombaria. Foi tanto mais funda a punhalada quanto ella amava ainda o doutor. Odiou-o de morte; não relevava, porém, a soberba da fidalga que ella se désse por ultrajada.

Conjuraram, de repente as familias de melhor lote contra Braz Luiz. Os amigos evitavam-no com subterfugios. Os inimigos, collegas d'elle, deploravam que um seu consocio no sagrado mister da medicina os desdourasse. A tempo conheceu o doutor que tinha caido em descredito: e mêdo tambem de cair trespassado por algum fidalgo estoque não lhe faltou.

Fez logo conta de sair de Lisboa, cortando por fibras muito sensiveis do peito. Do plano á execução mediou algum pouco tempo, em que Braz Luiz, recolhendo alta noite, esteve a pique de ser assassinado por uma arcabuzada, cujos pelouros lhe crestaram os bofes da camisa.

Desappareceu o Olho de Vidro de Lisboa, e estanceou alguma temporada por Coimbra, onde assistiu á impressão de um seu livro em castelhano, intitulado *Aguilas hijas del sol, que buelan sobre la luna. Representacion comica, tragica, triumphal de la inmorable victoria gloriosamente alcançada por las aguilas impiriales contra las nocturnas aves ottomanas en el campo de Peter-Varadin, dia 5 de agosto año 1716.* (1)

---

(1) E' impresso em 1717, por Bento Secco Ferreira.

A mim contentou-me a leitura do titulo, e dispensei-me de ver o restante para ir jurar que deve ser sobre-excellente um livro que se chama *Aguias filhas do sol, que voam sobre a lua.* E, como se isto não fosse já recommendação á obra, acresce-lhe o merecimento de ser *representação comica, tragica e triumphante.* Um livro assim, e os applausos com que a peninsula provavelmente o victoriou, deviam ser para o doutor larga compensação dos dissabores com que saíra de Lisboa. Não ha ahi chaga em peito de homem illustrado que resista ao balsamo do talento.

Passou Braz Luiz de Abreu ao Porto, fazendo tenção de estabelecer-se na segunda cidade do reino. Deteve-se em Aveiro alguns dias; e passeando scientificamente pelos arrabaldes da villa, descobriu a planta do chá, nascida em barda por aquelles maninhos. Consta-me que os aveirenses, de certo ignorantes do descobrimento do medico, ainda agora compram para seu uso o chá da China, como se não tivessem alli á mão a erva de que elle se faz. Aqui lhe transcrevo as palavras de Braz Luiz, e muito faço em prova do meu desprendimento de bens de fortuna, se não iria eu propriamente colher a erva, comprar os maninhos, e senhorear-me de Aveiro em poucos annos. Aqui está a noticia: «Na villa de Aveiro, e em todas as suas visinhanças nasce uma erva, a que os naturaes chamam *erva formigueira,* porque pisada tem o cheiro como de formigas pisadas; e a ha em tanta quantidade que podem carregar-se navios d'ella. Esta tal (ao meu entender) é o verdadeiro *chá* que vem da China e do Japão; não só porque a experiencia descobre n'ella as mesmas virtudes do *chá;* mas tambem porque mandando-se da India

a Gonçalo de Sousa de Menezes, morador na sua quinta de Salreo, a semente do legitimo chá, elle a mandou semear com todo o cuidado, e nasceu a mesma erva de que aqui se acham revestidos os campos e os comaros.» (1)

Não ha duvida nenhuma: o chá da India é a *erva formigueira de Aveiro*. E dizem que nós, os portuguezes, não somos gente para descobrimentos! O que nós somos é uns prodigos e despreciadores dos mananciaes de riqueza que a Providencia nos offerece como a filhos seus dilectissimos. Se alguma companhia entrasse em exploração d'aquella mina, quem sabe se, fechados os portos á erva indiatica, poderiamos ainda com o nosso chá amortisar a divida externa, e metter a Europa n'uma infusão de erva formigueira? Razão tinha o patriota doutor Olho de Vidro, quando em seguida á noticia, que os coevos menosprezaram, ajuntou: «Quem quizer indagar-lhe os prestimos, com facilidade o póde fazer, se acaso não fôr do genio d'aquelles que fazem eterno capricho de preferir sempre as coisas estrangeiras ás nacionaes e domesticas.»

Transferiu-se Braz Luiz para o Porto, ao começar o anno de 1718. Estreiou-se auspiciosamente. Açambarcou a clinica dos mais acreditados, e manteve-se com recato e honra no tocante ás venialidades do coração, tomando em conta o muito que lhe importava desmentir a má fama grangeada em Lisboa.

No fim de seis mezes, offereciam-se-lhe vantajosos enlaces com raparigas bonitas de sua pessoa, rubras e

---

(1) *Portugal Medico*, pag. 307.

sadias d'aquelle antigo sangue e pojante saude do Porto, e demais a mais, ricas, das mais ricas das ruas dos Pellames, Congostas e Mercadores.

Não se atrigou com a felicidade das propostas. Sobrava-lhe dinheiro, estipendio das suas curas estupendas com inxundia de pata, olhos de minhocas, agua benedicta de Rulando, olhos de caranguejo e esterço de rato fresco. (1) O coração cedia á freima com que elle trazia empunhada a cabeça em estudos medicos, estudos poeticos, toda a casta de sciencia, como sujeito que tinha em vista a immortalidade, de que a sua memoria se está gosando e gosará, emquanto o seu *Portugal Medico*, e a sua *Vida de Santo Antonio* e este meu romance forem livros conspicuos.

Em outubro de 1718, chegou ao Porto uma senhora da Beira Alta, muito adoentada, trazendo em sua companhia uma filha. A enferma, desenganada pelos medicos na sua terra, ia procurar, como em ultima estancia, a sua cura na milagrosa reputação de Braz Luiz de Abreu.

Chamava-se a doente D. Antonia da Piedade, e a filha D. Josepha Maria de Castro. Aquella senhora tinha visto muito mundo, queria contar ao seu medico extraordinarios lances da sua vida; mas as dores incessantes apenas lhe davam tempo para gemer, não obstante os esmerados disvelos do doutor. Os padecimentos recrudeciam, quando á pobre senhora lhe acudia a lembrança de que deixava n'este mundo sua filha desamparada, sem parentes, bem que ella os tivesse ricos.

---

(1) Vej. *Port. Med.* pag. 209

Bem quizera Braz Luiz, com a alma poetica e affectuosa que tinha, entrar no segredo d'aquellas duas vidas; mas as reservas das senhoras impunham respeito e calavam-lhe de prompto as investigações indelicadas. D. Josepha Maria tinha vinte e três annos; era formosa, extraordinariamente instruida, fallava a muito custo a lingua portugueza, e com sua mãe expressava-se sempre na lingua franceza. Braz Luiz de Abreu não se deteve a perguntar ao seu espirito se lhe convinha amal-a; amou-a impetuosamente, desde que a viu; amou-a perdidamente desde que a ouviu.

D. Antonia falleceu no principio de novembro. As suas ultimas palavras á filha foram estas: «Perdoa-me ter-te eu dado o nascimento, desgraçada menina. Agora, que vae morrer a mulher maldita dos seus, vae tu procurar os teus parentes, e diz-lhes que não és culpada dos delictos de tua mãe.» Braz ouvira estas palavras, e disse, ajoelhando ao pé da filha:

— Abençoae a nossa união.

— Eu vos abençôo, meus filhos—murmurou a moribunda.

IX

Poeta e moralista

Casaram.

As delicias do noivado agoiravam santos prazeres de toda a vida.

O esposo entrou nos segredos d'aquella familia, imperfeitamente referidos por sua mulher, que os não sabia bem contar. O essencial da historia era ter ella sangue judaico, e ter nascido no desterro, onde se finou seu pae. Lances d'estes eram vulgarissimos n'aquelle tempo. Declarou ella que sua mãe não se chamava Antonia, nem o seu appelido era Castro. O mysterio, a perseguição, a formosura, a indole meiga, tudo cooperou a robustecer o amor de Braz Luiz, que, desde a hora de marido, começou a contar os seus dias de vida.

Tinha vinte e seis annos elle. Mais que nunca lhe inundaram alma enchentes de poesia. Os sonetos rompiam como lavas e aos pares. Um conservou elle no seu livro de medicina. E que engenhosa maneira de man-

dal-o á posteridade! Como não era coisa bem cabida um soneto de amores conjugaes entre duas receitas para conservar os cabellos, attribuiu como feito aos cabellos de Maria Santissima o soneto com que eternisára as madeixas de sua mulher. Vejam como elle o diz, querendo encarecer a formosura de um opulento cabello: «Temos um heroico exemplo na Magdalena, que ainda dos mesmos cabellos, que lhe cresciam, formou toalha para enxugar os pés de Christo lavados com suas lagrimas... Veneremos a profunda humildade de Maria Santissima mysticamente figurada n'aquelle cabello admiravel, em o humilde discurso d'este

SONETO

«Teus cabellos, teus olhos basta vel-os,
«Compondo o rosto teu, que ao sol prefere,
«O' minha esposa, porque a fé venere
«A amorosa ambição de pretendel-os.

«Nem porque muitos são chego a querel-os,
«Antes por qualquer um amor requere,
«Um dos olhos o coração me fere,
«Prende-me a alma um só d'esses cabellos,

«N'um dos olhos por pura te comprehendes,
«N'um cabello a humildade sem refolhos,
«Dás a entender em symbolos bemquistos:

«Por isso humilde e pura tu me prendes;
«Que se um dos olhos me entra pelos olhos
«Um dos cabellos me ata a olhos vistos.» (1)

---

(1) *Portugal Medico*, pag. 741 e 742.

O soneto, para ser feito a Nossa Senhora, não é bom modelo para mysticos; porém, como brinde á estremecida Josepha, é o melhor de que eu tenho noticia, e ella, a meu ver, devia lisongear-se notavelmente.

O que ella lhe deu melhor ainda do que o soneto foi uma filhinha, que chamaram Anna Maria, e no anno seguinte outra filhinha, que chamaram Maria da Natividade, e depois outra que se chamou Thereza de Jesus, e depois Antonia Maria, e depois Sebastiana Ignacia, e depois Agostinho Luiz, e depois Pedro José, e ultimamente Raphael, que morreu ao segundo mez de nascido. Ora aqui tem, leitor sensivel, um quadro perfeito de felicidade terreal: cinco filhas e dois filhos, vivos e robustos, em nove annos. Dito isto, por mais que me eu aprimorasse em recamos do estylo e maviosidades de sentimento no descrever as venturas d'aquella familia, tudo me sairia froixo e muito em sombra. As creancinhas são os anjos que pintam os quadros da vida intima com côres e instincto do céo. Quem quer dizer «suprema e indisivel felicidade» não tem mais que pôr: «eram dois paes amando-se muito com sete filhinhos entre elles a beijarem-n'os, a beijarem-se, e a chilrearem como avesinhas implumes em volta do ninho que lhes dá o aconchego da plumagem e do cibo.»

Sem impedimento de sete filhos, fartos e aceiados, o doutor ia enriquecendo, e repartia seu tempo, roubado ás caricias da familia, entre os trabalhos de gabinete e visitas ás pessoas mais illustres e pecuniosas da terra. A fama dos seus bons costumes e religiosidade fallou por elle no tribunal da inquisição, quando lá chegou o requerimento documentado pedindo as honras de familiar do santo officio. Concederam-lh'as sem hesitação,

porque os medicos, como senhores do arcano intimo das familias, eram os mais importantes sentinellas da pureza da fé. Não só os sãos costumes, que tambem um livro de summa piedade e vasta erudição, lhe ganharam as honras e privilegios de familiar. Este livro, publicado em 1725, e ainda hoje relido com devotos fervores por quem sabe gastar com acerto e bom juro o seu tempo, intitula-se «Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol. Santo Antonio portuguez. Epitome historico e panegyrico da sua admiravel vida e prodigiosas acções.» N'aquelle tempo, não houve livro que ousasse medir-se com as elegancias e pompas d'aquelle *in-folio*, para o qual devêra inventar-se a eternidade, se ella não andasse já por ahi á disposição das obras inuteis.

D. Josepha, posto que viesse de Paris quasi nada disposta a crer nos milagres de Santo Antonio, depois que leu a obra de seu marido, reduziu-se á pureza da fé catholica, e revalidou as ceremonias do baptismo, para se limpar de escrupulos. Não seria esta a razão efficiente; mas parecia ser.

No anno seguinte, Braz Luiz saiu com outro volume de egual tamanho, bem que menos importante á salvação da alma. Todavia, choviam bençãos sobre o sabio que primeiro curava almas achacadas de vicios, e depois dava á humanidade enferma, como coisa secundaria, um livro que olhava a minorar-lhe os flagellos corporaes. Eis aqui o titulo d'este padrão da medicina portugueza: «Portugal medico, ou monarchia medico-lusitana. Historica, pratica, symbolica, ethica e politica. Fundada e comprehendida no dilatado ambito dos dois mundos creados, macrocosmo e microcosmo.» Estes dizeres podem chamar-se o cabeçalho do titulo, que se continua

em vinte linhas. Assim o declaro para que se não julgue da superficialidade da obra pela pequenez d'aquelle rotulo. Braz Luiz de Abreu dedica o seu livro ao principe do Brazil D. José Francisco, e assigna-se *medico portuense e familiar do santo officio*, assentando n'estas qualidades dois titulos á consideração publica.

Este livro, a meu ver, é a mais pittoresca historia dos costumes d'aquelle seculo. Ninguem lê o *Portugal Medico*; e poucos sabem que desprezado thesouro alli está. Como author de livros de medicina é vilipendio nosso que Braz Luiz seja contado na lista dos escriptores medicos, de par com os Zacutos, com os Veigas, e com Jacob de Castro Sarmento; como relação das usanças do seculo XVIII, não ha novella nem poema satyrico em portuguez que lhe chegue á barba.

Onde me dá o leitor a conhecer o que eram os medicos estrangeiros em Portugal? Quaes gazetas do tempo ou quaes poetas mordentes nos deixaram traços da chusma de charlatães, naturaes e peregrinos, que se locupletaram entre nós, favorecidos pela crassa bruteza a que tinha descido a faculdade medica em Portugal! Nenhum livro de prosa ou verso, nenhuma publicação coeva nol-o diz, exceptuado o livro obscuro ou escarnecido do Olho de Vidro.

Para mim é de fé que o leitor, nem ainda peitado por estes encomios, vae folhear o *Portugal Medico*. Pois eu, mas que me alcunhem de impertinente, vou dar-lhe em traslado coisa pouca d'este curioso livro, que é mais historia que as chronicas dos Azuraras e Pinas, e mais comedia humana que as comedias de Gil Vicente e do Judeu.

Ácerca dos medicos estrangeiros:

«Enfada-se de ser soldado na Italia um romano; passa a Portugal, e constitue-se um famoso espagyrico florentino. Foge da sua religião feito apostata um francez; aporta em Lisboa, e inculca-se por um insigne medico portuguez. Quebra em Hollanda um mercador; busca o nosso reino, e vende-se por um peritissimo physico hamburguez. E até entre os nossos o que é alveitar no Minho passa a ser medico no Algarve; o que é cirurgião na Extremadura vae buscar o gráo de doutor ao Alemtejo; e de boticario da Beira, se converte em Galeno de Traz-os-Montes; e d'esta sorte espalhados e desconhecidos, morrendo por viver da sua necessidade, vivem de matar com a sua medicina, e atormentando a todos sem piedade, ferem sem pena e matam sem castigo...

«Desembarca em Lisboa, no Porto, ou em outra qualquer barra d'este reino um medico estrangeiro, não disse bem, um estrangeiro metido a medico; antes que ponha o pé em terra, já o bom do homem tem mandado encher as esquinas de editaes em que publíca remedios infalliveis para todos os achaques... Entra-se um d'estes por casa de um illustre, de um nobre, de um ecclesiastico; mas nunca de um pobre; e se ha achaque na casa, começa logo o parabolano a desenrolar promettimentos, e que foi fortuna chegar elle a tempo em que podesse emendar o que os medicos tinham errado; porque a queixa só elle a conhecia, por ter já feito, similhante cura na pessoa do delfim de França, e vencido o mesmo achaque no principe Eugenio, ou em outro qualquer personagem d'este calibre; por que similhantes physicos nunca se fazem medicos ahi de qualquer tudesco de má morte; mas as suas experiencias sempre

tem sido observadas, ou nos palacios dos principes, ou no serralho do grão turco.

«Começa um d'estes alchimistas a prometter e o pobre doente a pasmar. Se o achaque é uma ethica marasmada, diz-lhe: senhor, eu faço uma agua tão portentosa e de tão infallivel virtude, para esta sua queixa, que não só é capaz de restauricar ethicos, mas de resuscitar mortos. O cardeal de Rouen em Paris estava já mais magro do que um pisco em janeiro; tomou a mesma agua, e logo se poz mais gordo que um taralhão por agosto... E' verdade que lhe custou do seu porque este remedio para se compôr leva duzentas moedas de ingredientes. Se vossemecê quer que eu lh'o faça venham as moedas; e, se não se achar bom, não me dará nada pela cura. A isto responde o doente que é muito dinheiro — Bom remedio (torna o estrangeiro) faremos por ora só metade da cura, e não vem vossemecê a gastar mais do que cem moedas. Ainda é muito? Pois venham cincoenta. Assim vae duvidando um e outro, e abatendo, até que o alchimista para não ir de todo em todo sem dinheiro, para comprar as drogas se resolve a fazer a cura por duas moedas; mas pede segredo ao doente, porque não quer fazer o seu remedio mal reputado. Vae para casa; põe a ferver dois almudes d'agua da fonte com um selamin de cevada, deita-lhe umas poucas de flores de papoulas, para tomar outra côr, e um arratel de assucar mascavado; compõe uma agua adocicada côr de fogo; enche quatro garrafões bem tapados com cortiça e lacre, e pilha duas moedas.»

Prosegue Braz Luiz em muitas paginas em prosa e verso a critica zombeteira dos medicos mesinheiros, dos pseudo-medicos, dos barbeiros, das benzedeiras.

Concluo o extracto com uma amostra da prosa, e outra da poesia. Qualquer das coisas denota o entranhado fervor com que o medico portuense saía de frente contra os charlatães em favor da humanidade.

«Oh! — exclama elle — quantos e quantos medicos, lobos na condição, estou eu vendo espalhados pelos reicos da nossa monarchia, que não sabem mais que rounar e matar!.... São estes ladrões e matadores publibos todos aquelles que sem o serem se fingem medicos. Oh! miseravel e desgraçada medicina! Como vejo trocados hoje os teus predicados nobilissimos! Já não és arte de curar, és atalho de morrer; já não emendas os vicios do corpo, extingues as virtudes da alma; já não és triumpho das queixas, és flagello das vidas; já não és sciencia, és ignorancia; já não és arte preclarissima, és claro e clarissimo latrocinio. Os teus methodos de curar são modos de viver; os teus aphorismos são gyrias; os teus textos são roubos; os teus remedios são mortes, e os teus brazões são sepulturas. Mas como não ha de ser assim, se são homens ignorantes e perdidos os teus professores? Fingem-se medicos os idiotas, os vagabundos, os judeus, os barbeiros, os soldados, os feiticeiros, os benzedores...»

E' christãmente louvavel o affoutamento e desprezo com que elle entala os judeus entre os vagabundos e barbeiros; faz, porém, tristeza ver n'isto a ingratidão com que elle malsina a raça d'aquelle Heitor Dias da Paz, que vinte annos antes lhe estabelecêra a pensão no real collegio de S. Paulo. Entristece ainda mais que elle se não condôa do pae de sua mulher, do avô de seus sete filhos, o hebreu desterrado, que, no dizer de D. Josepha, expirara exclamando:

«Dêem-me um pouquinho de ar da minha terra, que eu não morrerei ainda!»

Desculpe-se o ingrato aos israelitas, e lembre-se a gente do muito que elle devia á inquisição, que o fizera seu familiar, sem lhe averiguar a raça, até á quarta geração, condicional indispensavel na investidura d'aquella honra, honra n'este mundo, e segurança na conquista do outro, vista a somma de indulgencias com que os papas alimpavam a consciencia d'estes esbirros do santo officio.

Desculpe-se-lhe ainda a feia culpa, em desconto da malquerença e odio com que os seus collegas leram o seguinte soneto:

«Um, dois, trez, vinte, trinta, oitenta, cem,
«Mil, dez mil, vinte mil, seiscentos mil,
«Milhares de milhares (São frei Gil!)
«Quem poderá contar quantos cá vem?

«Tanta gente sem conhecer ninguem! (1)
«Más caras; ruins aspectos! fórma vil!
«Nunca elles são de genio mais subtil,
«Se a cara testemunha o que ellas tem.

«Ah! sim; já sei; uns mata-sanos são
«D'aquelles asneiroens que por hi ha,
«Que não sabem escolher o mal do bom.

«Ah! quantos burros ha! (mais de um milhão?)
«Que sem saberem lêr o *b a - Bá*,
«Curam e matam por hi sem tom nem som?»

---

(1) Os versos errados é necessario desculpal-os tambem á santa indignação.

Agora, vamos, por algum tempo, deixar Braz Luiz de Abreu com as suas prosas, com os seus poemas, e com o locupletar-se, por justo effeito da sua grande nomeada. Não cuidem que elle, á similhança dos poetas, de seu natural perdularios e desinteresseiros, tem em conta de pouco a paga das suas visitas. No tocante a estipendio de medicos, vejam como elle se declara: «Não faltam medicos na monarchia medica-lusitana, que por este modo vivam apostolicamente. Em muitas cidades, villas notaveis e povoações grandes d'este reino, é para os seus medicos muito pouco o sustento e immenso o trabalho. Na arithmetica medicinal d'esta monarchia, multiplicam-se as visitas, mas nunca se accrescentam as pagas: poucas vezes os medicos cuidam em sommar, porque nunca os doentes chegam a repartir. Trabalhar todos os dias, levantar-se a qualquer hora da noite, subir e descer escadas, ouvir queixas, soffrer impertinencias, examinar cloacas, receitar remedios, e revolver livros, isto sim; que para isso é burro: receber pagas, cobrar partidos, recolher avenças, e embolçar estipendios, isso não, que por isso é asno.»

Engenhoso modo este de avisar os seus doentes remissos na paga, não por attenciosas cartas no fim do anno, mas por tres paginas de um livro *in folio*, das quaes trasladei algumas linhas, em obsequio aos medicos do tempo d'agora, e censura aos doentes que não pagam.

X

Os expatriados

Trinta e quatro annos antes, se o leitor se lembra, tinham fugido para a India, em uma náo mercantil, o doutor Francisco Luiz de Abreu e sua mulher, disfarçados em mercadores de drogas indostanicas.

Assim que aportaram a Goa, antes que os quadrilheiros da inquisição os farejassem com aquelle olfacto d'elles, subtilissimo em esquadrinhar sangue judaico, apressaram-se em fugir do territorio portuguez. No primeiro navio britannico aproado á costa do Malabar, conseguiram os incognitos embarcar-se, e saltaram em Cochim, na cidade querida do grande Affonso de Albuquerque, qual, desde 1663, pertencia aos hollandezes. Estavam salvos.

O doutor Abreu começou exercitando a medicina e o commercio, e auferindo mais ganancia da camphora, do beijoim e do chumbo, que da sciencia das drogas salutiferas. Corridos dois annos, como os bens de fortuna

lhe sobrassem, visto que já de Portugal saira com sobejos para viver meãmente, passou á Europa e estabeleceu-se em Hollanda.

Aqui, recebido nos braços de centenares de portuguezes, voltou á profissão de medico, e poz os seus cabedaes a logro, com prosperos resultados. Hollanda era o paraizo terreal dos perseguidos hebreus. «Em parte nenhuma do mundo, — escrevia Daniel Lavi de Barros — gosam maior segurança que em Amsterdão, tanto pela liberdade de consciencia nas sete provincias unidas, como pela bondade de seus engenhosos habitantes.» (1)

Hebreus portuguezes e hespanhoes tinham alli sua synagoga, independente dos israelitas de procedencia allemã. Foi a primeira edificada em Amsterdão, consoante o affirma Antonio Alvares Soares na sua *Sylva:*

La primera Synagoga Amstelodama
Fundada fué del grand Jacob Tirado
Que por su nombre Bet Jahacob la llama
I por el pueblo de Jacob sagrado.

Tanto crescera a opulencia dos hebreus da peninsula hispanica, desde que a lerda piedade dos reis os expulsaram, que, em menos de quatro annos, levantaram e consagraram, em 1673, o mais soberbo edificio que ainda hoje sobreleva a todos de Amsterdão. No crer dos hebreus, aquelle templo era o milagre que Deus lhes havia promettido por Ezequiel: «Porque os puz longe entre as gentes, e porque os lancei dispersos por varios pai-

(1) Cap. II, V. 16.

zes, eu serei para elles um pequeno sanctuario dos paizes para onde forem.» (1)

Francisco Luiz de Abreu, assim que se viu de assento e pouco menos de esquecido da patria, logo que a occasião se lhe amoldou, sem risco do seu amigo Moraes de Villa Flor, escreveu-lhe, pedindo-lhe a ida do filho de Antonio de Sá Mourão para Hollanda. O pae de Heitor Dias da Paz, respondendo á carta, pedia-lhe com lagrimas que lhe não tirasse o pequeno, porque, além de magoar penetrantemente seu filho, que o estremecia como irmoo, podia ser que lhe tolhesse o futuro, ou, com a ida, suggerisse á inquisição suspeitas e aparelhasse desgraças para os que lhe estavam debaixo da vista fulminante.

Relatava-lhe a perseguição que os Oliveiras de Ourem estavam soffrendo, desde a fuga na náo da carreira da India, e o certo perigo que corria a creança, se levissimas suspeitas o indigitassem como filho de Francisco de Abreu.

O medico desvaneceu as esperanças da sua mulher, que era a mais fervorosa em pedir o seu filho adoptivo. D'esta correspondencia nem palavra Francisco de Moraes revelava á creança, por medo que a indiscrição propria dos annos acareasse desconfianças da espionagem, que sem treguas espreitava os actos dos judeus abastados. Moraes pedia ao seu amigo que lhe escrevesse pouco e com muita segurança, para que as suas cartas não tivessem destino egual ás de Pedro Lopes, residente em Damasco.

---

(1) *Casa de Jacob*, pag. 24.

Senhor do seu tempo e liberdade, o doutor Francisco Luiz foi a França inquirir de novo informações de Antonio de Sá. Nada adiantou ás colhidas pelo joalheiro de Villa Flor. O navio, que navegava para o Canadá, parecia que as ondas o tinham engulido e pulverisado nas profundezas dos seus abysmos. Nem a mais ligeira suspeita de que existisse um folego vivo d'aquella náo, a não ser que as duas galeotas de flibusteiros, então ancoradas na costa de S. Domingos, podessem dar noticia do naufragio.

Recolheu o doutor a Amsterdão com as esperanças de todo perdidas.

Seis annos decorridos, chegou á familia dos Moraes, residente em Hollanda, a nova de estar nos carceres da inquisição de Lisboa Heitor Dias da Paz. Foi grande luto e choro nas familias portuguezas de Amsterdão, entre as quaes tinha sido creado e educado o mocinho. Abriram-se as synagogas, e prostraram-se os de Israel, pedindo ao seu Deus que lhes redimisse da morte affrontosa do garrote e do fogo o mancebo, cuja genealogia promanava já da tribu de Levi. Bem sabiam elles que Heitor Dias da Paz havia de morrer profitente da lei de Moysés, e sómente por milagre do Senhor poderia salvar-se de morrer queimado.

Quando chegou a Hollanda a noticia do suicidio de Francisco Moraes Taveira e da imperterrita morte de seu filho, estes nomes gloriosos nas dypticas da nação fiel foram inscriptos no martyrologio hebreu. Assim o tinha sido o do medico Silva, que, apoz treze annos de carcere, fôra queimado em Lima, no anno de 1693, e, ao tempo que o fogo o devorava, um pegão de vento es-

boroou o tribunal onde elle havia sido condemnado. (1) Assim fôra santificado um judeu portuguez, o qual, apenas a fumarada da fogueira lhe levou aos pulmões as primeiras agonias, desataram-se-lhe os ferros, e foi arrebatado por um anjo, a tempo que os algozes exclamavam que o diabo o transportava em corpo e alma. Deus, para salvar o seu servo das angustias do supplicio horrendo, o arrancara d'entre as chammas, segundo o asseverado nas actas dos martyres. Não menos illustres em santidade eram para os hebreus o religioso da Assenção, queimado em Lisboa no anno de 1603, e o medico Sobremont, suppliciado em Lima, depois de vinte e dois annos de masmorra. Na *Sylva*, de Antonio Alvares, vem commemorada assim a crucificada vida d'aquelle martyr:

Veinte y dos annos in prison penosa
Por defender de Dios la verdad pura,
Termino arrastra la cadena dura
Que le da el ser la sacra ley su esposa.

Heitor Dias da Paz foi comparado na coragem da morte ao hespanhol Lopo de Vea, filho de paes christãos velhos, o qual se fizera judeu, e se circumcidára no carcere. A constancia de sua morte obrigou o inquisidor geral a dizer que *nunca vira tão ardente desejo de morrer, nem tamanha confiança de salvação, nem tão completa firmesa, como a d'aquelle moço na flor da edade.* (2)

---

(1) Cardoso. Las excellencias, 10 Exp. p. 322.

(2) Foi queimado em Valhadolid em 1644. As expressões estão na *Carta del Inquisidor Moscoso a la condesa de Monterrey.*

O medico Abreu, para não arriscar a segurança dos seus parentes e amigos de Portugal, absteve-se de pedir informações de Braz, nos primeiros annos seguidos á morte dos judeus de Villa Flor. Corria o anno de 1710 quando elle se animou a indagar com a maxima cautela. Algumas pessoas foram disfarçadas a Coimbra, averiguaram com todo o resguardo, e nenhum esclarecimento alcançaram. Ninguem dava novas nem rastreava o destino do moço. Eram obvias as razões d'esta ignorancia: Braz Luiz nunca em Coimbra estivera na companhia de Heitor Dias da Paz, nem o collegial de S. Paulo ousava dizel-o, admoestado pelos frades, os quaes, por sua parte, movidos de compaixão do estudantinho, cuidavam em salval-o da nota infame de amizade com taes protectores.

O medico Francisco Luiz, se não esqueceu o filho de Antonio de Sá, desistiu de perguntar, como diligencia inutil, a paragem d'elle. Facilmente acreditaram que tivesse morrido, ou caísse em obscura indigencia, depois do auto de fé de 1706.

Em 1718 appareceu em Amsterdão a obra de Braz Luiz d'Abreu, publicada em 1717, com o titulo: «Aguias filhas do sol que voam sobre a lua.» O nome do author produziu estranho reparo em Francisco Luiz d'Abreu. *Braz* era o nome da creancinha, que elle entregára a Francisco de Moraes; o sobrenome e o appellido eram os d'elle.

— Quem sabe! — dizia elle á esposa — Cuidaria o filho de Antonio de Sá que era nosso filho?! Dir-lh'o-hia alguem, depois da morte de Heitor Dias da Paz? Por que ha de ter este homem o nome que lhe deixámos, e o appellido que eu tenho?...

— Pergunta a alguem de Portugal onde reside o author d'esse livro — lembrou Francisca.

De Portugal disseram ao israelita que Braz Luiz de Abreu era um medico residente no Porto.

Sem medeação de alguem, Francisco Luiz escreveu directamente ao medico do Porto estas palavras: «Pessoa interessada em querer saber quaes foram ou são os paes de vossemecê, pede-lhe que os indique, se os conheceu. Responda para Amsterdão.»

E deu o pseudonimo *Elias Sarmento*, a quem devia ser dirigida a resposta.

Braz Luiz de Abreu entendeu que a pergunta era um escarneo a elle desgraçado, que não tinha conhecido seus paes, e que, na maledicencia de inimigos, passava como exposto na roda de Villa Flor. Affrontado por tão certeira azagaia á sua immensa dôr e pejo de não poder dizer cujo filho era, respondeu n'estes termos: «Braz Luiz de Abreu responderia com um tagante ao judeu ou burro que lhe faz a pergunta, se não tivesse de ir longe procural-o a chatinar no templo, como Jesus Christo nosso Senhor fez aos avós de quem se esconde na terra dos impios, dos hereges, e dos crucificadores do Messias para o insultar.» N'um homem, chamado *Elias*, a allusão insultante devia de acertar infallivelmente.

Francisco Luiz de Abreu, lida a resposta, riu-se da sua illusão e da catholica ira do medico portuense. N'esse mesmo correio, foi-lhe de Portugal uma carta do amigo a quem elle perguntára onde residia o medico. A carta dava sobre o sujeito os seguintes esclarecimentos: Tinha sido creado com frades, á custa d'elles se licenciára, e era familiar do santo officio, e denominado o *Olho de Vidro*, porque, tendo perdido um olho em de-

sordem, o substituira por outro artificial. Accrescentava mais que, na opinião de algumas pessoas, o tal Olho de Vidro era filho de um frade, se não fosse filho de tres frades.

Á vista d'isto e da resposta do author das *Aguias*, o hebreu acreditou evidentemente que este Braz não tinha de commum com o outro senão o nome.

XI

Treze annos depois

Francisca de Oliveira morreu no anno de 1730 em Italia, para onde seu marido se transferira, por 1724, a procurar-lhe ares restauradores da saude que ella a pouco e pouco perdêra em Amsterdão.

O medico, perdido o arrimo da alma aos cincoenta e cinco annos de edade, sentiu gravame e tedio da vida. Os bens da fortuna eram muitos; mas o veneno da saudade e da solidão, por ser bebido em taça de oiro, não lhe era menos lethal. Se elle fosse pobre, trabalharia, quebraria na canceira da lida suada para ganhar pão alguns espinhos da sua corôa de orfão de todos os affectos puros e sagrados, na edade, em que sómente esposa e filhos podem adoçar o amargo da velhice. Não tinha ninguem lá fóra. E em Portugal se tinha parentes nem os conhecia, nem amava, nem já esperava, nem queria ser estimado d'elles.

Vagamundeou de reino em reino, repartindo alguma

parte dos muitos haveres por hebreus necessitados, e reservando para si a quantia que computou necessaria para passadio abundante de quinze annos.

Passados dois, estanceava por Marselha, quando um navio mercante estava carregado com destino a um porto de Hespanha. Quasi sem consultar os perigos da sua temeridade, como quem nenhuns vinculos já tinha que desprender dolorosamente das coisas boas d'este mundo, embarcou como hollandez, com passaporte que o abonava mercador de Amsterdão, e desembarcou na Corunha. D'aqui passou a Portugal, em navio hespanhol, e viveu alguns dias em Lisboa, separado de toda a convivencia, e encontrando a miudo pessoas de Hollanda, que deviam conhecel-o, se elle em tres annos não tivesse encanecido, e oito annos antes se não retirasse d'entre os portuguezes para os pontos mais solitarios e pittorescos da Italia.

Foi o doutor a Ourem, com ares de forasteiro que vê pelo miudo as mais e menos notaveis terras dos paizes. A casa onde elle nascêra havia sido vendida pela corôa, para a qual tinha sido confiscada, depois que o dono fôra queimado em estatua. Estava sendo estalagem. Pernoitou n'ella; dormiu no quarto de sua mãe... não dormiu: chorou por todo o correr da noite vagarosa. Antes que a primeira luz do seguinte dia apontasse, saiu do quarto onde nascêra e morrêra sua mãe, viu de passagem o quarto que fôra o seu, e d'onde agora saía outro viageiro madrugador.

D'aqui se foi caminho de Coimbra, abafando os soluços para que o arrieiro e outro viajante que cavalgava e o seguia silencioso lh'os não ouvissem.

Andado um quarto de legua, perguntou-lhe o companheiro:

— Vae para Coimbra, camarada?

Francisco Luiz, fingindo uma pronuncia de hollandez que sabe algum pouco de hespanhol, disse que sim, ia ver Coimbra, porque andava examinando os monumentos celebres de Portugal.

O collocutor era homem já de annos adiantados: orçaria tambem por perto dos sessenta.

— Aquillo já foi Coimbra! disse elle. Quando eu por alli andei estudando, grandes homens liam na universidade; hoje, nem já parece Coimbra, nem cidade das letras. A vossemecê, que é estrangeiro, posso-lh'o dizer: os jesuitas deram cabo dos bons estudos.

— Ha quantos annos andou vossemecê estudando na universidade?

— Ha bons quarenta. Matriculei-me no primeiro anno de medicina em 1693.

— Noventa e tres? — perguntou Abreu com reparavel interesse; mas o ar de espanto passou, na mente do outro, como pergunta admirativa do muito longe que já ia a vida estudiosa do interrogado.

— E' verdade. Ha que tempos isto vae!... Dos meus condiscipulos, que eu saiba, já não vive nenhum.

— Seria d'esse tempo — tornou Abreu — um portuguez medico que eu conheci em Hollanda?

— Como se chamava?

O doutor quedou-se a scismar largo tempo, e disse:

— Chamava-se Francisco... Francisco... Luiz...

— De Abreu? — accudiu o interlocutor—Ora se conheci!... Não era meu condiscipulo; era mais novo do que eu na universidade um anno; mas havia de regu-

lar pela minha edade. Fui amicissimo d'elle, e elle meu. Queimaram-no em estatua e mais a mulher, no auto da fé de Coimbra, em 1699, se bem me lembro. Ora se conheci! Ainda será vivo?

— Não lhe sei dizer. Ha muitos annos que viajo, e não voltei ao meu paiz. Tem familia em Portugal?

— Não lhe posso dizer; mas a mim lembra-me que elle tinha um filhito natural, posto que outros diziam que o pequeno era filho de outro hebreu, que andava desterrado. Esse filho desappareceu; não sei se elle o levou, se morreu por cá em companhia de parentes.

— Tambem a mim me está lembrando que esse medico me fallava muitas vezes n'outro hebreu condiscipulo d'elle... ora que me não accode o nome!... Um hebreu que fugiu de Portugal com a filha de um fidalgo, christão velho...

— Ah! já sei de quem vossemecê me quer fallar... Ha de ser Antonio de Sá Mourão.

— Parece-me que sim...

— Não podia ser outro. Conheci-o perfeitamente. Era o melhor estudante da faculdade medica. Sei a historia d'esse desgraçado, perfeitamente...

— Então sabe que fim elle teve?—atalhou Francisco Luiz.

— Morreu, o que eu sei é que o pobre homem morreu lá fóra e por pouco lhe não matavam os paes cá dentro. A minha casa dista da casa dos Cabraes, senhores de Carrazedo, meia legua. Veja se eu não estarei lembrado de tudo isso, conhecendo a morgadinha como as minhas mãos. Imagine vossemecê qual seria o meu espanto, quando, faz agora quatorze annos, a vi.

— A viu?! — exclamou Abreu — viu? quem?!

— A morgada de Carrazedo...

E, como soffreando a expansão, o viajante disse:

— Conto estas coisas a vossemecê porque é estrangeiro, e por que ella já morreu, e não tem que temer da inquisição. Que ella andou em Portugal incognita...

— Mas vossemecê viu D. Maria Cabral? — tornou Francisco Luiz.

— Justamente, D. Maria era o nome d'ella. Vejo que sabe tambem algumas miudezas da tragedia!... Pois vi-a com estes olhos; e vossemecê poderia vel-a tambem, se ella não tivesse morrido em 1718.

— Conte-me o que souber d'essa senhora, que tenho ardentissima curiosidade de saber os successos da vida de tamanhos infelizes...

— Olhe, o modo como o marido lá morreu por fóra, não m'o disse ella... mas, o melhor é contar-lhe desde o principio. Appareceu aquella senhora em Bragança com uma menina de vinte e dois annos.

— Menina! filha d'ella?

— Sim, filha d'ella e do judeu Sá Mourão.

Francisco Luiz de Abreu arquejava, e parecia temer que a vida se lhe acabasse antes de ouvir o remate da historia. Mortificava-o, a vontade de ingranzar perguntas em tropel; sustinha-o, porém, já o receio de se privar das miudezas que o pachorrento narrar do homem promettia, já tambem o receio de se fazer suspeito pela demasia do interesse, bem que o sujeito se lhe afigurasse bom homem, e incapaz de o denunciar.

— Então ella tinha uma filha? — insistiu Abreu.

— E' verdade. Linda como a mais linda estrella; mas a mãe, d'aquillo que tinha sido, não lhe restava sombra nem vestigio. Era uma sexagenaria, não podendo ter

então mais de quare^nta e quatro annos, cá pelas minhas contas, porque ella tinha dezeseis quando fugiu com o judeu da Guarda... Não me lembra o que eu ia dizendo...

—Que appareceu em Bragança D. Maria Cabral com uma menina...

— E' verdade. Chegou a Bragança, e fallava muito confusamente o portuguez, e a filha pouco ou nada dizia. Tomou de renda uma casinha e para alli se metteu com duas criadas, que lhe chamavam D. Antonia da Piedade.

Depois de por lá estar alguns mezes, dando muito que pensar á curiosidade da terra, começou a sair com um aspecto muito doentio, e a dar passeios a cavallo pelos arredores. Chegou á casa de Carrazedo, onde ella tinha nascido, e mandou pedir aos moradores d'ella licença para lá passar as horas da calma. Foi recebida por pessoas que ella nunca tinha visto; mas que eram seus primos e sobrinhos, que tinham ido de Chaves tomar conta da herança de Fernão Cabral. Este fidalgo desherdára a filha, porque as leis lh'o facultavam, e nomeara herdeiros os filhos de uma sua irmã, que elle odiava, por se ter casado com um capitão de cavallos menos fidalgo do que ella. Mas o odio á filha avantajou-se tanto ao odio da irmã, que, em artigos de morte, receiando que os descendentes d'elle ainda viessem perturbar-lhe o somno eterno, desherdou-a e nomeou seus herdeiros os sobrinhos. (1) D. Maria soffreu voluntaria-

---

(1) As leis do reino davam razão de sobra a Fernão Cabral para desherdar a filha, e transferir os vinculos a parentes. Os

mente algumas horas de martyrio n'aquella casa, e ouviu com enchutos olhos contar a uma de suas primas a historia da morgada de Carrazedo, mulher perdida por amor de um judeu da Guarda com quem casara. Soube como tinha sido desherdada e amaldiçoada pelo pae á hora ultima; agradeceu as sôpas que lhe deram os possuidores do seu grande patrimonio, e seguiu seu caminho. Ao escurecer chegou ao portão da minha casa, e perguntou se alli morava ainda, ou se já tinha morrido o doutor José de Barredo.

— José de Barredo! disse Abreu, sem ter mão da impetuosa reminiscencia que lhe accudiu.

— Sou eu. Parece-me dar vossemecê a entender que já ouviu o meu nome?!

— Não me é novo... tartamudeou Francisco Luiz.

— Póde ser que Francisco Luiz de Abreu lhe fallasse alguma vez em mim, quando lhe referiu a historia de Antonio de Sá, porque eu, não sei porque fatal compaixão de D. Maria, alguma parte tive nos amores funestos d'elles, prestando-me a receber da Guarda as cartas que elle escrevia á morgada.

— Naturalmente é de Francisco Luiz que eu conheço o nome de vossemecê, disse o doutor Abreu, olhando muito em fito as feições d'aquelle velho, que tinha sido

---

interesses da religião sobrelevavam aos mais sagrados vinculos do sangue e da piedade paternal. O pae, que quizesse perdoar as injurias recebidas do filho, poderia fazel-o; mas o desacato ás coisas e prescripções das Decretaes não estava em seu poder perdoal-o, concedendo o pão da vida a seus filhos. Veja a nota final sobre as leis facultativas do desherdamento.

em Coimbra um dos seus mais affectos contemporaneos.—Deixe-me apertar a mão de um amigo de Francisco Luiz—tornou Abreu, apertando-lh'a com estremecido enthusiasmo.—Se elle o podesse encontrar, senhor Barredo, estou que choraria, estreitando ao coração o homem talvez unico n'este mundo que lhe resta dos que na mocidade o prezaram...

— Certamente—disse José de Barredo enternecido a lagrimas.—Se elle vivesse, seria o meu mais velho amigo... que todos os outros morreram... A opinião que elle e Antonio de Sá tinham do meu natural, sendo elles judeus e eu christão velho, bem se deixa ver no procedimento de D. Maria comigo; pois, escondendo ella o seu nome e nascimento de todos, procurou-me a mim com o proposito de se declarar. E assim o fez.

Logo que me avisaram de estarem alli duas damas, uma das quaes tinha cara de doente, fui recebel-as ao pateo, cuidando que era consulta de medico. Conduzi-as á sala, e ahi D. Maria, com os olhos desfeitos em lagrimas, e muito embaciados, entrou a olhar-me, e a tremer, até que, expedindo um grande ai, se lançou nos meus braços, clamando: «eu sou a sua amiga da infancia, sou Maria Cabral, morgada de Carrazedo!»

N'este ponto da narrativa, pararam os arreeiros á porta da estalagem de Thomar. Os cavalleiros apearam, subiram ao sobrado da estalagem e pediram almoço.

José de Barredo proseguiu, atando o fio com as palavras de D. Maria.

— Eu sou a sua amiga da infancia!—clamou ella— Sou Maria Cabral, morgada de Carrazedo! Faça idéa, e continuou Barredo — faça idéa do meu assombro, senhor... senhor... póde dizer-me a sua graça?... Um

amigo do meu amigo da mocidade, não deve hesitar em querer a amizade que lhe offereço, e dizer-me o seu nome...

— Direi—balbuciou commovido o outro no mais correcto portuguez: — mas ha de ser com o coração bem perto do teu, José; abraça-me, e ouve-me muito baixinho esta revelação feita á tua alma: Eu sou Francisco Luiz de Abreu.

José de Barredo abriu a bôca até onde lh'o permittiam as articulações das mandibulas. A expressão d'aquelle seu grandissimo espanto foi um som rouco, similhante a um brado de terror. Em seguida, rebentaram-lhe subitas as lagrimas, e então sómente pôde o velho atirar-se todo aos braços do amigo, e exclamar:

— O' Francisco!... se a inquisição te conhece!

— Tu sómente me conheces em Portugal — disse o doutor Abreu — E não temas por mim, que, se eu cair nas garras do santo officio, pouco mais se doerá do fogo d'elle este corpo empedrenido do que ha trinta e sete annos a minha estatua. Morto estou eu já, meu amigo. Que me faz a mim agonisar sobre as brazas da minha tristeza irremediavel, ou expirar mais depressa nas torturas da polé ou nas do garrote? Como quizerem...

José de Barredo quiz suspender a narrativa do tocante á viuva de Antonio de Sá Mourão para ouvir a dos successos de Francisco Luiz. Não lh'o permittiu a anciedade do amigo. Conformou-se o confidente de D. Maria, e continuou, ordenando aos arrieiros que fossem adiante e os esperassem no Arneiro, onde haviam de jantar, cinco leguas adiante na estrada de Coimbra. Continuou o doutor Barredo:

— O alvoroço que me fez o apparecimento d'aquella

senhora alquebrada e de todo desfigurada, dizendo-me que era a formosa morgada de Carrazedo, só t'o posso comparar com aquelle que, ha pouco tu me causaste, Francisco. São dois lances da minha vida que já não podem repetir-se. Não tenho mais ninguem que esperar da minha mocidade. Era ella e tu; por que Antonio de Sá, esse não póde mais voltar...

— Creio que seria o mais ditoso dos teus amigos... —balbuciou Francisco Luiz.

— Oh! não!... pois tu desconheces a doçura d'estas nossas lagrimas? Dois velhos, que se amaram moços, e se encontram nos umbraes de outro mundo para se despedirem! Que é isto, senão o derradeiro calor da vida que ainda nos aquece os corações?... Demos graças ao nosso Deus, que é o mesmo Deus, ou elle se chame Jesus de Nazareth, ou Messias, ou simplesmente creador do céo e da terra. Suppliquemos-lhe que nos deixe já agora acabar estes ultimos dias um á beira do outro... Tu vaes para minha casa, não é verdade, Francisco?

— Irei a tua casa, irei, José; mas... estou a receiar que te esqueças da nossa pobre senhora... — disse Abreu, sorrindo, e enchugando as lagrimas.

— Tens razão; mas deixa-me ser feliz um poucachinho... Temos tanto tempo em que fallar dos outros desgraçados...

— Oh! se tu podesses dizer-me que ella ainda vive...

— Não posso, e pouco tenho que te contar antes da morte d'ella... Ahi vae o mais que sei. D. Maria perguntou-me se devia considerar perdido o seu patrimonio; e eu respondi lhe que sim; e pedi-lhe que nem fallasse em tal pretenção, se a trazia, porque os indivi-

duos possuidores d'elle seriam capazes de a denunciar ao santo officio, e de lançarem rezina aos páos da fogueira com as proprias mãos. Então me relatou ella a desgraçada vida que tivera por espaço de quinze annos, captiva de corsarios e mais o marido e filhinha: é uma historia longa, que eu te hei de mostrar escripta, em minha casa. Não t'a sei dizer de memoria porque ha quatorze annos que fechei e mais não vi os taes papeis, e já era minha tenção queimal-os para que por elles se não venha a descobrir quem é D. Josepha, a filha do judeu Antonio de Sá. Esteve D. Maria alguns poucos mezes em minha casa, soffrendo, sem treguas, molestia incuravel: estava ethica. Lembrou-se de ir consultar medicos famosos: bem sabia eu a inutilidade do passo; mas deixei-a ir ao Porto, a consultar um famoso medico chamado o *Olho de Vidro*.

— Braz Luiz de Abreu — atalhou Francisco Luiz.

— Esse mesmo, cujo nome tantas vezes me fez lembrar o teu, que cheguei a perguntar se elle seria teu parente; mas logo me disseram que não, e, para prova de que não era, bastou-me saber que o Olho de Vidro era familiar do santo officio.

Francisco Luiz interrompeu a narração para referir a correspondencia que tivera com o tal medico portuense, imaginando que elle, por um acaso maravilhoso, poderia ser o filho de Antonio de Sá, uma creança que....

— Muita gente — accudiu José de Barredo — e eu mesmo pensei que fosse teu filho...

— E admiro que não soubesses que era filho de Antonio de Sá!

— Não sabia; porque, desde a fuga da morgada, nunca mais tive novas d'algum d'elles, e bem sei eu

por que: fiz repugnancia ao desvariado procedimento d'ella; cheguei a fazer-lhe ameaças de a denunciar ao pae, a ver se a dissuadia. Tu mesmo, se bem me lembro, ignoravas onde estivessem alapados, e cuidavas comigo que se tinham embarcado para a India. Depois desappareceste de Coimbra, e quando voltaste nada me disseste, nem eu t'o levo a mal, porque sei quão perigosa éra a tua situação, e a dos paes de Antonio de Sá que o santo officio prendera na Guarda. Sabia eu que uma mulher creava em Coimbra uma creancinha que tu algumas vezes visitavas. Suppuz, como quasi toda a gente, que era teu filho... Morreu esse menino?

— Não sei. Presumo que sim. Ninguem me pôde informar, e bastas vezes pedi novas d'elle. Acaso te lembras da morte de Heitor Dias da Paz, de Villa Flor?

— Lembro, foi em 1707.

— Nunca ouviste dizer que em poder d'esse hebreu estivesse um moço, que então devia ter entre quatorze e quinze annos?

— Não ouvi dizer nada.

— Pois era elle, se existisse. Vamos ao fim da historia de D. Maria. Valeu-lhe alguma coisa a medicina do tal Olho de Vidro?

— Nada. Passados trinta e tantos dias, chegou a Bragança a nova de que ella tinha morrido, com o nome de D. Antonia da Piedade, e que sua filha D. Josepha tinha casado com o medico Braz Luiz de Abreu. Aqui tens o que sei. Haverá cinco annos que eu fui ao Porto e procurei o Olho de Vidro, no intento de ver D. Josepha. Disseram-me que elle, em resultado de intimigos seus collegas, que assanhára com a publicação d'um livro chamado *Portugal Medico*, tivera de afastar-se do

Porto, e fôra estabelecer-se em Aveiro, onde tinha comprado muitos bens de raiz e vivia abastadamente. As minhas occupações não me deixaram ir a Aveiro, e já agora morrerei sem ver D. Josepha, que deve estar perto dos quarenta, ou quem sabe se já estará na eternidade! . . . .

— Irás agora a Aveiro comigo — disse Francisco Luiz. — Quero vel-a, sem que ella saiba que eu fui o maior amigo de seu pae. E' preciso temer-lhe o marido, visto que elle tanta familiaridade tem com o santo officio. Tu a procurarás, e darás azo a que eu a veja e lhe falle como desconhecido. Uma boa lembrança... Irei consultar-lhe o marido, fingindo de doente estrangeiro, a quem chegou a nomeada de tão abalisado medico. Contar-lhe-hei muitissimos padecimentos que elle ha de classificar de muitissimas maneiras, e assim estarei mais ao alcance de ouvir D. Josepha dizer-me alguma coisa de seu pae. Ora, dize-me tu: nunca D. Maria te disse que deixára um filho em Portugal, quando fugiu para Hespanha? . . . .

— Disse que esse menino o considerava morto: uma só vez me fallou d'elle; mas as lagrimas eram tantas que eu me esquivei a pedir-lhe pormenores da creança, de modo que nem soube que o menino ficára em tua companhia, nem depois passára á dos Moraes de Villa Flor. Eu não te disse ainda que D. Maria, ás temporadas, parecia cair em modorra e paralysia de entendimento. Esquecia-se e quedava-se n'umas cogitações taciturnas; e, se lhe tiravam muito pela falla, respondia disparates. De sorte que eu, a respeito do filho, que ella dizia ter deixado em Portugal, não cheguei a fazer perfeito juizo, nem a mesma filha estava convencida de

que elle tivesse existido: a prova era que ella ouvia com certa estranheza as revelações confusas que a mãe me fazia sôbre as desgraças do seu longo desterro e captiveiro. Póde ser que tu, Francisco, se te deres a conhecer a D. Josepha, venhas a obter muitos esclarecimentos, que eu mal posso dar-te porque sinto enfraquecida a memoria, e preciso espertal-a com a leitura dos meus apontamentos. Quem melhor te poderá referir a vida de Antonio de Sá, a meu ver, é o marido da filha; mas quererá elle — o familiar do santo officio e author da vida de Santo Antonio — que tu saibas a procedencia hebraica de sua mulher, embora possa ufanar-se de serem netos de Fernão Cabral os seus filhos? Não terá elle medo de que o santo officio lhe sáia ainda a pedir contas á mulher dos delictos do pae e da mãe?

— Isso é claro — observou Abreu. — Nem eu lh'o perguntaria, nem elle me contaria coisa alguma allusiva á filha de Antonio de Sá. De mais a mais, já eu te disse que resposta me elle deu para Amsterdão. Devemos ir prevenidos contra o genio irritavel do homem; é preciso muitissimo cuidado, que não vamos indiscretamente perguntar-lhe de quem é filho.

No dia seguinte ao meio dia, os dois velhos chegaram a Coimbra, e andaram procurando as differentes casas em que tinham morado.

Ao segundo dia de repouso, cuidaram em jornadear para Aveiro. Pouco antes da partida, chegou a Coimbra um proprio enviado da casa de José de Barredo, noticiando-lhe que sua mulher estava em perigo de vida. Desfez-se o plano de irem juntos a Aveiro, e foram juntos para Bragança. Francisco Luiz de Abreu quiz acom-

panhar o velho amigo, no proposito de lhe desacerbar as lagrimas da viuvez, se a desgraça fosse inevitavel.

Era. Francisco Luiz assistiu aos funeraes da esposa de José de Barredo. E quando o velho parecia conformar e esquecer-se entre as caricias de muitos filhos, despediu-se por alguns dias, e saiu sósinho de Bragança em direitura a Aveiro.

XII

Historia de Antonio de Sá

Recebeu Braz Luiz de Abreu aviso para ir ver um hespanhol que pousara enfermo na estalagem.

Francisco Luiz queixou-se de varias molestias, ouviu o parecer do medico, pagou-lhe generosamente e pediu-lhe que o visitasse todos os dias.

Dos remedios receitados não se aproveitou, porque os achaques eram phantasticos, e bem sabia o doutor Abreu como era facil enganar outro doutor Abreu.

No dia seguinte, o Olho de Vidro encontrou melhorado o seu doente, e sentiu-se ufano do acerto com que cortára pela raiz uma doença, com a qual se tinham enganado os principaes medicos de Hespanha, segundo a confissão do doente.

Já o doutor Braz queria espacejar as visitas: o hespanhol, porém, instava, pagando-as a brio, que não lhe faltasse diariamente com ellas.

Estava sendo celebrado em Aveiro este triumpho recente do Olho de Vidro.

Já o convalescente se julgava restaurado, e o doutor como tal o déra; o forasteiro, porém, affeiçoado á terra onde se recobrara, determinou passar n'ella a primavera de 1732, e voltar nutrido a Castella, de modo que os medicos madrilenses se comessem de inveja dos seus collegas portuguezes.

O doutor Braz, como visse no seu enfermo D. José Aristizaval (assim era conhecido em Aveiro) excellentes qualidades, contando n'estas a bizarria indicativa de riqueza, convidou-o a servir-se de sua casa e da convivencia de sua esposa e filhos, os quaes, dizia Braz Luiz, são tantos que bastam a formar uma assembléa em Aveiro ou sarão d'aldeia, que monta o mesmo.

Agradeceu e aceitou o convidado o offerecimento; e, logo á primeira visita, brindou a esposa do seu medico e as cinco meninas, formosuras muito de se verém, cada uma com sua joia de preço. Reparou logo e de relance em D. Josepha, e recordou uma por uma as feições de D. Maria Cabral.

Ficaram as meninas contentissimas dos presentes, que eram braceletes de oiro, mandados comprar ao Porto, com o designio já posto no destino que tiveram. Entretido n'estas coisas, mistura de puerilidade e bons sentimentos, o espirito de Francisco Luiz ia cobrando alento e certa energia. Grande parte n'esta sua insolita actividade era por certo a esperança de saber pelo miudo a vida tragica do seu amigo António de Sá.

Seguiram-se as visitas e foi-se apertando a intimidade. As meninas e os rapazes folgavam muito de ouvir o velho D. José contar historias curiosas das suas na-

vegações. Um dia, veio ao ponto uma batalha de corsarios com uma náo hollandeza, em que elle viajava na costa de S. Domingos.

— De S. Domingos!? — exclamou D. Josepha. — Já esteve n'esses sitios vossemecê?

— Avistei-os — disse o hospede.

E inventou uma rija peleja entre hollandezes e piratas, descripção temerosa que tinha os ouvintes espavorecidos.

Terminou o saráo d'aquella noite; e, na seguinte, Braz Luiz de Abreu, cada vez mais entrado de affecto ao hespanhol, lhe disse:

— D. José Aristizaval, hoje sou eu o narrador de desventuras de navegantes. A historia que eu vou referir só a sabe em Portugal minha mulher e eu: de hoje ávante ficam-na sabendo o meu honrado hospede, que a não ha de repetir a portuguezes, e os meus filhos, que por interesse seu, hão de calal-a.

— Honrado sou eu por benevolencia do doutor — se vossemecê me considera egual com seus filhos no merecimento de entrar no segredo de seus paes, respondeu Francisco Luiz.

— E' segredo de tanto porte — accrescentou o medico, abaixando a voz — que não sei d'outro em minha vida com que possa mostrar-lhe a confiança que me merece, senhor D. José.

E, passados alguns segundos, Braz Luiz de Abreu, silenciosos profundamente os ouvintes, principiou assim:

— Minha sogra era filha de um dos primeiros fidalgos de Traz-os-Montes. O solar dos Cabraes de Carrazedo é um dos mais antigos de Portugal. Meu sogro era

hebreu, e chamava-se Antonio de Sá Mourão, natural da Guarda.

Fugiram de Portugal com admiravel fortuna, e casaram-se segundo o ritual hebraico, presumo eu. Meu sogro, ao tempo da fuga, estudava medicina, e tomou gráo em uma das universidades estrangeiras. Esteve alguns annos na Europa; e, como o dominava a paixão de ser rico, aceitou partido muito vantajoso que os francezes lhe offereciam no Canadá, e embarcou em Marselha, quando minha mulher era creancinha.

Na altura da costa de S. Domingos, a náo em que elle se embarcára perdeu o rumo, e foi levada contra a costa, por não ter tempo de fazer-se ao mar quando a tormenta se levantou. Antes que o navio se despedaçasse, alguns passageiros aventuraram-se n'uma lancha a ganharem a praia por entre as fauces da morte. Com os aventureiros ia meu sogro, e a esposa com a filhinha nos braços, dispostos a descerem ao abysmo abraçados.

Já perto de terra, onde levavam postos os olhos, avistaram dois navios de pequeno lote, e chusmas de tripulantes vestidos de trajos extravagantes. Um conhecedor d'aquelles mares reparou nos homens da patria, que se moviam vertiginosamente, e exclamou:

— São os demonios do mar! São flibusteiros! (1) Vejam lá o que querem: morrer no mar ou no captiveiro d'aquellas bestas-feras?

---

(1) Não se liquidou ainda a etimologia de *flibusteiros*, palavra que aportuguezamos por lhe não conhecermos a correspondente, se a ha. Vem de *flyboat* em inglez, ou de *flibot* em francez, ou ainda do brefão *free booter*?

Ninguem optou por morrer no mar. Os passageiros da lancha, bebendo a morte a cada instante, conclamaram que antes queriam o captiveiro do que a morte horrivel de afogados.

Antes de chegarmos a terra, ouviu-se uma grande celeuma do mar a dentro. Olhámos todos para a náo, e vimol-a sossobrar, e uma montanha de vagas abater-se sobre ella. Soltámos um grito unisono de consternação! Alguns dos aventureiros gritavam por esposas, por paes e filhos!... Que situação, senhor D. José! D'um lado, aquelle naufragio horroroso, do outro os flibusteiros, que esperavam anciosos a prêsa, que se lhe ia entregar aos ferros. Assim que a lancha bateu em terra, os bandidos rodearam a prêsa, e mal ouviram não sei que palavras ditas por meu sogro a sua mulher, bradaram todos: «Cá temos um cão de hespanhol!» E a um tempo se lançaram todos a elle, como se entre si disputassem com especial odio a posse d'aquella victima distincta das outras. Como se explicava o particular rancor que os flibusteiros tinham aos hespanhoes?

— Se eu não receasse interromper a sua interessante historia—disse Francisco Luiz—lhe daria a razão d'esse odio, se é que sua esposa não quer explicar-lh'o melhor do que eu sei, por m'o haverem contado e não por experiencia.

— Minha mulher, disse Abreu, ignora-o, porque muitos annos viveu longe do trato de tal gente, e não sabe explicar-m'o.

— Em poucas palavras o farei—tornou o hospede.— Os pontos essenciaes da ilha e costa de S. Domingos pertenceram aos hespanhoes. Um dia, chegaram á costa septentrional d'aquellas possessões algumas galeotas de

aventureiros francezes, mesclados com malfeitores foragidos de todas as nações, homens sem patria, escapados do cadafalso, feras tremendas, que precisavam embriagar-se de sangue para gosarem algum prazer n'este mundo. A estas escorias sociaes congregaram-se outras da mesma indole saidas de Guadelupe, de Granada e da Martinica. N'aquellas vastas florestas acharam quefarte sustento, na abundancia de manadas de toiros bravos, de javalis, e vaccas mansas, que os hespanhoes por lá deixaram medrar e multiplicar. A riqueza de cada um de estes bandidos compunha-se de uma boa matilha de rafeiros, d'uma enorme espingarda, duas camisas, uma jaleca, um chapéo de feltro, um calção, e uma grossa correia á cinta com uma espada curta e tres facas de matto pendentes. As casas d'elles, durante as sortidas á rapina, eram barracas de fina lona, com a qual se defendiam das ferroadas dos moscardos e das geadas homicidas. Viviam aos dois, antes que a França lhes mandasse mulheres, e, por morte de um, era herdeiro o outro. Raras vezes se desavinham, e quando se desafiavam matavam-se a tiro de espingarda. Se o morto não recebesse os pelouros pela frente, o assassino era logo degolado como traiçoeiro.

O principal commercio d'elles era carnes seccas e pelles, que iam vender ás enseadas da costa, mediante uns assalariados, que tratavam entre elles e os compradores, na esperança de voltarem ricos da America, onde se lhes ía a vida em durissimo captiveiro.

Quando os hespanhoes da ilha de S. Domingos deram tento dos salteadores nas visinhanças das ilhas, tiraram-se da lethargia de suas riquezas, pediram tropas ao rei de Hespanha e fizeram guerra implacavel aos fli-

busteiros, matando-lhes muitos dos mais audazes. D'este começo de exterminio se gerou o odio dos bandidos á Hespanha, e mais ainda por causa do golpe mortal que soffreram, quando as tropas entraram ás mattas, e mataram os rebanhos mansos e bravos, que o mesmo foi seccar as fontes de subsistencia d'aquellas hordas. Eis aqui, a meu ver, a origem do inquebrantavel rancor dos chamados *demonios do mar*. Agora, vamos á historia do senhor Antonio de Sá, meu sogro.

— Meu sogro, minha mulher e filho—continuou Braz de Abreu — foram remettidos á Martinica n'uma galé, que vogava com mais de cem homens. O capitão dos flibusteiros residia alli, como governador, e chamava-se Duparquet...

— Devia ser filho—atalhou Francisco Luiz—de um francez tambem chamado Duparquet, levado ás honras de governador em 1637 por Luiz XIII de França, a quem convinha aliançar-se com *tão honrados* vassallos.

— Duparquet, sabendo que o hespanhol captivo era medico, tratou-o com alguma affabilidade, e encarregou-o de lhe curar de cameras uma filha. Meu sogro saiu felizmente do encargo, e foi considerado por isso medico da casa do governador. N'aquelle anno, que me parece seria o de 1697 ou 98, segundo as confusas lembranças de minha sogra, meu sogro foi mandado embarcar n'uma náo de quatro peças, da qual se arvorára almirante um francez chamado Legrand, o mais temivel flibusteiro d'aquelles mares. Antonio de Sá curou muitos mutilados n'uma abordagem aos galeões de Hespanha, e, pela pericia com que o fez n'um grave ferimento de Legrand, ficou desde logo nomeado escravo e medico do almirante. Meu sogro assistiu ao assalto de

Maracaibo, riquissima cidade e bem guarnecida, que se deixou entrar e saquear por quatrocentos salteadores.

Tambem assistiu á tomada de Carthagena pela esquadra franceza, auxiliada por flibusteiros, que lhe deram a victoria.

No afogo d'esta peleja, Antonio de Sá, quando estava pençando as feridas de seu senhor, foi gravemente ferido de bala. A convalescença foi longa. N'este intervallo, em que elle se tornára inutil, pediu licença para ir vêr á Martinica sua mulher e filha. Negaram-lh'a; mas concederam-lhe que a familia o fosse visitar nos arraiaes movediços de sobre as ondas.

Legrand tinha residencia em S. Domingos, onde se desfadigava das batalhas navaes, exercitando os seus leões do mar. Obrigou, portanto, o prezadissimo escravo a viver com elle. D. Maria, minha sogra, passou á companhia do marido, e minha mulher que tinha então seis annos, ficou em casa do governador da Martinica, por que a filha predilecta de Duparquet se habituára a consideral-a a sua escrava loura.

Por muitas vezes, Antonio de Sá Mourão supplicou a Legrand, que, em paga de seus serviços, o deixasse passar com sua familia á Europa. O francez, importunado pela teimosia de taes rogos, ameaçou-o de o mandar matar, se elle tentasse fugir! E' onde podia chegar a gratidão do flibusteiro almirante!

Minha sogra me disse que, decorridos cinco annos, o marido escrevera desde S. Domingos a um amigo muito querido, que tinha em Portugal. A carta, porém, foi devolvida passados dias a Antonio de Sá, com a seguinte reflexão do governador-almirante: «Os escravos dos flibusteiros, se teimam em escrever cartas para Hespanha,

correm o perigo de não poderem já ler as respostas, quando ellas voltarem.»

Nunca mais Antonio de Sá escreveu ou tentou escrever para Portugal.

O medico ia enriquecendo com as liberalidades dos flibusteiros; porém, um dia, achou-se roubado, não obstante ser pouquissimo vulgar o latrocinio entre elles. Seria porque ao portuguez ou hespanhol o consideravam estranho á sua tribu, e como tal indigno de se gosar dos foros de lealdade, que uns com outros guardavam.

Minha mulher corria por este tempo nos seus dez annos. O pae consternava-se de a ver crear-se entre gente brutal, e rodeada de creaturas ignobeis do seu sexo, recenseadas nos lupanares de Paris e de Marselha, enviadas como presas ás colonias.

Antonio de Sá, aproveitando o lanço de ter captivo o animo do governador, depois da cura de doença grave, pediu-lhe licença para enviar a filha a educar-se n'uma casa de religiosas francezas. O governador condescendeu, e enviou duas netas ao mesmo collegio, na primeira náo que saiu para França.

Meus sogros presumiam que lhe seria menos embaraçada a fuga podendo passar a filha á Europa. Enganaram-se; por que Duparquet, arrependido da concessão, redobrou de vigilancia sobre os menores passos do seu medico.

XIII

Seguimento da historia

—Antonio de Sá—proseguiu Braz Luiz—foi chamado a curar de febres um judeu rico da Normandia, que se passara com grande companhia de hebreus pobres a fundar uma colonia na costa de S. Domingos, com licença do rei de França e beneplacito do governador. Meu sogro, cumulado de liberalidades do seu restabelecido enfermo, deu-se por bem pago da amizade do hebreu, a quem se revelou proscripto da nação fiel, e evidenciou sua origem, praticando com elle as ceremonias judaicas.

O colonisador estimava-o muitissimo. Animou-o a declarar-lhe o seu intento e pedir-lhe coadjuvação para a fuga. Não lhe encareceu o hebreu grandes difficuldades á boa saida do plano; assegurou-lh'a facil, logo que, fundada e solidificada a colonia, elle se fizesse na volta de França.

O medico, alentado de esperanças, aguardou anno e meio a almejada hora; todavia, minguou-lhe a necessaria prudencia, porque, sem grande recato, começou de longe a simplificar os valores que tinha, trocando-os por pedras preciosas e coisas de facil transporte.

Chegado o tempo da saida do opulento hebreu, conforme ao plano gizado pelos dois, inventaram uma epidemia na colonia, e pediu-se ao governador a assistencia do medico hespanhol. Duparquet mandou conhecer da epidemia clandestinamente por um cirurgião francez, fugido das galés de Marselha, e foi certificado de que era imaginaria a contagião. Foi o hebreu normando chamado á Martinica, quando já Antonio de Sá se desconfiava de certos tregeitos que vira na má cara do governador. O judeu, porém, mais desconfiado ainda que o seu protegido, respondeu affirmativamente ao commissario de Duparquet, e em vez de velejar para Martinica, mandou aproar ás ribas normandas e accender os morrões para incutir respeito ás galés de flibusteiros ancoradas na costa.

Antonio de Sá foi o bode expiatorio da affronta, se mais bodes não foram os judeus da colonia que o governador mandou passar á espada, sem perdoar sequer a mulheres e crianças. Meu sogro teria sido espingardeado, se a esposa se não lançasse em joelhos aos pés da filha de Duparquet, a quem o marido por duas vezes arrancara ás presas da morte.

Depois de preso alguns mezes, Antonio de Sá foi chamado á presença do governador e perdoado. Prégou-lhe o francez um demorado sermão, recheado de censuras contra o feio crime de ingratos da laia d'elle medico, o mais venturoso homem que ainda tinha caído

em unhas de flibusteiros, e homem de mais a mais filho das Hespanhas. Lembrou-lhe os beneficios desusados com que lhe galardoara os seus bons serviços como medico, e os conselhos que lhe dera sobre o modo de enriquecer-se e constituir-se um dos mais ricos proprietarios das colonias de S. Domingos. Lembrou-lhe o resgate que lhe dera da filha, tendo-a aliás destinada, como formosissima que era, a casar com um seu neto.

Antonio de Sá respondeu com muitas lagrimas, talvez suggeridas pelo recordar-se da filha, e desesperança de tornar a vel-a. Estas lagrimas compadeceram o governador, que o abraçou estreitamente, e lhe pediu que se deixasse estar até que um dia passassem ambos a França.

O medico resignou-se e esperou.

Entretanto, senhoreou-se d'elle presadissima tristeza, que a pobre esposa não sabia nem podia consolar. Esquartejava-lhe o coração aquelle espectaculo de incessante latrocinio e sordido desavergonhamento de costumes. Olhava contra o mar, e perdia a vista afogada nas lagrimas, exclamando: «Não hei de mais ver-te, ó minha filha... não hei de mais ver-vos, meus filhos...»

— Pois elle tinha mais que uma filha? — perguntou Francisco Luiz de Abreu.

— Essa mesma pergunta fiz a minha sogra — disse Braz —; mas a resposta era um silencio indecifravel, um esquisito amuar, que nem eu nem minha mulher ainda agora podemos atinar o que fosse... A meu juizo, minha sogra padecia umas turvações, a revezes, durante as quaes era preciso que a gente se não demorasse a querer entendel-a ou interrogal-a, que então

npia em alto choro ou carregava iradamente a sobrancelha.

Meu sogro foi um dia com sua mulher supplicar ao governador que os deixasse sair, ou os mandasse matar.

O francez condoeu-se, e mandou-os retirar benignamente, e esperar resposta em occasião opportuna. A opportunidade chegou tarde.

Tinham já decorrido doze annos n'aquelle viver, em que outro qualquer homem acharia distracção, enriquecendo-se, e sabendo aproveitar-se d'esse lado unico, e todavia o mais bello para muita gente.

Enfermou gravemente o medico: quem sabe se elle a si mesmo ministrou o veneno, que o ia corroendo vagarosamente? A sua maxima afflicção era antever a morte da esposa antes da sua. Isto attribulava-o, como se já a estivesse vendo sobre terra. Ia-se a ella debulhado em lagrimas, e rogava-lhe de mãos postas que tivesse mais força d'alma, mais coragem do que elle tinha para arrastar aquellas cadeias.

Póde ser que afinal se lhe espessassem sombras de demencia na grande luz de razão com que entendera os arcanos da sciencia, quando a estudava em Coimbra...

— Fallou vossemecê com alguem que o houvesse conhecido em Coimbra? — perguntou Francisco Luiz.

— Fallei com os meus lentes, que todos tinham sido condiscipulos e contemporaneos d'elle, e lhe perdoavam o crime do rapto e do hebraismo em desconto de sua alta capacidade para as divinas sciencias medicas... Em que ponto estavamos?

— Na doença do pae...—disse D. Josepha.

— E' verdade... na doença do meu sogro que foi

primeira e ultima da sua vida. Minha sogra, quando chegava a esta final jornada da sua tragedia, parece que se lhe apagava o entendimento. Soluçava, com os braços cruzados sobre o seio, e os olhos cravados no alto ponto onde ella imaginava por ventura entrever o espirito de seu marido. O certo é que elle morreu em 1716, consoante o calculo de minha mulher, que então já contava os seus vinte e um annos, dez dos quaes tinham sido vividos n'um convento.

A compaixão franqueou a minha sogra a saida da colonia. Apossou-se da herança do marido que devia ser grande. Embarcou em um navio marselhez, que voltava do Canadá; antes, porém, de saltar de um barco de flibusteiro ao navio francez, já estava roubada do mais precioso da sua fazenda.

A pobrinha não se queixou, nem de ver-se pobre cobrou grande angustia. Lembrou-se de que tinha uma filha, uma patria, e n'ella os haveres de seu pae, que deviam ser a riqueza de sua filha.

Procurou em França o convento de sua filha, a qual duvidou reconhecer a mãe. Saiu minha mulher da casa religiosa, e assim se viram duas senhoras desamparadas em meio da França, entregues á propria deliberação. Alguem as enviou ao ministro portuguez em Paris, que lhes ouviu a historia com sentimento, e caridosamente aconselhou a minha sogra que se houvesse muito prudente com o santo officio de Portugal, em cujos archivos o nome d'ella devia estar escripto para eterna memoria. Porém, como quer que D. Maria teimasse em sair para a patria, o ministro advertiu-lhe que mudasse de nome, e se valesse das cartas que lhe deu, caso a

inquisição a perseguisse, por effeito de alguma irreflexão d'ella, quanto á exigencia dos haveres de seus paes.

Proseguiu Braz Luiz de Abreu, relatando o que já é notorio ao leitor, até ao seu casamento com a filha de D. Maria Cabral, fallecida no Porto.

— Crucificada existencia foi pois a de Antonio de Sá Mourão! — murmurou muito recolhido Francisco de Abreu, e assim se esteve cogitativo por largo espaço.

— Vejo que lhe fez commoção esta funebre historia! — disse D. Josepha.

— Muitissima dôr!—murmurou o hospede, limpando o rosto coberto de lagrimas. — Pobre homem!... que destino!... que vida!... Como o mundo debaixo do céo está infamado de tamanhas desgraças!... E vale a pena o viver!... E não morrem afogadas as creancinhas ás mãos de seus paes!...

Braz de Abreu, esposa e filhos todos tinham os olhos amarados de pranto.

Francisco Luiz levantou-se, beijou as meninas mais novas, apertou a mão de D. Josepha, e despediu-se offegante de soluços.

— Que sensibilissimo homem!... — disse o medico.

XIV

O segredo horrivel

Ao outro dia, Francisco Luiz foi convidado a jantar com o seu medico. A condolencia a que o movera a infelicidade do hebreu Sá Mourão atou mais n'alma os liames de sympathia com que o Olho de Vidro o entranhára na intimidade dos seus.

O israelita de Ourem ia triste. Dir-se-ia que nunca elle, até á vespera d'aquelle dia, devéras se convencêra da morte do seu Antonio de Sá. Tantos annos idos, e elle ainda a querer-lhe e como que a esperal-o! Já o seu contemporaneo Barreto lhe havia dito na summa o que Braz de Abreu lhe dissera, e todavia o convencimento da morte do marido de D. Maria não o tinha ainda penetrado, ao que parecia.

Durante o jantar, como nenhum estranho assistisse, a fóra o hespanhol — que nunca se esquecera de o ser

na linguagem — praticaram largamente ácerca dos actos do santo officio na Peninsula. O hespanhol relatou a sorte dos judeus em diversas partes do mundo, para concluir que em Portugal e Castella eram elles mais perseguidos do que poderia sel-o no inferno se, como piamente cria, Deus os tinha castigado com fogo infinito.

Braz de Abreu, posto que familiar do santo officio, recebeu de boa sombra aquella um tanto ironica reflexão do commensal, attribuindo a genio espanholado a comparação faceta.

Voltando á conversação da noite anterio, reflexionou Francisco Luiz que, tendo estudado algum tanto os factos da inquisição de Portugal, notára que a santa bandeira de S. Domingos de Gusmão era pouquissimo misericordiosa com os hebreus medicos ou estudantes de medicina. E ajuntou:

— E' sabido segundo me fizeram crer alguns foragidos de Portugal, que os estudantes de medicina apenas licenciados, ou se acreditavam como familiares do santo officio, ou se expatriavam antés que a inquisição os desterrasse d'este mundo. Dou como exemplo Henrique de Castro Sarmento...

— Foi meu condiscipulo—atalhou Braz de Abreu.

— Pois então sabe vossemecê que elle está em Londres, com o nome de Jacob de Castro Sarmento, em tanto credito e dignidade que, pouco ha, foi elevado á cathegoria de membro do collegio real dos medicos, e socio da sociedade real de Londres? Este grande sabio, e co-reformador da sciencia, que seria hoje em Portugal, se não se evadisse d'aqui uns quatro annos depois de licenciado? Seria porção d'essa vasa do Tejo por

onde se misturam as cinzas de muitissimos da sua raça e do seu alto entendimento. Outro medico houve ahi em Coimbra, segundo me disseram, que chegou a pertencer ao corpo cathedratico, e teve de fugir com sua mulher para a India hollandeza.

— Quem era? perguntou o doutor.

— Se bem me lembro, tinha elle um nome assaz parecido com o de vossemecê. Chamava-se Francisco Luiz de Abreu.

— E' verdade! — acudiu D. Josepha — que nome tão similhante!...

— E não sei — disse meditativo Braz Luiz — como esse nome me desperta coisas da minha primeira mocidade!

— Póde ser — tornou o hospede — que, no tempo em que vossemecê estudou, se fallasse ainda no lente fugitivo.

— Creio que sim: ha de ser d'esse tempo que me vem estas vagas memorias — redarguiu o Olho de Vidro. — Creio até que elle teria sido contemporaneo de meu sogro.

— Provavelmente seria — obtemperou Francisco Luiz.

— E a mim me está parecendo — acrescentou D. Josepha — que alguma vez ouvi meu pae proferir esse nome.

— Ouviu? — perguntou o hospede com o coração sobresaltado.

— Ouvi, sem duvida... *Francisco Luiz de Abreu*... Pois não ouvi? quantas e quantas vezes?... Que fim teria esse homem?

— Provavelmente morreu, senhora — respondeu o hebreu; e proseguiu sem sensivel mudança de rosto: — Pois ahi tem, senhor doutor Braz, outro exemplo de

perseguição á medicina. Ainda bem que vossemecê não teve de provar que o seu apellido nada tinha que ver com o do medico fugitivo.

—Nada—balbuciou Braz Luiz, receando que, depois isto, disparasse a affrontosa pergunta de quem era filho.

Francisco Luiz, n'este lance, lembrou-se da resposta que o *Olho de Vidro* lhe mandára bastantes annos antes, e sorriu-se interiormente do dito d'aquelle hebreu, que ao mesmo lhe escrevia presumindo que Braz Luiz de Abreu era filho sacrilego de um frade, senão fosse filho de tres frades ao mesmo tempo.

A pratica ficou por aqui, visto que a physionomia do dono da casa expressava nenhuma satisfação de que ella se proseguisse.

Todavia, D. Josepha, quando já estavam sentados á lareira, porque a tarde era de março, disse:

—Não me sae da lembrança o nome de Francisco Luiz de Abreu!... A gente, quando entra a envelhecer, recorda-se de coisas da infancia, esquecidas no correr de muitos annos...

—A envelhecer!—disse risonho o hospede—vossemecê, minha senhora, está ainda muito no vigor da vida. Terá quando muito...

—Trinta e sete annos—concluiu D. Josepha.

—Pois ahi tem: ainda não chegou a meio caminho. E quem ha de dizer que já aqui tem esta senhorita, que representa dezoito, e apenas terá...

—Treze—disse a mãe, correndo a mão pelos cabellos negros da sua primogenita Anna Maria.

—E estes mocinhos, doutor? que destino tenciona dar-lhes?—perguntou o hospede.

— Se o meu plano fôr ávante, irá um para a companhia de Jesus, e outro para medicina.

— Cuidado com a medicina! — observou jovialmente Francisco Luiz — Faço-os ambos jesuitas, que os fará ambos dois grandes homens.

— Pois D. José receia — dizia Braz Luiz algum tanto acrimonioso — que um meu filho, se fôr medico, possa parecer judeu?

— Deus me livre de receiar similhante coisa! mas a mim quer-me parecer que a inquisição, quando não ha judeus, encarrega-se de os fazer, talvez por ter lido as santas palavras de Jesus que resam: *é necessario que haja escandalos.*

— Como amigo — acudiu Braz Luiz — lhe peço que não falle assim diante de alguem. Lembre-se que está em Portugal, D. José!...

— Bem sei, meu amigo; e, se outra vez me esquecer, rogo-lhe que m'o lembre. Agora me estava eu imaginando entre pessoas que muito me estimam, por isso me deixei levar d'uma invencivel propensão a estigmatisar as injustiças, ou ellas partam dos reis, ou dos ministros, dos papas ou dos inquisidores. D'isto. d'esta perigosa exempção e rudeza de espirito, procede não ter eu paragem certa sobre este solo cavado de abysmos, e andar-me sempre perigrinando de solidão em solidão, para ser ouvido da minha consciencia sómente...

— Em nossa casa póde fallar — retarquiu o doutor — como falla a sós com a sua consciencia, D. José Aristizaval. A observação peço-lhe que m'a receba de bom animo, porque entende com o seu socego e deve servir-lhe n'um paiz que vossemecê conhece pouco.

— Mercês, meu amigo! — tornou Francisco Luiz de

Abreu. — O que eu sei de Portugal é verdadeiramente a historia da sua inquisição, e pouco mais... Ha pouco lembrou-me o nome de um condemnado ao fogo... tambem medico ou estudante de medicina... mas... passou-me... Deixe estar... Deixe ver... Ah! recordo-me... Chamava-se elle Heitor Dias da Paz... Vossemecê havia de ouvir fallar de Heitor Dias da Paz, que, segundo me affirmaram, andaria por Coimbra desde 1701 até 1704, uma coisa assim, pouco mais ou menos.

Braz Luiz fitara os olhos n'um ponto da fogueira, como quem finge que se está recordando, e disse, corridos dois segundos, com profunda tristeza:

— Conheci-o.

— Pessoalmente?

— Pessoalmente.

N'este comenos, Braz Luiz, fitando o ouvido, como se ouvisse voz no interior da casa a chamal-o, ergueu-se.

— Ninguem te chamou, Braz — disse D. Josepha.

— Parece-me que sim... ouvi que me chamavam.

— Não serão familiares do santo officio, que me requeiram para maior gloria de Deus!... — observou o hebreu como comico tregeito de quem se esconde.

— Venha comigo á sala, D. José, se não tem muito frio — disse o *Olho de Vidro*.

— Quem fallou na inquisição que sentisse frio? Estas praticas são excellentes no inverno... — respondeu Francisco Luiz, cuidando que o seu hospedeiro amigo lhe ia solemnisar com toda a gravidade possivel os sustos de o ver a braços com o santo officio.

Braz Luiz, entrado á sala, deu alguns passeios meditativo, examinou as portas receiando a curiosidade da

familia, e disse a meia voz ao muito attento e como espantado hospede:

— Conheci-o, e conheci-o muito.

— A quem?! perguntou como já esquecido Francisco Luiz.

— A Heitor Dias da Paz.

— Ah... já me não lembrava que estavamos fallando n'esse infeliz mancebo, cujos parentes conheci em Amsterdão... Devo dizer-lhe, meu amigo, que Heitor e o pae de Heitor, que se chamava...

— Francisco de Moraes Taveira...

— Justamente... são considerados santos no martyrologio ou cathalogo dos martyres hebreus. Isto presenciei eu e li nas dypticas da synagoga hollandeza chamada a *Casa de Jacob*... Com que então conheceu vossemecê mui de perto...

— Conheci, como se conhece um irmão — acudiu Braz Luiz. — Não lh'o disse diante de meus filhos, porque é meu dever de pae e de christão esconder d'elles coisas tristes da minha mocidade, por isso que o mundo, se m'as soubesse, faria d'ellas espinhos, que me entrassem pela fronte dentro e me levassem a morte ao coração. Vou contar-lhe com egual sinceridade á da historia de meu sogro, o que eu sei de Heitor Dias da Paz e... de mim. As mais antigas reminiscencias da minha infancia prendem-se a Heitor Dias da Paz.

Ditas estas palavras, Francisco Luiz de Abreu ouviu o bate de uma forte pancada no coração. Braz devia ver-lhe a subita alteração do aspecto, se tivesse mais claridade a sala, e elles não estivessem sentados no recanto mais escuro d'ella.

— Braz Luiz continuou:

— Lembro-me de algumas coisas dos meus seis annos. Vejo uma mulher que me aperta ao coração, e desapparece para nunca mais ser vista. Nem já sei que feições ella tinha, nem sei onde a vi. E' a recordação de um sonho isto, e pouco mais. Perguntei depois quem era aquella mulher, e responderam-me que fôra uma visão; e, se não era visão, mais tarde eu o saberia. Ora, as pessoas que podiam dizer-m'o, porque assim m'o tinham promettido, morreram. Uma era Francisco de Moraes, e outra era o filho, o suppliciado Heitor.

Francisco Luiz arfava ancioso: ia-lhe no intimo coisa mais attribuladora que o susto da morte. Braz deu conta do que havia indissimulavel em tamanha anciedade; mas attribuiu tal inquietação ao natural condoimento do seu ouvinte.

E, proseguindo, disse:

— Heitor Dias chamava-me irmão; e Francisco de Moraes abençoava-me como a filho.

— Vossemecê vivia em casa d'elles?

— Vivia, desde os seis annos, como já lhe contei. Passados alguns, Heitor foi para Coimbra, e levou-me comsigo. Prestacionou-me para eu entrar no collegio de S. Paulo. No principio do anno de 1704. Heitor Dias foi preso, e sómente depois de 1707 alguns mezes, soube qne a inquisição o condemnára a ser queimado vivo, e que o ancião — o desgraçado que não tinha outro filho, e chorava a mulher na sepultura ainda fresca — saindo ao encontro da procissão do auto da fé, se suicidara em presença de Heitor.

Francisco Luiz de Abreu levantou-se hirto, de golpe, tremente e pallido.

Este movimento como que levantou o marido de D.

Josepha pelos cabellos, sem que elle comprehendesse a força mysteriosa que o repuchava.

— Que tem, D. José?—perguntou o medico.

— Eu não comprehendo o horror da sua situação! — murmurou Francisco de Abreu em legitima lingua portugueza, tapando os olhos com as mãos convulsivas.

— Não comprehende o que?! — interpellou Braz estranhando grandemente a mutação de linguagem.

— Como se chamava seu pae?— perguntou com palavras intercortadas pela abafação o hospede.

— Não sei...—tartamudeou o interrogado.

— Porque se chama Braz *Luiz de Abreu?* Como ajuntou este sobrenome e appellido ao seu nome baptismal?

— Porque assim o achei escripto n'um abcedario da minha infancia.

— Que desgraça! — exclamou Francisco Luiz, e começou passeando vertiginosamente na sala!—Que desgraça, Deus do céo!...

Braz encarava-o com terrivel spasmo procurando nos olhos do seu hospede algum symptoma de demencia.

N'isto, Francisco Luiz vae direito ao medico, como que o força a fazer pé atraz de espavorido, e diz-lhe:

— Vossemecê ama muito sua mulher?

— Se amo muito minha mulher? Como a Deus, mais do que a Deus! mais do que aos meus filhos!...

Fitou-o com os olhos cheios de lagrimas o hospede, e disse-lhe:

— Não me falle por alguns minutos... não me falle... deixe-me pensar... mas o melhor é que eu me vá, e voltarei n'outro dia.

— Não... ha de explicar-me o que é isto... A sua

linguagem é outra... Ha terrivel segredo aqui, ou o meu amigo enlouqueceu... Tire-me d'esta incerteza, por quem é...

Deteve-se silencioso largo espaço o hebreu. Estava aquelle afflictissimo homem perguntando á sua consciencia, se não seria mais grato a Deus e á humanidade que um peregrino vindo d'além mar não entrasse um dia aos paços de Manuel de Sousa Coutinho a dizer a D. Magdalena de Vilhena que não podia ser mulher do homem que lhe chamava esposa! Se não seria mais humano e santo que aquelle peregrino passasse por diante da casa dos felizes, e dissesse: «Deixae-vos viver e morrer ditosos na vossa ignorancia! Não serei eu quem vá vestir-vos a mortalha, e dizer-vos: sepultae-vos!»

Assim pensava Francisco Luiz, e curava já de remediar o alvoroço em que pozera o seu amigo, quando este o abraçou com impeto, e lhe disse em tom violento:

— Quem é meu pae? Quem sois vós, homem! Respondei, que eu sinto o peito alanceado de mortaes agonias!

— Falle baixo, senhor Braz Luiz de Abreu — disse moderada e placidamente o hospede — Falle baixo, que está alli dentro a mãe com sete filhos.

E desapertou-se dos braços d'elle para fugir.

— Não! — exclamou o medico — não irá de minha casa, sem me dizer o que sabe do meu nascimento. Que importa que me diga que sou filho de um hebreu? que meu pae morreu queimado? que Heitor Dias era meu irmão? que o meu appellido é o de algum facinora? Diga, diga tudo, que a mim basta-me a consciencia da minha vida honrada para me acobertar dos insultos do

mundo! Farto d'elles estou eu, por que me chamam engeitado! Diga-me seja o que fôr, que eu lh'o peço com as mãos erguidas! Por Deus não minta, senhor! Conheceu meu pae? conheceu minha mãe?

— Conheci.

— Jura-m'o pelos Santos Evangelhos?

— Eu não reconheço a santidade dos Evangelhos. Juro-lh'o pela honra d'este homem, d'este hebreu queimado em estatua, d'este homem sem terra nem familia, chamado Francisco Luiz de Abreu. Jura-lh'o o homem que recebeu nos braços ha quarenta annos uma creancinha, que depois se chamou Braz Luiz de Abreu. Jura-lh'o o homem que depositou essa creancinha, quando os esbirros da inquisição o perseguiam, nos braços de Francisco de Moraes Taveira, de Villa Flor. Jura-lh'o o maior amigo de seu pae! Jura-lh'o o homem que enchugou no seu rosto as ultimas lagrimas de sua mãe...

— Mas o nome de meu pae — atalhou Braz de joelhos, com as mãos erguidas e trementes. — O nome de meu pae, senhor Francisco Luiz de Abreu.

— Dir-lh'o-hei ao ouvido — disse o hebreu, inclinando-se á orelha do medico.

Braz expediu um brado estridente, ergueu-se de salto, e clamou:

— E o nome de minha mãe?

— Pergunte a sua irmã, á mãe dos seus sete filhos, como se chamava a mãe d'ella.

— Como é, meu Deus?! como é?! pòr caridade, salve-me d'esta duvida atroz... Minha irmã!... quem é minha irmã, senhor?

— E' a filha de sua mãe.

Abriram-se os batentes de uma das portas da sala. A

mulher que entrou, fechando a porta para que os sete filhos a não seguissem, impetuosa, como cega de furia, ou impulsada de um grande terror, terror como de incendio que ameaçava devorar-lhe as creanças, ia lançar-se nos braços do marido; e, como lhe faltasse o amparo d'elles, caiu de rosto no pavimento, e soltou do peito uma soada rouca, similhante ao estallido de todas as fibras da vida.

O quadro era de mais pavor do que póde exprimir lingua humana.

Francisco Luiz poz a mão na fronte glacial e disse entre si:

— Maldito eu seja, que trouxe a desgraça e a vergonha a esta familia!

Braz Luiz inclinou-se a levantar a mãe de seus filhos nos braços que a não podiam suster. Chamou as filhas mais velhas, e mandou-lhes que levassem sua mãe ao leito. Acercou-se de Francisco de Abreu que estava chorando com a face encostada ao alisar de uma porta, e disse-lhe brandamente:

— Senhor Abreu, não se arrependa; foi Deus que o enviou. Não chore, que as minhas lagrimas ámanhã estão enchutas: ha de seccar-m'as o fogo sagrado da minha religião. Tenho Jesus Christo na minha alma. Agora comprehendo que milagres se operam nas maiores angustias do homem. Os meus filhinhos serão sempre os bens que Deus nosso Senhor me confiou. Minha irmã está debaixo da mesma divina mão. Ha de resignar-se, ha de santifical-a a saudade, incenso de lagrimas que o Senhor lhe ha de aceitar e retribuir em consolações...

Susteve-se n'esta exclamação arrobada e ungida de

santa resignação. Momentos passaram silenciosos... Depois, levando freneticas as mãos á cabeça, exclamou:

— Mas eu hei de separar-me para sempre de minha esposa... do anjo bemdito de toda a minha vida!...

E atirou-se ao peito soluçante do homem que, quarenta annos antes, o aquecera ao calor de suas faces, creança de vinte e cinco dias.

XV

Angustias que existiram

Por volta das dez horas d'aquella noite Braz Luiz de Abreu saíu de casa do vigario capitular, e recolheu-se ao convento de frades antoninos, convisinho da egreja da ordem terceira de S. Francisco, na qual o familiar do santo officio era irmão professo. Que noite aquella, que lagrimas choradas aos pés da cruz, e no seio do venerando prior da casa hospitaleira do maior infeliz que alli se albergára!

Ao aclarar-se a manhã, o prior e dois frades de Santo Antonio, varões de grandes annos e virtudes, chegaram á porta de D. Josepha de Abreu. Abriu-se-lhes a casa, em cujo recesso tinha ido um chorar soluçante, e passado horas infernadas, sem mais desafogo que o atirarem-se por terra aquella mulher e sete filhos, ignorantes da angustia de sua mãe, pedindo misericordia, diante de um santuario.

De joelhos se quedaram, quando os tres frades, sublimes de religioso terror, appareceram no limiar da casa da oração.

— Irmã, disse o prior, erguei-vos e mais as vossas cinco filhas, e vinde.

— Para onde, senhor?—murmurou ella com os olhos no pavimento e as mãos sobre o seio.

— Estão dadas ordens para serdes recebidas no conservatorio de S. Bernardino, Recolhimento de Terceiras de S. Francisco.

— E eu não hei de vêr mais... — exclamou ella, e retraiu-se como aterrada do delicto de tal pergunta.

— Vinde, senhora e meninas. Emquanto a vós, moços, esperae que vos digam o vosso destino.

Era na madrugada de 25 de março de 1732.

Regorgeavam os festeiros da primavera, os passarinhos emboscados no arvoredo dos quintaes. A geada branquejava as ruas, e do lado da rua assoprava frigidissimo vento. As meninas aconchegavam das faces escarlates os capuzes das mantilhas. A mãe ia aquecida no banho ardente das lagrimas.

Os antoninos caminhavam mesuradamente á beira d'ellas, com as mãos enfiadas nas mangas dos habitos. O prior ia ciciando quaesquer palavras, que deviam de ser as suas orações da manhã, ou rogava ao Senhor dos afflictos que esteiasse o animo d'aquella mulher singularmente desgraçada.

Abriu-se a portaria do conservatorio de S. Bernardino. Os frades ficaram áquem da porta, que rouquejara nos gonzos com o quer que fosse de muitos gemidos unisonos de fnndissimos carceres, soados por abobadas subterraneas.

D. Josepha quando encarou no interior do recinto lobrego da entrada, deixou-se rasgar desde o intimo d'alma por um grito, mais desesperado, mais blasphemo que invocativo da divina graça para tão acerbo calix.

— Haja-se com paciencia, senhora! — disse o prior — Olhe que desde este momento o Altissimo a está vendo e sondando-lhe o coração. A ignorancia não podia ser culpada até hoje; mas d'hora em diante, a relunctancia com os deveres que lhe impõe a justiça do céo e a justiça da terra é crime mais que muitissimo grande... Entendeu-me, senhora?

— Entendi, senhor padre-mestre prior — respondeu a confessada do prelado dos antoninos.

Fecharam-se as portas.

A directora do Recolhimento, silenciosa como um phantasma, conduziu D. Josepha e as cinco meninas ao longo de um pequeno corredor, com cubiculos lateraes, e mal alumiados da luz do dia ainda froixa. No extremo do corredor abriu-se a portinha de uma cella espaçosa.

— Aqui está, senhora — disse a directora, e ausentou-se.

As meninas romperam em grande chôro, assim que a livida directora saíu; logo, porém, lhe assomou a mulher de macerado aspecto, no limiar da porta, e disse:

— Aqui n'esta casa são permittidos os prantos da penitencia, e só esses, senhoras!

Retrocedeu, a tempo que D. Josepha se abraçava de um amplexo em todas as cinco filhas, e lhes dizia:

— Choremos baixinho.

Meia hora depois d'este lance, os dois meninos de Braz Luiz de Abreu, um de dez, outro de nove annos,

eram conduzidos ao convento de Santo Antonio, onde encontraram seu pae vestido com o habito de irmão professo da ordem terceira. Estacaram defronte d'elle n'um glacial spasmo. O medico tomou-os ambos, com as faces aconchegadas um do outro, e disse-lhes:

— Não haveis de chorar, não, meninos? Ficareis aqui por algum tempo. Aqui vos deixo com amigos e mestres. Fazei muito por aproveitar o tempo, e trabalhae por ganhar o coração d'estes santos homens.

Nem uma lagrima exsudou aos olhos d'aquelle pae! O fogo da divina graça seccara-lhe as fontes da alma. Era já o ser humano mutilado dos orgãos da vida de relação. Era o homem sobre-natural, aquella coisa inexprimivel de que se formam o anjo ou o demonio, as visões beatificas ou o revolutear escandecente da legião.

Os frades entraram a tomar conta dos meninos. O prior, ao pegar das mãos d'elles, disse:

— E' tempo. Vá á sua vida, senhor Braz de Abreu.

— Adeus, filhos. Abençoe-me, reverendo padre!... — disse o irmão professo da ordem terceira de S. Francisco, e saiu.

Sobre-humana coragem! Entrar na casa, onde, vinte e quatro horas antes ainda almoçado com sua mulher e filhos! Entrou. Foi ao oratorio de sua mulher. Se reparasse, poderia ainda ver signaes humidos de lagrimas no genuflexorio e na peanha do Christo de marfim. Estava orando, quando ouviu passos na escada. Levantou-se para fechar a porta, e furtar-se a dar explicação d'aquelle habito, d'aquella soledade. Não foi a tempo. Era Francisco Luiz de Abreu. Caminhou para elle com firmeza e risonho semblante:

— Meu bemfeitor, disse elle, aqui me tem. Faço grande differença do que era ha quarenta annos. Então, viu-me nas faixas infantis, e teve-me junto do seu coração. Abrace-me agora vestido na mortalha.

O hebreu apertou-o com vehemencia. As palavras não podiam sair do peito anciado e da garganta afogada por suspiros. Passado tempo, disse:

— E era preciso isto? A conformidade com a vontade de Deus exprime-se com vestir esta tunica, e apertar este cordão? Não é o homem tão grande na dôr, sem a celebrar com a magestade funebre d'estes habitos?

— O homem é um verme, e mais nada, murmurou Braz Luiz. — Se a religião me não soldar os pedaços da vida, se me ella não tirar d'este tumulo em que estou caido, que hei de eu fazer tão esmagado até á medula dos ossos?

— Pois os seus filhos? que é dos seus filhos, Braz Luiz.

— As minhas filhas assistem, as innocentinhas, á penitencia de sua mãe.

— Penitencia de quaes peccados?

— Oh! calle-se!... por Deus, calle-se, diante do filho de Antonio de Sá! Se não era crime o meu viver para que me avisou?...

— Diz bem... Perdôe-me.

— Não só lhe perdôo... que lhe agradeço... Agora é que eu me gelo de horror do meu passado!... Nunca tive um abalo que me dissesse: «porque lhe queres tu assim tanto, tanto, que em quinze annos teus olhos não viram outra mulher sobre a terra!» As irmãs não se amam assim... Ai!... e eu que assisti á morte de mi-

nha mãe, ainda lhe beijei as mãos... Alli sim, então senti convulsões de espirito extraordinarias, das quaes não podiam ser motivo o amor que eu tinha á filha... Não; era Deus que me avisava... Quinze annos, quinze annos de felicidade sem sombra... os meus filhinhos, os meus sete anjos... ahi me ficam...

— Onde vae?...

— Onde vou?!

E chorava com tamanho afôgo que lhe vieram umas ancias mortaes.

Deus me mate já, já! — vociferou por entre o repuchar dos gritos abafados. — Sou fraco, sou miseravel lodo! Dê-me animo, salve o filho do seu desventurado amigo. Creia no Deus dos martyres, para que a sua voz me alente, e eu não seja confundido pelo escarneo da multidão.

— Creio no Deus de todos os martyres, senhor Abreu. Creio — atalhou Francisco Luiz. — Soffra, chore, despedace-se sem amaldiçoar, e verá que está comsigo o Deus de Socrates, o Deus de Saulo, o Deus de Antonio de Sá, o Deus de Heitor Dias da Paz, o meu Deus, o creador de todos os martyres e algozes, de todas as cruzes e de todos os postes levantados sobre a lenha que vae abrasar um corpo. E' Jesus de Nazareth o seu Deus? Sirva-o, tome-lhe dos labios a esponja e sorva-lhe o fel, ame os inimigos, valha aos desvalidos, acôlha os orphãos á alma que os aconselha, dê-lhes tecto que os cubra, e olhos que os chorem. Assim faziam os justos segundo Platão, os justos segundo Bouddha, os justos segundo Philon, os justos segundo Jesus, os justos segundo Luthero. Ame, condoa-se, e ampare como

elles, e será salvo para melhor mundo, e sentirá n'este as supremas alegrias da consciencia...

—Oh! não é isso—atalhou Braz Luiz—ha uma só religião, e uma só salvação.

—Pois bem: haja uma só, e seja a sua. Todas ellas dão as suas melhores corôas aos seus martyres, corôas tecidas dos mesmos espinhos, e abençoados da mesma benção; mas é preciso soffrer, soffrer sem infligir tortura, sem retalhar o peito de outra fé para lhe ir lá dentro remoer com ponta de ferro em brasa a consciencia. Braz Luiz de Abreu, respeito grandemente a sua angustia, e dou graças ao Senhor do céo e terra que lhe está vertendo balsamos no roer do cancro que lá deve ir n'essa pobre alma. Siga a sua religião, eu lhe seguirei os passos n'ella, e ajoelharei ao seu lado, sem receio de que estejamos cada um de nós orando a differentes creadores. E seus filhos? E seus filhos?—proseguiu Francisco Luiz—quer que eu vele pelo seu futuro d'elles?

—Mercês, meu amigo. Meus filhos hão de ter pão e futuro. Trabalhei; tenho ahi uns bens. Continuarei a trabalhar para augmental-os. Minhas cinco filhas hão de ser freiras; meus filhos seguirão o sacerdocio.

—Qual é o seu destino, Braz?

—Tomar ordens clericaes. Hoje mesmo vou caminho de Lisboa. E vossemecê deixa Portugal?

—Ainda não.

—Adeus, pois, até quando?... Até á eternidade?

—Ainda não. Ver-nos-hemos antes. Não se morre assim depressa... Os desgraçados são de bronze. Quer Deus que elles vivam muito para serem muito vistos como pompas do mal necessario.

XVI

O padre Braz

O famigerado author do *Portugal-Medico* appareceu em Lisboa, cingido pelo cordão franciscano, sobraçando o manto pardo, fronte abatida, faces sulcadas e desfeitas, a luz dos olhos amortiçada, e um amarellido de rosto accusando tanta afflicção interior, que não havia olhos enchutos que o vissem.

Por casas de bispos e mais jerarchias da egreja andava o irmão professo da ordem terceira, solicitando a sua ordenação de missa, e a concessão de recursos que o ajudassem a converter em convento o conservatorio de S. Bernardino, onde tinham sido recolhidas D. Josepha e suas filhas.

D. João V, informado da resolução mysteriosa do celebre Olho de Vidro, cujas facecias o tinham muito alegrado, quando sua magestade, em hora de pachorra, consentia que o seu medico lh'as lesse, desejou ouvir

da bocca do famoso Braz Luiz uma historia escassamente conhecida dos altos dignitarios da egreja.

Braz Luiz foi levado ao paço pelo doutor José Rodrigues de Abreu, medico de el-rei. O filho de Pedro II revelou o desejo que tinha de saber que fundo reviramento se operára no espirito de um pae de sete filhos, para, no vigor dos annos, se privar das caricias da familia, e defraudar a esposa de marido e os filhos de pae.

O medico referiu a sua historia, a sós com o curioso monarcha, depondo na consciencia e religiosidade de el-rei os pontos melindrosos e secretos da sua vida. Sensibilisou-se o soberano, e em paga da confidencia lhe fez mercê das rendas do real d'agua para que as elle applicasse á fundação do convento de D. Josepha. Ordenou mais el-rei, de harmonia com o nuncio, que se não delongassem a Braz Luiz de Abreu as ordens solicitadas, de modo que entre umas e outras não interferisse mais tempo que o necessario, em conformidade com o maximo gráo da dispensação em taes casos usada. Por maneira que Braz Luiz, ao cabo de seis mezes, estava clerigo de missa. O concilio tridentino permittia e explicava santissimamente todas estas coisas, que hoje se nos affiguram monstruosas irregularidades. N'este anno da graça de 1866, póde qualquer novelleiro citar o concilio tridentino, por que é presumivel senão certo, que por amor do casamento civil toda a gente de alguma curiosidade reveza a leitura das decretaes com a dos concilios.

Pois o logar do concilio tridentino que permittia desatarem-se esposos, e vestirem habitos, e professarem, e deixarem os filhos sem paes, é a *Sess. 24 de Matrimonio, Can. 9.*

Ao mesmo tempo, o padre Braz Luiz de Abreu foi nomeado syndico do convento permittido, e, por um breve, tambem nomeado medico d'elle.

Tornou-se o padre de Lisboa para Aveiro, e entendeu logo nas obras do convento novo. Podia, se quizesse, dizer logo missa nova, mas reservou-a para o dia em que sua mulher e filhas professassem.

A edificação do convento fez-se n'um anno. Sobravam os recursos, além do subsidio real. Os cavalheiros da terra concorriam com grandiosos donativos, e muitas esmolas de procedencia desconhecida iam dar ás mãos do syndico. O hebreu Francisco Luiz observou que o seu dinheiro maldito não queimava as mãos ungidas do sacerdote.

Algumas vezes o padre Braz Luiz de Abreu entrou ao locutorio ou grade para se entender com a mãe de seus filhos sobre coisas attinentes á profissão. Dizem as memorias que nunca jámais lhe elle vira o rosto, porque D. Josepha o velava com um espesso véo negro. (1)

Aos vinte e quatro de dezembro de 1734, passados trinta e tres mezes de noviciado, de cruelissimas dores, de inenarraveis desmaios, as cinco filhas de D. Josepha, trajadas para a festa do martyrio como sua mãe, ajoelharam ao lado d'ella, e abdicaram nas mãos da prioresa tudo que podesse parecer ao mundo coisa melhor do que o escuro abysmo em que de repente se viram despenhadas.

Aquelle acto era uma crucificação atrocissima para a filha de Antonio de Sá, porque ella tinha perdido a fé.

---

(1) Diccionario bibliog. do sr. J. F. da Silva. Art. *Braz Luiz de Abreu.*

Nunca se lhe haviam entranhado muito as crenças na religião do Calvario, porque da indifferença religiosa, em que lhe correra a infancia, passara a ser educada em convento francez, onde a piedade sincera de alguma peccadora contricta era mettida a riso por alegres peccadoras, de quem poderia ser que os proprios anjos andassem namorados.

Sua mãe tinha vivido uniforme com a religiosidade do marido; e, por fins de vida, rejeitara e apagara da alma os vislumbres da piedade, porque, dizia ella: «Ha certas lagrimas, que apagam toda a luz de religião, seja ella qual fôr.»

A religião de Braz Luiz pareceu-lhe a ella muitas vezes ostentosa, pouco menos de hypocrita, e sustentada á custa da razão. Todavia, como discreta e amantissima d'elle, não lh'a impugnava, nem se esquivava a seguil-o nas publicas demonstrações de sua piedade.

Quando ella, desde os reconcavos d'alma, caíu aos pés de Christo, foi na hora tremenda em que se ouviu nomear filha do pae e mãe de seu marido. Orou então, para não morrer, ou póde ser que orasse para ser arrebatada á sua angustia pela mão de Deus, ou fulminada por poder satanico. N'aquellas orações ninguem sabe o que a alma pensa.

Encerrada n'um convento, com cinco formosas meninas, que se encostavam ás rexas de ferro a olhar cheias de saudades por esse céo fóra, e seguiam as avesinhas de arvore para arvore, de monte para monte, a infeliz mãe adivinhava os colloquios das pobrinhas com o céo impassivel, e fugia-se d'ellas, para que a não vissem chorar. Voltava a vêl-as, e trazia ainda vidrados na face os prantos. Ellas aqueciam-os com beijos, e, em vez do

fervor piedoso e consolativo de sua mãe, ouviam-lhe supplicas com que ella lhes pedia perdão de as ter gerado. As meninas perguntavam-lhe porque estavam assim captivas e desterradas da vida tão sem vontade, e a mãe não podia responder-lhes: «E' porque sois filhas de meu irmão, e minhas filhas.»

Que importava?

Tinham ajoelhado, tinham renunciado, tinham professado, tinham assistido á missa nova de seu pae, d'aquelle homem de faces lividas, que as não apparentava mais translucidas de uma alegre consciencia do que as teria um sacrilego, que houvesse cuspido no ciborio e calcado aos pés a hostia. E depois, viram-no assomar no pulpito, e prégar com elegancias de primoroso lapidario de palavras o sermão da profissão, o sermão d'aquelle enterro de seis vidas, de seis corações apunhalados, mortos, com authoridade do concilio tridentino, e com muitos applausos dos prelados, do rei e dos edificados espectadores da tragedia.

Estavam professas. A de trinta e nove annos, que representava vinte cinco formosas primaveras, ao entrar n'aquelle antro de S. Bernardino, a filha de D. Maria Cabral estava desfigurada como na ultima velhice. Anna Maria, de dezeseis, e Sebastiana Ignacia, a mais nova, de onze — onze annos e professa com um breve de Sua Santidade! — todas cinco, seguindo sua mãe da egreja ao claustro, olhavam contra o chão como a procurarem a cova que se lhes abrira.

E depois, se choravam, saía-lhes a prioresa e dizia-lhes:

— Filhas, lagrimas de penitencia, de penitencia...

E se, do interior do convento, ia ao padre Braz a no-

ticia de que suas filhas estavam deperecendo e morrendo, o santo, calejado para uns dardos que varam e matam todo homem menos santo, respondia:

— E' o Senhor que as chama... Deixal-as, deixal-as ir para o côro das virgens.

E, rodeado de muitos e piedosos livros, escrevia a *Lusiada sacra*, a origem ecclesiastica do imperio lusitano, e levava mão do trabalho para assistir aos seus doentes, que curava ou enviava a melhores mundos gratuitamente.

Os moços Agostinho e Pedro lá estavam estudando latinidade no convento de Santo Antonio. Ao principio perguntavam por sua mãe, por seu pae e por suas irmãs. Um doutissimo frade, lente jubilado, respondia-lhes:

— O melhor pae é Deus, a melhor mãe é Nossa Senhora, as melhores irmãs são as tres pessoas da Santissima Trindade.

Sã theologia; mas os mocinhos queriam saber de sua mãe, de seu pae e de suas irmãs.

Deram em não estudar, de tristes que viviam. Foram accusados ao padre Braz, que entrou a admoestal-os no convento. Os meninos abraçaram-se n'elle, e pareciam contentes.

— E nossa mãe? perguntava Agostinho.

— E nossas irmãsinhas? perguntava Pedro.

E Braz Luiz baixava os olhos sobre o seio, permanecia n'um recolhimento angustiado, e saía com estas palavras:

— E' verdade!... e vossa mãe!... e as vossas irmãsinhas?

Mas, apenas as orelhas da sua alma escutavam estas lastimas do coração, o padre ajoelhava na postura de mentecapto, batia punhadas no peito, e clamava:

— Pequei! pequei! perdão, meu Redemptor!

XVII

O inferno, como elle é possivel

Eu negaria minha fé a quem me dissesse que a prece dos infelizes sem culpa não ha Deus que a ouça e attenda. Se ha!...

N'um dia de junho de 1735, ao sexto mez de professa, soror Josepha da Cruz, depois de tres semanas de aturada hemoptyse, amanheceu com uns spasmos convulsos, chamando pelas filhas, que a rodeavam, e ella não via. Accudiram as freiras, e ordenou a prioreza que fosse chamado confessor e medico. Avisaram o padre Braz, syndico do convento. Estava elle resando as contas, e voltou o rosto da pessoa que lhe levou o aviso, para atar um *pater noster* interrompido no *fiat volantas tua*. Tres vezes repetiu com seraphico arrobamento o *fiat voluntas tua* — «faça-se a tua vontade» — e de si para si entendeu que aquelle seu despego em tamanho transe, ao annunciarem-lhe que sua mulher estava em

trabalhos de morte, era egual ao de muitos lances de natureza identica, e santo stoicismo, contados no *Flos-Sanctorum,* e *Vita patrum.*

Concluido o ultimo mysterio do rosario, aspergiu-se de agua benta, e foi caminho do convento, resmuneando o psalmo:... *Amplius lava me ab iniquitate mea: et a peccato meo munda me. Quoniam iniquitatem meam ego agnosco... etc.*

Ao avisinhar-se da cella da enferma o syndico, disse a prelada:

— Irmã Josepha, aqui está o nosso padre syndico Braz Luiz.

Soror Josepha não vellou o rosto, porque já não entendera o aviso da prioreza.

Braz Luiz deu de olhos fitos na sua companheira de quinze annos. Ressumou-lhe ao rosto um suor frio, cambaleou, e amparou-se á ombreira da porta.

Depois, tornou em si, invocou a força dos santos, compoz o semblante, acercou-se do catre da moribunda, e balbuciou:

— Soror Josepha da Cruz!

A enferma estremeceu, despregou as palpebras, circumvagou as pupilas esgazeadas, e retrahiu-as logo, como se a face do padre lhe fulminasse faiscas de raio aos olhos.

— Os aprestos para a extrema-uncção — disse o syndico.

— Venha o capellão ministrar-lh'a — ajuntou a prioreza.

— Não, nossa madre: serei eu — disse o padre Braz.

Accorreram os aprestos, emquanto Braz Luiz desceu á egreja a envergar uma cotta com estola roxa. Deu si-

1 o sino, ajuntaram-se as freiras acolytas, uma com ruz, outras com velas, outra com a caldeirinha, e mui-; cantando alternadamente os versos do psalmo *Misere mei Deus*. Entrou á cella o padre, precedido da cruz da caldeira. A prioreza observou que as uncções deriam ser feitas com presteza, omittindo-se as ceremonias usadas quando não ha receio de que o enfermo expire antes de ungir-se. Principiou o padre a ungir-lhe os olhos; e logo notaram que os dedos lhe tremiam convulsivamente. Esteve com a mão suspensa, esperando que o tremor aquietasse. Desfitou os olhos da face da moribunda, e viu as cinco filhas ajoelhadas em carreira com os cirios empunhados, e os rostos caídos sobre os seios. Contemplou-as com olhar embaciado de lagrimas, e na bocca um sorriso triste, que poderia ser qualquer coisa do usual sorrir dos santos, e tambem poderia ser a expressão vulgar da insania. Esta equivoca expressão, porém, sumiu-se, e as lagrimas saltaram a quatro. Depois, foi um conflicto aquelle para ser visto dos que apenas conhecem alguns milhares de flagellos n'esta vida! Caiu em joelhos, pegou das mãos ambas da enferma, e exclamou:

— Leva-me comtigo, leva-me comtigo, ó santa, ó martyr!

As cinco meninas levantaram um alarido de gemidos, e romperam por entre as freiras a cobrirem com os braços a moribunda... a morta.

Braz Luiz arquejava encostado ao leito. Não ousavam pôr-lhe as freiras as suas mãos para o retrairem d'alli; mas, todas a um tempo, lhe pediam que offerecesse a Deus, em beneficio da alma de Soror Josepha, as an-

gustias por que tão santa e heroicamente quizera passar e ser provado.

O padre levantou-se de impeto, olhou em torno de si, e disse:

— E que me dá Deus? Sim! que me dá Deus?

As freiras contemplaram-se estarrecidas e frias de religioso medo.

— Pois então! — proseguiu elle com tregeitos de louco e semblante descomposto — pois então, não houve um raio de graça para esta santa mulher! não seria divina justiça que ella achasse aqui as alegrias de uma consciencia pura, de um coração sem mancha! Por fim... é certo que eu te matei minha innocente victima?

E, dizendo, acurvou-se sobre o cadaver, beijou-lhe os olhos soffregamente e cobriu-lhe a testa de lagrimas.

Era isto já uma vertigem, que terminou pelo deliquio.

Foi chamado o capellão e alguns frades visinhos de Santo Antonio. Levaram d'alli o padre para accommodarem logo os escrupulos das freiras escandalisadas. Ia sem accordo, nos braços dos antoninos. As filhas viram-no ir sem lastima. Estavam em volta da barra de sua mãe. Aquelle homem fazia-lhes terror, senão odio. Poderia ser que elle tivesse por si a côrte celestial; mas n'este mundo não havia alma que o pranteasse. Propriamente os frades incriminavam-no de pusillanime e vacillante na reforma de vida. As freiras — santo nome de Deus! — davam como perdida a alma d'aquella que morrera sem confissão; e, porque eram santas, foram em côro exorar ao Senhor que não pesasse na sua balança sem o contrapeso da misericordia, as palavras blasphemas do padre syndico.

Braz Luiz, quando cobrou sentimento, achou-se na sua pobre alcova, com dois frades á cabeceira. Escutou-os. O que elles diziam eram coisas formidaveis sobre o inferno sem fim. Stygmatisavam-lhe a fraqueza, a impenitencia, a temeridade de se aproximar da religiosa moribunda, se não ia santamente disposto á dar um exemplo de desprendimento dos affectos que havia renunciado no acto da sua sagração a Deus.

O padre pediu perdão do escandalo, e rogou que o deixassem só para examinar sua consciencia.

Deixaram-n'o os frades e foram-se ao seu convento, d'onde tinham saído em jejum.

Braz Luiz de Abreu soffria tanto, que duvidava do poder da oração ou não sabia orar. Punha os olhos na face do Christo, e logo os descia como aterrado do pensamento sacrilego que a intercadencias lhe agonisava a alma.

Aquella religiosidade, que, horas antes, parecia robusta e sentida como a dos martyres, estava a desfazer-se miseravelmente na incerteza, no desprezo, na negação das mais santas coisas do christianismo! Alli se estava vendo o que em verdade é o homem, e quanto são morredoiras as phantasias do espirito arrancado ás leis da humanidade, quando a mão da desgraça descarrega a maça de bronze no peito que tem dentro sangue e fibras. O grande edificio d'aquelle selvagem ascetismo estava a derruir-se. O coração de quarenta e tres annos dava pulos como para espedaçar o arnez apertado com arcos de ferro debaixo do habito franciscano. A imagem de Francisco Luiz perpassava-lhe execrandissima por diante dos olhos, cravados n'um revolutear de visões extravagantes que o assediavam, á volta do ca-

daver d'aquella mulher assassinada sem culpa nem fé para aceitar de boamente uma tão grande quanto immerecida penitencia.

Fez-se em volta d'elle a solidão dos grandes desgraçados, que já nem sequer podem captar a benevolencia dos grandes hypocritas, nem a estima dos ferventes devotos. Os mais virtuosos frades fugiam d'elle, desde que do convento de S. Bernardino sairam peioradas em blasphemia as phrases do syndico ao pé do corpo ainda quente de sua mulher. Além d'isto, entraram em averiguações os mais escrupulosos sobre os factos antecedentes á resolução de entrar aquella mulher na religião e elle no sacerdocio. O prior dos antoninos esquadrinhou em Lisboa no secreto gabinete da nunciatura, e vingou descobrir que o rompimento fôra sequencia de um casamento incestuoso.

Calou o frade a infanda noticia, por caridade; apenas a revelou a metade dos seus conventuaes; e estes, por caridade tambem, disseram-n'a á outra metade, sentindo não ter mais a quem a revelassem.

Por isso, á volta d'elle se fez a solidão dos grandes desgraçados.

Entregaram-lhe os dois filhos, que estudavam humanidades no convento, para que elle lhes désse destino. O padre levou-os para si, e desde esse momento principiou a sentir quebrarem-se os aguilhões que o cravejavam e atiravam impenitente á sepultura.

Cogitou em mudar-se com elles para algum ermo, onde lhe ignorassem o nome e os infortunios. Mas alli, ao pé da sepultura de Josepha, estavam as cinco filhas, que elle, se podesse, tiraria do convento. Era aloucada fantasia similhante intento. Aquellas meninas estavam

perdidas para elle e para Deus; porque já não podiam amar o algoz de sua mãe; e, diante do poder do Altissimo, apenas podiam tremer de medo, medo sem amor. Nem pae, nem Deus!

E d'este modo, com a alma assim vasia, sem embrião de esperança n'algum reconcavo d'ella, não ha vida.

A mais velha das meninas, Anna Maria, sobreviveu dois mezes a sua mãe, e acabou em phrenesis, não obstante os exorcismos com que valentes demonifugos de todos os conventos de Aveiro lhe medicavam a alma. Expirou com reputação de precíta aquella gentil creatura com dezoito annos incompletos, a mansissima menina que seus paes quatro annos antes denominavam, á conta da sua indole branda e sujeita, a pomba da familia, o exemplo angelico de suas irmãs.

Quando o padre Braz recebeu a nova da morte de sua filha, quizera a Providencia que ao lado d'elle estivesse um peito que lhe désse amparo.

Francisco Luiz de Abreu, n'aquelles dias, descêra dos arrabaldes de Bragança, onde fôra despedir-se do seu amigo José de Barredo, e passára por Aveiro, onde conjecturava encontrar ditoso e embevecido nas delicias do céo o sacerdote de Jesus.

XVIII

Catequeze

Francisco Luiz planeou mover o filho de Antonio de Sá Mourão a saír de Aveiro, sob pretexto de fazer entrar na carreira das lettras ou das armas os dois moços, já habilitados para as começarem.

O padre passou a consultar os filhos sobre a escolha de seu futuro. Tinham-se os meninos habituado a pensar no destino para que o pae os encaminhára, desde que os entregou aos frades de Santo Antonio. N'aquelles dias, as carreiras abertas aos espiritos mais arremessados em esperanças e cobiça de nomeada gloriosa, eram a milicia, já então decadente, e a companhia de Jesus, ou a ordem de S. Domingos, as duas mais poderosas e florentes hostes evangelicas n'estes reinos, e as mais conjuradas em realisar o absolutismo theocratico.

Os filhos de Braz não entendiam nada d'estes intentos; mas entreviam a grandiosa estatura do jesuita e

do dominicano, em cujas frontes se estavam sempre cerzindo as mytras, e no interior d'essas frontes se elaborava o pensamento dos reis, a palavra directora dos governos, o enlace mystico do céo com a absoluta soberania da terra.

Portanto, os dois netos do hebreu da Guarda, respondendo á consulta de seu pae, disseram que entrariam em conventos. Agostinho escolheu a companhia de Jesus, e Pedro a ordem de S. Domingos.

Francisco Luiz encarou n'elles com desprezo: não podia ser de piedade, nem de odio aquelle sorriso que entre-abriu os beiços do velho judeu de Ourem.

Passados momentos, murmurou, sorrindo ainda:

— Este Pedro já não virá a tempo de me queimar... nem eu lhe deixo filhos ou netos, cujos ossos lhe sirvam de degráos para escalar a bem-aventurança dos carnifices... Se o avô d'este menino se lembraria de que um seu neto seria frade dominicano!...

E, voltado ao padre Braz, continuou com mal fingida serenidade:

— Conjecturava eu, senhor Braz Luiz, que um homem de sua indole e saber, vestido com as insignias de uma religião qualquer, e mormente da christã, se empenharia em lavar-lhe com lagrimas as nodoas de sangue, e no amaciar-lhe as cruezas que ella trouxe das tradições pagãs. O homem de grande entendimento e muitas luzes devia ser lustre e honra de qualquer religião que elle assentasse de converter em policiamento e bem-fazer da humanidade. Não lhe perguntei ainda, meu amigo, se applaudia o proceder da christandade portugueza contra os paes de Antonio de Sá, contra Maria Cabral, contra Heitor Dias da Paz. Pergunto-lh'o

agora, na occasião em que vossemecê manda um filho alistar-se nos aprendizes do santo officio, e estudar as physionomias das antigas rezes do açougue dominicano penduradas na galilé da egreja de S. Domingos. Bem póde ser que lá veja retratos de seus avós.

— Basta! que me está mortificando, senhor! — atalhou o padre. — Sou um desgraçado, á volta de quem se assanham todas as tentações! Quem vem contender em pontos de religião com um homem tão quebrado de espiritos? Oh! deixem-me como a um leproso, abandonado de Deus e dos homens...

— Abandonado de Deus! como assim? — accudiu o israelita. — Pois as tres divindades christãs, o Padre, o Filho e o Espirito Santo assim abandonam quem tanto lhes sacrifica! Onde está a compensação das suas afflicções, meu amigo? Que bem aventuranças infinitas são bastantes a galardoar uma só das suas torturadas noites? Por minha fé! Consterna ver o desamparo em que o Moloch d'estas voluntarias hostias deixa affogar-se em lagrimas e derreter-se ao fogo da desesperação um homem que tinha direito a receber consolações analogas á devoção com que se deixa esmagar na carne e no espirito!... Ah! eu cuidei que, na minha retirada de Portugal, o deixaria enlevado na beatifica visão e antegosto da eterna e perennal mão direita do Deus-Padre! E a minha consciencia sabe que eu muitas vezes pensei em me converter ao christianismo, se Braz Luiz de Abreu estivesse, a esta hora, conformado e alegre sobre o peso da sua cruz!...

— E' que eu sou lôdo... atalhou o padre.

— E' que eu não vi ainda bem remunerada a renunciação dos direitos do homem, em hecatomba de uma

equidade convencional, chamada a justiça das religiões. São todas muito artificiaes para que alguma d'ellas possa ser verdadeira. As menos sobre-humanas são as mais equitativas; e estas mesmas estão manchadas pela miseria do homem, que não comprehende a virtude aconselhada pela razão; carece de a ouvir trovejada no Sinay, legislada pelo alfange mahometano, ou introduzida no cerebro das nações selvagens com o gume da espada dos Cabraes e dos Pizarros. Pois está Deus n'estas carniçarias? O creador das florestas e dos mares, do oução e do elefante, se quizesse revelar-se mais sensivelmente ao homem, careceria de morrer n'uma cruz ignominiosa, ou permittiria que aos pobres cegos, que o não sabem ver, lhes queimassem os olhos nas lavaredas do santo officio?!

— Jesus, soccorrei-me! exclamou o padre, tapando com as mãos a fronte, em que as palavras d'aquelle homem coavam luz de infernal claridade.

Depois murmurou palavras inaudiveis que deviam ser orações efficazes contra a tentação da heresia, da philosophia, da razão indocil, do demonio, que é tudo um.

O hebreu era pertinaz, porque o estimulo, a razão nua, sem minima compostura de fé, lhe espicaçava a consciencia. O homem vinha dos focos da heresia. Comprehendêra a loucura do hebraismo e a loucura dos heresiarcas. Reformara-se na philosophia de Spinosa, e facilmente derivara do pantheismo á completa abstinencia de deuses, coisas desnecessarias para explicar a ordem do universo, e inintelligiveis para as fazer presidir á creação. A causa das causas parecia-lhe sempre effeito dos effeitos. O atheismo, se o não consolava, tambem lhe não mettia em trabalhos as molas da imaginação.

As expansivas demonstrações de sua incredulidade eram todavia inefficazes para apagarem a luz do calvario no coração do padre. O dique do terror de Deus represava as torrentes de sabedoria rebelde com que o hebreu pretendia levar de rojo o amigo, cuja victoria estaria indecisa, se o christão convicto aceitasse o cartel. Não. Braz Luiz vencia com o silencio. O argumento triumphal é o calar-se aquelle, cujo coração bafejou o Senhor.

Não obstante, as asperezas da vida, os jejuns, as penitencias, as orações mentaes e exercicios fatigantes de piedade foram diminuindo de dia para dia. No fim de tres mezes, o padre fallava ainda tres horas á milagrosa imagem de S. Francisco, e conversava seis horas com Francisco Luiz de Abreu.

Estava, pois, reduzido á piedade rasoavel. Não mortificava a carne para manter o espirito na energia que se lhe requer em meditação das coisas divinas. Tinha horas regulares de oração, de alimento, de visitar os seus enfermos, e de procurar no locutorio de S. Bernardino as quatro freiras.

Foi para Lisboa com o hebreu e com os filhos. Renovou a consulta sobre o destino d'elles. Permaneciam constantes na sua resolução. Um entrou no noviciado da ordem dominicana em Bemfica; e outro no collegio de Santo Antão.

O padre Braz foi beijar a mão de el-rei, que se compungiu da extemporanea velhice do celebre Olho de Vidro. Ouviu-lhe a historia pathetica da morte de soror Josepha e da filha, saudosa de sua mãe, e o definhar-se das quatro meninas para quem a vida claustral fôra sempre incessante martyrio e desesperação de que a mi-

sericordia divina talvez pedisse contas a elle pae. Observou-lhe D. João V que levasse para sua companhia as quatro meninas.

— São freiras, são professas, real senhor!... murmurou o padre.

El-rei mandou-o voltar no dia seguinte, e ordenou que lhe entregassem provisão regia e breve do nuncio para que as quatro freiras de S. Bernardino vivessem por tempo illimitado na companhia de seu pae.

Voltou o padre a Aveiro, e Francisco Luiz de Abreu acompanhou-o.

N'este homem andava encavalgado o Lucifer da mais desenfreada philosophia que viu aquelle seculo. O pensamento que o esporeava era generoso; mas no inferno iria um dia de festa se elle vingasse a idéa execravel. Venceram os anjos custodios, que faziam guarda ao espirito do padre e das quatro filhas, promettidas esposas de quatro serafins que as esperavam, posto que nem todas correspondessem ao convite amoroso dos serafins.

Queria Francisco Luiz de Abreu restituir a felicidade áquellas meninas, a felicidade terreal, mentira em que o hebreu ainda acreditava. Preparava o animo do filho de Antonio de Sá, inoculando-lhe a peçonha da duvida no dogma, e pelo conseguinte na moral. Discutia os chamados sacramentos da egreja. Dizia que o sacerdocio era a mais convencional e estupida das instituições humanas, com grave ultrage de Deus, chamado a sanccional-a, se Deus por acaso podesse existir e ser ultrajado por affrontas do homem, chamado irrisoriamente o rei da creação, á mingua de besta-fera que se proclame com eguaes direitos á mesma realeza. Dizia que esta bestial instituição cedia a primasia a outra, que era a

da profissão da mulher; e que de estupida passava a ferocissima quando a professa era violentada a jurar a perdição das suas alegrias de mocidade, e das suas esperanças de familia nas tristezas da velhice.

Amartelladas por largo tempo estas e similhantes idéas sobremodo impias, o hebreu puzera a pontaria em tirar de Portugal o padre e as freiras, leval-os onde rasgassem os habitos, e se vissem de repente restituidos á simpleza de creaturas formadas á imagem e similhança do Creador, o qual, a ter existido, formára certamente homens e não padres, mulheres e não freiras: gente, no dizer de Moysés, apta e escorreita para formar individuos, aldeias, cidades, reinos, mundos.

Ouviu o padre as theses do seu amigo, defendidas por longo tempo com erudição digna de melhor serventia. Prodigioso poder da fé, quanto eu te admiro e venero! O padre resistiu nervosamente á seducção, e por pouco, no calor da refesta, não apresentou uma idéa que destruisse os preconceitos do judeu luciferino. Prodigioso poder da fé! exclamava tambem Francisco Luiz, quando, inventariando os argumentos do seu amigo, não topava um que merecesse redarguição grave. E perguntava elle a si mesmo como era que aquelle homem tão embotado em agudezas de dialectica pudera escrever as «Aguias que voavam sobre a lua, e o sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol!»

Desistiu: mas já lhe foi grandissimo contentamento ver á beira de seu pae as quatro meninas, quatro exhumadas da lobrega crypta do convento, onde deixaram sem lagrimas as grammas que rastejavam na claustra sobre a campa de sua mãe.

Dizia elle, todavia, ao pae:

— Crê que as caras marmóreas d'estas meninas tornem a reflorir?

— Espero que sim.

— Nunca mais. Estão mortas. Se as quer vivas, rasgue-lhes a mortalha, Braz Luiz! — exclamou elle abraçando-as todas contra o seio. — Dê-me estas meninas, deixe-me salval-as, deixe-me fugir com ellas para o ar abençoado da liberdade! Eu prometto aviventar-lhes o coração, e depois estão salvas. Dê-m'as que eu ainda sou bastante rico para deixal-as ricas. E, se eu fosse pobre, dar-lhe-ia a cada uma um amor para o coração resuscitado, um esteio para a alma, um companheiro para toda a vida!

O padre ergueu-se de repellão, travou das filhas, arrancando-as aos braços do hebreu, e exclamou:

— Que maldição traz comsigo este homem!... Quer perder-me as minhas filhas!... Ha infernal predestinação na sua mensagem ao seio da minha familia, homem da horrivel fatalidade!

XIX

O velho da ermida

Em uma aldeia, chamada Verdimilho, a uma legua d'Aveiro, vivia em 1738 um ancião, reputado justo porque á volta da sua casa, colmada e desguarnecida da mais trivial mediania, se ajuntavam os pobres da freguezia, em dias determinados, e recebiam esmolas que lhes bastavam á alimentação parca da semana. Chamavam ao incognito o «velho da ermida» porque, ao lado da choupana d'elle, estava uma capella. Os pobres, favorecidos d'este homem, paravam ao cair da tarde nas visinhanças da ermida, para o verem sentado no tezo de um oiteirinho, com os olhos enlevados no transmontar do sol; e, se o viam passar a mão por elles como quem enchuga lagrimas, diziam entre si:

«Um homem que dá tanto aos pobres, e chora!...»

Em 1739 saiu elle caminho d'Aveiro, pela primeira vez. Os pobres seguiram-n'o, e disseram-lhe:

— Não voltaes mais aqui, nosso bemfeitor?

— Voltarei, filhos. Á noite serei comvosco.

E caminhava a pé, abordoado n'um cajado que lhe dera um dos seus pobres.

Chegado a Aveiro, entrou na egreja de S. Bernardino, acantoou-se no mais escuro d'ella, e assistiu aos responsorios da segunda filha de Braz Luiz de Abreu, a qual estava sobre a eça.

Saiu, parou á porta do pae da defunta, subiu, entrou á saleta em que elle recebia os pesames, apertou-o nos braços e disse-lhe:

— Dá-me a vida das tres filhas que te restam, e vem tu com ellas.

O padre derramou copiosas lagrimas, e não respondeu.

Voltou Francisco Luiz á sua cabana da ermida, e os pobres, ao outro dia, confluiram das suas aldeias a darlhe as boas vindas.

Em 1740 fez o hebreu a mesma caminhada, entrou na mesma egreja onde se resavam responsos, na mesma saleta onde chorava um velho, e disse-lhe:

— Dá-me a vida das duas filhas que te restam, e vem tu com ellas. Rasga-lhe as mortalhas, antes que o coveiro as esconda, e o sino dobre por ellas.

O padre chorou muito, inclinado ao peito do velho, e não respondeu.

Voltou o caminheiro á sua cabana, e os pobres olharam-n'o com muita amargura, porque a sombra d'elle era como de arejo vindo da região dos sepulchros.

Uma tarde, não longe d'aquelle dia em que se finára a quarta professa de S. Bernardino, appareceu em Ver-

dimilho o padre Braz Luiz, atirou-se esbofado aos braços do hebreu, e disse-lhe:

— Dê-me as minhas filhas!

— Pede-m'as a mim?! E' a Deus que as deve pedir... ao seu Deus, que resuscitou muitas...

— Não peço as mortas; quero as vivas.

— Que sei eu das vivas? Esperava que morresse uma para lhe ir pedir a ultima.

— Pois minhas filhas não estão aqui? exclamou Braz Luiz de Abreu.

— Aqui?! não vê que toda a minha casa é esta cabana?

— Meu Deus! bradou o padre.

— Que é de suas filhas? acudiu o hebreu.

— Fugiram! perderam-se!...

— Salvar-se-iam? Encaminhal-as-ia qualquer providencia que eu desconheço?...

— Roubaram-m'as!

E o padre, guardando silencio por alguns minutos, continuou com intermittentes de gemidos e ancias offegantes:

— Perdi-as... e perderam-se!... Pois que nome tem isto senão é prostituição?... A justiça lançará mão d'ellas... e d'elles...

— D'elles quem? — atalhou o israelita.

— De relance os vi: eram militares, vinham de Coimbra a Aveiro, hospedavam-se nas mais nobres casas, e minhas filhas sabiam da existencia d'estes homens...

— E rasgaram as mortalhas — ajuntou o velho de Verdimilho — Pois deixal-as ir. A natureza as defenda, se os aguasis da religião as perseguirem. Deixal-as ir em paz. Falleceram-lhes forças para a continuação do

martyrio. Muitas das viuvas do Indostão já hoje se não queimam. E' necessario que os preconceitos sejam derrotados uma vez por outra, a ver se alguma hora surge ahi d'este atascadeiro melhór geração, que traga ao mundo a idéa de Deus com bondade. Coitadinhas! Possam ellas chegar onde lhes digam: «Vivei, gosae sem remorsos. O que vos lá ensinaram a dizer na profissão caducou debaixo de outro céo. Pedi, meninas, o coração ás estrellas da noite, ao sol do dia, ás campinas que reflorecem, ás aves que senhoream os ares e pousam a cantar nas mais formosas frondes das arvores. Perguntae ás bellezas e jubilos da natureza, se quem os fez lhes pautou intercadencias de amargura. Vivei, candidas pombas, aquecei vos ao calor que desentranha o gomo da arvore congelada, e aquece no seio da virgem o sangue palpitante que lhe purpureja as faces. Ide, e escondei-vos no reconcavo das penedias, como as gazellas se escondem do pelouro do carniceiro.» E tu choras? — disse elle com vehemencia, repuchando para si o corpo inerte de Braz Luiz — hei de fallar-te assim com este ar de pae, porque estou a ver-te, creancinha, que, ha quarenta e oito annos, eu tirava dos braços da ama para sentir o goso de te embalar e ver adormecido nos meus. Chora por ti que és muitissimo desgraçado: por ellas não, que eu duvido que haja ahi maior horror que o morrer das outras. Porque não iria eu com tuas filhas á fonte da saude, do bem do corpo e da alma? Porque m'as não déste? Davas dois anjos a este homem de setenta annos, que não tem ninguem que lhe feche os olhos. E, depois, extincta esta luzinha que vasqueja, as tuas filhas aprenderiam nas memorias da minha vida a viverem virtuosas sem religião revelada, a

soccorrerem indigentes sem lerem os preceitos da caridade de Confucio ou de Jesus. Mas se m'as não déste, nem por isso descreias da felicidade d'ellas. O amor tem céos e resplendores, que banham de luz as mais tristes almas. O crime d'ellas é coisa tão mal feita á superficie da razão degenerada, que lhes não ha de durar mais na consciencia do que a sentença d'ellas escripta sobre areia. Verdadeiros crimes, diante do juiz incorruptivel, são aquelles de que o senso interior nos condemna.

Prolongou-se a pratica do hebreu. O padre não o ouvia. O que elle parecia escutar era um cavo e muito intimo desfibrar-se-lhe o coração, este envelhecer e morrer que o homem está sentindo a branquear-lhe os cabellos e a ressumar-lhe á face camarinhas de suor de agonia.

Depois despediu-se, e murmurou:

— E adeus! que está consummado tudo!

— Ainda não: viverás mais annos, porque se não é desgraçado como tu és senão em toda a plenitude. Eu é que vou sair d'aqui. E' noite fechada. Já não tenho n'este mundo sol que me derreta os gelos de setenta annos.

XX

Parecia christão na morte!

Vinte dias depois, correu nas aldeias circumpostas a Verdimilho, que o velho da ermida estava enfermo.

Abalaram os pobres dos seus cardenhos, e entraram quantos cabiam na cabana do ancião. Os ricos tambem foram com os seus capellães, com os seus padres adscriptos á gleba das missas de *requiem*, com que mercavam barato o paraiso aos seus ascendentes.

O ancião viu uns e outros. Ergueu a cabeça e disse:

— Que entrem sómente os pobres. O espectaculo de um moribundo não convida.

Os pobres, pois, ajoelharam em duas alas, defronte da parede a que se encostava uma barra de bancos, e cada um dizia em silencio as suas orações.

A porta da cabana estava de par em par aberta. O sol da tarde doirava a poeira do interior. A fita luminosa, que ia inclinada em scintillas alumiar a fronte do

enfermo, vinha com direcção obliqua e coada por uma abertura do colmo. Os pobres viam n'aquelle raio de pó lucido coisa mysteriosa de bonissimo agouro para a alma do doente.

Appareceu então no limiar da porta um sacerdote, que a gente d'aquellas aldeias venerava como medico do corpo e do espirito. Era o padre Braz Luiz de Abreu.

E como elle entrasse, o povo, que enchia a casinha, saíu, cuidando que o velho da ermida ia confessar-se.

A só com o sacerdote, disse o hebreu com penosa pronuncia:

— Agora é que são as despedidas, amigo. Vieste a tempo, Braz, filho adoptivo de minha mulher, que ha vinte annos me espera. Debaixo do meu travesseiro está um papel escripto de meu pulso; na arca em que te sentas, está o que eu tenho de meu. Cumprirás as minhas disposições...

— E a sua alma?...— atalhou o padre.— E' tempo ainda. Salve-se, homem de bem! salve-se...

— Se sou homem de bem, estou salvo — murmurou o judeu.

— Receba com fé os sacramentos da Santa Madre Egreja.

— Ceremonias pagãs... A vida do espirito vae começar. Receba a natureza em seu seio a porção immaterial do meu ser. Descance em perpetua paz este motor interno, que recebia as lançadas da adversidade, a influencia do mal, que os homens geraram. Acabo sem remorsos, sem odios e sem esperanças. Acabo, é o que eu sei deveras. Vou desenganar-me, se errei. Agora, filho, deixa entrar a minha familia. São esses pobrinhos

que saíram. Abre-lhes as portas: quero vel-os até á ultima.

Braz abriu a porta, os pobres entraram e o padre ficou entre elles.

O vigario perguntou ao medico e supposto confessor se era tempo de virem os santos oleos.

— Mais tarde, disse Braz Luiz, esperando que o moribundo caído na apathia da extrema hora, insensivelmente recebesse as uncções e assim enganasse a devoção d'aquelle povo. Piedosa impostura, santa fraude, que levava em vista salvar os creditos do padre visitante, e abonar as virtudes do homem que os pobres começavam a beatificar.

Por volta das onze horas, cresceram os trabalhos dos paroxismos. A' meia noite, descaíu o moribundo em lethargia. A respiração era quasi imperceptivel. Saíu o sacerdote a pedir a extrema-uncção, sem impedimento de saber que a boa e sã theologia não dava já nada por aquella alma, embora o agonisante fosse sacramentado.

Quando o vigario, espertado do primeiro somno, chegou, estremunhado e carrancudo, com a ambula á porta da cabana, o padre Braz ajoelhara á cabeceira do moribundo, em adoração ao Santissimo Sacramento. Sondou o pulso do velho da ermida, e disse:

— Expirou agora.

Os pobres cessaram de cantar o *Bemdito*, e levantaram um grande choro, entrando todos a beijar a mão do cadaver.

Se este acabamento de homem, transviado da religião verdadeira e das falsas, não fosse referido em romance, poderia alguem suppor que póde uma pessoa morrer

como justo, sem ser absolutamente religioso. Bom é que mortes assim se não divulguem em livros graves.

As disposições do philosopho são faceis de antever. Os seus herdeiros eram aquelles pobres que choravam, e outros que pediam enxerga e remedios na santa casa da misericordia de Aveiro, e tambem os peregrinos que se acolhiam á albergaria convisinha da egreja de S. Braz.

Pois com tantos legados de espirito christianissimo ninguem acreditava que fosse sincero christão um sujeito que entre tantas disposições não applicou missas por sua alma, nem sequer trezentas! O clero estava escandalisado!

Folgavam tamsómente os pobres,—e tanto folgavam que nem já choravam a perda do bemfeitor.

XXI

Como se póde viver!

De causas de todo em todo inversas e entre si repugnantes apparecem effeitos similhantissimos.

O despejo, por exemplo, a coisa hedionda que por ahi se chama cynismo, caleja e abroquela tão rijamente o homem, que todas as setas da desgraça lhe resvalam do peito. Quando cuidamos vel-o soçobrado, eil-o se apruma a desafiar novas tempestades, e de tormenta em tormenta chega á derradeira edade, e acaba de cachexia, porque as cachexias não se curam com a valentia da alma.

Vejamos agora o justo em tribulações, o christão de tempera pacientissima e refractaria ao desanimo que prostra e mata. As calamidades a choverem-lhe, as injustiças dos homens a pôrem-lhe em duvida a justiça divina — por se dizer que o homem tem fórma e similhança de Deus; elle a abster-se, a amputar-se, a desag-

gregar-se do bom da vida, e a temperar com fel alguma coisa melhor para offerecer ao céo o amargor d'ella e a reluctação com que a toma, degenerando e estragando tudo que os outros saboream. Eis que umas pessoas queridas lhe morrem; e outras o deixam, quando elle a chorar lhes pedia amparo; fogem lhe e deshonram-n'o; e o christão atira-se aos pés da cruz, queixa-se, mostra as garrochas que o trespassam, os anjos como que baixam a descravar-lh'as; fecham-se as feridas, outras logo se abrem, e elle a exclamar:

«Mais, mais, Senhor!» *Amplius, amplius, domine!* Este é o christão, o penitente, o stoico setenta vezes santo. ¡Eil-o ahi vae vida fóra, caindo, erguendo-se, pondo peito ao baque da legião que o tenta, esgrimindo a um e outro lado com a cruz, com o hyssope: ora magestoso, ora ridiculo; mas vivendo, vivendo, até aos sessenta, e ávante ainda, n'um viver que se nos figura a mais pavorosa das agonias!

Tal foi Braz Luiz de Abreu.

Quantas vezes o leitor, no decurso d'esta biographia, terá dito: «o homem vae morrer agora!»

Morrer! quando será isso? Ha de ainda viver, depois de tanto veneno que lhe imborcaram, ha de viver dezeseis annos. Dezeseis annos! sósinho! alli em Aveiro, não sei em que rua d'aquellas, em qualquer casa das mais desaconchegadas, a rever na téla da phantasia o rosto da mulher agonisante, das tres filhas mortas, das duas fugitivas, sem que mais aos seus ouvidos soasse o nome d'ellas, nem dos sacrilegos raptores das divinas esposas! E, como elle pôde, em meio d'isto, escrever ainda dois livros, dois grossos manuscriptos, que não sei onde param, um chamado *Feniz Lusa,* referindo a vida

e acções do serenissimo infante o senhor D. Manuel, filho de D. Pedro II; e outro intitulado: *Vida e acções do primeiro principe do Brazil para exemplar do nosso serenissimo principe D. José.* (1)

Querem revelação para maiores assombros?

Em 1755, foi aquelle memorando terramoto de Lisboa. O padre Agostinho de Abreu, da companhia de Jesus, ia de Santo Antão para S. Roque, ao começar o tremor. Passava diante de uma casa que se estava derruindo, ouviu os clamores de dentro, entrou heroicamente para arrancar uma velha debaixo da couçoeira de uma porta, e ficou esmagado debaixo do tecto abatido. Já sabem que este jesuita era filho do padre Braz. Pois, quando a nova d'este desastre chegou ao pae, seis dias depois, o velho de sessenta e quatro annos ajoelhou, orou, levantou-se, limpou as lagrimas que lhe tolhiam a leitura do seu breviario, e leu o psalmo *Miserere mei Deus.*

Que morte será pois a d'este homem para que se não diga que houve ahi angustia que podesse com elle? Ha de ser a morte designada pelos seus biographos, a morte que o senhor Innocencio Francisco da Silva lhe assigna: «apoplexia fulminante, a tempo que estava sentado sobre uma cadeira.»

Eram corridos dez dias de agosto de 1756, quando no convento de franciscanos de S. Bernardino se fechou em sepultura rasa o cadaver de Braz Luiz de Abreu. A memoria de suas mysteriosas desgraças será menos duradoura que o renome de medico abalisado que os contemporaneos lhe celebraram.

---

(1) Veja *Barbosa. Biblioth. Lusit.*

CONCLUSÃO

Que destino tiveram aquellas duas freiras que, no dizer do defunto hebreu, rasgaram as mortalhas?

Saibamos quem eram os raptores. Eram uns cadetes de cavallaria, filhos de um Heitor Teixeira de Macedo, capitão-mór de Coimbra, e fidalgo solarengo de Condeixa-a-Nova, muito aparentado com os Chamorros, Marreiros e Matosos, nobilissimos apellidos de familias aveirenses. Hospedados em casa d'estes Chamorros e Matosos é que os cadetes puderam ver soror Antonia Maria e soror Sebastiana Ignacia. Fazerem-se amados devia ser coisa de pequeno prologo, já porque as duas virgens não tinham das cousas d'este mundo mais experiencia que os anjos, já porque almejavam ser amadas, já porque os dois cadetes eram bizarros moços, galans palacianos, formosissimos demonios, que faziam tremer as calçadas e os corações das damas de Aveiro com a estrupiada dos seus alasões.

O namorarem-se, convencionarem-se e fugirem foi n'um prompto. A justiça, quando tal soube, quiz gritar; mas os Chamorros, Matosos e Marreiros amordaçaram-n'a. Os rapazes já não tinham pae: tinham mãe, uma santa matrona, que era a imagem das virtudes christãs. Appareceram-lhe os filhos, e ajoelharam pedindo recursos para fugirem de Portugal. A tremula e espavorida senhora escutou a historia do criminoso passo. Não amaldiçoou os filhos. Chorou muito; e os velhacos, nas costas d'ella, faziam esgares de grandes farcistas!

A fidalga perguntou onde estavam as freiras. Soube que as tinham escondidas n'uma quinta distante. Quiz vêl-as, porque sabia a tragedia singular da familia do medico.

Por noite alta, entraram as duas meninas á recamara da viuva do capitão-mór de Coimbra. Foram mui benignamente recebidas. Aquella senhora tinha facilidades incriveis! Receber assim duas libertinas esposas do Espirito Santo!

Receiando que fossem presas, antes de irem onde a virtuosa senhora tencionava mandal-as, não as deixou mais saír da sua recamara.

O capellão saíu para Lisboa; e, oito dias depois, estava de volta com muitas cartas para cardeaes e ministros residentes em Roma.

— Podeis ámanhã partir, filhos — lhes disse ella. — Ide a Roma com estas cartas, entregae-as, e tornae com um bom despacho. De volta, podereis ser esposos d'estas meninas, que ficam no quarto de vossa mãe até que volteis.

Os moços olharam-se entre si, e ficaram como apar-

vados. Olharam para as freirinhas, e viram-n'as a chorar, fingindo que sorriam.

Não havia que replicar. Partiram para Roma.

Estavam em Lisboa ainda, negociando ordens de dinheiro sobre banqueiros romanos, quando foram chamados á pressa por ordem da mãe.

A fidalga adoecêra com todos os symptomas de proxima morte.

— Chamei-vos, disse ella, para que me assistaes ao enterro. Depois, ireis. Agora, jurae sobre estas Horas que cumprireis a minha vontade quanto a estas meninas. Depois de me haverdes sepultado, ireis para Roma, e, obtida a annullação dos votos d'ellas, casareis.

Juraram e cumpriram. A annullação dos votos foi prolongada com inqueritos de testemunhas no convento de S. Bernardino. O padre Braz não favoreceu nem contradictou a annullação.

Ao cabo, porém, de tres annos, Antonia e Sebastiana receberam as bençãos nupciaes em Roma.

Detiveram-se em Roma até 1750. Em 1751 já estavam em Portugal. Não procuraram o pae, porque lhes era odioso o homem, que as atirara com sua mãe e irmãs, vivas, novas e formosas, ao sepulchro de um convento, e lhes dera como flagellos a convivencia de freiras que enfeitavam a sua estupidez com as lantejoulas da hypocrisia, ou da refinadissima protervia de intolerantes. Odiavam por isso o pae, e o lucto, que vestiram por elle, não tinha nodoa de uma lagrima.

Morreram velhas, ignorando que motivo lançara um véo negro sobre o rosto de sua mãe, á hora em que o padre maldito lhe fallára.

Fr. Pedro de Abreu, o frade dominicano, chegou a

ser qualificador do santo officio; mas, como quer que o marquez de Pombal apagasse a ultima lavareda do santo officio com o corpo de Gabriel Malagrida, fr. Pedro acabou sem assistir a um auto de fé espectaculoso, como tinham sido os da triumphal egreja, quando os relaxados perfumavam a atmosphera com os aromas dos ossos torrados.

FIM

NOTAS

I

(Pag. 23)

Sobre os nomes referidos dos justiçados pela inquisição

Manuel Fernandes Villa Real, que defendeu contra os Filippes os direitos de D. João IV á corôa de Portugal, e o fez com tamanho engenho, que insinua a legalidade da sua argumentação no livro intitulado *Anti-Caramuel*, veio de Paris a Lisboa, foi logo preso, e em dezembro de 1652 mandado á fogueira com a seguinte sentença, que é um testemunho da magnanimidade com que D. João de Bragança pagava aos defensores da sua legitimidade, perante os estados que o sustentavam no throno ganhado de assalto:

«Accordão os inquisidores, ordinario e deputados da santa inquisição que, vistos estes autos, libello e prova da justiça, author, confissões e defesa de Manuel Fer-

nandes de Villa Real, x n. (christão novo) natural d'esta cidade de Lisboa, morador no reino de França e residente n'esta dita cidade, réo preso que presente está, porque se mostra que sendo christão baptisado, obrigado a ter e crer tudo o que tem, crê e ensina a santa madre egreja, e não ser fautor de heresias, e respeitar e venerar o tribunal do santo officio, e não detrair de seu justo, recto e livre procedimento, elle o fez pelo contrario, jactando-se, depois do ultimo perdão geral, de ser israelita e descendente de prophetas, e tratando com judeus publicos muito familiarmente, e por cartas com um archisinagogo dos judeus de certa parte, tendo e lendo muitos livros prohibidos, e principalmente um de ceremonias e ritos judaicos, o qual deu a certa pessoa, fazendo jejuns judaicos, estando sem comer nem beber em certos dias senão á noite depois de saida a estrella, e fazendo um livro que imprimiu (1) tratando n'elle varios assumptos; um dos quaes era favorecer os que commettem erros contra a fé, persuadindo ser bom meio para estabelecer a fé nos reinos e cidades controversias publicas, approvando por este modo em uma parte os erros publicos, e em outras os occultos, dizendo que os

(1) Presumo que seria o livro intitulado *El politico christianissimo, e discursos politicos sobre algumas aciones de la vida del em*mo *sr. Cardenal Duque de Richelieu*. 1642-12.° Da 2.ª edição d'este livro diz o versadissimo bibliophilo I. Francisco da Silva «N'esta segunda edição se supprimiram depois de impressos varios trechos que desagradaram aos inquisidores, e que tambem foram na primeira riscados e illegiveis algumas passagens a pag... etc. Na edição de 1642 se acham as folhas respectivas suppridas com *cartuns* ou folhas intercalares...» Vej. *Diccion. bibliog.* pag. 422 e 423 do 5.° vol.

principes não podem impedir os que sem escandalo e mão exemplo vivem em suas seitas, e persuadindo outros que dissimulem os desacatos feitos á religião, reprovando que algum principe altere com rigores, querendo o réo que ainda que falsa se conserve, e mostrando ser da opinião que haja liberdade geral de consciencia, pretendendo sempre que o politico de uma republica se conserve, vivendo cada um na religião que mais quizer, e tendo por escandaloso não admittir aos officios publicos os de contraria religião; e querendo que em nenhum caso possa haver causa para que um principe catholico favoreça os subditos catholicos contra seu rei hereje, nem que haja reparo em soccorrer herejes contra catholicos, e querendo outrosim que a palavra da... (1) aos de contraria religião se observe ainda que seja contra os bons costumes, admittindo que Deus concede aos herejes victorias pela caridade e piedade que exercitam, como se n'elles houvera caridade ou piedade, ou virtude alguma, comparando nas insolencias os catholicos na modestia, admittindo que os de contraria religião, quando se reduzem á catholica, se podem enganar em cuidar que até então iam errados, approvando a condemnação, e censura que em certa parte se deu a certo livro que tratava do poder do summo pontifice, sendo a dita censura errada, em que tira totalmente ao papa um poder em direito aos principes *circa tempo, ralia* ainda quando o principe seja heretico e scismatico e que nunca o summo pontifice possa sujeitar o principe a interdicto ecclesiastico, nem absolver os vas-

(1) Não podemos decifrar os caracteres que o tempo desfez no manuscripto, d'onde vamos trasladando a sentença.

sallos do juramento de fidelidade; e que os principes temporaes totalmente são independentes, mostrando pouca affeição á egreja romana, fazendo distincção d'ella á galicana, e preferindo a liberdade d'esta particular á authoridade d'aquella catholica e universal; e sendo outro assumpto do dito livro reprovar o justo, recto e livre procedimento do santo officio, e os castigos e confissões dos culpados pelo crime de heresia, chamando-lhe tyrannico e barbaro, e qualificando estes procedimentos por effeitos do odio, avareza e paixão, dizendo que de cumplices faziam prophetas, e de delictos enigmas, e que por um erro de entendimento se castigava a fazenda, não só a propria, mas a alheia de mulher e filhos, e que fôra melhor não querer dar luz a uma alma cega com processo ás escuras; e que emquanto o odio e ambição acompanhassem os ministros, nem os subditos viveriam seguros, nem as monarchias gosariam felicidade. E sendo estranhadas ao réo as ditas proposições antes de imprimir o dito livro, comtudo as não quiz emendar, antes ajudou a certa pessoa em outro livro que tambem imprimiu contra os procedimentos do santo officio, procurando introduzir pratica entre pessoas grandes, para que se tratasse de haver alteração e mudança nos estylos do santo officio.

«Pelas quaes culpas sendo o réo preso nos carceres do santo officio e com caridade admoestado as quizesse confessar, por ser o que lhe convinha para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma, e seu bom despacho, disse e confessou que do ultimo perdão geral a esta parte, persuadido com o ensino e falsa doutrina de certas pessoas da sua nação, se apartára da nossa santa fé catholica, e passára á crença da lei de Moysés, ten-

do-a ainda por boa e esperando salvar-se n'ella, e não na fé de Christo Senhor nosso, em o qual não cria nem o tinha por verdadeiro Deus e Messias, antes esperava ainda por elle, por ouvir dizer que ainda havia de vir, e só cria em Deus do céo, que fez o céo e a terra, e a elle se encommendava com algumas orações judaicas, que recitava por um livro e por observancia da dita lei guardava os sabbados de trabalho, e a paschoa do mez de março, comendo por espaço de oito dias pão asmo e seladas, e fazia varios jejuns judaicos, como era o dia grande, estando n'elles sem comer nem beber senão á noite, em que comia gallinha, com tanto que fosse degolada ao modo judaico por mão de pessoa circumcidada, compondo-se no mesmo dia com os melhores vestidos e peças novas, ainda que para isso fosse necessario buscal-as e fazel-as; e outro jejum que caía em certo mez, estando por espaço de tres semanas sem começar negocio algum, posto que continuava os principiados, estando n'ellas dois dias sem comer nem beber senão á noite, como dito é; e usando de particulares vocabulos e palavras para se entender com outras pessoas quando fazia ou havia de fazer os ditos jejuns, sem que fossem entendidos ordinarirmente, por o sentido comum das ditas palavras ser mui differente, communicando estas coisas com pessoas da sua nação apartadas da fé, com as quaes se declarava por judeu, perseverando na dita crença até certo tempo, que declarou.

«E que por andar apartado da fé, no dito livro que compuzera, detrahira em alguns logares no procedimento do santo officio, e se accommodara com algumas opiniões politicas com que o via usar e praticar em certo reino; e que tambem usava de livros prohibidos, e que

de tudo estava muito arrependido e pedia perdão e misericordia. E por o réo não satisfazer á informação da justiça nem declarar todas as ceremonias e jejuns que havia feito por guarda da dita lei, sendo para o fazer por vezes admoestado, na fórma do estylo do santo officio, o promotor fiscal do santo officio veio com libello criminal e accusatorio contra elle, que lhe foi recebido, e o réo o contestou pela materia de suas culpas e confissões, e não quiz usar de contrariedade. E sendo lançado da com que podera vir, e sendo ratificadas as testemunhas da justiça na fórma de direito, se lhe fez publicação de seus ditos, conforme o estylo do santo officio. E veio com contraditas, que lhe foram recebidas e não provou coisa relevante; e guardados os termos de direito, e feitas as diligencias necessarias, seu feito se processou até final conclusão, sendo o réo por muitas vezes advertido de suas diminuições e admoestado com muita caridade da parte de Christo nosso Salvador as quizesse declarar, para se poder usar com elle de misericordia, que a santa madre egreja manda conceder aos bons e verdadeiros confitentes sem o réo o querer fazer. E visto seu processo, na mesa do santo officio se assentou que pela prova da justiça e por sua confissão estava convencido no crime de heresia e que a dita sua confissão não estava em termos de ser recebida, e por hereje e apostata da santa fé catholica, feito falso, simulado, confitente diminuto e impenitente foi julgado e pronunciado.

«E para o réo cuidar em suas culpas e diminuições, e as poder confessar arrependendo-se d'ellas, lhe foi dada noticia do dito assento, e foi de novo admoestado para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma, e

ser tratado com misericordia, quizesse dizer toda a verdade. Vendo o réo que estava convencido por diminuto em suas confissões, pediu audiencia, e as continuou, dizendo que depois de fazer as primeiras confissões, ficára continuando até áquella hora na crença da lei de Moysés, e que por sua guarda fizera algumas cerimonias judaicas, e para que Deus lhe perdoasse seus peccados na observancia da dita lei, fazia tambem algumas penitencias, como eram não dormir em cama senão em noite de sabbado; resar algumas orações e psalmos sem *Gloria Patri*, e repetir muitas vezes a confissão geral, e communicava estas coisas com certa pessoa da sua nação, com a qual se declarava por judeu e animava para continuar na dita crença: e que de tudo pedia perdão e misericordia. E sendo visto outra vez seu proccesso em mesa, se determinou que o assento que n'elle se havia tomado não estava alterado, porque não declarava o réo todas as culpas que havia commettido segundo a informação da justiça, não se presumindo, conforme a direito, esquecimento. Alem de que não dava signaes de verdadeiro arrependimento antes os contrarios, dizendo que confessava o que fizera exteriormente, e que o que ficava em seu coração não era necessario dizel-o; pelo que foi notificado para ir ao auto da fé ouvir sua sentença, pela qual estava relaxado á justiça secular. E sendo trazido ao auto da fé, pediu n'elle audiencia, e n'ella disse que a pedira para requerer ao santo officio, com intimo e verdadeiro arrependimento de suas culpas, se usasse com elle de misericordia; que a verdade era que elle permanecêra até áquella hora em seus erros, dos quaes se apartava por meio das admoestações dos religiosos que lhe assistiam, e por ver a commiseração

que seu estado causava a todo este povo e pessoas que o conheceram; e que por guarda da lei de Moysés em que até então crêra, fizera muitos mais jejuns judaicos dos que tinha declarado e muitas outras cerimonias; e que de tal maneira estava na observancia d'ella depois da sua prisão que determinara morrer por sua guarda, com tal excesso que depois de lhe ser dada noticia do assento que se tinha tomado em sua causa, se tinha disposto para a morte, com aquellas cerimonias que sabia, lavando-se e vestindo camisa nova, que tinha feito para este fim, e jejuando ainda como judeu (1). E sendo vista esta sua confissão na mesa do santo officio, se assentou que não estava em termos de ser recebida, e que era feita mais afim de escapar da morte, que pelo réo estar verdadeiramente arrependido de seus erros, como claramente se mostra do termo de que tinha usado nas mais confissões que fizera no discurso de sua causa: O que tudo visto e bem examinado, e como o réo sendo por tantas vezes admoestado nunca deu mostras de se tornar do coração á fé de Christo Nosso Senhor de que se apartou; de que claramente se colhe que persevera ainda agora em seus erros e na damnada crença da lei de Moysés. *Christi Jesus nomine invocato*, declaram ao réo Manuel Fernandes Villa Real por convicto e confesso no crime de heresia e apostasia, e que foi, e ao presente é, hereje apostata da nossa santa fé, e que incorreu em sentença de excommunhão maior e em confiscação de todos os seus bens para o fisco e camara real, e nas

---

(1) Das tres confissões augmentativas infere-se que Manuel Fernandes Villa Real foi, por tres vezes, interrogado na tortura.

mais penas em direito contra os similhantes estabelecidas; e que como hereje apostata, convicto, confesso, ficto, falso e impenitente o condemnam e relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte nem effusão de sangue. — *Luiz Alves da Rocha.* — *Pedro de Castilho.* — *Belchior Dias Preto.*

E' escusado dizer que a justiça secular, comprehendendo ao justo a *benignidade e piedade* recommendadas pelo santo officio, condemnou o réo a garrote e fogueira para que das cinzas do strenuo defensor de D. João de Bragança não ficasse memoria, como se assim podessem diante da posteridade passar a esponja por sobre uma das mais esqualidas manchas do reinado d'aquelle soberano.

O bacharel Miguel Henriques da Fonseca, advogado em Lisboa, foi queimado vivo em 10 de maio de 1682. Infere-se da leitura da sua sentença que este infeliz dez vezes foi posto a tormento, e com todas ellas foi aggravando a sua desgraça, revelando peccados novos, que o apertar das cordas e o queimar lento do fogo lhe ia arrancando. Afinal, já calejado e invulneravel ás torturas, manisestou-se profitente da lei de Moysés, affrontou no rosto os algozes, e subiu á fogueira com grande animo e anciedade do martyrio.

Por occasião do supplicio do doutor Antonio Homem, lente da universidade em 5 de maio de 1624, *um engenhoso* poeta contemporaneo publicou, e fez correr, com

grande applauso publico, o seguinte soneto em *écos* ou de *reflexo*:

«Quando um primario excellente *lente*
contra a fé cáe em desconcerto *certo*,
está o que não é tão esperto *perto*
de seguir o erro que de presente *sente*,

«Mas quem é da hebrea e negligente *gente*,
e vendo-se do bom respeito *peito*
na fé segura do deserto *certo*
nega a Jesus, que é tão clemente *mente*

«Povo que elegeu uma bezerra *erra*;
deixae do vosso velho estudo *tudo*;
Segui a lei para ser guardada *dada*;

«que quando em tal descuido *cuido*
que um bom lente, o melhor da terra *erra*,
mas sciencia sem Deus tornada *nada*»

Nunca a piedade inspirou coisa mais insulsa e soez!

III

(Pag. 39)

A expensas da casa, sem licença do reitor...

O *Regimento dos medicos e boticarios christãos velhos*, adjunto aos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, mandados imprimir em 1653 por Manuel de Saldanha, ordena que haja trinta estudantes porcionistas e os dois logares de collegiaes medicos *que sempre houve no collegio real de S. Paulo*.

«Os que houverem de ser admittidos no partido da medicina (diz o *Regimento)* não hão de ter raça de judeu e christão novo, nem mouro, nem proceder de gente infame, nem ter doenças contagiosas...

«Para constar que os pretendentes tem as partes sobreditas, farão petição ao reitor, em que declarem d'onde são naturaes, e cujos filhos; e elle por seu despacho mandará passar carta em meu nome para os corregedores e justiças fazerem as ditas informações com muito segredo, tirando-as das pessoas antigas, honradas, etc.»

Estas averiguações eram feitas tanto pelo miudo, que seria impossivel escapar pela malha porcionista, que tivesse gota de sangue judeu. Braz Luiz não poderia certamente dizer cujo filho era, se pretendesse os *vinte mil réis annuaes*, que tanto era a *porção paga aos quarteis*, e tirada das rendas dos concelhos de certas cidades e villas.

XI

(Pag. 112)

As leis do reino davam rasão de sobra a Fernão Cabral, para desherdar a filha...

No tit. 88 do liv. 4.° das Ordn. Filip. § 1.°, lê-se:

«E se alguma filha, antes de ter vinte e cinco annos, dormir com algum homem, ou se casar sem mandado de seu pae, ou de sua mãe, não tendo pae, por esse mesmo feito será desherdada e excluida de todos os bens e fazenda do pae ou mãe, *posto que não seja por elles desherdada expressamente (!)*»

E no § 17;

«Item. poderá o pae ou mãe, que forem catholicos christãos, desherdar livremente os filhos herejes, que perfeitamente não crerem em nossa santa fé catholica, desviando-se do que tem e crê a santa madre egreja.»

Convinha que, uma vez por outra, tirassemos o látego das costas dos frades e o sacudissemos nas costas dos legisladores. Corriam parelhas na perversidade. A depravação moral era tão cerrada e tamanha que havemos de receber como fabula um justo no meio de taes ministros da justiça divina e humana.

INDICE




Stanford University Libraries
3 6105 124 449 211

